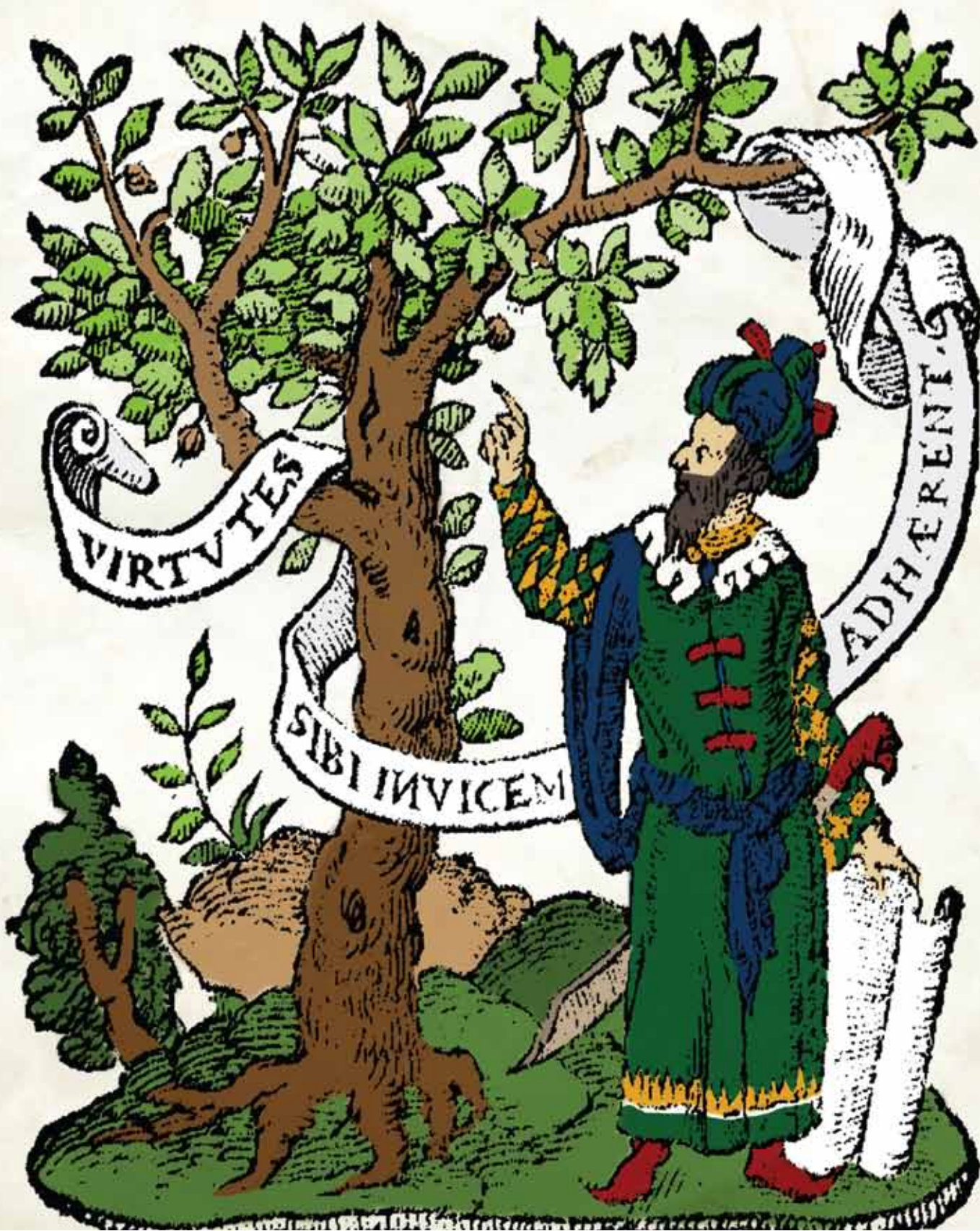


MEDICINA

NA·BEIRA·INTERIOR

DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XXI

XXNOV·2012XX



MEDICINA NA·BEIRA·INTERIOR DA·PRÉ·HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XXI

XX NOV·2012 XX

SUMÁRIO



FICHA TÉCNICA

Título:
CADERNOS DE CULTURA
MEDICINA NA BEIRA INTERIOR
DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI

Edição
N° XXVI de Novembro de 2012

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Director:
António Lourenço Marques

Coordenadora:
Maria Adelaide Neto Salvado

Secretariado:
Quinta Dr. Beirão, 27 - 2.º E
6000-140 Castelo Branco - Portugal
Telef.: 272 342 042

Design da capa:
Hugo Landeiro Domingues com lustração sobre
Gravura da *Materia Medica* de Dioscorides

Composição, Paginação, Impressão
e Acabamento:
GRAFISET - Artes Gráficas, Lda.
Rua Jornal do Fundão, 4-B, 6230-406 Fundão

Patrocínio:



Câmara Municipal de Castelo Branco

- 3 Mensagem do Presidente da República
- 4 Discurso do Presidente da República
- 7 João Rodrigues de Castelo Branco, Amato Lusitano; Um albicastrense exemplar
Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco
- 8 A história de Amato Lusitano na História de Portugal
João Marinho dos Santos
- 14 O meu Amato Lusitano
Luís Nuno C. Ferraz de Oliveira
- 20 Amato Lusitano em Ancona: a tragédia da família Pires
António Lopes de Andrade
- 28 Amato Lusitano entre o Index Dioscoridis(1536) e as Enarrationes(1553)
João Manuel Nunes Torrão
- 31 Do Index às Enarrationes – Um esboço de estudo comparativo através de quatro entradas
Carlos de Miguel Mora
- 37 João Rodrigues Lusitano – Doutor Amado – serviu as Musas: amou a Poesia, cultivou a Ciência
Alfredo Rasteiro
- 45 As parasitoses nas Centúrias de Amato Lusitano
J. A. David Morais
- 55 O ser humano na clínica de Amato Lusitano – rumo ao conceito de dignidade
António Lourenço Marques
- 61 Amato Lusitano num Mito e um Mito em Amato
Adelaide Salvado
- 67 João Rodrigues... Amado, Lusitano, de Castelo Branco (1511-1568): Contributo para uma aclaração dos seus elos familiares
Joaquim Candeias da Silva
- 74 No cenotáfio de Amato
Maria José leal
- 78 Amato Lusitano: a propósito de uma breve nota resendiana
Virginia Soares Pereira
- 81 Janela de aromas: excertos do Index de Amato Lusitano
António Maria Martins Melo
- 88 As filhas de Pirro em Amato Lusitano, Um caso de embriotomia (VI Centúria, Cura LI)
Maria do Sameiro Barroso

A black and white portrait of a middle-aged man with short, light-colored hair, wearing a dark suit jacket, a white shirt, and a patterned tie. He is looking directly at the camera with a slight smile. The portrait is set within a decorative, textured border.

Anibal Cavaco Siva

Discurso do Presidente da República na Sessão Solene de Boas-Vindas (Câmara Municipal de Castelo Branco) no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas

No Jardim do Paço Episcopal de Castelo Branco, as estátuas dos Reis de Portugal contemplam a História que nós, portugueses, todos os dias escrevemos.

Foram erguidas no tempo em que a povoação-fortaleza se começava a espriar pela Devesa, um terreno deixado ao uso comum. O espaço do povo acolheu, então, a nova cidade.

Castelo Branco cresceu no território do encontro e do confronto. Pelos séculos dentro, foi ocupada e saqueada, mas sempre resistiu. Sempre soube recobrar forças e renascer.

Apesar do isolamento secular, fruto da lonjura da Beira.

Apesar do clima agreste.

Apesar dos terrenos áridos do planalto e da aspe-
reza das serranias onde o albicastrense pousa o olhar.

Apesar de tudo o que convidava os povoadores a partir, Castelo Branco cresceu e desenvolveu-se, dando mostras de que a vontade das gentes se pode impor às circunstâncias da geografia.

O Rei D. José reconheceu-lhe foros de cidade e, cento e vinte anos depois, em Setembro de 1891, com a viagem inaugural da linha de caminho-de-ferro da Beira Baixa, seria definitivamente rompido o isolamento. Abria-se uma nova fase na história de Castelo Branco.

Nos últimos anos, a cidade embelezou-se. Recuperou o seu património histórico edificado, com o grande empenho da Câmara Municipal. Enriqueceu o seu património cultural, merecendo particular destaque a Fundação Manuel Cargaleiro, a quem o fundador, numa atitude exemplar, disponibilizou um espólio notável que o novo museu, que terei a honra de inaugurar seguidamente, irá acolher. Simultaneamente, Castelo Branco afirmou-se como um centro populacional e industrial, um pólo cuja localização, por mais próxima do resto da Europa, se tornou uma oportunidade que se agarra com ambas as mãos. Quem hoje a visita encontra uma cidade atractiva e agradável para viver e uma cidade dinâmica que atrai investimento, cria ri-

queza, aumenta o emprego e promove o desenvolvimento de toda a região.

As figuras de pedra que habitam a Escadaria dos Reis do Jardim do Paço Episcopal a tudo assistiram, impassíveis mas sempre vigilantes. Porque a vigília permanente é a sorte daqueles que espreitam o futuro. Bem o mostram as colchas de Castelo Branco quando destacam a figura exemplar do galo, ao lado de figuras simbólicas como a árvore da vida repleta de pinhas, que representam a união da comunidade familiar que, na alegria e na dor, preserva os laços solidários.

O galo é aquele que está sempre desperto e sempre atento. O que dá o primeiro sinal. O símbolo da eterna vigilância a que todos estamos obrigados para defesa do interesse comum. A complexidade artesanal dos bordados de Castelo Branco, de grande riqueza cromática e originalidade decorativa, exprime a singularidade de um modo de vida e o refinamento dos valores que o inspiram. Na sua execução, a paciência e a delicadeza aliam-se a uma metódica racionalidade, num singular e brilhante processo criativo. As belas estátuas do Jardim lembram-nos, também elas, as virtudes que nos devem orientar. A Temperança é aí uma figura feminina que, tranquilamente, deita água de uma estreita vasilha para outra, sem derramar. A exacta imagem da moderação e do equilíbrio. E também do rigor. A Prudência, por seu lado, segura com firmeza uma serpente na mão direita, enquanto se contempla no espelho que ergue com a mão esquerda. Pois não é o mais prudente aquele que, resistindo ao mal que vem dos outros, não esquece aquilo que de dentro de si mesmo tem de dominar?

Mas que mal é esse, vindo de nós próprios, que temos de controlar? Será, porventura, a incapacidade de ver claro aquilo que não queremos ver, porque é duro e nos obriga a mudar. Conhece-te a ti próprio é a máxima que temos de seguir, pois olhar-se sem indulgência e sem ilusões é o começo da mudança para o moderado e prudente.



Palavras pronunciadas pelo Presidente da Câmara Comendador Joaquim Morão, a quem se ficará a dever a realização de todas as homenagens a Amato Lusitano

Recordo o avisado preceito que o pedagogo António Faria de Vasconcelos, distinto albicastrense, nos legou: “Uma ilusão que desaparece é, no fundo, não obstante tudo, um pouco mais de verdade.”

Pensem todos nisto. Uma ilusão que desaparece é um pouco mais de verdade. Sejamos, pois, clarividentes. Pensem, sobretudo, na necessidade imperiosa de mudar de vida.

Amato Lusitano, o grande médico português do século XVI, nascido em Castelo Branco há precisamente quinhentos anos, relatou nas “Centúrias” o caso do doente que não obedeceu às prescrições do médico.

“- Prometeu ele estar por tudo - descreve Amato -, tendo até feito juramento. Mas, meu Deus, mal tinha bebido o sexto xarope na intenção de o purgarmos, quando comeu ao jantar ovos fritos e não sei que género de mariscos; mas não sem castigo da falta.”

E o principal castigo da sua incapacidade de cumprir rigorosamente a prescrição foi a retirada do médico que o iria curar. Amato nunca mais regressou a casa daquele paciente incumpridor porque, escreveu ele, “aos que não aceitam as ordens dos médicos, não se deve dar conselho médico”. Não há cura para aque-

le que não quer ser curado. Não há ventos favoráveis para aquele que não tem rumo e não sabe para onde tem de ir. Em Castelo Branco, junto ao Jardim que dá vida à nossa História, por entre as figuras sempre vigilantes dos nossos maiores, meditamos sobre a necessidade de agir com prudência, com rigor, com clarividência.

No dia em que Portugal aqui se reúne, digamo-lo: Castelo Branco é uma lição. Uma lição de resistência e de permanente renovação. Uma lição de economia e de visão de futuro. Uma lição que nos ensina a estar sempre vigilantes e a não viver de ilusões.

Por tudo, agradeço penhoradamente ao Município de Castelo Branco, na pessoa do seu incansável Presidente de Câmara, a recepção que nos foi dedicada no dia em que a sua cidade é a capital de um País que resiste e se renova. Agradeço ainda aos albicastrenses de todos os tempos. Por serem como são, por terem feito de Castelo Branco uma cidade exemplar e por oferecerem uma lição de vida que alimenta a nossa crença de que o futuro é possível.

Obrigado.

João Rodrigues de Castelo Branco, Amato Lusitano: um albicastrense exemplar

O lançamento da presente edição dos Cadernos de Cultura Medicina na Beira Interior - da pré-história ao século XXI coincide com o encerramento do programa comemorativo do 500^o Aniversário do Nascimento de Amato Lusitano.

Ao longo de cerca de um ano, a Câmara Municipal de Castelo Branco, em conjunto com a Comissão para as Comemorações do 500^o Aniversário do Nascimento de Amato Lusitano, trabalharam com o objectivo de homenagear e promover a figura de um dos maiores vultos da cultura e da ciência nacionais, o albicastrense João Rodrigues.

O programa comemorativo foi pontuado por cerimónias de grande relevo, como vários seminários e conferências, até actos de acentuado pendor simbólico, como o lançamento de uma Medalha evocativa do acontecimento e da figura, até à inauguração de uma nova escultura dedicada aos valores que a personalidade de Amato Lusitano ainda hoje transmite, uma peça de arte contemporânea que passou a ser o elemento central e aglutinador da Praça Postiguinho de Valadares, no Centro Histórico da Cidade.

Este programa comemorativo foi pretexto para que historiadores e investigadores aprofundassem os seus trabalhos e conhecimentos sobre Amato Lusitano, através da realização de diversos encontros e fórum de debate e partilha de conhecimentos.

Mas foi, também, uma época propícia à divulgação, junto do grande público, da obra, da figura e do génio de um albicastrense ímpar, que ficou para a História da Medicina, para a História de Portugal e, como não, para a História de Castelo Branco, sua cidade berço, que lembrou e enalteceu nos seus escritos.

Foi nosso desejo que este ano de comemorações tenha constituído um justo e digno tributo a Amato Lusitano.

Um objectivo que julgamos ter alcançado e que não podemos deixar de agradecer a todos quantos, das mais diversas formas, contribuíram para a realização e para o sucesso do programa comemorativo.

A todos o nosso mais sincero bem-haja.

Joaquim Morão

P. da Câmara Municipal de Castelo Branco

A história de “Amato Lusitano” na história de Portugal

*João Marinho dos Santos**



Em 1511, de pais judeus (ainda que aparentemente cristianizados), nascia, em Castelo Branco, João Rodrigues, conhecido por “Amato/Amado Lusitano”. Neste mesmo ano, no longínquo “Oriente”, o Governador da Índia, Afonso de Albuquerque, conquistava Malaca, uma cidade tão rica em trato como Veneza, “porque a ella acode, comumente, no ano, de todas as partes, muito ouro, prata, pedraria, ambre, almiscra, águilla, seda, damasquos, pimenta, marfim, escravos e todo o genero de cousas que se buscar, em muita superabundancia”, na comparação justificada do P.e Baltasar Dias, em carta de 1556¹. Em 1510, Albuquerque apoderara-se da ilha de Goa, onde instalará a sede do designado “Estado da Índia”, um descontinuo, mas distanciadíssimo Império luso, desde Sofala a Ternate (nas Molucas).

Entretanto, em Marrocos, D. Manuel prosseguia com a conquista de importantes cidades e vilas, protegendo algumas tribos de mouros (“mouros de pazes”) e acautelando os interesses rivais de Portugal e Castela através da demarcação de limites estabelecidos no Tratado de Sintra (1509). Neste mesmo ano, o “Venturoso”, por cartas patentes de 4 de Maio, prometia aos judeus de Safim que nunca os expulsaria (a eles e aos sucessores) da cidade e que não os obrigaria a converterem-se ao cristianismo.

Por sua vez, quanto ao recém-descoberto Brasil, D. Manuel, embora com os olhos fitos na Índia rica das

especiarias, começará a defender, diplomática e militarmente, o monopólio real do pau-brasil e manter-se-á atento às primeiras experiências da produção do açúcar, do algodão e do tabaco. A par do “índio”, será utilizado, na colonização do “Novo Mundo” o “negro” da Guiné e de Angola, em trânsito por Cabo Verde e S. Tomé, sem esquecer o seu contributo no povoamento e na exploração económica destes espaços.

Eis, sumariamente, debuxado o Império Ultramarino Português. Um império geograficamente extenso, economicamente rico, religiosamente empenhado na difusão rápida do Evangelho e da Civilidade, culturalmente inebriado com as “novas novidades”, mas financeiramente débil.

Tudo fácil e linear no que concerne à mundialização e à globalização protagonizadas pelos Peninsulares? Claro que não. No corpo do tenro Império Português, onde o rei era a cabeça (por ser o principal defensor do bem comum), já remexiam vírus fortes e insanáveis. Sem a transferência de importantes direitos da Coroa para donatários nobres e eclesiásticos, sem o recurso à guerra desgastante em meios materiais e humanos, sem a atribuição de altos cargos a troco de elevados vencimentos e benesses tantas vezes indevidas, sem a importação de bens luxuosos para distinção social da elite dirigente, sem a contracção de uma assustadora dívida pública nas praças financeiras da Flandres e da Itália, o Império não lograva funcionar. Mais: internamente, minava-o a falta de coesão nacional, constantemente ameaçada pela heterodoxia religiosa de judeus, cristãos-novos, mouros e outros que punham em causa o sagrado princípio de um só Deus e de um só Rei! Grave este separatismo? Gravíssimo, quando a Nação Portuguesa não contaria ainda dois milhões de habitantes e quando se mostrava entusiasmada em reproduzir Portugal em tão diversos e distantes pontos do Mundo. A aparência era, no entanto, a de um Império coeso e feliz.

Com efeito, depois de quase oito séculos de porfiadas e sangrentas batalhas, em 1492, com a reconquista do Reino de Granada aos muçulmanos (mouros), toda a Península Ibérica voltava, oficialmente, a ser cristã. Porém, cautelosamente, quer em Espanha quer em Portugal, mantinha-se uma particular atenção

aos movimentos dos mouros, dos judeus e dos cristãos-novos, os quais continuavam a ser relativamente numerosos e perigosos, a ponto de justificarem frequentes e ferozes perseguições populares. Em 1506, por exemplo, a matança, em Lisboa, de vários hebreus obrigou D. Manuel a intervir e a proteger estes trãnsfugas. No ano seguinte, facultou-lhes, mesmo, a permissão de saírem de Portugal, sem serem espoliados dos seus bens. Em Abril de 1512, o mesmo monarca renovou, por um período de 16 anos, a isenção do inquérito sobre crimes contra a fé, pelo que judeus, cristãos-novos, mouros e outros não cristãos ficaram mais tranquilos. Tranquilidade relativa, já que, em 1515, ainda que sem grande empenho diplomático, D. Manuel solicitava ao Papa a instalação, em Portugal, de um Tribunal Geral de Inquisição. Contudo, até 1521 (ano em que faleceu), este Tribunal não foi institucionalizado entre nós, pelo que a meninice de João Rodrigues decorreu em Castelo Branco (onde havia uma significativa comunidade judaica) em relativa tranquilidade pública.

Em 1529, João Rodrigues de Castelo Branco terminará, com 18 anos, o curso de Medicina em Salamanca (no seu dizer, a universidade mais célebre de toda a Europa). Ainda em Espanha, as universidades de Alcalá e Valladolid sobrepujavam, em prestígio, a portuguesa, já que será o próprio D. João III a reconhecer, afinal, a inferioridade do nosso ensino superior, ao decidir criar, em Paris, 50 bolsas para estudantes portugueses que frequentassem o Colégio de Santa Bárbara, dirigido pelo Dr. Diogo Gouveia. Com efeito, só em 1537 a Universidade será transferida de Lisboa para Coimbra, por ser cidade mais acolhedora e tranquila, mas também para a renovar com a criação de novas cadeiras e a contratação de docentes de maior qualidade.

Em Salamanca, João Rodrigues de Castelo Branco não aprendeu apenas medicina; aprofundou, também, os seus conhecimentos nas línguas mortas (latim, grego e hebraico) e nas línguas vernáculas (com relevo para o castelhano e o francês). António Nebrija, autor da primeira Gramática Castelhana (publicada em 1492) foi seu mestre, convindo referir, a propósito, que só em 1536 é que Fernão de Oliveira logrará editar a primeira *Gramática da Linguagem Portuguesa*, embora logo seguida (em 1540) de uma outra saída da pena de João de Barros. Com uma importante diferença quanto às intenções dos gramáticos castelhanos e portugueses: Nebrija pretendeu alcandorar, face à concorrência de outras línguas espanholas, o castelhano a língua de Império; Fernão de Oliveira e Barros, perante o exclusivismo do português, lutaram, sobretudo, para que fosse bem falado e escrito por to-

dos os súbditos do Império, com o argumento de que a unicidade e a qualidade da língua-mãe contribuiriam para congregar colonizadores e colonizados.

Sem nos esquecermos de Amato Lusitano, recorde-mos que, em Abril ou Maio de 1531, D. João III já havia ordenado ao seu representante em Roma que insistisse no sentido do Papa autorizar a criação do Tribunal da Inquisição em Portugal, ao modo como funcionava o de Castela. Efectivamente, pelas Letras pontíficias de 17 de Dezembro de 1531 chegou a ser nomeado, para Inquisidor-mor, o confessor do rei português; só que o indigitado não aceitou. Bem informada, a comunidade judaica e cristã-nova em Portugal, mesmo assim, agitou-se e muitos dos seus representantes rumaram à Flandres, para, depois, se abrigarem em terras de Mouros e Turcos. A debandada, com os respectivos capitais, ameaçava ser tão grande que, em 1532, D. João III cassava, por 3 anos, a licença das saídas livres do Reino. Em finais de 1533 ou começos de 1534, clandestinamente ou com autorização régia, também João Rodrigues de Castelo Branco decidia abandonar a terra natal, a sua pátria local. Ali exercera medicina após a formatura, observara casos ou “curas” médicas interessantes e praticara a naturopatia. Depois de uma curta passagem por Santarém e Lisboa, alcançava a Flandres, seguindo, afinal, o roteiro de muitos outros judeus foragidos.

Abandonava, por certo a contra-gosto, a pequena pátria albicastrense, encastrada na faldas das serras do Moradal e da Gardunha, e buscava a buliçosa e cosmopolita cidade de Antuérpia. O que era, então, Castelo Branco?

Por um “numeramento” realizado entre 1527-1532, sabe-se que o concelho de Castelo Branco contaria 1417 “fogos” (cerca de 5 000 pessoas). Como praticamente no resto do País, pese embora a crescente importância do comércio, o sector primário (agricultura e pecuária) garantia a sobrevivência. Esta dominância afigura-se estar urbanisticamente representada na vila albicastrense, quando, entre 1509-1516, Duarte de Armas, engenheiro militar encarregado de debuxar as fortalezas raianas, a retratou em duas perspectivas (uma de sueste e outra de nordeste). O que se vê no respectivo debuxo? Manchas densas de olival e sobreiral envolvem o espaço amuralhado, a par de rincões de plantas que parecem ser videiras. O casario térreo, onde aflora só uma ou outra chaminé (sinal de baixa civilidade e pobreza), acantona-se quase exclusivamente no perímetro das muralhas, principiando embora já a transbordar para o campo mais próximo. Enfim, pelos fortes traços da paisagem natural e pela modéstia das casas, parece tratar-se de uma comu-

nidade bem agrupada, muito ruralizada, ainda que aberta às trocas com o exterior, como a figura de um almocreve, tocando dois machos ou burros, o sugere.

Era, de facto, assim? Não ousamos contradizer este quadro de ruralidade e de tradicionalidade, mas podemos afirmar que esta vila, além de concorrer para a formação e para a afirmação de Amato Lusitano, serviu também de pátria a um outro médico – o Dr. Leonardo Nunes. O seu prestígio levá-lo-á a partir para Lisboa em 1546, como “físico” da Corte e com o estatuto de Fidalgo da Casa Real. Não nos parece haver, nestes exemplos, um simples acaso, antes os interpretamos como sendo reveladores da simbiose local da arte tradicional de curar e da prática de uma medicina cursada nas universidades e exercida também em hospitais. Com efeito, por carta de 2 de Abril de 1431, D. João I confirmara a sucessão de um Rui Vasques de Castelo Branco na posse de um morgadio, instituído por um seu bisavô, de nome Martim Esteves, o qual, “morador em outro tempo em Castell Branco, fez huũ moorgado e sobceson [sucessão] ao qual anexou e apricou muitos beens que avia e mandou manteer hũa capella e huũ sprital pollos fructos delles...”². Enfim, desde o século XIII, pelo menos, que já havia em Castelo Branco uma instituição hospitalar, aparentemente prestigiada.

A decisão de Amato Lusitano em abandonar Portugal e tomar o caminho da Flandres é coincidente com a morte (em 1534) do “homem justo e homem de Deus” (no dizer de um contemporâneo), que era o Papa Clemente VII. Tudo mudou, porém, com o seu sucessor, o Papa Paulo III. Com este, a Inquisição entrará, oficialmente, em Portugal, mais propriamente em Maio de 1536. Com efeito, Clemente VII não só resistiu em anuir à criação da Inquisição, como facultou a entrada segura de muitos hebreus nos Estados da Santa Sé. Concretamente, em Ancona (Itália), foi-se formando, durante o seu Pontificado, uma importante colónia de judeus portugueses, pelo que não foi por acaso que, mais tarde (a partir de 1542), “Amato Lusitano” se instalará temporariamente nesta cidade.

A simpatia de João Rodrigues de Castelo Branco pela crença judaica está implicitamente registada na *Cura IX da Primeira Centúria das Curas Medicinais*, quando, a propósito da doença que vitimou o hebreu Alizalaín, comenta: “É todavia de grande conforto para os seus amigos o facto de ter vivido santamente e ter morrido inocentemente naquele dia em que os judeus aconselham a pedir a Deus perdão para os seus pecados”³. Estava a registar este comentário, precisamente, em Ancona.

Coincidente com a oficialização da Inquisição em Portugal (o que acabaria até por a justificar) é a de-

gradação da situação interna do País, sobretudo no domínio económico-financeiro, com a agravante de irem crescendo as ameaças externas à sobrevivência do Império luso. Concretizemos só o suficiente.

Ainda sem poder contar decididamente com os direitos alfandegários do açúcar brasileiro, sem recursos financeiros para poder adquirir a pronto as especiarias orientais e confrontado com inimigos poderosíssimos (como os turcos otomanos ou os mouros de Marrocos), Portugal, pelo anos 30 do século XVI, estava a esvair-se económica, financeira e militarmente. Por exemplo, em 1538, os Reis de Portugal e de Fez, perante os avanços militares dos Xarifes do Suz, chefes tribais empenhados na unificação político-religiosa de Marrocos, serão levados a ter que celebrar, em Arzila, um tratado de paz, válido por onze anos. Nesse mesmo ano de 1538, a nossa fortaleza de Diu (postada à entrada do Golfo de Cambaia, ou seja, no Guzurate, a mais rica região da Índia) sofrerá um fortíssimo ataque comandado pelos turcos otomanos, o qual se repetirá em 1546, embora com uma menor incidência local. Os mesmos otomanos, ainda em 1538, serão senhores da via do Mar Vermelho (dificultando as comunicações entre a Índia e Portugal), depois de conquistarem a estratégica cidade de Adem. Enfim, o Império português sofria forte pressão externa e, por tal, era preciso mantê-lo coeso, sem dúvida pela força das armas, mas também pela defesa da ortodoxia religiosa, pela divulgação da língua portuguesa à escala do Império, pela missão associada ao enaltecimento dos nossos valores civilizacionais (entre os quais se contava o direito escrito).

Que medidas estratégicas foram tomadas então? Após a aprovação em 1539, da Companhia de Jesus, por Bula de Paulo III, representantes da nova Ordem chegam a Portugal no ano seguinte. Enquanto Simão Rodrigues, na qualidade de Provincial e com o projecto de fundar um Colégio em Coimbra, fica no Reino, Francisco Xavier, com mais dois padres e um irmão jesuítas, embarca, a 7 de Abril de 1541, rumo ao Oriente. A 1 de Fevereiro de 1549, sairá, também de Lisboa, mas com destino ao Brasil, outro célebre Inaciano, o P.e Manuel da Nóbrega. Acompanhá-lo-ão 2 Padres e 3 Irmãos, já ligados ao Colégio de Coimbra. O interesse político-económico pelo Brasil era claro. Em alternativa à hipótese de soçobrarmos na Índia, contávamos economicamente com a Terra descoberta por Pedro Álvares Cabral, pelo que era necessário instalar, ali, um governo-geral e enviar missionários capazes de ajudarem na formação de uma colónia pluriétnica e pluricultural, mas política e economicamente coesa.

Entretanto, na Itália, Paulo III (1534-1549) instituí-

ra, em 1543, a Censura e o Index dos Livros proibidos e, em 1545, inaugurava o concílio de Trento, devendo nós perguntar onde parava, por esta altura, Amato Lusitano?

Chegado a Antuérpia em finais de 1533 ou começos de 1534, como dissemos, publica, em 1536, o seu *Index Dioscoridis*, identificando-se por *Joanne Roderico Castelli Albi Lusitano autore*. Esclareça-se que Dioscorides fora um famoso botânico e droguista do século I d.C., tendo estudado mais de 600 plantas, úteis pelo seu potencial medicinal. Amato Lusitano aventurara-se a comentar as obras de Dioscorides, porque a medicina mais avançada do seu tempo, logo a sua medicina, assentava, ao nível do prognóstico (e de acordo com a escola de Hipócrates e dos seus seguidores), na detecção das causas das doenças, usando a observação directa e estabelecendo analogias com casos modelares ou “curas” referenciais. Já ao nível do diagnóstico e das prescrições médicas, o largo uso de plantas (algumas integrando a categoria de especiarias orientais) e de drogas, era preconizado abertamente, a par de outras terapias que a seu tempo enunciaremos.

Amato Lusitano, no que concerne ao método analógico concretizado nas Sete Centúrias das suas *Curas Medicinaiis*, identifica cada caso ou “cura” usando a numeração romana e integra-a numa série de 100 (centúria). Exemplifiquemos: “Primeira Centúria – Cura IX – Em que se trata dum esfacelo, isto é, duma chaga que destrói o cérebro”⁴. Depois, passa à descrição-narração do caso, continuando nós a transcrever (e a citar) a referida cura IX: “O hebreu Alizalaín, de vinte e sete anos, foi atacado duma doença gravíssima e mortal, no dia 4 de Setembro de 1546, tempo a partir do qual nos propusemos a escrever estas Curas”. Alizalaín morreu, segundo a anotação de Amato por “corrupção do cérebro, isto é, gangrena ou apodrecimento”, um prognóstico abonado por Hipócrates e Galeno. “Para melhor conhecer esta afecção”, o Médico Albicastrense procurou indagar a vida do doente (particularmente os tempos mais próximos da doença) e o seu temperamento ou carácter.

As intervenções médicas ou “curas” realizadas pelo médico João Rodrigues de Castelo Branco não prescindem (antes pelo contrário) da arte da cirurgia, pelo que convoca cirurgiões ou faz ele próprio as dissecações e recorre com largueza à sangria. Faz participar, porém, processos naturalistas, como o uso de plantas e frutos (mediterrânicos e orientais), conforme já dissemos. Disso é exemplo o seguinte remédio aplicado por João Rodrigues a uma menina de sete anos, segundo ele, formosa, bastante gorda e de temperamento sanguíneo, que caíra numa febre contínua. Ei-

lo: resíduos “de polpa da caneleira tirada recentemente, meia onça; de ruibarbo bom, um dracma; de xarope rosado solutivo, duas onças; de decocção de flores e frutos cordiais em que se embeberam folhinhas de sene, três onças. Misture”⁵.

À semelhança de Amato Lusitano que, sobre cada “cura” não deixava de fazer os seus “comentários”, também nós fazemos os nossos sobre a contribuição da flora na sua medicina. Nascido e criado numa vila mediterrânea era-lhe familiar um largo leque de plantas indígenas (como a cebola albarrã, a camomila, a erva cidreira ou a malva), porém, como humanista renascentista e particular discípulo de Dioscorides, Amato não deixou de estudar e de utilizar, também, o rico manancial botânico e droguista de várias proveniências, inclusive de origem Oriental. A Casa da Índia, em Lisboa, e a Feitoria Portuguesa, em Antuérpia, na sua errância de judeu ameaçado, foram, com certeza, lugares para essa observação e estudo.

A propósito, pela mesma altura em que Amato/Amato Lusitano rumava a Antuérpia, partia para a Índia outro famoso médico português, também aluno nas universidades de Salamanca e Alcalá, o grande boticário - Garcia da Orta. Em 1563, publicará, em Goa [e atente-se no título], os *Coloquios dos Simples e drogas e cousas medicinais da India, e assi dalgumas frutas achadas nella, onde se tratam algumas cousas tocantes a medicina pratica, e outras cousas boas para saber* [...].

No prefácio desta obra, o médico valenciano Dimas Bosque, que, então, estava, também em Goa, esclarecerá que Garcia da Orta, depois de leccionar na Universidade de Lisboa (portanto, antes de 1537) a arte médica, “com muyta deligencia e cuidado, e exercitando-se na cura dos doentes”, acabara por ir para o Oriente, “onde por espaço de trinta anos, curando muyta diversidade de gentes não somente na companhia dos visos-reis e governadores desta oriental India, mas em algumas cortes de reis mouros e gentios, comonitando com medicos e pessoas curiosas, trabalhou de saber e descobrir a verdade das medicinas simples, que nesta terra nace, das quais tantos enganos e fabulas não somente os antigos mas muytos dos modernos escreveram...”. Enfim, facilmente encontramos, nestas duas luminárias da medicina portuguesa quinhentista (Amato Lusitano e Garcia da Horta), algumas consonâncias de vida e relevâncias de saber afins.

Tínhamos deixado Amato Lusitano em Antuérpia, a atender clinicamente o feitor português e a família, a estudar na feitoria portuguesa as plantas e as drogas e a publicar as suas primeiras obras científicas. Em 1540, deixa Antuérpia, passa por Génova e fixa-se em Ferrara, onde, à sombra da Universidade e dos seus Colé-

gios e sob o patrocínio da corte ducal, ensina, cura e convive com gente famosa. Naturalmente, tentará obliterar ou esconder, o mais possível, a sua condição de judeu proscrito. Mesmo assim, com o alastramento da actividade inquisitorial a partir de 1542, sente-se mais seguro em Ancona, onde encontra cerca de 3000 judeus fugidos de Portugal e muitos acolhidos durante o Pontificado de Clemente VII, como já dissemos. Porém, já durante o Pontificado de Paulo III e sobretudo durante o de Paulo IV (1555-1559), Amato Lusitano não só se sentirá muito inseguro, como será perseguido, referindo a propósito: “[...] perdi todos os meus haveres e, para não ser preso e molestado pelos comissários dela, refugiei-me primeiro em Pesaro e depois em Ragusa”⁶.

A sua excelência na ciência médica alcandorara-o, contudo, à preferência de altas individualidades civis e eclesiásticas, designadamente de familiares do Papa Júlio III. Com efeito, na Terceira Centúria das suas *Curas Medicinais*, datada de 1554 e dedicada ao Embaixador de Portugal junto da Santa Sé, D. Afonso de Lacerda, declarará ter-se dirigido, havia alguns anos, a Roma “para tratar de uma doença o Sumo Pontífice Júlio III”, tendo também curado o referido Embaixador e os seus criados e escravos⁷. Assim, tanto procura medicar Papas e duques, como criados e escravos, ou cristãos e judeus; tanto exerce a medicina, propriamente dita, como a cirurgia e a patologia médica; tanto vai redigindo as suas Sete Centúrias, como partilha com o italiano João Baptista Canano a fama da descoberta das válvulas da veia grande ázigos. Efectivamente, a cura LXX da 5.^a Centúria tem a seguinte designação: “Em que se diz que os prolongamentos da veia ázigos, isto é, da veia sem par, se ligam às ramificações da veia cava que alimentam as partes interiores do tórax”⁸. Ousava, deste modo, contrariar a teoria de André Vesálio, célebre médico do imperador Carlos V, muito embora o reconhecesse como “homem douto e da maior honorabilidade”. Com que fundamento ou certeza se aparelhava? Com a que a observação do real, ou seja, a dissecação dos corpos humanos lhe proporcionava. Tratadista da sífilis, dermatologista eminente, ginecologista, observador atento das urinas, enfim médico generalista e especialista de elevado nível, Amato segue, mas também corrige (quando julga conveniente), Hipócrates, Galeno, Avicena, Averrois e muitos outros notáveis da medicina.

Procuremos, agora, avançar um pouco mais na especificação da naturopatia usada por Amato. Com base numa citação do *Introito “às curas Ragusinas [...] representemos a cena de três “patrícios da cidade de Ragusa (Dubrovnik) a dialogarem com Amato*

e pedirem-lhe que observe, clinicamente, um outro “patrício”⁹:

Amato: De que doença está sofrendo este enfermo?

Cervini: De febre contínua, com elevadíssimo delírio.

Amato: Pelo que dizem, pelos sintomas e pela mesma doença, época do ano e sua característica (pois estamos no Verão), julgo que este jovem, de temperamento sanguíneo, sofre de febre contínua e, embora pareça estar mal, em breve será libertado da doença. Com efeito, além de outros sinais, são disto confirmação bastante as suas pulsações. O delírio desaparecerá imediatamente se esta veia da testa for aberta agora e deixardes escorrer quatro onças de sangue. Se, porém, receardes a sangria, aplicai ventosas às costas, depois de incisões na pele [...].

Cervini: O nosso doente pede para te desejar boa saúde. Foi-lhe feita já a sangria que ordenaste. Começa agora a voltar a si e a sentir-se mentalmente melhor, de modo que todos não receiam já confirmar que era verdadeiro o teu diagnóstico, pois come um pouquinho melhor...

Amato: [...] Mas agora, uma vez que tenho à vista, e defronte, esta vossa cidade de Ragusa, dai-me licença para ir fazer a descrição dela. De facto, como assegura o divino Ancião [Hipócrates], isto é não só o primeiro dever, como o melhor da parte de um médico prudente e consciencioso”. Faz, em seguida, uma breve descrição da cidade de Ragusa, considerando a sua localização, o seu sítio, o seu clima, a sua economia, a sua forma de governo e a sua estrutura social.

Noutra passagem da *Terceira Centúria das Curas Médicas*, estabelecerá cotejos entre os climas de Lisboa e Roma ou de Castelo Branco e Guarda. Por curiosidade, transcrevemos o seguinte registo: “Sabemos que em todos os climas há lugares temperados e destemperados, pois Castelo Branco, minha pátria [isto é, terra dos seus pais], a que Ptolomeu faz referência, a igual distância de Lisboa e de Salamanca (a universidade mais célebre de toda a Europa), é de clima temperado. A cidade da Guarda, porém, perto daquela [Castelo Branco] é tão fria que até as pessoas o sentem no pico do Verão. Isto vem-lhe da alta montanha hoje chamada Serra da Estrela...”. Porquê este interesse pela Geografia Física e Humana?

Em finais da Idade Média e na Cristandade Ocidental, voltava-se a defender, numa perspectiva global, a “harmonia dietética”, em termos de saúde, ou seja, a conferir importância à qualidade do ar, à salubridade dos lugares habitados, às oscilações climáticas, às vantagens do exercício físico, das massagens, do banho, de uma alimentação adequada e, até, de um equilíbrio psico-mental. Concretamente, o ar limpo (dizia-se) clarificava o sangue, fazia os espíritos sere-

narem a mente e alegrarem o corpo. Consoante o domínio de cada um dos elementos naturais (quente, frio, húmido e seco), eram definidas, à escala mundial, quatro grandes zonas climáticas. Compreensivelmente, também em cada estação do ano a consociação destes elementos era considerada, pelo que, no que à zona temperada dizia respeito, reconhecia-se que na Primavera o ar é quente e húmido; no Estio quente e seco; no Outono frio e seco; no Inverno frio e húmido. Consequentemente, deveria adoptar-se uma dieta alimentar e um tipo de vestuário adequados à dominância dos respectivos elementos físicos, sem esquecer os exercícios correctores dos excessos corporais acumulados em cada estação.

Mais: chegava-se ao pormenor de estabelecer a ordem dos alimentos a ingerir de acordo com a qualidade dos mesmos, sendo muito citado este preceito dietético: “pão de ontem/ carne de hoje/ e vinho de então/ trazem o homem são”.

Amato Lusitano era um defensor desta harmonia, de acordo com a “teoria humoral”. Daí que prestasse, como já documentámos, particular atenção aos “sítios” e às “nobrezas” (às histórias) dos lugares habitados, de acordo aliás com os dois referentes teóricos para as descrições humanistas do século XVI.

Por razões de segurança, em 1556, Amato deixa Pesaro e acolhe-se a Ragusa, cidade com que vinha mantendo, desde há anos, relações oficiais e privadas de muita cordialidade.

Entretanto, o Império Português, ainda que cada vez mais balanceado para o Atlântico, em particular para o Brasil, vai tremendo, mas subsiste. Apontemos duas referências que poderão ser emblemáticas: em 1555, os franceses ocupam o Rio de Janeiro; pelos anos 50, Lisboa conta mais de 400 000 habitantes. Em 1557, morre D. João III e, no ano anterior, nascera D. Sebastião, confiando-se a regência do Reino a D.ª Catarina até 1562. Em 1563, ficará encerrado o concílio de Trento, com as decisões que mais marcarão a chamada Contra-Reforma. Amato Lusitano e outros trãnfugas político-religiosos desde há muito que haviam perdido a esperança quanto a uma possível integração social, nem em Portugal, nem na Cristandade.

Entretanto, o Império Otomano, com Soleimão o Magnífico (exercitará o sultanato entre 1520-1566), está a atingir, em extensão e em prestígio, o seu apogeu, a ponto dos turcos dominarem o Norte de África até Marrocos e da própria Roma se sentir ameaçada por eles.

A capital do Império Otomano, Constantinopla, contaria então cerca de 700.000 habitantes (três vezes mais que Paris) e enchia-se de mesquitas e palá-

cios que procuravam rivalizar com a majestosa igreja de Santa Sofia. A que devia o Império Otomano a sua grandeza? Sem dúvida, ao poderio da sua armada, à força dos seus importantes canhões e à mobilização de (por vezes) mais de 200.000 homens. Coagidos e até escravizados alguns? Sem dúvida. Mas, muitos outros eram integrados sem olhar à etnia, à língua, à cultura e ao credo religioso. Que mais poderia esperar um judeu culto, como Amato Lusitano?

Ponderando a sua situação e a oportunidade que o Império Otomano lhe oferece, decide refugiar-se, em 1558, em Salónica ou Tessalónica, na actual Macedónia Grega. Aí morrerá a 1 de Janeiro de 1568, vitimado pela peste. Antes, porém, haverá de proclamar abertamente que era judeu e, por tal, adoptará, segundo se crê, o nome Ibraim ou Abraão, isto é, “Pai de todas as nações”. Enfim, no seu onomástico, Amato Lusitano vazava, para sempre, a universalidade da sua identidade e do seu insigne saber. E o Mundo, que não apenas Castelo Branco, adoptava-o como seu Amato ou Amado.

Notas

- 1 - In *Documentação para a História do Padroado Português do Oriente*, vol. II, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1955, pp. 327-328.
- 2 - In *Chancelarias Portuguesas. D. João I*, Vol. III, Livro III, Tomo 1 [2006].
- 3 - Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Medicinais*, volume I, Universidade Nova de Lisboa, s.d., p. 81. Referiremos, mais adiante, este caso.
- 4 - *Ob. cit.*, volume 7, p. 80.
- 5 - *Cura X, Ibidem*, p. 84.
- 6 - Carta dedicatória da V Centúria, volume III, p. 159.
- 7 - Volume III, Universidade Nova de Lisboa, p. 159.
- 8 - *Idem*, volume III, p. 253.
- 9 - In vol. IV de *Amato Lusitano, Centúrias de Curas Medicinais*, Universidade Nova de Lisboa, pp. 9-10.

* Prof. Catedrático da Universidade de Coimbra

O meu Amato Lusitano

*Luís Nuno C. Ferraz de Oliveira**



Efectivamente não se morre enquanto se habita na memória de alguém.

Tal privilégio, porém, é distinção que não está, gratuitamente, acessível a todos. Não é direito natural. O nosso inesquecível Camões apercebeu-se, claramente, disso e achou que só aqueles que haviam praticado obras valiosas mereciam tal distinção, a de serem subtraídos à lei impiedosa do esquecimento-morte e dedicou-lhes também, a sua-nossa obra mãe, os Lusíadas:

E aqueles que por obras valorosas
Se vão da lei da morte libertando
Cantando espalharei por toda a arte
Se a tanto me ajudar o engenho e a arte.

Na verdade habita em muitos de nós, no fundo acolhedor das nossas memórias geradoras de eternidade, a personalidade de alguém, nascido em Castelo Branco, que se consumiu, exaustivamente, na prática de obras valiosas no mundo aliciante e sem fronteiras da investigação nos campos da botânica, da anatomia, da medicina, da cirurgia, da saúde pública, da mineralogia até.

Louvável e dignificante a ideia daqueles que hoje, como ontem, nesta Terra, tanto têm feito para alimentar o fogo vivificador da memória. Não posso, no delinear deste pensamento, deixar de invocar a figura do saudoso médico, desta cidade, Dr. José Lopes Dias, que tanto alimentou essa fogueira. Como ele se sentiria feliz, aqui hoje. Foi ele que, mais profundamente, despertou na minha juventude a minha atenção para essa figura incomparável cuja memória estamos a celebrar: Amato Lusitano.

Na pacata vila campestre de Castelo Branco, ao tempo já com Misericórdia e Hospital, (assim era ainda 440 anos depois, quando, já cidade, lá estudei) nascia em 1511, filho de pais judeus-cristãos novos, aparentemente sem história, um menino, que tinha pelo menos mais dois irmãos, baptizado cristãmente com o nome de João Rodrigues, menino que veio marcado com uma sede imensa de saber, a quem a Mãe Natureza entregou umas asas, muito grandes, capazes de o levarem a todas as distâncias, que o sonho ou a necessidade imaginassem, e aí florescer em obras sempre valorosas.

Cedo levantou voo desta terra pacata esse menino cujo brilhantismo não deve ter escapado aos Pais. Tinha 13 ou 14 anos quando o mandaram ou levaram para Salamanca, uma das Universidades mais notáveis da Europa de então, que chegou a reunir 11.000 alunos e onde, curiosamente, ensinavam mestres portugueses e aonde entre as grandes obras clássicas de Hipócrates, Aristóteles, Galeno e Avicena eram igualmente utilizados escritos médicos de autores portugueses, como Pedro Hispano que foi Papa com o nome de João XXI (Maximiano Lemos, 1907, pág.19 Eduardo Tavares Martins, Porto).

O curso de Medicina a que o jovem albicastrense se devotou compreendia um bacharelato de dois anos de artes e de uma cadeira de filosofia natural e mais três anos ocupados com duas cadeiras de medicina de prima e de véspera (Maximiano Lemos, 1907, pág.19).

Fosse pelo que fosse esta mente sobredotada nunca mais parou e cedo foi notada pelos seus mestres. Terminado que foi o curso pelos 18 anos, logo os mestres de cirurgia lhe confiaram em 1529 os cuidados de duas enfermeiras em Hospitais de Salamanca (Maximiano Lemos, 1907 pág.33).

De regresso a Portugal, dirigiu-se naturalmente a Castelo Branco aonde, pela escassez de referências que lhe faz, parece ter-se detido pouco tempo.

la dar início ao seu peregrinar interminável sempre na procura do mais valor.

De Castelo Branco dirigiu-se Amato a Almeida, à Guarda, ao Sabugal, fazendo clínica, anotando tudo particularmente no que respeitava a plantas e seus efeitos terapêuticos. Em Ferreira à beira do Tejo assinalou que as areias do rio ainda arrastavam pepi-

tas de oiro. Esteve em Niza, Évora, Estremoz, Abrantes, Santarém, Lisboa, a cidade em que se deteve mais tempo tal como em Coimbra. Descreveu Lisboa e os seus arredores, o seu clima ameno e envoltórias agrícolas comparando-a a Roma. Também nela fez clínica e assistiu doentes que tinham estado em África e no Oriente. A um destes tratou de aperto da uretra usando as “velinhas”, como aprendera em Salamanca.

Esteve ainda em Alcobaça, Oeiras, Setúbal, Alcácer do Sal e em Esgueira, próximo de Aveiro (Maximiano Lemos, 1907, pág.39).

Em Lisboa além de ter anotado diversos casos clínicos, recolheu muitas plantas e frutos de Portugal e trazidos pelos navegadores das ilhas Atlânticas, de África, do Brasil e do Oriente.

Foi neste campo de estudo botânico e médico, relacionado, dos simples e das drogas luso-indianas, um pioneiro que precedeu o próprio Gacia d’Orta. “Amato foi dos primeiros a olhar, com vista de botânico e de médico, os simples e as drogas luso-índias: precedeu Garcia d’Orta” (Ricardo Jorge. Amato Lusitano. Inst. Alta Cultura. Sem data, págVII).

De Lisboa passou a Antuérpia em 1534, onde permaneceu sete anos e depois Ferrara, Veneza e Ancona, Roma, Florença, Pesaro, Ragusa (Dubrovnik), Constantinopla e finalmente Tessalonica ou Salónica, cidade grega sob domínio Turco, aonde, com 57 anos e ao serviço denodado da saúde pública, entregou, humildemente ao Criador, e vítima da peste que assolava Salónica e ele combatia, os talentos que recebera, da Mãe Natureza, valorizados cem por um.

Por todos os palcos por onde se afirmou, recolheu louros e espinhos entre a magnitude excelente de uns e a mediocridade mesquinha e odiosa de outros.

A sua trajetória, num mundo sócio-económico, política e religiosamente em convulsão, de Renascença fervilhante, é na verdade um deslumbramento, tanto mais apaixonante quanto mais se conhece.

A universidade portuguesa, no seu caminhar incerto e titubeante, estava então na distante e buliçosa Lisboa, mais distante e buliçosa que aquela que pela primeira vez visitei, assim, aos meus 16 anos, pelos tais 440 anos depois. Por essa altura, 1954, levava eu um dia, de penosa viagem, de caminheta, por cima da Serra da Estrela, pára aqui, pára acolá, para cobrir a distância de Castelo Branco a Coimbra, para onde passara em definitivo, em 1537, a Universidade, cuja Faculdade de Medicina eu passara a frequentar em 1954. Salamanca até parece que ficava mais à mão de Castelo Branco e tinha sem dúvida mais nomeada no séc. XVI.

Salamanca tinha alimentado o cérebro de exceção de João Rodrigues e a sua sede insaciável de saber

com conhecimentos de língua grega, e de latim, ele que já conhecia o português e o hebreu, lógica, matemática, música, filosofia aristotélica, metafísica, ética, medicina e cirurgia... Veio-me à lembrança o currículo do meu curso, feito meio milénio depois. Curiosas diferenças e ausências... Nunca estamos satisfeitos. Amato também achou que o seu curriculum era escasso no que respeitava a estudos farmacológicos e anatómicos. Diz-se que dominava sete línguas. Já não digo que eu aprendesse o grego, mas o latim, ainda que língua morta há muitos séculos, que falta passou a fazer numa cultura médica devidamente fundamentada. Não tive nada disso.

Por alturas do seu regresso a Portugal, em 1530, as coisas não iam por cá, nem por toda a Europa, no campo social e religioso, este fortemente determinante do político, de feição tranquilizadora.

Em 1531 D. João 111 retomava, com insistência redobrada, a pretensão de seu pai, D. Manuel, junto de Roma para instituir o Santo Ofício em Portugal, sem a ideia relativamente tolerante do pai, mas antes na perspectiva do que era praticado nos reinos peninsulares circundantes em que era o rei, mais do que a própria Igreja, quem detinha o poder decisório final. Foram necessários muitos anos de negociações habilidosas e nem sempre transparentes, em Roma, para conseguir o desejado, em 1547: a implantação em Portugal do Santo Ofício como um autêntico tribunal régio. A vida passara a ser mais complicada para os judeus desde a subida ao trono de D. João 111. A saída era difícil e quase toda a Europa lhes negava asilo (Maximiano Lemos. 1907).

Pela Europa fora o ambiente era realmente incerto e preocupante. Reforma e Contra-Reforma, dilaceravam a sociedade e acirravam os poderes políticos e religiosos desde a rebeldia do vigário geral dos frades Agostinhos na Alemanha, Martinho Lutero, que em 1517 tinha afixado nas portas de Wittemberg, as 95 teses da sua discordância e quebrara definitivamente, em 1520, a ligação hierárquica com Roma, queimando nessa praça pública de Wittemberg a bula “Exsurge Domine” em que o Papa o convidava a retratar-se.

Era neste palco tão complexo como dramático que João Rodrigues chegava a Portugal em 1530, a um Portugal inebriado e profundamente absorvido e envolvido na sua aventura gigantesca da Índia e do Brasil. O genial Afonso de Albuquerque havia conquistado Malaca, a chave esplendorosa do insondável Extremo Oriente, precisamente no ano que nascera João Rodrigues, 1511.

João Rodrigues era judeu, cristão-novo, um sobretudoado com uma ânsia insaciável de saber, intuitivamente marcado pelo espírito reformador do movimento Renascentista, que pretendia, com base na atitude

experimental, rever todo o conhecimento previamente existente e instituir o saber de experiência feito, no dizer elegante do nosso Luiz de Camões.

É neste clima, extremamente complexo e delicado, que João Rodrigues deixou, em 1533, ou 34, Portugal.

Fugiu, exilou-se, costumam dizer e escrever. Não é essa a atitude que visiono num homem como esse nosso Albicastrense. Um sobredotado ou predestinado, de tal natureza, não foge à procura de sobrevivência tranquila, apagadamente rendosa. Não, não é isso que eu vejo. Ciente das suas capacidades e aspirações científicas, ergueu as asas, as tais asas que a Mãe Natureza simbolicamente lhe dera, à procura de novos horizontes e maiores desafios, que o espaço científico do Portugal europeu de então era demasiado pequeno para ele, aliás, ontem como hoje. Em 1533 partiu para Antuérpia, para, no prosseguimento daquele sentimento insaciável de procura do saber de experiência feito, nunca mais parar.

Em Antuérpia publicou logo em 1537, e com 23 anos, o seu primeiro livro, não

sobre medicina, mas sobre Botânica, o *Index Dioscorides*, sobre parte da obra deste grande botânico do início da nossa era. Curiosamente com esta obra de impressionante repercussão no meio científico, o nosso Albicastrense, numa atitude misto de homenagem e libertação total da objectividade do seu registo formal de nascença, passou ao mundo simbólico da sua devoção telúrica à terra portuguesa.

Largou o nome de baptismo; foi a única obra que assinou com o nome Joanne Roderico Castelll Albi, Lusitano auctore. A partir daí surgiu a identidade nova que passou a designar por Amato Lusitano nome sob o qual trilharia os rumos da imortalidade.

Sete anos de um meio de poderosa economia e encruzilhada de saberes, e celebridades, como Antuérpia, deram a Amato Lusitano a plataforma adequada de contactos e exercício das suas capacidades invulgares.

Exerceu clínica nos meios de maior distinção em que se contam o Governador da cidade e o opulento Consul de Portugal; conheceu famílias judaicas de grande distinção como os Nassi e expoentes da cultura da época como Erásmo. Escreveu e publicou. A sua fama ultrapassa fronteiras. O príncipe Duque Hércules 11, d'Este, de Ferrara, convidou-o para ensinar medicina naquela prestigiada Universidade italiana. Ferrara a primeira cidade moderna da Europa, no dizer de Maximiano Lemos (Maximiano Lemos, 1907).

Novo desafio, novo voo e aí o temos, em 1540, em pleno coração do esplendoroso Renascimento italiano, aonde só os excepcionais triunfavam e ele triunfou.

Continuou a chegar longe a sua fama. O rei da Poló-

nia Augusto Sigismundo II convidou-o para médico da sua Corte, mas Amato recusou.

Em Ferrara, portador de uma cultura médica e botânica da antiguidade, verdadeiramente avassaladora, em que se mostra familiar, nas suas citações, com as obras de Heródoto, de Sócrates, de Hipócrates, Galeno e Avicena, Rhases, Teofrasto, Dioscórides, de Plínio, de Erasistrato, de Argengenes, de Apolónio e Oribásio, de Políbio e Heraclides, contemporâneo de figuras marcantes da Renascença, na Medicina e não só, como Copérnico (1473-1543), Sylvius (1478-1555), mestre de Vesálio (1514-1564), Miguel Ângelo (1475-1564), Rabelais (1494- 1553), Michael Servetus (1511-1552), Realdo Colombo (1516-1559), sucessor de Vesálio, Andrea Cesalpino (1519-1603), Eustáquio (1520-1574), Gabriello Fallópio (1523-1603), aluno de Vesálio, Fabricius de Accquapendente (1533-1619), aluno de Falópio e mestre de Harvey (1578-1657); o nosso Amato Lusitano brilhou e sofreu como muitos deles.

Em Ferrara, lidou mais de perto com expoentes da medicina e da botânica do seu tempo: botânicos como Mattioli e grandes anatomistas como Vesálio, Gabriello Fallópio e João Baptista Cana no (1515-1579), e com aquele que viria a ser um grande amigo do peito, António Musa Brassavola (1500-1555). O estudo das plantas, com a preocupação de explorar as suas capacidades curativas, continuou a ser uma das suas paixões, a par da dos estudos anatómicos, dissecando numerosos cadáveres. “Ora, quando nos passados anos dissecávamos muitos e vários corpos, desejosos de conhecer com exactidão a anatomia, não nos considerávamos satisfeitos apenas por seccionar corpos e examinar partículas, mas também provocávamos o seu sistema vascular por meio de ar introduzido por um sifão ou siringe depois de previamente abrimos o vaso nalgum ponto. Por tal razão achamos muitas novidades nunca dantes escritas e das quais se tenha ouvido falar, como disse na Primeira Centúria, ao tratar de uma pleurite” (4a. Centúria, cura C).

Nesta última frase, curiosamente, adivinha-se como que premunção de Amato Lusitano acerca do que lhe iria ser subtraído de originalidade de investigação, no campo de descobertas anatómicas.

Na sequência do seu pensamento, nunca será demais verificar o que disse, na cura 52, dessa primeira centúria, que ele terminou na sossegada Ancona, em 1549, em que evidencia com toda a clareza e precisão a existência, nunca notada nem descrita, das válvulas venosas:

“Pelo que é bom saber-se que o raciocínio de Vesálio peca totalmente, visto que a veia sem par não mais reenvia à veia cava o sangue que dela recebe e até está consti-

tuída no seu orifício conjunto à veia cava de modo que tem certos ostíolos que se abrem para haurir (absorver) o sangue e depois se fecham de modo que não permitem mais envier para trás o sangue recebido. A esta veia sem par sucede como à bexiga urinária ou aos orifícios dos vasos do coração.”

“Eis a característica desta veia sem par e é que não envia mais para trás, pela mesma via, o sangue que recebe. Estamos certificados pelas disseções de porcos (ex corporum dissectionibus certi sumus). Com efeito, se cortarmos a veia cava na parte superior e soprarmos com uma cana, introduzida dentro dela, para a parte inferior, toda a mesma veia cava inchará na parte abaixo (inferior) juntamente com a veia sem par e ficará fúmda. Mas se abrirmos a veia sem par na parte mais baixa e com um canudo, ou caninha, metido dentro, soprarmos para a parte superior, não há dúvida que a veia cava não inchará e não ficará intumescida, visto que o ar, contido na veia sem par, não pode sair, por causa dos ostíolos ou opérculos que tem no seu orifício junto da veia cava. Donde é certo que se o ar não pode derivar da veia sem par para a cava, com mais razão (a fortiori) o sangue, mais incorporado que o ar, não refluirá.”

“Que estas coisas sucedem na veia sem par, é certo e nisto não se deve andar com rodeios, visto que muitas vezes o experimentámos. Com efeito, no ano de 1547, em Ferrara, fizemos dissecar doze corpos humanos e de animais, e vimos que em todos assim sucedera, estando presente grande assembleia de doutores, quando também aí observava João Baptista Canano, admirável anatomista.”

(1.^a Centúria, Cura 52).

Depois desta minúcia de investigação e clareza de descrição, é difícil de perceber como é que anatomistas como Canano, “que também aí observava” não percebeu ou não acreditou no que Amato Lusitano demonstrava em “12 corpos humanos e de animais”; como é que o grande Vesálio não tomou a sério a notícia que Canano lhe enviou sobre a descoberta: “Não sei se Canano quis gracejar comigo... ou por minha causa... ou por causa de Amato.” (Dias, J.L., 1952), e como é que o célebre Fabrício de Acquapendente, mestre de Harvey, demorou tanto a perceber o alcance da descoberta de Amato e a ter oportunidade de dissecar um cadáver em que observou o que Amato descrevera 27 anos antes. Igualmente nos surpreende como é que ainda há historiadores que atribuem a descoberta das referidas válvulas a Canano ou Fabrício de Acquapendente (Lyons e Petrucelli, 1987). No entendimento de Vesálio e de Falópio, que contestaram a descoberta das válvulas, Amato Lusitano era um anatomista crédulo e dado

ao maravilhoso (Dias, J.L., 1952). Curiosamente e ao que parece porque não abarcaram a profundidade do comentário feito, foram finalmente correctos para com o nosso Albicastrense, exemplo vivo do fulgor renascentista, do saber de experiência feito. Amato, “crédulo”, em que havia ele de acreditar se não no que via e demonstrava no teatro anatómico. Amato “dado ao maravilhoso” ... assim devia ser, na verdade, devido ao encanto e ao regozijo sentidos pela mente superdotada e super cultivada do jovem Amato Lusitano. Que “maravilhoso” descobrir e demonstrar em público, perante tão distinta e “grande assembleia de doutores”, em que até estava João Baptista Canano, “desejosos de conhecer com exactidão a anatomia” e achando “muitas novidades nunca dantes escritas e das quais se tenha ouvido falar” (4.^a Cent. Cura 100).

Ele era realmente uma mente brilhante, culta, exigente, e humanista, difícil de acompanhar pelos senhores poderosos e cheios de padrinhos da sua época, fossem eles cientistas, políticos ou religiosos. Muito poucos o perceberam bem e lhe devotaram verdadeira amizade, como Brassavola.

Amato Lusitano não nascera para ver passar o tempo, habilidosamente, em fuga disfarçada ao esforço de uma vida de valor, na procura de benesses e rendimentos fáceis.

“Fui sempre diligente, escreveu ele, no estudo e com tal determinação que nenhum negócio, por mais importante, me desviou da leitura dos bons autores, nem o sacrifício total do meu património, nem as viagens por mar, nem as múltiplas peregrinações, nem mesmo o exílio. Tudo isto suportei voluntariamente, como compete a um filósofo de coração intemerato e indomável.”

(Do Juramento de Amato Lusitano, J.L. Dias, 1952).

Deixou Ferrara, não se sabe bem porquê, em 1547 e prosseguiu no seu peregrinar: Foi Veneza, 1543, Ancona, primeira estadia, de 1547 a 1550 e Roma por pouco tempo (1550-52). Assistiu, em intensa actividade clínica, a doentes de elevado nível social e diversos credos, como uma irmã do Papa -Júlio 111 em Ancona e o próprio Papa em Roma, em 1550, Papa que tantos problemas trouxe aos Judeus. Por todo o lado contactou e se relacionou com as mais distintas figuras, muitas delas de origem portuguesa, da comunidade judia dispersa pela Europa.

Em Ancona, concluiu, em Dezembro de 1549, a 1.^a Centúria de casos clínicos e os famosos comentários sobre a obra completa de Dioscórides, “In Dioscórides Ananarbei Libros quinque Enarationes Eruditissimae”, trabalho de quase uma vida inteira.

A 1ª Centúria veio a ser publicada em Florença, em 1551, e é neste escrito que ele usa, pela primeira vez, o nome ou pseudónimo que não mais deixaria de utilizar e com o qual entrou, definitivamente, na História: Amatus Lusitanus.

Neste mesmo ano, recusou novo convite de distinção, o de médico da corte do Rei da Valaquia.

A 2ª Centúria, terminada em Roma, em 1550/51, foi publicada em Veneza e em Paris em 1552.

A 3ª Centúria, terminada em 1552, e elegantemente dedicada, em Ancona, em 1554, a D. Afonso de Lencastre, teve a primeira impressão em 1554 ou 1555. D. Afonso de Lencastre, comendador-mor de Portugal, tinha sido nomeado Embaixador, junto do Sumo Pontífice Júlio III, quando Amato se encontrava em Roma, ali chamado para tratar o Papa, em 1550.

Os célebres comentários sobre a obra completa de Dioscórides, que tanta repercussão e celeuma levantaram, foram publicados em 1553 em Veneza, na sequência da passagem de Amato por Roma.

A publicação foi de grande e inesperada retumbância no meio científico europeu, em que o botânico e médico de renome, André Mattioli, nascido em Siena, em 1500, mais bafejado pela sorte que pela força da Natureza, mais devotado aos trabalhos de gabinete e dos de história natural, do que à medicina e aos seres humanos doentes, publicou também ele os seus Comentários a Dioscórides, pelos quais ficou conhecido.

Amato Lusitano, o nosso sobredotado Albicastrense, de dimensão científica e humana gigantesca, estava em plena maturidade e justa notoriedade, ao publicar os seus Comentários a Dioscórides, fruto de investigação aturada de várias dezenas de anos, sob o rigoroso critério do novo estilo Renascentista de que ele foi intérprete brilhante e destemido, isto é, do saber de experiência feito”.

Amato conhecia profundamente as obras de Teofrasto¹, (371-290 a.C.), e de Dioscórides² (40-90), famosos botânicos da antiguidade e dos diversos botânicos do seu tempo, Mattioli inclusive.

Analisou os seus escritos e “como um filósofo de coração intemerato e indomável”, obedeceu, escrupulosamente ao critério renascentista de exigência na procura do valor. E assim, com base na sua experiência e investigação fundamentada, corrigiu, educadamente, o que achou estar incorrecto, fosse em Teofrasto, em Dioscórides ou em Mattioli, não deixando de enaltecer o seu justo valor.

Que esperava Mattioli de um cientista, renascentista, da dimensão de Amato Lusitano? Mattioli bem fadado dos artefactos sociais e políticos da época, médico da ilustre corte de Viena?... Quem poderia atrever-se a

pôr em dúvida os seus conhecimentos, a pôr em causa a sua autoridade científica e social tão habilidosamente trabalhada? Recuperada a perplexidade, surgiu, cinco anos depois, em 1558, a sua reacção em “Apologia adversus Amathum”, onde o nome de Amato aparece capciosamente deturpado na designação “Amathum”.

“Assim orthografado o nome do nosso compatriota tem pretensões a derivar do grego e a significar sem ciência”.

(Maximiano Lemos, 1907)

Nesta publicação revelou Mattioli todo o seu mau perder e o seu substrato mental e educacional de homem arrogante, presunçoso e irascível, incapaz de travar um diálogo superior de debate científico de cariz renascentista. Em vez de analisar metodicamente os pontos de desacordo, ofendeu cientificamente, religiosamente e socialmente, Amato Lusitano. Tudo menos debate científico e verticalidade humana.

Amato respondeu a Mattioli. Dolorosamente, em carta a José Nassi, no intróito da 6a. Centúria, dizia a respeito deste assunto: “estou persuadido que a Igreja não deixará de destruir a minha contestação”. Assim veio a acontecer de facto. Ela não foi publicada e jamais chegou ao nosso conhecimento (Dias, J. L., 1952).

Em 1552 voltou a Ancona, de onde a feroz perseguição desencadeada por Paulo IV o levou a sair precipitadamente, em 1555, para Pesaro e, depois, Ragusa. Tinha publicado em 1553, em Viena, a 4a. Centúria. Roubaram-lhe tudo: bens, livros e manuscritos, entre eles o da quase concluída agora, 5ª Centúria, e uns preciosos comentários sobre a quarta Fen do livro I de Avicena. Conseguiu, diplomaticamente, que lhe devolvessem o que havia escrito da 5ª Centúria (as 69 primeiras curas), mas os comentários sobre Avicena não mais lhe foram devolvidos, nem ele os reescreveu como tencionava. Em 1555, publicou a 3ª Centúria (Maximiano Lemos, 1907).

Em 1556, Amato deixou Pesaro, antes de dali serem expulsos os judeus, e passou a Ragusa, protectorado dos sultões Ottomanos, onde pode viver em paz até 1558 e concluir a 6ª Centúria. Aí tratou o filho do Sultão da Turquia.

Em 1558, partiu para a sua última peregrinação: Tesalónica ou Salónica, território grego sob domínio do Império Otomano, aonde, em paz e estimado, exerceu clínica e terminou as três últimas Centúrias, a 7ª em 1561. Daí para diante, nada mais se conhece de escritos seus.

Morreu a 21 de Janeiro de 1568, com 57 anos, no exercício abnegado e destemido da profissão médica, contaminado pela doença que combatia durante uma epidemia de peste que devastava Salónica.

Assim terminava a sua brilhantíssima e tocante trajetória terrena, o nosso menino sobredotado de Castelo Branco.

A sua obra foi extraordinária, e criativa a diversos títulos. Conhecimentos profundos, para a época exigente de investigação renascentista que se vivia em todos os campos do saber em que ele interveio, fossem na Botânica, na Anatomia, na Medicina, na Cirurgia, na Pedagogia. O modo que escolheu de apresentar e discutir conhecimento médico, recorrendo a situações reais em que é comentada, para cada uma, a sintomatologia, a etiopatogenia, a terapêutica médica e cirúrgica e indicado até o modo de preparação dos remédios utilizados, constituiu uma inovação de grande agrado para os leitores do seu tempo, em que o próprio formato reduzido, tipo livro de bolso (15x11 cm), tornava os volumes mais facilmente transportáveis e manuseáveis pelos estudiosos.

Tratou-se, na verdade de uma figura invulgar que aplicou a vida inteira a levar a cabo obras valorosas em todos os campos em que interveio.

Caminhou determinadamente, confiado nos talentos que a Natureza lhe deu e na capacidade realizada de aquele esforço, a que nunca se furtou e ele sabia, mesmo nos palcos mais adversos, ser o segredo do seu êxito. Esforço, persistência e dedicação, ... , sabemos o que isso é.

Analizada a sua vida e os seus frutos, ela e eles são a expressão mais fulgurante de uma mente sobredotada. Frutos que a sua-nossa própria Terra Mãe não soube apreciar devidamente e deixou permanecer no silêncio injusto de indiferença durante séculos. Se é certo que ao Index Dioscórides se conhece uma só edição, a de 1536, a às Enarrationes, 11, entre 1553 e 1557, as Centúrias tiveram 59 edições entre 1551 e 1654 no mundo científico lá de fora e em diversas línguas.

Foi estrondosa a repercussão da obra de Amato Lusitano.

Apesar de tudo isto, a primeira tradução portuguesa da 1a. Centúria ocorreu apenas em 1946, mercê da iniciativa do Dr. José Lopes Dias e do Dr. Firmino Crespo. O mesmo aconteceu com a 2ª Centúria em 1949 e a 3ª em 1956. A tradução da 4ª e 5ª, feita, tal com as outras, pelo Dr. Firmino Crespo, apareceria, em 1980, nos anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical. Nunca foi feita, até então, a publicação em língua portuguesa das sete Centúrias de Amato Lusitano.

Por insondável destino, coube-nos o honroso privilégio, de saldar, pela primeira vez, essa dívida de gratidão e de justiça para com o incomparável filho desta terra Albicantrense, cujas belezas e durezas, como ele percorri, na minhajuventude, 440 anos depois.

Foi tudo muito simples e consequente. Sabíamos que um tal Professor de Liceu, Dr. Firmino Crespo, que não conhecia, tinha traduzido e publicado, com o Médico Dr. José Lopes Dias, grande amigo de meu pai, as três primeiras Centúrias de Amato Lusitano, a última delas em 1956.

Não sabíamos se o Dr. Firmino Crespo ainda vivia e se tinha ou não, traduzido as restantes Centúrias. Através de um filho, igualmente médico do já então falecido Dr. José Lopes Dias, viemos à fala e assim pudemos verificar que não só estavam todas traduzidas, como revistas as três primeiras que haviam sido publicadas.

Tivemos então a oportunidade feliz e inesquecível, de propor e promover, através do Departamento de História da Medicina, que havíamos criado na recém-nascida Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, a publicação da primeira edição completa, em língua portuguesa, das Sete Centúrias de Curas Medicinais de Amato Lusitano. Estávamos em 1980, 412 anos após a morte do nosso fabuloso Albicastrense.

Merece bem entrar no fundo acolhedor das nossas memórias geradoras de eternidade, este nosso conterrâneo a que foi dado, em 1511, nesta terra de Castelo Branco, o nome cristão de João Rodrigues. Glória ao seu nome e pseudônimo, Amato Lusitano, e bem hajam aqueles que se lembraram e tornaram possível este encontro de comemoração, na sua, nossa, de todos, tão acolhedora e tranquila cidade Beirã de Castelo Branco.

Notas

- 1 - Historia Plantarum o Causis Plantarum
- 2 - Matéria Médica

Bibliografia

- 1 - Camões, Luiz. Os Lusíadas. Edição Nacional. Imprensa Nacional de Lisboa. 1931.
- 2 - Crespo, Firmino e Dias, José Lopes. João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano). Livraria Luso-Espanhola. Lisboa 1946. (1a. Centúria de Curas Médicas).
- 3 - Crespo, Firmino e Dias, José Lopes. João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano). Instituto Português de Oncologia, Lisboa 1949. (2a. Centúria de Curas Médicas).
- 4 - Crespo, Firmino e Dias, José Lopes. João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano). Instituto Português de Oncologia. Lisboa 1956. (3a. Centúria de Curas Médicas).
- 5 - Crespo, Firmino. Centúrias de Curas Medicinais. Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical. Lisboa 1980. (4a. e 5a. Centúrias de Curas Medicinais).
- 6 - Crespo, Firmino. Centúrias de Curas Medicinais. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Médicas. Lisboa 1980. (As 7 Centúrias de Curas Medicinais).
- 7 - Dias, José Lopes. Ensaio do Or. J. O. Leibowitz sobre Amato Lusitano. Separata da Imprensa Médica. Lisboa 1952.
- 8 - Dória, José Luís. A Vida e a Prática Médica de Amato Lusitano e a sua experiência no Império Otomano. Comunicação apresentada no XXXVIII Congresso Internacional de História da Medicina, em Istambul, Turquia. Setembro de 2002.
- 9 - Jorge, Ricardo. Amato Lusitano. Comentários à sua Vida, Obra e Época Ciclo Peninsular. Edição do Centenário sob patrocínio do Instituto de Alta Cultura. Pág. 216.
- 10 - Lemos, Maximiano. Amato Lusitano. A sua vida e a obra. Porto, Eduardo Tavares Martins, editor, 1907.
- 11 - Lyon, A. S. e Petrucelli, 11, R. Joseph. Medicine, An Illustrated History. Abingdale Press. Harry N. Abrams, Inc. Publishers, New York. 1987.

* Prof Catedrático da Universidade Nova de Lisboa

Amato Lusitano em Ancona: a tragédia da família Pires**

*António Manuel Lopes Andrade**

Na sequência do penoso processo de falência da sociedade comercial que os Pires-Cohen estabeleceram com o Duque de Ferrara, os membros da família, entre os quais figuram Amato Lusitano e Diogo Pires, começaram a deslocar-se para o estado papal de Ancona por volta de 1547, onde passaram a estabelecer a sede das suas actividades. Não restam dúvidas de que a falência da sociedade comercial com Hércules II constituiu um golpe bastante profundo em toda a organização da Casa Pires, constituindo, a nosso ver, a razão fundamental que motivou a saída de Ferrara¹.

Convém recordar que os Pires se encontram entre os primeiros mercadores portugueses a estabelecer-se e a ter relações comerciais privilegiadas com a praça de Ancona desde 1533, ponto nevralgico onde se cruzavam as rotas do Ocidente e do Oriente². A família Pires foi pioneira neste movimento de deslocação de norte para sul, que viria, com o passar do tempo, a assumir uma dinâmica e uma dimensão extraordinárias. Esta actividade pioneira e experimental dos cristãos-novos na praça de Ancona, desde os primeiros anos da década de 30, está na origem do extraordinário empório comercial que os portugueses constituíram no estado papal, sobretudo nas décadas de 40 e 50. A Nação Portuguesa de Ancona apenas veria terminados os seus dias de desenvolvimento e prosperidade com os dramáticos acontecimentos dos tristemente célebres autos-de-fé de 1556, sob o pontificado de Paulo IV, a que mais adiante daremos a nossa atenção.

As actividades comerciais em Ancona de Manuel Henriques, irmão de Diogo Pires e primo de Amato, estão referenciadas desde 1537 e intensificam-se bastante durante a década de 40, passando a ser o agente principal dos Pires no estado papal até à transferência da família de Ferrara para Ancona. Manuel Henriques pratica o comércio de tecidos importados do norte da Europa, dedicando-se igualmente ao comércio de peles e couros, havendo um número significativo de registos documentais das suas operações de importação-exportação no *Archivio di Stato di Ancona*.

Não obstante o fulgor de tempos passados, a Casa Pires não mais recuperaria totalmente das perdas avultadas que havia sofrido em Ferrara na sequên-

cia da falência da sociedade comercial com Hércules II. Por conseguinte, a deslocação para Ancona ficou marcada por um declínio acentuado da actividade comercial dos Pires. Em sentido inverso, porém, corria a projecção alcançada por Amato Lusitano e por Diogo Pires: um adquirira merecida fama enquanto médico e professor da Universidade de Ferrara, o outro enquanto poeta de eleição com obra publicada e reconhecida. Um e outro estabeleceram laços estreitos e duradouros com os mais elevados círculos culturais, académicos e literários, tanto em Lovaina e Antuérpia, como mais tarde em Ferrara.

Não estranha, por isso, que tanto Amato Lusitano como Diogo Pires tenham adquirido rapidamente em Ancona, à semelhança do que antes se passara em Ferrara, o reconhecimento dos seus méritos nas artes que os distinguiram. A comprová-lo estão as relações privilegiadas, que ambos estabeleceram nos vários anos passados em Ancona, sobretudo com os membros da família Nobili, a quem Júlio III havia incumbido da governação do estado papal, mas também com o humanista Ambrósio Nicandro de Toledo.

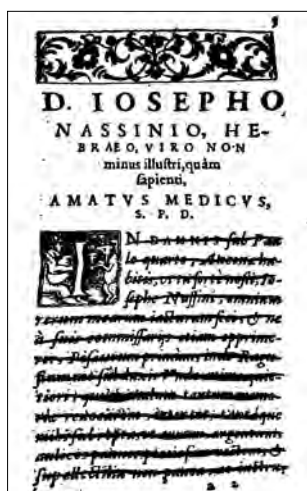
A obra de Amato Lusitano, em particular as *Centúrias de Curas Medicinai*s, evidenciam a intensa actividade clínica praticada em Ancona, fornecendo-nos nomes e dados preciosos sobre cada um dos seus muitos pacientes, oriundos de todos os estratos sociais. Desta forma, ficamos a saber, por exemplo, que Amato é chamado a Roma para tratar o próprio Júlio III, em Maio de 1550, tendo antes tratado a irmã do Sumo Pontífice. Entre os seus pacientes encontram-se também Ambrósio Nicandro ou Vincenzo de' Nobili, sobrinho do papa e governador de Ancona, a quem dedica, aliás, o esboço de um tratado sobre as propriedades da raiz da China (*curatio XXXI* da III Centúria).

Através de uma carta de Roberto de' Nobili, sobrinho-neto de Júlio III e filho de Vincenzo de' Nobili, sabe-se que Diogo Pires já era circuncidado aos 35 anos. O rito da circuncisão, para muitos dos judeus portugueses na diáspora, apenas foi praticado em Ferrara, a partir do momento em que se estabeleceram no ducado de Hércules II, no final da década de trinta. Ferrara foi, como é sabido, uma das poucas cidades italianas em

que os judeus portugueses puderam assumir publicamente, sem receio de represálias, o culto do judaísmo.

O jovem Roberto de' Nobili, que veio a ascender ao cardinalato com apenas 12 anos, escreve uma carta de Ancona, datada de 20 de Maio de 1552, solicitando um salvo-conduto que permitisse a Diogo Pires, «per essere conciso», viajar para Roma sem receio de ser incomodado pela Inquisição³. Nessa carta, traça um retrato laudatório das qualidades excepcionais do humanista português, que é, nas suas próprias palavras, «un gran poeta e gran letterato greco e latino»:

“E qui in Ancona um Misser Didaco Pirro Portuguese conosciuto tra gli Uomini letterati, e forse tra le librerie lo conoscete per fama. Egli vien qui quasi ogni giorno insieme con Misser Nicandro, dove non si ragiona mai, se non di lettere; e da loro ragionamenti, e lezioni ne cavo non meno utile, che diletto, talchè abbiamo qui ordinata quasi un' Accademia, e ragionando latino, mi sento molto giovare dalla pratica loro.”



Carta dedicatória a José Naci - 5.^a Centúria (exemplar expurgado da edição de Lyon, 1564 - Biblioteca Complutense de Madrid)

Nesta tertúlia literária participavam quase diariamente Diogo Pires e Ambrósio Nicandro, sendo muito provável que o próprio Amato Lusitano também fizesse parte deste círculo restrito, tanto mais que Ambrósio Nicandro se tornara um dos seus melhores amigos, desde que o médico albicastrense se estabeleceu em Ancona. Tanto Diogo Pires como Amato Lusitano dão conta nas suas obras de uma profunda amizade com o humanista toledano. Limitamo-nos aqui a reproduzir um excerto da carta de Ambrósio Nicandro a António Barberini, datada de 13 de Fevereiro de 1553 e publicada como prefácio da 4.^a *Centúria de Curas Medicinai*s. Trata-se de um retrato expressivo das qualidades humanas e profissionais de Amato, dadas a conhecer pelo seu amigo e paciente:

“Não há muitos anos veio ter a esta cidade um médico de modo nenhum insignificante, lusitano de nação, o qual em tempos escrevera uns comentários sobre Dioscórides de que eu, muito interessado, ouvira falar e li. Foram agora editados em Veneza nos prelos de Scotto. Neles encontrei muita e variada erudição. Com efeito, além de serem dados a conhecer em muitas e várias línguas os nomes de ervas e árvores que lá são apresentados a partir de Dioscórides, são também examinados com saber e prudência os pontos difíceis em medicina. Detendo-me em vários passos, levado por esses comentários, quis verificar se a ciência dos escritores condizia com o próprio indivíduo, concluindo que ele era muito mais sabedor do que os escritos dele mostravam. Daí começar eu a estimá-lo pelas suas qualidades, sendo amável de facto e de nome, pois chama-se Amato”⁴.

A permanência de Amato Lusitano e de Diogo Pires em Ancona foi ao longo destes anos interrompida várias vezes por deslocações mais ou menos demoradas a outras cidades como Veneza, Roma, Florença ou Ferrara, havendo notícia de que o poeta eborense viajou nos primeiros anos da década de 50 para Inglaterra, reaparecendo apenas em Constantinopla, pouco antes de reencontrar Amato Lusitano em Ragusa, já depois dos autos-de-fé de Ancona.

Vieram à luz neste período as obras com que Amato Lusitano granjeou fama como médico no século XVI, sejam as inovadoras *Centúrias de Curas Medicinai*s, cuja publicação teve início em 1551, sejam os *Comentários* a Dioscórides, cuja primeira edição saiu dos prelos em 1553.

No entanto, uma tragédia de proporções enormes estava prestes a atingir, precisamente em Ancona, a família Pires. A ascensão ao sólio pontifício de Paulo IV, no final da Primavera de 1555, trouxe uma profunda alteração na política até então favorável da Cúria romana para com os cristãos-novos, em particular, no que respeita às relações com a Nação Portuguesa há mais de duas décadas estabelecida no estado papal de Ancona⁵. Os predecessores de Paulo IV, interessados sobremaneira no desenvolvimento económico de Ancona, tinham favorecido a vinda dos cristãos-novos portugueses para a cidade dórica, concedendo-lhes privilégios e liberdades assinaláveis⁶.

O Cardeal Caraffa, no entanto, pouco depois de ter assumido o nome de Paulo IV, vai fazer letra morta dos privilégios concedidos anteriormente à Nação Portuguesa. O Papa, após um breve período inicial em que dá alguns sinais contraditórios⁷ sobre a política a adoptar em relação aos cristãos-novos, através de um breve de 26 de Julho de 1555, nomeia o jurista Giovanni Vincenzo Falangonio como comissário extraordinário

para Ancona, incumbindo-o de proceder à detenção e interrogatório dos portugueses suspeitos de apostasia. O comissário pontifício cumpre diligentemente a sua missão. Procede, sem demora, à detenção e interrogatório dos membros mais importantes da comunidade judaico-portuguesa, efectuando igualmente o arresto e a inventariação dos seus bens.

Deve-se a Renata Segre a descoberta e a apresentação de quase cinquenta inventários de bens e mercadorias apresados aos cristãos-novos portugueses, entre 2 de Agosto e 9 de Novembro de 1555⁸. Entre os cinquenta e um indivíduos que são nomeados nos documentos não há menção de nenhum elemento da família Pires, a não ser o próprio Amato Lusitano e, eventualmente, o seu irmão José Amato⁹.

De facto, o médico albicastrense logrou fugir para Pesaro¹⁰, não conseguindo, no entanto, evitar a perda de grande parte dos seus bens. Amato encontra-se entre aqueles que viram os seus haveres alvo de arresto, tendo-lhe sido apreendidos inúmeros bens que surgem minuciosamente descritos¹¹.

O próprio Amato Lusitano, na carta introdutória da *Quinta Centúria*, dirigida a Joseph Naci, o sobrinho de D. Grácia Naci, conta como perdeu a totalidade dos seus haveres na apressada fuga para Pesaro. Entre os numerosos livros que constam do inventário dos seus bens, devia encontrar-se o manuscrito da *Quinta Centúria*, que ele conseguiu reaver, depois de ter escrito uma carta, em latim, a conselho de um amigo, ao comissário Cesare della Nave, de Bolonha. Apresenta-se, de seguida, o início da esclarecedora carta dedicada a «D. Iosepho Nassinio Hebraeo, uiro non minus illustri, quam sapienti»:

“In damnis sub Paulo quarto, Anconae habitis, ut tu forte te nosti, Iosephe Nassini, omnium rerum mearum iacturam feci, et ne a suis commissariis etiam opprimerer, Pisaurum primum, inde Ragusium me subduxi. Vnde animo quietiori, cum malum tantum memoriae reuocarem, inter tot, tantaque mihi subrepta, ut aurum, argentum, aulicos pannos, preciosam uestem, et supellectilia non pauca, ac instructissimam Bibliothecam, in mentem ueniunt, Quinta Centuria Curationum mearum, fere ad umbilicum deducta, et Commentaria quaedam, quae in quartam Fen libri primi Auicennae proximis antea diebus parturieram, quae simul arca quadam seruabantur. Pro quibus scriptis recuperandis, rebus caeteris neglectis, cum Abrahamus Cathalanus, uir ingeniosus, et amicus non uulgaris, qui tunc Pisauri agebat, me suadet ut ad praefatos commissarios litteras dem, inculcatque non esse difficile paucas chartas ab eis inter tantas, et tam preciosas res impetrare. Ego uero amici consilio usus,

ad Nauium Bononiensem latine scribo. Ille uero, interueniente Hodara Thessaloniciensi mercatore, retentis in Auicennam Commentariis, ad me Centuriam Quintam remittit, quae postea Pisauri absolui, et Ragusii magno otio reuisi, ubi Sextam quoque literis mandauit.¹²

Nos acontecimentos ruinosos que se deram em Ancona, no pontificado de Paulo IV, como por acaso é do teu conhecimento, ó José Naci, perdi todos os meus haveres e, para não ser preso e molestado pelos comissários dele, refugiei-me, primeiro em Pesaro e depois em Ragusa. Aí com o espírito mais tranquilo, ao lembrar-me de tão grande infortúnio, entre tantos e tamanhos bens que me foram arrebatados, como ouro, prata, vestimentas de cerimónia, um precioso vestido, e bastantes peças de mobiliário, veio-me ao espírito a Quinta Centúria das minhas Curas, já quase terminada, e uns Comentários, que dias antes tinha produzido sobre a 4.^a Fen do livro primeiro de Avicena, ambas guardadas numa arca. Ao excogitar com insistência na maneira de recuperar estes escritos, pondo de parte tudo o resto, eis que Abraão Catalano¹³, homem de muito engenho e amigo pouco vulgar, que então morava em Pesaro, me aconselha a escrever uma carta aos ditos comissários e persuade-me de que não seria difícil obter deles, entre tantos e tão valiosos bens, umas folhas escritas. Eu, seguindo o conselho do meu amigo, escrevo em latim a [Cesare della] Nave de Bolonha. Ele, por intervenção do mercador Hodara de Tessalonica, reteve os Comentários sobre Avicena, mas remeteu-me a Quinta Centúria, que depois completei em Pesaro e revi com muito vagar em Ragusa, onde também escrevi a Sexta.”¹⁴

Muitos outros judeus portugueses, porém, tiveram um destino mais penoso, não tendo conseguido antecipar-se à acção enérgica e determinada dos comissários pontifícios. À volta de 80 indivíduos foram presos, dos quais cerca de 30 lograram escapar, entre Agosto e Outubro de 1555, por terem corrompido o próprio comissário Falangonio, que os acompanhou na fuga. Os restantes 50 ficaram nas mãos da Inquisição e foram submetidos a cruéis torturas públicas.

De entre estes, cerca de vinte e sete conseguiram fugir ao suplício, abjurando e reconciliando-se com o catolicismo. Não ficaram, por isso, sujeitos à pena de morte, tendo sido condenados, segundo reza a tradição, aos remos das galés dos Cavaleiros de Malta. Há notícia de que muitos terão, afortunadamente, conseguido escapar, no reino de Nápoles, no decurso da viagem para Malta. Os restantes, à volta de 25, recusaram abjurar, pelo que foram condenados à fogueira, tendo sido justicados em autos-de-fé realizados em Ancona, entre Abril e Junho de 1556¹⁵.

A identificação dos judeus portugueses que pereceram nos autos-de-fé tem-se revelado bastante difícil, pois assenta sobretudo em fontes hebraicas, nem sempre muito precisas, que conservavam, até há pouco, o único registo conhecido do nome dos mártires¹⁶. Outras fontes têm sido recentemente descobertas e apresentadas, permitindo avançar na identificação de alguns dos portugueses envolvidos nos trágicos acontecimentos. A acrescentar à já referida documentação relativa aos inventários de bens dos cristãos-novos, P. C. Ioly Zorattini apresentou novos documentos do *Archivio della Sacra Congregazione per la Dottrina della Fede*¹⁷.

À luz da documentação referida sobre o processo de Ancona e da documentação entretanto conhecida sobre a figura de Henrique Pires, *alias* Yacob Cohen, parece indiscutível que o pai de Diogo Pires foi um dos mártires de Ancona¹⁸.

Yacob Cohen encontra-se entre os nomes referidos pelas fontes hebraicas como um dos mártires, justificado entre os dias 7 e 12 de Junho¹⁹. É também um dos indivíduos referenciados na fonte documental apresentada por P. C. Ioly Zorattini²⁰. No entanto, Henrique Pires, *alias* Yacob Cohen, ao contrário do que sustenta Ioly Zorattini, não deve incluir-se entre o número daqueles que escolheram a reconciliação para salvar a vida. O pai de Diogo Pires e tio de Amato teve, como tantos outros, oportunidade de fugir. Ainda que assim não tivesse acontecido, restava-lhe sempre, *in extremis*, a hipótese de se reconciliar para salvar a vida.

Pelo contrário, preferiu morrer a renegar a sua fé, perder a vida a abdicar dos seus ideais, o que nos dá a verdadeira dimensão humana deste homem corajoso e abnegado que desde sempre se distinguiu na defesa empenhada dos interesses da comunidade judaica portuguesa, desde os tempos em que auxiliava os seus correligionários menos favorecidos na fuga de Portugal, passando pela sua intervenção em Ferrara, até à sua posição determinada diante dos comissários pontifícios, que lhe havia de custar a própria vida²¹.

Diogo Pires perde, deste modo, o pai de uma forma trágica. Compreendem-se, assim, as razões da profunda tristeza que se desprende de muitos dos versos em que lamenta a sua triste sorte. Não é possível apurar em que medida Diogo Pires concordou ou não com a atitude de sacrifício do pai. Percebe-se, no entanto, a imensa tristeza que o seu trágico desaparecimento lhe provocou.

Mesmo em Ragusa, na pequena república católica das costas da Croácia, tratava-se, por certo, de uma questão delicada que não conviria abordar de forma explícita. Amato não faz referência alguma na sua obra ao martírio do tio, Henrique Pires, ou do irmão, José Amato, nos autos-de-fé. Diogo Pires, porém, dedica

uma ode ao poeta eborense André de Resende, onde há uma alusão, ainda que não totalmente explícita, à morte do pai, no auto-de-fé de Ancona. O poeta, no meio de um pranto sem fim, vive um estado de grande sofrimento, atormentado pela saudade da mãe e pela triste sorte do pai. A única esperança que lhe resta é esperar que Deus se compadeça das suas preces. É assim, uma vez mais, a poesia o meio por excelência de que se serve para extravasar a profunda tristeza que lhe vai na alma:

AD LVCIVM LVSITANVM POETAM

Luci, tu Libyci Martis adorea
clarum Virginium dicis et impios
motus Siriphii strataque Punicis
Tartessi uada classibus.
Nec non et Latio carmine publicos
ludos, laetitiamque, et celebrem refers
lucem, qua ueteris tradita postumo
Lusi sceptra Sebastio.
Vtrunque ingenii uis micat alitis;
nec tu pectus iners aut rudis artium,
quas praeclara docent scripta Panaetii.
Permessi uada limpida
immisces Durii fontibus, et noua
cingis fronde comas. O decus, o iubar,
o splendor patriae gentis, et unicum
uatis praesidium tui!
Me desiderium matris et aspera
pressus sorte parens in lacrimis dies,
noctes in lacrimis ducere perpetes
crudeli serie iubent,
Alcidae domini moenia qua Padus
lambit populifer gurgite uitreo,
mox septemgemino nobilis ostio
aucturus Superum mare.
Hic suspiria nos ducimus, hic focus
expulsi patriis flemus, et ut Deus
tandem supplicibus parcat, in ultimas
effusi petimus preces.²²

A LÚCIO, POETA PORTUGUÊS

Lúcio, tu cantas Virgínio, ilustre pela vitória do líbico Marte, e as ímpias revoltas do Xerife e o mar de Tartesso coberto das armadas turcas.
E também referes, em versos latinos, as públicas festas e a alegria da manhã célebre em que foi entregue a Sebastião, filho póstumo, o ceptro do antigo Luso.
Num e noutro tema, brilha o vigor do teu alado engenho. Nem tu és espírito sem arte ou ignorante dos princípios

que ensinam os escritos brilhantes de Panécio. As águas do Permesse, às límpidas correntes do Douro tu as misturas, e cinges a tua cabeleira duma coroa fresca. Ó honra, ó glória, ó esplendor da pátria gente e protecção singular do teu poeta!

A mim, a saudade de minha mãe e o meu pai, vítima de triste sorte, me forcem a passar em lágrimas os dias, em lágrimas as noites contínuas, em cruel sucessão, lá por onde o Pó, entre choupos, banha as muralhas do senhor Hércules, com a sua linfa vítrea; o Pó, célebre pela sua foz de sete bocas, com que a seguir acrescenta o mar Adriático.

Aqui eu suspiro, aqui, expulso do lar paterno, eu choro e, profusamente, nas minhas derradeiras preces, a Deus rogo que por fim se compadeça de quem lhe suplica.²³

Durante o período em que decorreram os processos inquisitoriais no estado papal, houve intensos contactos diplomáticos entre Roma, Ancona e Constantinopla. Não obstante as múltiplas e intensas pressões exercidas sobre Paulo IV, este não autorizou a libertação dos prisioneiros. A comunidade sefardita estabelecida no Império Otomano obteve o apoio de Solimão, o Magnífico, que se envolveu, a título pessoal, nas difíceis negociações com a Cúria romana.



Mapa de Ancona na 2ª metade de Quinhentos Georg Braun – Franz Hogenberg, Civitates orbis terrarum

Grácia Naci e o sobrinho, Joseph Naci, que entretanto havia casado, em Constantinopla, com a sua filha única, Ana Mendes Benveniste, *alias* D. Reina, não regatearam esforços para tentar salvar os seus companheiros da cruel morte que os aguardava, sem que, no entanto, as suas diligências tivessem sido coroadas de sucesso. Nem sequer o cristão-novo português Yacob Mosso, agente de Grácia Naci, teve um destino diferente dos restantes 24 mártires, malgrado a intervenção do próprio Sultão²⁴.

Grácia e Joseph Naci estiveram entre aqueles que

mais se empenharam em congregar o apoio das principais Comunidades Sefarditas do Levante e do próprio Sultão de Constantinopla, a fim de boicotar o porto de Ancona²⁵, o que veio a acontecer em Julho de 1556, por um período experimental de oito meses. Tratava-se de uma medida de retaliação pela crueldade extrema manifestada contra os cristãos-novos portugueses. Pretendiam, assim, assentar um duro golpe nas finanças do estado pontifício. Afinal, por detrás da actuação de Paulo IV, houve fortes motivações de ordem económica²⁶, pelo que o boicote do porto de Ancona parecia ser uma excelente forma de repúdio pelas atrocidades cometidas.

Os trágicos acontecimentos ocorridos na cidade dórica infligiram um rude golpe tanto na estrutura familiar como empresarial, a cujos destinos presidiam Henrique e Estêvão Pires. Não pode passar despercebido o facto de a morte destes dois homens ocorrer mais ou menos na mesma altura. Henrique Pires, como se acaba de ver, é um dos mártires do auto-de-fé realizado em Ancona, em Junho de 1556. Sabe-se, igualmente, que Estêvão Pires faleceu em data anterior a 1558, pois a partir deste ano há vários documentos que o comprovam, porquanto referem a sua esposa, Ana Henriques, como viúva²⁷. Não foi possível determinar se o desaparecimento de Estêvão Pires teve alguma relação com os dramáticos acontecimentos de Ancona, ainda que seja provável a existência de algum nexo de causalidade entre os dois factos.

A estrutura familiar e empresarial da Casa Pires fica assim, repentina e inesperadamente, destituída das suas duas figuras de referência, a quem cabia a direcção das actividades comerciais. Parece que este momento marca o declínio e o desaparecimento da estrutura comercial que os Pires tinham erguido nas décadas anteriores. Quebrava-se, deste modo, a longa cadeia entre a longínqua cidade de Londres e o Império Otomano, terminando, da pior forma, um ciclo de relativa prosperidade e felicidade, malgrado as constantes deambulações pelas praças europeias, desde a partida de Portugal.

Duarte Henriques e Simão Henriques, os dois irmãos com quem Diogo Pires tinha estado em 1554 em Inglaterra, permanecem por alguns anos em Londres, onde ainda se encontram em 1562. Nesse mesmo ano, a esposa de Estêvão Pires, Ana Henriques, delega na pessoa dos seus dois irmãos, por meio de procurações, o poder de gerir os negócios do seu falecido marido e de cobrar os créditos que houvesse em seu nome²⁸.

Algum tempo depois, ambos os irmãos viajam para terras italianas, estabelecendo-se em Ferrara²⁹. O aventureiro Henrique Nunes, *alias* Abraham Benveniste, conhecido também pelo diminutivo Righetto³⁰,

em declarações prestadas diante do Tribunal do Santo Offício, em Lisboa, no dia 8 de Março de 1581, denuncia as actividades de vários compatriotas seus, entre os quais se contam Duarte Henriques, *alias* Abraham Cohen, e Simão Henriques, *alias* Caim Cohen:

“[...] e disse mais que no ditto tempo digo que avera dez ou onze annos pouco mais ou menos foy a Ferrara fazer-se judeu Duarte Anrriques morador que foy nesta cidade filho de Anrrique Pirez jaa defuncto e viveo muitos annos em Frandres em Ferrara se chama Abrahão de Jacob Coem e sera de idade de cinquenta annos muito fresco do rosto e nunca casou e algũs annos antes se fez judeu em Ancona hum seu irmão que qua se chamava Simão Anrriquez e agora vive em Ferrara e se chama Hain Coen e laa casou e ambos são mercadores e ha muitos annos que se forão deste reino, porque elle testemunha os conheço em Frandres des o anno de corenta.”³¹

Segundo afirma a testemunha, os dois irmãos de Diogo Pires vivem em Ferrara, havendo indicação de que Simão Henriques, *alias* Caim Cohen, é casado e tem filhos. Simão Henriques é o irmão que é citado como herdeiro de Diogo Pires, sendo nomeado no seu testamento como Cain de Jacob Coen. É até provável que Simão Henriques tenha vivido algum tempo com Diogo Pires em Ragusa.

Apenas dois dias antes de Henrique Nunes, o jovem cristão-novo Lopo Luís de Leão, acabado de chegar de Ferrara, presta declarações ao mesmo Tribunal do Santo Offício, em Lisboa, dando preciosas informações sobre as actividades de Duarte Henriques tanto em Ferrara como em Lião:

“Aos seis dias do mes de Marco de mil quinhentos e oitenta e hum annos na cidade de Lixboa nos estaos na casa do despacho estando a hy o senhor douctor Diogo de Sousa Inquisidor mandou vir perante si Lopo Luis contheudo nestes autos ao qual foy dado juramento dos sanctos evangelhos en que pos sua mão e prometeo dizer verdade. E perguntado se cuidou como lhe foy mandado nos judeus portugueses que vio em Ferrara ou em outras cidades de Italia, disse que sy e que [a]vera tres annos que em Ferrara vio um judeu portugues que laa se chama Abraam Coem o qual he hum homem alto de corpo gentilhomem egresso de idade de sessenta annos pouco mais ou menos e a barba jaa toda branca e he homem rico e nunca casou nem tem filhos e mora junto do Serrazim de fronte de Isac Benefray e la he judeu publico e em nome portugues se chama Duarte Anrriquez segundo ele testemunha vio em Lião de França per cartas suas onde elle traz dinheiro seu ao ganho e ele testemu-

nha falou com elle em Ferrara e não sabe de que lugar deste Reino he natural nem se tem parentes // [fl. 19] nem quanto tempo ha que se foy deste Reino soamente ouvir dizer que avia muito tempo que se fora delle.”³²

Há notícia de que Duarte Henriques, *alias* Abraham Cohen, viveu também nos territórios da Sereníssima, pois foi denunciado, anonimamente, em 1572, à Inquisição de Veneza, por negociar no Rialto, trajando à maneira dos cristãos³³. Através de uma outra denúncia, sabemos que a sua morte se deu em data anterior ao ano de 1595³⁴.

Manuel Henriques, *alias* David Cohen, o outro irmão de Diogo Pires, estava, provavelmente, em Ancona, no momento em que teve início a detenção dos membros da Nação Portuguesa. Presumimos que deve ter conseguido escapar às perseguições e prisões levadas a cabo no estado pontifício, tendo fugido, são e salvo, para os domínios do Duque de Urbino. De facto, temos conhecimento de que Manuel Henriques se encontrava em Pesaro, em 1557, por ter encarregado um mercador florentino de reclamar os seus créditos em Ancona³⁵. Procurava, por certo, recuperar parte das avultadas perdas materiais que a sua família havia sofrido, um ano antes, na cidade dórica.

No que respeita a Diogo Pires, não existe prova documental que nos permita afirmar, com fiabilidade, onde se encontrava durante o intervalo de tempo em que se deram os fatídicos acontecimentos de Ancona. É, porém, provável que, por essa altura, o poeta eborense já tivesse regressado a Ancona, após a sua viagem a Londres. Talvez tivesse assistido, na companhia do pai e do irmão Manuel Henriques, ao início dos acontecimentos que haviam de levar mais de duas dezenas de judeus portugueses, entre eles Henrique Pires, à fogueira da Inquisição. O cenário mais provável, no caso de Diogo Pires estar em Ancona à data dos acontecimentos, é o de ter logrado fugir para Pesaro, antes ou depois de terem sido feitas as primeiras detenções. Pelos domínios do Duque de Urbino, há notícia de terem passado o seu irmão Manuel Henriques e o seu primo Amato Lusitano, que depois viajou para Ragusa.

Na eventualidade de Diogo Pires ter sido preso pela Inquisição, em Ancona, pode admitir-se ainda uma outra hipótese, ou seja, a de este ter sido condenado às galés dos Cavaleiros de Malta, de onde terá conseguido escapar, na companhia de outros cristãos novos a quem foi aplicada a mesma pena, durante uma escala no reino de Nápoles.

A este respeito, porém, convém sublinhar que o único dado verdadeiramente seguro, como adiante se verá, é que Diogo Pires esteve em Constantinopla, de

onde viajou para Dubrovnik, de acordo com o testemunho do próprio Amato Lusitano.

A chegada de Diogo Pires à pequena república independente de Ragusa, a actual Dubrovnik, deve ter ocorrido entre o final de 1556 e o início de Março de 1557, sendo esta indicação fornecida por Amato Lusitano³⁶.

O médico de Castelo Branco encontrava-se em Ragusa, pelo menos desde Julho de 1556, e aí acolheu e tratou, de uma indisposição gástrica, o seu inseparável amigo que acabava de chegar de Constantinopla³⁷. O próprio Amato relata, em uma das suas curationes, o diagnóstico e o tratamento prescrito ao seu companheiro de desterro, que recuperou completamente da grave indisposição em apenas quatro dias:

“Didacus Pyrrhus, uir Graece et Latine peritissimus et magni nominis poeta. Cum in suburbio Ragusii ageret (recens enim ex Byzantio uenerat ubi pestis grassabatur), ob esum forte pomorum crudorum et cibarium malorum, bilis uitellina in eius stomacho genita est [...]”³⁸

“Diogo Pires, varão muito versado nas línguas grega e latina e poeta de grande nome. Ao encontrar-se num subúrbio de Ragusa (pois há pouco ali chegara, vindo de Bizâncio, onde a peste grassava), em virtude de ter ingerido, por acaso, maçãs ainda verdes e comida em mau estado, gerou-se-lhe no estômago um humor amarelado [...]”

Na sua passagem por Constantinopla, Diogo Pires relacionou-se, por certo, com a comunidade judaico-portuguesa aí estabelecida, onde volta a reencontrar D. Grácia Naci e o seu sobrinho Joseph Naci. Não se detém por muito tempo e viaja para Ragusa, a bonita cidade das costas do Adriático, onde Amato havia aportado, não há muito, proveniente de Pesaro, para exercer medicina.

Voltam a reencontrar-se estes dois homens marcados indelevelmente pelo destino cruel que teimava em os perseguir. Os Pires acabavam de ser vítimas de uma tragédia que marcaria para sempre a vida de todos os elementos da família. A morte de Henrique Pires, pouco tempo antes, nos autos-de-fé de Ancona, infligiu, decerto, um duro e amargo golpe sobre Diogo Pires, que, à chegada a Ragusa, não estaria ainda refeito do terrível acontecimento, cuja recordação o acompanharia para o resto dos seus dias.

Amato Lusitano tinha sido testemunha de parte dos acontecimentos, tendo conseguido escapar à fúria inquisidora de Paulo IV. Terá sido avisado, com alguma antecedência, dos dias difíceis que se avizinhavam para os judeus portugueses de Ancona, pelo que decidiu refugiar-se em Pesaro, escapando assim

à prisão. Perdeu, no entanto, a quase totalidade dos seus bens e, nos autos-de-fé, perdeu para sempre familiares, amigos e conterrâneos, com quem tinha convivido desde sempre, em particular durante os anos da sua permanência em Ancona. A maior perda, porém, foi seguramente a do seu querido tio, Henrique Pires, uma figura marcante ao longo de toda a sua vida.

Nesta ocasião, Ragusa constituía para Amato e para Diogo Pires um porto seguro e marcava para sempre o afastamento das costas italianas, onde talvez nenhum dos dois tenha aportado de novo durante o resto das suas vidas. Ragusa não era uma cidade desconhecida da família Pires, que com ela mantinha estreitos contactos comerciais a partir de Ancona, desde a década de 30³⁹. Amato e Diogo vão assim juntar-se à importante comunidade sefardita que há muito estava estabelecida na pequena república adriática.

O convívio entre ambos manteve-se assiduamente até à partida de Amato para Salonica, que teve lugar, o mais tardar, em Maio de 1559⁴⁰. Aí viria a falecer, vítima da peste, no ano de 1568, tendo Diogo Pires composto um magnífico epitáfio à memória do seu querido amigo e companheiro de longa data:

AMATI LVSITANI MEDICI PHYSICI PRAESTANTISSIMVM EPITAPHIVM

“(Obiit fere sexagenarius pestilentia Thessalonicae anno 1568)

Qui toties fugientem animam sistebat in aegro corpore, Lethaeis aut reuocabat aquis, gratus ob id populis et magnis regibus aequae, hic iacet; hanc moriens pressit Amatus humum.

Lusitana domus, Macedum tellure sepulcrum.

Quam procul a patrio conditur ille solo!

At cum summa dies, fatalis et appetit hora, ad Styga et ad Manes undique prona uia est.”⁴¹

EPITÁFIO DE AMATO LUSITANO, MÉDICO INCOMPARÁVEL

“(Morreu de peste, quase sexagenário, em Salonica, no ano de 1568)

Aquele que tantas vezes retinha a vida fugitiva num corpo doente ou voltava a chamá-la das águas do Letes, querido, por isso, igualmente dos povos e dos grandes reis, aqui jaz; esta foi a terra que Amato pisou ao morrer. Portugal o berço, na terra dos Macedónios o sepulcro. Como se encontra longe do solo pátrio a sepultura!

Mas quando o dia supremo e a hora fatal se aproximam, em toda a parte há um caminho em declive para a Estige e para os Manes.”

Notas:

- 1 - Para uma análise pormenorizada do percurso e actividades da família Pires em Ferrara, cf. António Manuel Lopes ANDRADE “De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua família”: *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 25 (2011), pp. 5-16.
- 2 - Sobre os primeiros mercadores portugueses a estabelecer-se em Ancona, cf. V. BONAZZOLI, “Una identità ricostruita. I portoghesi ad Ancona dal 1530 al 1547”: *Zakhor – Rivista di Storia degli Ebrei d'Italia* 5 (2001-2002), pp. 9-20; A. di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559): I suoi rapporti col governo ducale e la popolazione locale ed i suoi legami con le Nazioni Portoghesi di Ancona, Pesaro e Venezia*. Tomo I [-II]. A cura di Laura Graziani Secchieri. Firenze, Leo S. Olschki, 2011, pp. 189-196.
- 3 - A carta de Roberto de' Nobili foi publicada por P. KOLENDIĆ, “Nekoliko pesama humaniste Didaka Pira”: *Zbornik Istorija Književnosti Srpske Akademije Nauka i Umjetnosti. Odeljenje literature i jezika* 2. Beograd, »Akademija«, 1961, p. 46.
- 4 - Seguimos, com pequenas adaptações, a tradução das *Centúrias de Curas Medicinais* de Amato Lusitano, vol. III, pp. 9-10, da autoria de Firmino CRESPO, a quem se deve, aliás, a tradução integral desta obra notável do médico de Castelo Branco.
- 5 - A bibliografia exaustiva sobre a perseguição e a condenação dos judeus portugueses, em Ancona, sob o pontificado de Paulo IV, pode ser encontrada em P. C. IOLY ZORATTINI “Ancora sui giudaizzanti portoghesi di Ancona (1556): condanna e riconciliazione”: *Zakhor – Rivista di Storia degli Ebrei d'Italia* 5 (2001-2002), pp. 39-40, nota 2. Mais recentemente, A. di LEONE LEONI (2011), pp. 487-523, dedicou dois capítulos da sua obra monumental à tragédia de Ancona.
- 6 - Sobre os privilégios atribuídos aos cristãos-novos portugueses pelos antecessores de Paulo IV, cf. Ariel TOAFF, “Nuova luce sui Marrani di Ancona (1556)”: TOAFF, Ariel, et alii (ed.), *Studi sull'ebraismo italiano in memoria di Cecil Roth*. Roma, Barulli, 1974, pp. 163-164; IDEM, “L' Universitas Hebraeorum Portugallensis di Ancona nel cinquecento. Interessi economici e ambiguità religiosa”: *Mercati, mercanti, denaro nelle Marche (secoli XIV-XIX). Atti del Convegno – Ancona, 28-30 maggio 1982*. Ancona, Presso la Deputazione di Storia Patria per le Marche, 1989, pp. 115-137; S. SIMONSOHN, “Marranos in Ancona under Papal Protection”: *Michael IX* (1985), pp. 234-267; R. SEGRE, “Nuovi documenti sui Marrani d'Ancona (1555-1559)”: *Michael IX* (1985), pp. 130-132; A. di LEONE LEONI, “Per una storia della nazione portoghese ad Ancona e a Pesaro”: P. C. IOLY ZORATTINI (a cura di), *L'identità dissimulata: giudaizzanti iberici nell'Europa cristiana dell'età moderna*. Firenze, L. S. Olschki, 2000, pp. 47-54 e 65-68; V. BONAZZOLI (2001-2002), pp. 9-11; P. C. IOLY ZORATTINI (2001-2002), pp. 39-40.
- 7 - Cf. A. TOAFF (1974), pp. 138-140.
- 8 - Cf. R. SEGRE (1985), pp. 160-226.
- 9 - Malgrado as dificuldades na identificação do irmão de Amato Lusitano (Joseph Oeff Falcon/Joseph Oeff Amato), A. di LEONE LEONI (2011), pp. 319-322 e 493-494, argumenta convinctamente a favor da sua identificação com um dos mártires de Ancona.
- 10 - Sobre os cristãos-novos portugueses que fugiram para Pesaro, cf. A. di LEONE LEONI, “Manoel Lopez Bichacho, a XVth Century Leader of the Portuguese Nation in Antwerp and in Pesaro”: *Sefarad* 59, 1 (1999), pp. 89-93; IDEM, (2011), pp. 494-497.
- 11 - Cf. R. SEGRE (1985), pp. 211-215 (*Inventarium omnium bonorum mobilium doctoris Amati hebrei portugalensis*).
- 12 - *Curat. Medicin.* 5 (carta dedicatória inicial).
- 13 - Sobre as actividades de Abraão Catalano e as relações da sua família com o famoso Manuel Lopes Bichacho, cf. A. di LEONE LEONI (1999), pp. 86-87 e 93-94.
- 14 - Seguimos, com pequenas adaptações, a tradução das *Centúrias de Curas Medicinais* de Amato Lusitano, vol. III, pp. 159-160, da autoria de F. CRESPO.
- 15 - Para a análise do número aproximado de cristãos-novos envolvidos em todo o longo processo que acabaria nos autos-de-fé de Abril a Junho de 1556, cf. A. TOAFF (1974), pp. 264-265; R. SEGRE (1985), pp. 184-185; A. di LEONE LEONI (2011), pp. 487-497.
- 16 - A. TOAFF (1974), pp. 263-280, apresenta o estudo das fontes hebraicas para a história dos dramáticos acontecimentos de Ancona.
- 17 - Cf. P. C. IOLY ZORATTINI (2001-2002), pp. 39-51.
- 18 - Cf. A. di LEONE LEONI, *The Hebrew Portuguese Nations in Antwerp and London at the Time of Charles V and Henry VIII: New Documents and Interpretations*. Jersey City, Ktav, 2005, p. 101; IDEM, (2011), pp. 493-494.
- 19 - Cf. A. TOAFF (1974), p. 265.
- 20 - ASCDF, *Decreta*, 1548-1558, fl. 36. Cf. P. C. IOLY ZORATTINI (2001-2002), p. 49. Estamos gratos ao Prof. P. C. Ioly Zorattini pela amabilidade de nos ter facultado cópia dos documentos por ele apresentados, nos quais surge referenciado Jacob Cohen.
- 21 - Sobre a notável figura de Henrique Pires, alias Jacob Cohen, cf. A. M. L. ANDRADE, “PIRES, Henrique”: *Dizionario storico dell'Inquisizione*, diretto da Adriano Prosperi con la collaborazione di Vincenzo Lavenia e John Tedeschi. Pisa, Edizioni della Normale, 2010, vol. 3.
- 22 - Diogo Pires, *Cato Minor siue disticha moralia ad Ludimagistros Olyssipponenses* [...]. Venetiis, apud Felicem Valgrisiu, 1596, p. 194.
- 23 - Tradução de A. C. RAMALHO, “Lúcio, poeta-fantasma e Luís de Camões”: A. C. RAMALHO, *Para a História do Humanismo em Portugal – I*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – I.N.I.C., 1988, pp. 141-143. Veja-se a minuciosa análise feita a esta ode por C. A. ANDRÉ, *Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do humanismo português*. Coimbra, Minerva, 1992a, pp. 424-427.
- 24 - Sobre as pressões diplomáticas exercidas sobre o Papa Paulo IV, no decorrer do processo inquisitorial, cf. A. TOAFF (1974), pp. 265-267.
- 25 - No que respeita ao boicote do porto de Ancona e às suas consequências, cf. A. TOAFF (1974), pp. 267-269; A. di LEONE LEONI, “Alcuni esempi di quotidiana imprenditoria tra Ferrara, Ancona e Venezia nel 16. Secolo”: *Zakhor – Rivista di Storia degli Ebrei d'Italia* 4 (2000), pp. 78-84.
- 26 - Sobre os motivos de ordem económica que estiveram por detrás da iniciativa de Paulo IV, cf. A. TOAFF (1989), pp. 137-138.
- 27 - Cf. A. di LEONE LEONI (2005), pp. 101-103.
- 28 - Sobre os destinos dos membros da família Pires após a tragédia de Ancona, cf. A. di LEONE LEONI (2011), pp. 293-295.
- 29 - Há, pelo menos, dois processos da Inquisição de Lisboa em que são denunciadas as actividades de Duarte Henriques e de Simão Henriques por terras italianas. Referimo-nos ao processo de Henrique Nunes, alias Abraham Benveniste (IAN/TT, *Inquisição de Lisboa*, Processo 2931) e ao de Lopo Luís

de Leão (IAN/TT, *Inquisição de Lisboa*, Processo 5817). Veja-se a análise de ambos os processos feita por E. LIPINER, *Os Baptizados em Pé*. Estudos acerca da origem e da luta dos Cristãos-Novos em Portugal. Lisboa, Vega, 1998, pp. 59-71.

30 - Sobre as actividades e a genealogia de Henrique Nunes, alias Abraham Benveniste Righetto, cf. B. PULLAN, “A Ship with Two Rudders”: “Righetto Marrano” and the Inquisition in Venice”: *The Historical Journal* 20, 1 (1977), pp. 25-58; P. C. IOLY ZORATTINI, “Anriquez Nunez alias Abraham alias Righetto: a Marrano Caught Between the S. Ufficio di Venice and the Inquisition of Lisbon”: A. TOAFF – S. SCHWARZFUCHS (eds.), *The Mediterranean and the Jews: Banking, Finance and International Trade (XVI-XVIII Centuries)*. Ramat-Gan, Bar-Ilan University Press, 1989, pp. 291-307; H. P. SALOMON – A. di LEONE LEONI, “Mendes, Benveniste, De Luna, Micas, Nasci: the State of the Art (1532-1558)”: *The Jewish Quarterly Review* 88, n.º 3-4 (January-April 1998), pp. 167-168 e 210-211.

31 - IAN/TT, *Inquisição de Lisboa*, Processo 2931, fl. 81. Veja-se a transcrição, in extenso, do processo de Henrique Nunes em P. C. IOLY ZORATTINI (cura di), *Processi del S. Ufficio di Venezia contro Ebrei e Giudaizzanti (1570-1572)*, vol. III (Collana: Storia dell'Ebraismo in Italia – Studi e testi, vol. 5). Firenze, Leo S. Olschki, 1984, pp. 219-286.

32 - IAN/TT, *Inquisição de Lisboa*, Processo 5817, fls. 18v-19.

33 - P. C. IOLY ZORATTINI (cura di), *Processi del S. Ufficio di Venezia contro Ebrei e Giudaizzanti (1571-1580)*, vol. IV (Collana: Storia dell'Ebraismo in Italia – Studi e testi, vol. 6). Firenze, Leo S. Olschki, 1985, vol. IV, p. 47.

34 - P. C. IOLY ZORATTINI (cura di), *Processi del S. Ufficio di Venezia contro Ebrei e Giudaizzanti. Appendici*, vol. XIII (Collana: Storia dell'Ebraismo in Italia – Studi e testi, vol. 18). Firenze, Leo S. Olschki, 1997, p. 193.

35 - Cf. A. di LEONE LEONI (1999), p. 91, nota 66.

36 - Sobre a datação e as circunstâncias da chegada de Diogo Pires a Ragusa, cf. M. LEMOS, “Amato Lusitano – novas investigações”: *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* 6 (1915), pp. 37-38; C. A. ANDRÉ, *Um judeu no desterro: Diogo Pires e a memória de Portugal*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra – I.N.I.C., 1992b, pp. 21-22. A maior parte dos biógrafos aponta o ano de 1558 como a data provável de chegada do humanista português a Ragusa, cf. J. P. S. CARVALHO, “De Évora a Ragusa: a peregrinação sem regresso de Didacus Pyrrhus Lusitanus”: *O Instituto* 140-141 (1980-1981), p. 86; C. A. ANDRÉ (1992a), pp. 400-401; G. H. TUCKER “To Louvain and Antwerp, and Beyond: the Contrasting Itineraries of Diogo Pires (Didacus Pyrrhus Lusitanus, 1517-99) and João Rodrigues de Castelo Branco (Amatus Lusitanus, 1511-68)”: L. DEQUEKER – W. VERBEKE (eds.), *The Expulsion of the Jews and their Emigration to the Southern Low Countries (15th-16th C.)*. Leuven, Leuven University Press, 1998, p. 112. Estamos em crer, porém, que a chegada tem de ser colocada antes dessa data, tal como M. Lemos defendeu através da datação das curaciones de Amato Lusitano.

37 - Sobre a permanência de Amato Lusitano em Ragusa, cf. J. TADIĆ, *Jevreji u Dubrovniku do polovine XVII stoljeća*. Sarajevo, »La Benevolentia«, 1937, pp. 275-297; L. GLEISINGER, “Amatus Lusitanus à Raguse”: *Estudos de Castelo Branco* 28 (1968), pp. 158-178; IDEM, “Dubrovački Liječnik Amatus Lusitanus”: *Zbornik Jevrejski Istorijski Muzej* 1 (1971), pp. 291-312.

38 - *Curat. Medicin.* 6.30. Tradução de C. A. ANDRÉ (1992b), p. 22.

39 - Outras famílias portuguesas mantinham relações estreitas com a república de Ragusa. No que concerne a D. Grácia Naci, veja-se o trabalho de M. ORFALI, “Doña Gracia Mendes and the Ragusan Republic: The Successful Use of Economic Institutions in 16th-Century Commerce”: E. HOROWITZ – M. ORFALI (eds.), *The Mediterranean and the Jews: Society, Culture and Economy in Early Modern Times*. Il. Ramat-Gan, Bar-Ilan University Press, 2002, pp. 175-202.

40 - Cf. M. LEMOS (1915), p. 11. Sobre os motivos que levaram Amato a sair de Ragusa, provavelmente por razões de inveja profissional, cf. L. GLEISINGER (1968), pp. 158-178.

41 - Diogo Pires, *Cato Minor* (1596), p. 163. Reproduz-se a tradução de A. C. RAMALHO (1985), 217. Para uma análise do epitáfio, cf. também C. A. ANDRÉ (1992b), 104-107.

** Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto de investigação «Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano» do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projecto FCOMP-01-0124-FEDER-009102. Este artigo resulta de uma revisão, atualização e aprofundamento de uma parte do cap. 4 (I Parte) de A. M. L. ANDRADE, *O Cato Minor de Diogo Pires e a Poesia Didáctica do séc. XVI*, Aveiro, Universidade de Aveiro – Departamento de Línguas e Culturas, 2005 (reprodução policopiada – dissertação de doutoramento).

* Centro de Línguas e Culturas Universidade de Aveiro

Amato Lusitano: entre o *Index Dioscoridis* (1536) e as *Enarrationes* (1553)**

João Manuel Nunes Torráo*

Entre 1536, ano em que saiu a lume, em Antuérpia, o *Index Dioscoridis*, e 1553, ano em que foi editada a primeira edição das *Enarrationes*, em Veneza, Amato Lusitano teve tempo para atentar nos problemas técnicos que atrapalharam, de forma muito evidente, a primeira edição da sua obra e, sobretudo, teve tempo para aprofundar todo um vasto conjunto de conhecimentos com vista à republicação do seu trabalho. A isto não é estranho também, naturalmente, o seu amadurecimento pessoal já que o *Index* é publicado quando ele é ainda muito jovem.

Como se sabe, é muito comum que as edições do século XVI apresentem problemas a que poderíamos chamar ‘técnicos’ no que ao texto diz respeito — e isso mesmo acontece, por maioria de razão, com as que eram feitas em tipografias de menor qualidade ou com menores recursos ou com as que não podiam ser devidamente acompanhadas pelos autores por se realizarem, por exemplo, em locais muito afastados daqueles em que se encontravam os autores, como acontece com a edição do *Index*.

O caso desta obra de Amato Lusitano não escapou a este fado e ele próprio mais tarde se irá queixar disso. De facto, a correção do texto deixa muito a desejar quer em termos de ‘gralhas tipográficas’ — que, às vezes, deixam o texto quase incompreensível — quer, sobretudo, ao nível da utilização da pontuação. Costumo dizer, em ar de brincadeira, mas com evidente exagero, que, para cada página desta obra, os tipógrafos pegaram numa mão cheia de sinais de pontuação e lançaram-nos sobre ela, fazendo com que, em muitas circunstâncias, eles caíssem onde calhou.

Mas, para além de uma evidente melhoria da edição em termos do que hoje chamaríamos ‘revisão de texto’, o contributo fundamental de Amato na transição do *Index* para as *Enarrationes* foi uma reformulação profunda da obra. De facto, há, desde logo, a assinalar um dado importantíssimo: a transição dos dois livros do *Index* para os cinco das *Enarrationes*; mas, além disso, nos dois primeiros livros que se mantiveram paralelos, houve, na maior parte dos casos, um refazer do texto (mesmo quando, em algumas situações, não se alteraram muito os tópicos apresentados) e ainda,

a outro nível, a incorporação de forma muito mais evidente e personalizada do seu contributo pessoal.

Embora possamos dizer que, no *Index*, o contributo pessoal do autor já aparente aparecer de forma notória através da rubrica *luditium nostrum*, que poderíamos traduzir por ‘a nossa opinião’ ou expressão equivalente, teremos de concordar que, no mínimo, na maior parte dos casos, esta ‘opinião’ é basicamente a opinião comum na época, embora, obviamente, seja partilhada por Amato. Contudo, a situação, a este nível, é ainda mais restrita — daí que tenhamos dito ‘aparente aparecer’ —, porque, em várias situações, o texto utilizado na rubrica *luditium nostrum* mais não é do que uma parte do texto que Marcelo Virgílio apresenta na sua edição como tradução latina do texto de Dioscórides².

Já nas *Enarrationes*, a opinião pessoal do autor aparece de forma explícita quer através dos pronomes pessoais ego e nos, quer através da utilização de formas verbais correspondentes a estas duas pessoas gramaticais, quer ainda pelo uso da expressão *mea sententia* ‘na minha opinião’. Além disso, esta opinião pessoal é reforçada por um conjunto de elementos que remetem ou para a vivência pessoal do autor ou para conhecimentos mais gerais, mas que eram específicos de Portugal ou da Península Ibérica desta época. Por exemplo, no texto das *Enarrationes* que me coube em sorte trabalhar, encontrei, pelo menos vinte e oito referências explícitas a conhecimentos que estão diretamente relacionados com os Descobrimentos portugueses o que coloca Amato Lusitano ou um outro habitante de Portugal em posição privilegiada para os conhecer em primeira mão, como, em alguns casos, teremos oportunidade de ver um pouco mais adiante.

No âmbito da temática desta mesa redonda, vou ater-me agora ao trabalho específico que estou a desenvolver, embora me pareça, atendendo a algumas pequenas pesquisas feitas no resto da obra, que muitos dos elementos que vou apresentar poderão transpor-se, *mutatis mutandis*, para os restantes textos.

Tendo como referência o *Index*, estou a trabalhar o final do primeiro livro e o início do segundo, abrangendo, no livro primeiro, desde a *Filologia* 152 (que

trata do Loto) até à Filologia 163 (que trata do Lepídio) e, no livro segundo, da Filologia¹ (que trata das Cantáridas) até à Filologia 23 (que, no Index, trata do açúcar ou, mais propriamente, de um produto algo parecido com ele e, nas *Enarrationes*, trata do mel).

No caso das *Enarrationes*, Amato Lusitano introduziu, no início do livro segundo, cinquenta e três entradas novas que não existiam no Index e que estão a ser trabalhadas por outro colega.

O texto inclui uma série de plantas, frutos, animais e produtos (lotus, cornus, sorba, prunus, unedo, amygdalum, pistacium, cantharides, salamandra, araneus, mures, lac, caseus, lana, fel, sanguis, etc., etc..)

Para podermos ficar, desde já, com uma ideia de algumas alterações introduzidas por Amato Lusitano, vou apresentar alguns elementos, sem a preocupação de ser exaustivo:

1. em texto corrido, passado em computador, basicamente no mesmo formato entre as duas edições, o texto do Index que está a meu cargo tem dez páginas e o das *Enarrationes* aumenta para vinte e nove;

2. além disso, as entradas não são exatamente as mesmas variando também em número, embora de forma ligeira: o Index tem 36 entradas e as *Enarrationes* têm trinta e nove;

3. ao nível interno, no Index, as referências a Dioscórides aparecem, inicialmente, destacadas, sob o título *Historia Dioscoridis*, mas, por vezes, Amato volta ao autor grego no decorrer do seu comentário para concordar ou discordar, enquanto, nas *Enarrationes*, estas referências aparecem sempre dispersas ao longo dos diversos textos. Assim, não sendo possível fazer uma comparação completamente direta, sempre podemos constatar, em termos de comentário, no Index, aparecem onze e, nas *Enarrationes*, trinta;

4. as referências a autores antigos são cerca de 70 no Index e aumentam para perto de 100 nas *Enarrationes*;

5. as referências a autores modernos seguem, também, esta linha já que o Index apresenta 16 e as *Enarrationes* apresentam cerca de 20;

6. onde se nota uma diferença muito assinalável é nas referências de carácter mais pessoal que são praticamente inexistentes no Index (1 ou 2), enquanto, nas *Enarrationes*, disparam para, pelo menos, 28;

7. ao contrário do que acontece normalmente, o texto sobre o sangue é muito mais reduzido nas *Enarrationes* do que no Index: para ficarmos com uma ideia as *Enarrationes* apresentam 59 linhas, enquanto o Index ultrapassa ligeiramente o triplo, 179 linhas. No entanto, nas *Enarrationes*, Amato termina o seu texto a remeter para o que escreveu no Index:

“Reliqua vero de sanguine, olim abunde disseruimus, in hoc quoque capite, praecipue quaerendo an sanguis anima esset.”²

“As restantes coisas sobre o sangue já as apresentámos, em tempos, de forma abundante, neste mesmo capítulo, indagando, sobretudo, se o sangue é a alma.”

Estes dois textos sobre o sangue, que ainda se encontram numa fase algo embrionária da tradução, são extremamente interessantes, embora, em alguns pontos, de difícil tradução. De facto, nomeadamente no Index, onde o autor se espraia muito mais sobre o assunto, Amato constrói uma autêntica teia com as opiniões de inúmeras personagens que aproveita para corroborar ou para contradizer, servindo-se de uma panóplia enorme de textos e autores desde textos bíblicos a autores clássicos, científicos e literários, e não se esquecendo de autores cristãos e árabes: Moisés, Anaxágoras, Pitágoras, Galeno, Platão, Aristóteles, Cícero, Virgílio, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, S. Gregório, Averróis, Avicena entre muitíssimos outros;

8. as referências a conhecimentos provenientes dos descobrimentos passa a ser também uma marca distintiva das *Enarrationes*. De facto, no Index, no texto que estou a trabalhar, apenas uma vez aparece uma menção deste género a propósito do Sicómoro para confirmar que não é conhecido em Portugal, mas que existe em abundância na Índia de acordo com informações solicitadas a pessoas que de lá regressaram a Portugal:

“ut nobis quaerentibus qui ex India reversi sunt in Lusitaniam affirmarunt.”

“Como nos afirmaram, em resposta às nossas perguntas, aqueles que da Índia voltaram a Portugal.”

Já nas *Enarrationes* aparecem, pelo menos, oito referências deste género, sendo que uma delas tem a ver com informações transmitidas pelos Espanhóis sobre o Peru (a propósito do crocodilo). Assim, neste âmbito, há:

- várias referências à Índia (retoma-se a que já existia no Index desta vez reforçada com uma referência a Alexandria, volta-se a utilizá-la numa referência lateral no texto sobre a urina e ainda mais duas vezes no texto sobre o mel, uma a propósito do próprio mel e a outra sobre o açúcar);

- várias referências à ilha de S. Tomé (primeiro, no texto sobre os lagartos que, como o próprio Amato diz, por serem tão grandes, devem estar mais próximos dos

Poderemos sublinhar a maior parte das indicações anteriores através da utilização da tabela seguinte:

Tópico	Index	Enarraciones
Linhas de texto	10	29
Entradas	36	39
Referências a Dioscórides	11	30
Referências a autores antigos	70	100
Referências a autores modernos	16	20
Referências pessoais	10 ou 2	28
Texto sobre o sangue (n.º de linhas)	179	59
Conhecimentos provenientes dos Descobrimentos	1	14

Permitam-me, para terminar que apresente dois problemas com que me deparei como tradutor.

e a frase transcrita tinha um erro que a tornava intraduzível: em vez de color que não faz qualquer sentido, deveria estar *choleram* que lhe dá pleno sentido e resolve os problemas sintáticos.

“E o seu savic perturba a cólera com a sua doçura.”

1 - Esperamos poder demonstrar esta nossa posição em texto a apresentar ainda este ano, para ser publicado numa revista de estudos clássicos.
2 - *Enarratio* 74. *In fine*.

* Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro

Do Index às Enarrationes***

Um esboço de estudo comparativo através de quatro entradas

Carlos de Miguel Mora*



O projeto «Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano», do qual fazemos parte como tradutor, pretende, como principal objetivo, a tradução e comentário dos dois livros em que Amato Lusitano analisou o texto *De materia medica* de Dioscórides, ou seja, o *Index Dioscoridis*¹ e as *Enarrationes*². A tradução destes dois textos cria uma série de problemas ao tradutor, que a cada passo se defronta com sérias dificuldades de diverso teor.

Algumas destas dificuldades são partilhadas pelos dois textos; trata-se, sobretudo, da identificação das espécies mencionadas e da identificação das citações vagas que Amato constantemente faz. Mas a estas devem ser acrescentadas mais duas questões problemáticas no *Index*: a enorme quantidade de gralhas do texto, produto de uma péssima tarefa de edição da parte do impressor, e a própria inexperiência de João Rodrigues. Com efeito, se as *Enarrationes* podem ser consideradas uma obra madura, segundo a feliz definição que se repetiu muitas vezes num recente encontro em Lisboa, o *Index* é uma obra de juventude, quando apenas contava 25 anos de idade. Malgrado os conhecimentos teóricos e práticos que João Rodrigues de Castelo Branco demonstra na sua escrita e o domínio da língua latina que evidencia já desde as suas primeiras obras, é evi-

dente que a maturidade com que se escreve um texto aos 42 anos não é a mesma que se possui aos 25. Nem, por outro lado, se goza do mesmo prestígio, o que tem uma inquestionável influência no cuidado que os editores mostram na preparação do texto impresso. Neste pequeno texto vamos escolher três entradas dos dois comentários ao texto de Dioscórides do humanista albicastrense para realizar uma comparação que permita verificar a evolução entre dois textos redigidos em momentos muito diferentes da vida do autor.

Sabemos que o próprio João Rodrigues estava muito descontente com os resultados da sua publicação, ainda que ele atribua a culpa a alguém não identificado a quem tinha encomendado a tarefa da correção; e que, tal como diz no prólogo ao leitor, esteve a ponto de não publicar a obra:

“Ad lectorem. Ne forsan mireris, optime lector, quonam consilio factum sit, ut tantum duos nunc priores libros emittamus, cum tamen quatuor omneis me emissurum in praefactione pollicerer, scito a nobis non temere id factum fuisse, adeo enim liber a quodam (nomen subdicebo) cui corrigendi absens provinciam demandaram, depravatus erat ut parum abfuerit quin in totum suppremeremus. Ne tamen omnino opus iam diu ab aliquot amiculis petitum,

illis quasi invidere viderer, permisimus utcunque hos duos in lucem exire. Tu vero lege libenter, et caeteros in dies expecta.”

«Ao leitor: para que não te surpreendas, amável leitor, por que razão publicámos tão-só os dois primeiros livros, quando eu havia prometido no prefácio que iria publicar os quatro, fica a saber que não o fizemos sem motivo, porque o livro foi de tal forma corrompido por um certo indivíduo (omitirei o nome) a quem eu havia incumbido de fazer as correções na minha ausência, que estivemos a ponto de eliminá-lo na sua totalidade. Mas, para que não parecesse que privava por completo da obra alguns amigos que a andavam a solicitar desde há algum tempo, consentimos que estes dois livros viessem a lume fosse como fosse. Peço-te que os leias com benevolência e que aguardes pelos restantes para mais tarde»³.

Obviamente, há muito de tópico nesta declaração, mas por ser um tópico não deixará de ser verdade. Podemos imaginar que grande parte da culpa pelas inúmeras gralhas do texto cabe ao corretor, ainda que o autor não esteja isento de responsabilidade, como é evidente. Além dos deslizes que se podem encontrar é clara a precipitação como foi concebido o livro, o que se pode ver no simples facto de não ter feito uma tradução das entradas de Dioscórides, tendo antes aproveitado a tradução de Marcelo Virgílio, abreviada, pois em muitas ocasiões o texto é ferozmente podado, e ainda no facto de ter aproveitado alguns comentários deste autor. Como é sabido, a estrutura do *Index* apresenta três entradas para cada elemento, onde se inserem, sucessivamente, os nomes da planta em diversas línguas, o texto de Dioscórides e a opinião de Amato. Temos que confessar ter sofrido alguma desilusão quando, depois de ter a certeza da originalidade de Amato quando apresentava certos dados, comprovámos que a achega já se encontrava em Marcelo Virgílio.⁴

Através de alguns exemplos poderemos ver as deficiências do *Index* quando comparado com a outra obra de maior fôlego, as *Enarrationes*. Nos comentários do seu primeiro trabalho, quando fala da erva sabina, Amato expõe “a sua opinião”:

“Plinius Naturalis Historiae libro xxiii capitulo undecimo herba sabina brathy appellata a Graecis, duorum generum est, altera thamaricae similis folio est, altera cupresso, quae ex re quidam creticam cupressum dixerunt. Haec savina familiaris omnibus est, quae folio cupressi perpetuo virenti est, quare in thopiariis non inmerito continue reperitur.”⁵

«Plínio (*Nat. Hist.* 24.11) diz que os gregos chamaram *brathy* à sabina e que esta é de dois tipos, uma semelhante à tamargueira pela sua folha e outra ao cipreste, razão pela qual alguns a denominaram cipreste cretense. Para todos é bem conhecida esta sabina que é de um tipo de folha de cipreste permanentemente verde; não é, portanto, por acaso que se encontra sempre nos vergéis.»

É discutível, em qualquer caso, não só a originalidade de João Rodrigues, mas também a pertinência de incluir as palavras de Plínio sob a epígrafe de “a nossa opinião”. Mas a originalidade de Amato ainda se vê mais severamente questionada se atendermos a que a citação é quase literal, excetuando a frase final, de *Nat. Hist.* 24.61 (nas edições modernas; Amato pode estar a usar uma edição onde esse texto aparece em 24.11). Podemos ir além disso e verificar que, no texto de Plínio, à frase *herba sabina...dixerunt*, a transcrita por Amato, se segue esta outra: *a multis in suffitus pro thure adsumitur* (“muitos usam-na para perfumar, em vez de incenso”). Ora, precisamente Marcelo Virgílio, no seu comentário à erva sabina, depois de falar dos seus usos terapêuticos, acrescenta esta informação:

“Nolumus et illud relinquere quod Plinius de sabina herba ait: utilis in suffitus pro thure assumitur.”⁶

«Também não queremos deixar de apontar o que Plínio diz a propósito da erva sabina: é útil quando se utiliza para perfumar em vez de incenso.»

Tendo em conta que o texto da epígrafe *Historia Dioscoridis* está retirado da tradução de Marcelo Virgílio, torna-se inevitável suspeitar que Amato leu o excerto de Plínio citado por este mesmo autor no seu comentário e que, a partir dessa leitura, o humanista português introduziu a frase imediatamente anterior, no texto da *Naturalis Historia*, dentro do seu próprio comentário.

Nas *Enarrationes* podemos ver que a entrada da erva sabina merece alguns comentários pessoais, onde critica que alguns confundam a sabina com a selago (licopódio selago, um tipo de feto). As fontes são agora mais diversas e, além de Plínio, cita excertos de Galeno⁷.

Interessante é também a opinião de Amato (epígrafe *Iudicium Nostrum*) sobre o cedro:

“Cedrus arbor iunipero non absimilis, folio tamen spinosiore et duriore fructu, etiam simili, humilior

tamen ut Theophrastus tertio de plantarum historiis refert, quanquam tamen quas cedri vidimus arbores in insula praecipue Maderiae ac omnium inferiorum regis Lusitaniae insularum multo maiores iunipero erant, atque earum baccae maiores durioresque iuniperi, quas cedrides Graeci dicunt, unde cedri diversa genera esse facile est comprehendere.”⁸

«O cedro é uma árvore não muito diferente do zimbro, ainda que de folha mais espinhosa, e de fruto mais áspero, mas semelhante. Segundo diz Teofrasto no livro terceiro da sua *História das plantas*, é mais pequeno, ainda que os cedros que vimos sobretudo na ilha da Madeira e nas ilhas mais setentrionais do Rei de Portugal eram muito mais altos do que o zimbro e os seus bagos eram maiores e mais ásperos que os desta árvore (os gregos chamam-nas “cédrides”), donde é possível deduzir com facilidade que existem distintos tipos de cedro».

A distinção entre cedro, zimbro e ainda outras espécies como o larício, um tipo de pinheiro, não está muito clara nos comentadores do texto de Dioscórides; todos coincidem em que cedro e zimbro são plantas muito próximas⁹ e até irmãs¹⁰. Poderíamos pensar que a parte original do médico albicastrense é aquela em que menciona a ilha da Madeira, porque certamente seria mais fácil para um português conhecer estas árvores do que para os comentadores italianos de Dioscórides. No entanto, é com alguma tristeza que verificámos que a indicação já se encontra em Marcelo Virgílio. Afirmar este autor quando comenta o cedro:

“Curavimus nos frondes et baccas ex Materiae insula quae ultra Gades est nobis apportari. Oculatique testes sumus non differre cedri folium a iuniperi folio: eadem longitudine latitudineque, iisdem aculeis et eodem olore esse; baccas tamen cedri maiores, duriores et in maturitate viridiore colore quam in nostris iuniperis videantur. Retulerunt etiam ex ea insula quae cedris abundat ad nos reversi magnitudinem arboris altitudinemque tantam esse ut maximi etiam navigii conficiendo malo arbor una satis sis.”¹¹

«Tivemos o cuidado de fazer trazer até nós folhas e bagos desde a ilha da Madeira, que fica para lá de Cádiz. E vimos com os nossos próprios olhos que a folha do cedro não é diferente da do zimbro: é do mesmo comprimento e largura, tem as mesmas espinhas e o mesmo cheiro; ao invés, os bagos do cedro são maiores, mais rijos e de uma cor mais verde, quando estão maduros, dos que se veem nos nossos zimbros. Além disso, os que

regressavam até nós daquela ilha copiosa de cedros relataram que o diâmetro e a altura da árvore eram tão enormes que uma só árvore chega para fabricar o mastro até do navio mais colossal.»

Comparando os dois textos apercebemo-nos de que a comparação entre os cedros europeus e os da ilha da Madeira já se encontrava no tratadista italiano, e de que Amato utiliza, na sua descrição, parte do léxico já usado por Marcelo Virgílio (por exemplo, *baccae maiores durioresque*). Amato limita-se a afirmar, como testemunha direta, aquilo que em Virgílio é uma informação em segunda mão: o italiano diz que lhe contaram sobre o tamanho destas árvores, que ele não viu, pois teve de se contentar com os bagos e as folhas; João Rodrigues afirma *vidimus*, respondendo com certeza ao *retulerunt* (“relataram”) do humanista italiano. E até é possível que esse empenho em se mostrar como testemunha ocular possa ter vindo da afirmação de Virgílio *oculati testes sumus*. A indicação do italiano pode ter dado azo à resposta do humanista albicastrense, pois se um deles é testemunha dos bagos, o outro é testemunha das próprias árvores.

Nas *Enarrationes* o desenvolvimento do tema será totalmente diferente¹². Além da extensão, muito maior, podemos comprovar um grande cuidado na identificação das fontes, isto é, de outros autores que escreveram sobre o mesmo tema, uma descrição pormenorizada da árvore e dos seus usos terapêuticos e, ainda, como parte mais original, por não se encontrar noutros comentadores de Dioscórides, uma taxonomia de resinas de cedro e similares, classificadas segundo a sua capacidade de dissolução em óleo ou em água.

Temos de dizer que os maiores problemas radicam, no entanto, nesses traços de originalidade em que Amato se afasta das suas fontes. Nestes casos, identificar o sentido das palavras do humanista português torna-se uma tarefa complexa. Por exemplo, quando fala do plátano reproduz o percurso da aclimação desta árvore desde a Jónia, seguindo o relato de Plínio de que também é devedor, de outro modo, Marcelo Virgílio. Mas a seguir introduz duas informações surpreendentes:

“Germani tamen eam Oehrnam nominare solent. Nec ignoro esse qui illam Brasilium arborem dictitent, quae ex Brasilio Guineae Regione ad nos advehitur.”

«Os germanos, porém, costumam chamá-lo Oehrnam. E não desconheço que há quem vá dizendo que o pau-brasil é aquela árvore que nos é trazida do Brasil na região da Guiné».

Podemos levantar logo algumas questões. Em primeiro lugar, não sabemos os motivos do facto de João Rodrigues ter introduzido uma citação de Plínio na epígrafe *filologia*. A seguir, é difícil saber a que é que se está a referir quando diz *Germani*, uma vez que os nomes dos povos e das línguas são muito imprecisos no *Index*. Por outro lado, confesso não ter encontrado em textos da época essa palavra, *Oehrn*, apesar de ter consultado muitos compêndios lexicais de línguas germânicas antigas. Mas não é menos difícil saber qual o sentido da expressão *Nec ignoro esse qui illam Brasiliū arborem dictitent, quae ex Brasilio Guineae Regione ad nos advehitur*. Não seria de admirar que o texto tivesse alguma gralha. De facto, a presença destas é constante no *Index*. Mas, tentando ler o texto sem uma correção forçada, teríamos de supor ou uma expressão sintética *brasiliū* em lugar de *brasiliū lignum*, que seria mais clara, ou uma cruzamento entre as expressões *brasiliū lignum* e *brasiliū arborem*, que teria resultado numa expressão *brasiliū arborem* (e, neste caso, a tradução seria “andam a dizer que aquela é a árvore do pau-brasil) ou um genitivo plural *Brasiliū* de um hipotético *Brasilis*, “brasileiro”, (que viria a significar: “andam a dizer que se trata daquela árvore dos brasileiros”, tradução bem mais forçada, mas que podia fazer algum sentido, como explicamos mais à frente). Também temos que supor um ablativo singular *Brasilio* de um *Brasiliū*, Brasil, apesar de que *Brasilia* é mais frequente. Quanto à expressão “na região da Guiné”, que poderia resultar confusa, é bem possível que as palavras de João Rodrigues estejam aqui a ecoar o tratado de Alcaçovas de 1479, onde se dizia que Portugal tinha direito às terras descobertas ao sul das Ilhas Canárias e na navegação “contra a Guiné”. O texto do tratado, muito ambíguo, tinha dado azo a interpretações opostas da parte dos castelhanos e dos portugueses, pois afirmava que os reis de Castela respeitariam o direito dos reis de Portugal sobre “todas las yslas que agora tiene descubiertas E qualesquier otras yslas que se fallaren o conqujrieren de las yslas de canaria para baxo contra gujnea”¹³. A expressão tinha sido traduzida para o latim, na bula pontifícia Aeterni Regis de 1481, sob a forma seguinte: *et insulis quas nunc invenit, et quibuscunque insulis que deinceps invenientur aut acquirentur, ab insulis de Canaria ultra et citra et in conspectu Guinee*¹⁴. Portanto, a expressão latina podia ser interpretada “à vista da Guiné” e daí podia ser considerado que tudo aquilo que estivesse no mesmo paralelo estava abrangido pelo texto da bula. A situação tinha mudado em 1494, em virtude do tratado de Tordesilhas, onde se estabelecia “que se haga e

señale por el dicho mar oceano una raya o lña derecha de polo a polo, convien a saber del polo artico al polo antartico que es de norte a sul”¹⁵ a 370 léguas a leste de Cabo Verde, mudando assim a controversa interpretação do paralelo por uma clara definição de meridiano. Apesar disto, Amato pode ter querido lembrar que o Brasil era desde antigo uma terra legitimamente portuguesa pela sua situação frente às costas guineanas.

Contudo, o sentido geral desta entrada do *Index* é, como se pode ver, confuso. O termo germânico que o autor apresenta, *Oehrn*, escapa-nos por completo. Como conjectura, podemos supor alguma confusão com *Ahorn*, bordo, árvore de alguma semelhança formal com o plátano (existindo até o *acer pseudoplatanus*, o bordo chamado “falso plátano”), sobretudo se lermos *Oehrn*, que poderia ser uma variante antiga de *Ahorn*, com pronúncia velar da aspiração, como se faz nalguns dialetos das línguas germânicas, embora seja mais fácil acreditar numa confusão de leitura a partir de um texto com letras góticas, uma situação que não é rara no *Index*. Quanto à frase seguinte, não encontramos nenhum texto, contemporâneo ou posterior a Amato, onde o nome de plátano fosse aplicado ao pau-brasil¹⁶. Encontramos, sim, confusão entre o nome do plátano e o fruto da bananeira (*musa* em latim), como se dá no espanhol atual. Por exemplo, no texto do historiador castelhano Oviedo. Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, já em 1526, redige uma relação sobre os territórios americanos chamando plátano à planta e fruto da bananeira¹⁷. De forma mais explícita aparece a indicação na sua obra posterior publicada em 1535¹⁸:

“Hay una fructa que acá llaman plátanos; pero en la verdad no lo son, ni estos son árboles, ni los avia en estas Indias, é fueron traydos á ellas; mas quedarse han con este improprio nombre de plátanos. (...) He oydo á mercaderes genovesses é italianos é griegos que han estado en aquellas partes, é me han informado que esta fructa la hay en la India que he dicho, é que assi mismo es muy comun en el Egipto, en especial en la cibdad de Alexandría, donde á esta fructa llaman musas. Assi mismo dice el chronista Pedro Mártir en sus Decadas, que esta fructa se llama musas, é que él la vido en Alexandría, y dice que no son plátanos, ni puede alguno con verdad decir otra cosa.”

Garcia de Orta, no seu *Colóquio dos simples*¹⁹ identifica as *musas* com as bananas, mas não fala dessa confusão com o nome de plátano. Mas é interessante verificar Carlos Clúsio, na sua versão latina do texto

de Garcia d’Orta, introduz um comentário sobre essa troca de nomes, retirado, como afirma o autor, do texto de Oviedo que já mencionamos²⁰.

Com os dados que temos, contudo, conjecturar sobre as intenções de Amato e o sentido que pretendia dar à sua frase afigura-se-nos, pelo menos por enquanto, impossível. Nas *Enarrationes* estes comentários são simplesmente eliminados do texto, talvez porque o autor se apercebesse de que as suas ideias, quaisquer que fossem, não estavam adequadamente formuladas e suficientemente assentes em argumentos lógicos. Na entrada do plátano, João Rodrigues limita-se a citar as palavras de Plínio, Licínio Muciano e Galeno²¹.

Um exemplo de entrada extremamente complicada de traduzir pela acumulação de gralhas é a do freixo²². A gralha mais óbvia e, por isso, menos complicada, é a duplicação de sílaba no nome de Paulo de Egina (*Aegiginetae*).

Antes disso surge o nome de *Thurinus*. Por semelhança do nome podia tratar-se de Andrea Turini, cujo nome latino é precisamente Andreas Thurinus e que escreveu pouco antes da publicação do *Index* uma *Disceptatiuncula medica adversus opinionem M. Curtii de prandii & cænæ ratione*, Paris, Chrestien Wechel, 1534. Em vários passos desta obra parafraseia a obra do Paulo de Egina, pelo que poderia ser o autor mencionado. Mas, apesar da divergência de nome, o autor referenciado é sem dúvida Albanus Torinus, Alban Thorer, autor de uma tradução da obra do Egineta, vinda a lume em Basileia em 1532²³. Depois de ler a obra de Andrea Turini chegámos à conclusão de que este autor devia ser excluído como referência, porque não menciona o Egineta em contextos que possam explicar a correção do humanista português:

“Μελία fraxinus arbor nota est, non vere persicana, ut Thurinus in Aegineate versione male interpretatur.”

«Melía é a árvore conhecida como freixo, e não a árvore pérsica (pessegueiro) como Thorer interpretou de forma errada na sua tradução do Egineta»

Amato está a referir-se, indubitavelmente, ao autor suíço e não ao italiano. A gralha é provavelmente do corretor, e não do médico albicastrense, ainda que seja difícil dizê-lo. Ainda temos nessa frase uma palavra muito duvidosa: *persicana*, provável adjetivo persicanus inexistente em qualquer dicionário da época, ainda que possa tratar-se de *persicaria*. Se olharmos para a tradução de Thorer sobre o Egineta na edição de Basileia de 1532 vemos, com efeito, o erro que critica



Amato, pois a entrada do freixo é feita com a expressão *Melea, Malus persica*²⁴ (“freixo, pêssego”). Seguramente, João Rodrigues excedeu-se nas suas críticas, porque é mais provável ter sido gralha do editor do que erro de Thorer; para esta conclusão baseamo-nos na semelhança entre *Melia* e *Melea* que pode ter induzido em erro o editor, uma vez que, como se vê uma página mais à frente, Thorer faz corretamente a descrição das propriedades do pessegueiro, que não coincidem com as do freixo, e não é credível que considerasse que a mesma árvore merecesse duas designações, duas descrições e duas entradas diferentes na obra do Egineta.

Se esse for o caso, por ironia do destino ou por uma espécie de justiça poética, Amato estaria a padecer de nós o mesmo tratamento injusto que ele dispensou a Thorer, criticando-o por erros da responsabilidade dos corretores. De qualquer modo, é interessante comprovar que na edição de 1538, dois anos depois da publicação do *Index*, Thorer corrige a gralha e aparece a designação correta²⁵ (*Melia, Fraxinus*), ainda não sabemos, mas tencionamos verificá-lo no futuro, se por influência da crítica de Amato.

Quanto ao resto da expressão de Amato, parece querer dizer que ele leu que Manardo, Leoniceno e alguém chamado Fúlcio corrigiram um erro semelhante em Serapion e no autor do *Opus Pandectarum medicinae*, Mattheus Sylvaticus:

*de qua Serapion atque illius Pandectarum collega agentes, non minus foedae quam ille sunt lapsi, ut Mainardum, Leonicenum atque Fulcium annotasse legimus*²⁶.

Deixando de lado a expressão confusa, é bem provável que haja uma gralha no nome Fulcium, autor que não conseguimos identificar, se bem que pensemos haver grandes hipóteses de se tratar de Fuchsius.

são tão salutíferos, & proveitosos, q diz Plinio, & outros autores, que as egoas sem ajuntamento de macho concebão, só do vento»¹³

E, mais adiante, afirma que, indagando sobre a veracidade deste afirmação, um homem de Salvaterra lhe havia jurado sobre um *Livro de Horas de Nossa Senhora* que, no ano de 1589, entre umas éguas que trazia nos campos de Santarém havia uma que pela sua agilidade e beleza atraía a atenção de quem a visse.

Apartando-a das outras, isolou-a para que lhe não chegasse nenhum cavalo. Mas, misteriosamente, ficou prenhe e passados 11 meses deu à luz um potro de grande beleza «branco como hua pomba, tão bem feito que não havia cousa pintada que mais o fosse, tão ligeiro como o ar, & tão inquieto que da hora que naceo, té o outro dia à tarde, que morreo, nunca deixou de correr & arremessar-se de huma parte & outra».¹⁴

Os traços do antigo mito da Lusitânia encontram-se

Este último aspecto, segundo alguns autores, evidenciava a fragilidade de tudo o que é gerado sem o elemento masculino, demonstrando, numa sociedade fundamentalmente paternalista, a legitimação da supremacia da dominância do masculino.

No entanto, reflectindo sobre as informações sobre o mito recolhidas junto aos homens da Borda d'Água, Frei Bernardo de Brito avança uma explicação racional, concluindo:

«Mas no meo de todas estas cousas, acho muy gallante a opinião de Justino, que diz se tomou esta historia, da muito ligeireza, que tinham os cavallos da Lusytania, a qual era tão estremada que a encarecerão os Poetas, com chamar os Potros filhos do vento».¹⁵

Notas

- 1- Frei Luis de Urreta, *Historia eclesiastica y política, natural y moral de los grandes y remotos Reynos de la Etiopia, monarchia del Emperador, llamado Preste Juan de las Indias. Com la Historia de Predicadores en los remotos Reynos de la Etiopia*, Valência, Casa de Pedro Patrício Mey, 1610.
- 2 -Tora, tradução e introdução de Luís Filipe Sarmento, Lisboa, Sporpess, 2003, pp. 144-145.
- 3 - Frei Luis de Urreta, ob. cit. , pp. 78-79.
- 4 - Frei Luis de Urreta, ob. cit. , p. 79.
- 5 - Frei Luis de Urreta, ob. cit. , p. 76.
- 6 - Frei Luis de Urreta, ob. cit. , ibidem.
- 7- «Mémoires de Senerega», in *Les Memoires de l'Europe*, dir. Jean Pierre Vivet, vol. II, p. 112, Paris, 1971, donde traduzimos.
- 8 - Amato Lusitano, *II Centúria* Cura 30, p. 63, Lisboa, Edição da Universidade Nova de Lisboa, vol. II, s/d. Tradução de Firmino Crespo.
- 9 - Frei Luis de Urreta, ob. cit. , p. 68.
- 10 - Amato Lusitano, *IV Centúria*, Cura 70, p. 122, Lisboa, Edição da Universidade Nova de Lisboa, vol. III . Tradução de Firmino Crespo.
- 11- Virgílio, *Bucólicas, Geórgicas, Apêndice Virgiliano*, Madrid, Editorial Gredos, 1990, pp. 337-338. Donde traduzimos.
- 12- Porfírio, *Vida de Pitágoras, Argonauticas Órficas, Himnos Órficos*, Madrid, Editorial Gredos, 1987, p. 232. Donde traduzimos.
- 13 - Frei Bernardo de Brito, *Monarquia Lusitana*, vol. III, Lisboa, p. 17 f.
- 14 - Frei Bernardo de Brito, ob. cit., p. 17 v.
- 15 -Frei Bernardo de Brito, ob. cit., p. 17 v.

Bibliografia

- AMATO Lusitano, *IV Centúria*, Cura 70, p. 122, Lisboa, Edição da Universidade Nova de Lisboa, vol. III .
- *II Centúria* Cura 30, p. 63, Lisboa, Edição da Universidade Nova de Lisboa, vol. II.
- BRITO, Frei Bernardo, *Monarquia Lusitana*, vol. III, Lisboa, 16 .
- GARCIA Y BELLIDO, Antonio, *La España del Siglo Primero de Nuestra Era* (Según P. Mela y C. Plinio), Madrid, Espasa-Calpe, 1976.
- GARCIA QUINTELA; Marco V. *Mitos Hispánicos La Edad Antigua*, Madrid, Akal, 2001.
- «MEMOIRES de SENEGRA», in *Les Memoires de l'Europe*, dir. Jean Pierre Vivet, vol. II, p. 112, Paris, 1971.
- PORFIRIO, *Vida de Pitágoras, Argonauticas Órficas, Himnos Órficos*, Madrid, Editorial Gredos, 1987.
- URRETA, Frei Luis de, *Historia eclesiastica y politica, natural y moral de los grandes y remotos Reynos de la Etiopia, monarchia del Emperador, llamado Preste Juan de las Indias. con la Historia de Predicadores en los remotos Reynos de la Etiopia*, València, Casa de Pedro Patricio Mey, 1610.
- VIRGILIO, *Bucólicas, Geórgicas, Apêndice Virgiliano*, Madrid, Editorial Gredos, 1990..

* Geógrafa Investigadora



neste registo de frei Bernardo de Brito: a fecundação sem ajuntamento de macho; o nascimento de uma cria de grande beleza e de notável agilidade; e a vida breve e fugaz como o vento que passa sobre os campos.

João Rodrigues Lusitano - Doutor Amado - serviu as Musas: amou a Poesia, cultivou a Ciência.

Alfredo Rasteiro*



Os «Poemas Lusitanos» de António Ferreira (1528-1569), contemporâneo de Amado, recordam-nos que «Servir as Musas» é «Amar a Poesia e Cultivar a Ciência», pois «Não fazem dano as Musas aos Doutores./ Antes ajuda às suas letras dão,/ E com elas merecem mais favores,/ Que em tudo cabem, para tudo são», nesta «direita/ Estrada dos que sobem ao alto monte», como Bernard de Chartres (século XII, circa 1120):

«Dicebat Bernardus Carnotensis nos esse quasi nanos, gigantium humeris insidentes, ut possimus plura eis et remotiora videre, non utique proprii visus acumine, aut eminentia corporis, sed quia in altum subvenimur et extollimur magnitudine gigantea».

Avicena (980-1037), - herdeiro do saber médico de Hippocrates (460-337 a.C.) e Galeno (130-200), «pais da Medicina», - escreveu o «Canon» e resumiu-o, em 1326 versos - «Avicennae Cantica» - para uso de principiantes.

Durante os cinco séculos que antecederam a época do Doutor Amado, o «Cantico» da Medicina serviu a actualização permanente dos Físicos, médicos que cuidavam o corpo físico das pessoas. Repetido a cantar, o «Poema» de Ibn Sina facilitou os processos de memorização, melhorou a aprendizagem da Medicina, beneficiou o ensino.

O albicastrense João Rodrigues Lusitano «sab'os cadernos bem cantar» e «sabe per eles leer», melhor que o «Meestre» Nicolás do Afonso Eanes do Cotom,

do século XIII. «Sabe bem utilizar» esta forma de transmissão de conhecimentos e soube intercalar, nos seus textos, linguagem de Poetas que desafiam atenções de Historiadores, Filólogos, Naturalistas e Médicos.

«Sete Centúrias» recordam Poetas como Eduardo Gomes (Centuria V, c.19) e Diogo Pires (Centuria III, c.38), citam fragmentos de poesias como aquela em que Juvenal fala das «Pyrrha puellas» apresentadas desnudas (Centuria VI, c.51) e registam composições poéticas para um melhor entendimento da matéria, por exemplo, quando referem os «dezoito» modos de conhecer a Água (Centuria I, c.3) ou quando ensinam como se faz uma História Clínica, processo de inquirição que tem presente as dez «Categorias» de Aristóteles (384-322 a.C.): substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, estado, hábito, acção e paixão:

«Sunt bis quinque tibi humores ut noveris omnes,
Et valeas aegro remove e corpore morbos,
Nempe color, casusque, vocant symptomata Graeci,
Et regio, et tempus, morbusque his additur aetas,
Natura, et victus, mutatio temporis, arsque.»

«Se quizeres afastar a doença de um corpo doente, há dez coisas que deverás inquirir: aspecto, queixas, sintomas, localização no espaço, localização no tempo e outras doenças, constituição física, hábitos alimentares, estado de espírito, ocupações» (Centuria I, Praefatio, 1549).

Herdeira destes ensinamentos, a «Nova prática e theorica de cirurgia» que foi acrescentada, em 1705, à «Luz verdadeira e recopilado exame de toda a cirurgia», 1670 de Antonio Ferreira (1616-1679) não esquece:

«Convém pois segundo Amato Lusitano, ao cirurgião, para que perfeitamente exercite sua arte, trazer sempre dez cousas no entendimento: Dez cousas deveis trazer / Sempre frescas na memória,/ Para que com muita gloria/ Possais os males vencer:/ Tempo, modo de viver,/ A cor, e enfermidade,/ A natureza, a idade,/ A arte, e a religião,/ Os accidentes que dão,/ E dos tempos a variedade.»

Para a edição do livro de 1553, em 15 de Março de 1551 João Rodrigues Lusitano recordou amigos que o auxiliaram e cultores da «Materia médica» que o precederam, evocou a magnitude das navegações Lusas, a grandeza de Lisboa e a «globalização» atingida, isto é: «a possibilidade de, em qualquer lugar, se fazerem negócios»: «vt nullus sitam terrae angulus ...magna & ampla negotia tractantes» («In *Dioscoridis Anazarbei de medica materia*», carta ao senado de Ragusa, 1553).

O Editor de 1553, Gualterum Scotum, nome do «Typographvs», ausente da folha de rosto, que aparece no colofon, em Carta ao Leitor, corrobora as informações prestadas pelo Autor e destaca a importância relativa das principais Obras consultadas: do Patriarca de Aquileia Hermolai Barbarus (1398-1493), de Joānes Ruellii Gallus (1479-1537), de Marcellus Virgilius Florentino (1464-1521), de Ioannes Manardus (1462-1536), Ferrariense. Considera Marcelo Virgílio um tanto confuso e necessitado de aclaração, - por não ser médico, por não ter sensibilidade para as coisas da saúde - razão da sua continuada presença:

«Mox clariss. Uir Marcellus Virgilius Florentinus suum Dioscoridem ita expoliuerat, ut tum Hermolai tum Ruellii conuersionibus quasi tenebras offudisse crederetur: quanquam Io. Manardus Ferrariensis eum conuellere conatus sit, & Hermolai sententiam multis in locis contra Marcellum retinendam omnino putarit».

João Alves Dias e Inês Ornellas e Castro, da Universidade Nova de Lisboa, (re)iniciaram comparações, inventariaram e catalogaram reedições (Amato Lusitano (1511-1568), Catálogo, Biblioteca Nacional, 2011, em publicação).

Presença constante na Obra de Amado, o texto de Marcellus Virgilius necessita frequentes comparações que implicam trabalhos redobrados, em edições críticas.

Senhor do seu tempo, o Doutor Amado não esqueceu a herança cultural Helénica. Evoca «Aesculapius, Apollonis filius», a partir de um fragmento de Q. Serenus (Serenus Samonicus):

«Poderoso artífice, que regulas a vida e que tiras as almas dos sepulcros para as elevares ao céu; governas o Egeu, Pergamo, Epidauro, e profundas dos Infernos; sensível aos amores; firmas os papiros» - 3º, 4º, 5º, 9º e 10º versos de um conjunto de dez do «quase» desconhecido «Quinto Sereni Liber medicinalis», recuperado na «Internet».

No 9º verso, Amato passa «roganti», por «locutus»:

«Phoebe, salutiferum quod pangimus adserere carmen
inventunque tuum prompto comitare favore;
Tuque, potens artis, reduces qui tradere vitas
nosti et in caelum manes revocare sepultos,
qui colis Aegeas, qui Pergama, quique Epidaurum,
qui quondam placida tectus sub pelle draconis
Tarpeias arces atque inclita templa petisti
depellens taetros praesenti numine morbos,
huc ades et quicquid cupido mihi saepe roganti:
(locutus, no original)
firmasti cunctum teneris expone papyris.»

Amado colocou poesia em pertinentes comentários, e em curiosas anotações. Cinco exemplos: o poeta Angelo «Politianus» (1454-1494) surge em «De Cyphi», - que para o médico Servilius «Damocrates» (século I) «non est ulla simplex mistio», - e também em «nasturcio» (De Hiberide); «Homerus libro 4, Odysseae», século VIII a. C., aparece em Nepenthes (De enula Campana); Marcus Valerius «Martialis» (40-104) em «albiricoques»; Públio Virgílio Marão (70-19 a.C.), «Virg.in.2.Georgicorum libro» é citado em «cidras», «naranyas», e «azamboas», «fruta que não faz mal».

A colaboração de Poetas, desde sempre interessados na sensibilidade tátil, nos cheiros, sons e sabores, nas cores, flores e jardins, era, - e é, - estimada por Taxonomistas, Recolectores de plantas medicinais, Médicos e Filólogos que estudaram - e que estudam - a parte Botânica da Obra de Dioscorides, na procura de correspondências entre descrições e desenhos de espécies desaparecidas e plantas actuais.

Arnoldo Arlenio e Nicolavs Stopivs, flamengos, poetas, estudiosos da língua grega e da língua latina ofereceram, a Amado, Poesias de apresentação.

Arnoldo Arlenio, Arnoldo Arlenio Peraxylus, Arndt van Eyndhouts da Aarle estivera, desde 1538 a 1546, ao serviço do embaixador de Carlos V Dom Diogo Hurtado de Medoza (1503-1575) que, em Veneza, solicitou os

serviços clínicos de Amado (Primeira Centúria, Memória XXXI, 1549). Este Mendoza, bisneto de um Marquês de Santilhana e neto do Cardeal de Toledo que foi ministro dos reis Fernando e Isabel, era tio do pai de Ana Medoza de la Cerda (1540-1592), princesa de Eboli, que foi casada com de «el portugués camarero mayor» de Phelipe II, Ruy Gómez de Silva (1516-1573), patrocinador de Laguna.

Arnoldo Arlenio ofereceu a Amado uma hilarian-te cantiguinha (hilarivs cantivncvla) que poderia ser cantada por algum estudante de Coimbra como o Augusto Hilário (1864-1896), retrato breve de um Amigo, trinta versos escritos em Pádua, a sete de Março de 1553 (Patavij Non. Martijs, M.LIII.). Arlénio elogia a clareza da escrita (clarus Amatus, opes), o percurso do homenageado (Amatus in orbem) e o mérito da obra (Quo merita palmam laudis Amatus habet).

Nicolavs Stopivs, celebrizado pelo «Panegyricum de laudibus Johannaë Aragoniæ», Florentiæ, 1555 será confidente em um caso «De mordedura de cão raivoso», referência explícita a Matthiolo, distinto «recolector de raízes em Siena» («Sétima Centúria», XLI, 1561).

Para o livro de 1553, Stopivs escreveu vinte versos «Ad stvdiosvm et candidvm lectorem». Elogiam as qualidades de caracter de Amado, «Hic tibi dat quod ames praeclarus Amatus, et ipso/ Nominè Amatus ut est, semper amatus erit,/ Solus amandus enim, qui quae peramanda propinat/ Solus Amatus adest, qui peramanda tulit,/ Vtile, quod cunctis, tibi praestat Amatui, ... » evocam Dioscorides «Quanti Anazarbeum Graecia docta suum», homenageiam a Lusitânia, pátria de Amado, «De Lusitano etenim merito Lusitania dicat» e celebram a amizade: «Inter cordatos non habuisse parem.»

Dizem o seguinte:

«Preclaro Amado deixa que te diga:
Amado de nome, sempre foste Amado.
Amado, sem duvida, amizade evocas.
Amável, amigo dos amigos,
Prestável, apaziguador, oportuno
Tornas alegres quantos amas
Tantos, tantos
Todos quantos te conhecem.
Felizes aqueles que te procuram
Sem preconceitos, recto entendimento.
Estudas Dioscoridis
Com animo viril.
Quanto mais procuras, Amado,
Mais te interrogas: Que é o Amor?
A procura da dádiva
Não defrauda o esforço.

Devemos muito à Lusitânia de Amado
E muito devemos ao grego de Anazarbo.
Lusitano, honras a Lusitânia;
De grande coração, és o maior».

A expressão «clarus Amatus», utilizada por Arnoldo Arlenio, e o «praeclarus Amatus», de Stopivs, lembram o «clarus» e o «praeclarus» que colaram «Cláudio», «o ilustre», ao nome do imortal, inesquecível, claríssimo, «ilustríssimo Galeno».

A Obra científica de João Rodrigues Lusitano, Doutor Amado, exemplifica o duplo sentido da expressão «Servir as Musas» - amar a Poesia, cultivar a Ciência - progresso histórico e consciência do progresso - tal como em António Ferreira, e em Autores do século XVI, com alguma ligação a Salamanca.



Fig. 1 - Hipotética imagem de Amado - insígnia da Tipografia Teobaldo Pagano

André de Laguna (1510-1560) não esqueceu poesias de apresentação no seu «Pedacio Dioscorides Anazarbeo: acerca dela Materia medicinal, y delos venenos mortiferos», Antuerpia, 1555 e, no texto, prevenindo fadigas, intercalou sessenta versinhos dedicados à videira e ao vinho (página 505) «para recrear el lector, cansado por ventura de la passada historia» tal como fazemos, no século XXI, com os jogos de computador, quando «cansa la historia».

A «Carta nvncvpatoria» de Laguna, escrita em 15 de Setembro de 1555, em Anvers, Antuerpia, define objetivos: «el qual en debuxarnos al natural todas las plâtas & minerales que siruem al vso de Medicina, e en referirnos sus fuerças & facultades, tuuo admirable gratia. Por dõde yo vie(n)do q(ue) à todas las otras lenguas se hauia cõmunicado este tão señalado Author (Dioscorides), saluo à la nuestra Española, que ò por nuestro descuydo, ò por alguna siniestra constellatiõ, há sido siempre la menos cultiuada de todas, cõ ser ella la mas capaz, ciuil, & secu(n)da de las vulgares...». A Ode laudatória ao mecenas Rui Gomes da Silva pede apoio para a Medicina e manifesta o desejo de que uma melhor qualidade de tratamento médico - «Siendo nacido

en Grecia, & sustentado/ De los Reyes d'Egypto, vine al Latio» - possa chegar a «Castilla y Portugal».



Fig. 2 - Laguna

Na página seguinte, efigie de *Andreas Lacyna, Segobiensis. Miles Sancti Pet. Comes. Palat. Medicvs. Jvlii. Pont. Max* e, por debaixo de tão pomposo retrato, «Soneto de Don Lvis de la Cerda. Al Doctor Laguna»:

«Tu que ganando eterno nombre, et vida,
Spirito gentil, claro, y divino,
Raro ingenio, excellent, peregrino,
Estraña habilidad, jamas oyda.
Por ti la Medicina al fin venida,
S'entiende, pues mostraste tal camino
Que te hara sie(m)pre de alabanças dino,

Y tu fama immortal esclarecida.
Dioscorides se alegra, y justamente,
Que tu entre cien mil otros fuesse solo,
Quien mejor sus conceptos entendiste.
Gozate Spaña, pues que al mundo diste
Outro nueuo Esculapio, y docto Apolo
Para remedio de la humana gente.»

Soneto de Don Luis de la Cerda ao Doutor Laguna:
- «Ganhaste eterno nome, e vida/ Espírito gentil, distinto, e divino,/Engenho raro, excelente, peregrino,/ Estranha habilidade, nunca vista./ Trouxeste uma nova Medicina/ Que entendemos: mostraste o caminho/ Onde recordamos para sempre/ A tua fama imortal e esclarecida./ Dioscorides alegra-se, justamente,/ Pois entre cem mil foste o único/ Que melhor seus conceitos entendeu./ Honra-se España, pois que ao mundo deu/ Um novo Esculápio, e douto Apolo/ Para cura da humana gente.»

O nome de Don Lvis de la Cerda sugere aproximação à Princesa de Eboli, bisavó de D. Luisa de Gusmão (1613-1666).

A «Materia medica» de «a-mato Insitano», e a «Materia medicinal» do «(Doc)Tor de Laguna», chegaram a Goa e foram úteis a Garcia d'Orta, e a Cristovão da Costa.

«Os Coloquios», Goa, 1563 de Garcia d'Orta (1510-1568) incluem um soneto à maneira de Camões, uma



Fig. 3, 4 e 5 – Amado, Fuchs e Orta

Ode de Luis Vaz de Camões (1524-1580) que evoca «Achilles» e a Medicina da Ilíada, e um «Epigrama» latino, de Tomaz Caiado, que recorda «Plinius» e «dyoscorides».

O décimo verso do Soneto - «Com força de Razões, ou de ousadia.» - e o 2º verso da Ode - «De fortaleza eoyca, e de ousadia.», interpenetram-se.

A Ode «Ao Conde do Redondo, viso Rey da India, Luis de camões» canta a medicina militar heróica e exalta as virtudes do Doutor Garcia.

Os louvores a Orta estendem-se desde o 41º verso - «Ho fruto da quella orta, honde florecem/ Prantas nouas, que os doutos não conhecem» - e seguem até ao 65º e penúltimo - «quem ajuda contra ha morte», experiência dolorosa que não poupa Amigos.

Orta encontrou continuador e tradutor para a língua castelhana em Cristoual Acosta (1535-1596), no «Tratado Delas Drogas, y medicinas de las Indias Orientales, com sus Plantas debuxadas al biuo», Burgos, 1578, acrescentado com «las pinturas, y debuxos delas Plantas, de que trata: que occupado el Doctor Orta en otras cosas mas graves, y q mas deviam importarle, dexo de inxerirlas en ella».



Fig. 6 - Acosta

Africano sem complexos, o Doutor Acosta exhibe o soneto laudatório de Don Pedro Manrique:

«La escura confusion, que fue de gente
Griega, Latina, Arabiga nascida,
Com fin que nuestro ser, su breve vida
Com varias plantas guarde, y le acreciente:
Requiere contra tanto error frequente
Sciencia, y mortal peligro, en ser corrida
La rica Europa, y China al arte unida,
Com la grande Asia, y fiera Lybia ardente.

No solo tanta tierra, mar, y viento,
Passo, sulco, y hendio, y su sangre pura
Vertio, y ffue esclavo a un barbaro sangriento:
Mas aun su misma vida a muerte dura
Reduxo el docto Acosta, com intento
De dar a nuestro cuerpo cierta cura.»

Soneto de Don Pedro Manrique ao Doutor Acosta:
- «Na escura confusão de muita gente/ Grega, Latina,
ou vinda das Arabias,/ Para que o nosso ser, na breve
vida/ Com plantas se guarde, e acrescente,/ Quere-
mos Ciência contra tanto erro/ Frequente, e mortal
perigo que percorre/ A rica Europa, e a China, na Arte
unidas/ À Ásia Maior e à fera Libia ardente./ Depois
de tanta terra, mar e vento,/ Passos, sulcos, fendas
onde verteu/ Sangue inocente, escravo dum bárbaro
sanguinário:/ Mesmo assim, o douto Acosta/
Empenhou a sua vida contra a morte dura/ Para dar
ao nosso corpo certa cura.»

O nome de Don Pedro Manrique, identico ao de um Poeta que marcou a poesia peninsular do século XV, parece alheio aos grupos influentes que agitaram a Ibéria do século XVI.

No ano em que celebramos o Quinto centenário do nascimento do Doutor Amado, João Rodrigues Lusitano, Autor quinhentista natural de Castelo Branco, são dignas de destaque a «cantiguinha divertida» e a alegria comunicativa de Arlenio, a amizade de Stopius e a sua «carta aos estudiosos».

Procurei enquadrá-las no seu tempo, comparando-as com outras da mesma época, e de todos os tempos.

São manifestações de apreço e de Amizade. Espe-
lham e registam sentimentos e observações íntimas, dizem dos autores, falam do retrato.

Em campo oposto, Pietro Andrea Matthiolo (1501-1577) abriu a «Apologia adversus Amathum», 69 páginas, Veneza, 1558 com um Prólogo grego em oito versos que incluem Amato, uma vez. Matthiolo figura quatro vezes. Amato está grafado com um tau, Matthiolo com um tau e um theta.

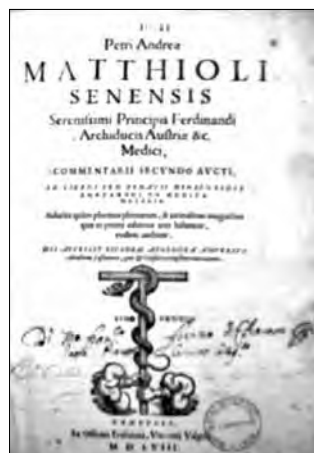


Fig. 7, 8 – Matthioli e Diatribe, prólogo.

Depois do pseudotermo grego «Amatos», inventado por Matthiolo, grafado no Prólogo com um «Tau», o título e o texto da Diatribe repetem a expressão «Amathum», sonoridade que lembra Amado, próxima do grego *Amatheia*, com um «theta», significando ignorância, analfabetismo, obscurantismo. A Tipografia Vicente Valgrisi, impressora, utiliza como distintivo o símbolo judaico-cristão «Cruz em Tau e Serpente de Moisés» e Matthiolo mostra-se inimigo feroz de Amado, Judeus e Judeísmo.



Fig. 9 e 10 - Moisés, em Santa Cruz de Coimbra (séc. XVII) e Diatribe de Matthiolo;



«Para responder não bastariam Oitava, Nona e Décima Centúrias. Não havia pachorra!» (7ª Centúria, XLI, 1561)

A animosidade de Matthiolo contra Amato provinha, em grande parte, de comentários tecidos a propósito de «Hippocampo». Matthiolo juntara, numa grande confusão, Camaleão, Hipopótamo e Cavalo marinho: «...Caeterum sunt, qui credant, Hippocampum id nominis sibi aseiuisse ab erucis, quae in hortis olera, in campis vero herbas vntuersas, & arborum frondes depascatur,...» (Commentarii secvndo avcti, in Libros sex Pedaci Dioscoridis Anazarbei de medica materia, 1544).

Amado comenta: «Vnde Mathiolus Sene(n)sis haec

ignorans, plura non nisi absurda, de hippocampo scripsit: inquit enim ille, particulam hippo, magnum significare, ut in hipposelino, & hippomaratro fit; ignorabat enim Mathiolus, hippon equum crebrius significare, ut in praesenti euenit, & capit. 22. Sequenti, ubi de hippopotamo, id est fluuiatilis equi testiculo agit, ut sexcentos alios praeterem locos, in quibus hippos pro equo accipitur.»

Acresce que o «Hippocampo» figura na divisa da Tipografia «Arnoleti», editora de Obras do luterano Leonhart Fuchs (1501-1566) e de Joannes Ruellio.



Fig. 11, 12 e 13 – Hippocampo, marca do impressor Arnoleti.

Os versos que acompanharam o lançamento das Obras de Amado, Laguna, Orta e Cristovão da Costa recordam Dioscorides, honram o ensino na Universidade de Salamanca, que de alguma forma os influenciou, e honram o magistério de Élio (Aelio) Antonio de Nebrija (1444-1522), que se mostrara interessado, desde 1518, no texto de Dioscorides (40-90) e nas traduções apresentadas por Hermolau Barbaro e por

Ruellio, realizadas a partir de texto grego, que ainda hoje ocupam Humanistas, Filólogos, Botânicos e Historiadores da Medicina.

Um Amigo e condiscípulo de Amado, Luis Nunes (1510-1588) de Santarém, professor em Coimbra em 1540-44, reviu o «Aelli Antonii Nebrissensis Medicum Dictionarium», Antverpiae, 1545. Posteriormente, Luis Nunes «ayudou» Laguna «com muchos nombres Portugueses», juntamente com um ainda não identificado Simão de Sousa, «espejo de boticarios».

Existiu um Boticário Simão que Luis Nunes pode ter conhecido em Lisboa, o Boticário Simão Alvares/ Alves que passou por Portugal em 1530-33, depois de ter ido para a Índia em 1509, Autor da «Emformação», 1546.

A aproximação existente entre os termos «lusitânicos» que Amato utilizou e a terminologia portuguesa registada por Laguna, com o apoio de Luis Nunes e «Simão de Sousa», - que é urgente identificar e homenagear, - é valorizada por todos aqueles que, independentemente dos acordos ortográficos que a ninguém agradam, acreditam na necessidade de Nomenclaturas uniformizadas, sem as quais não é possível o entendimento entre pessoas que estudam os mesmos temas.

E termino, «Cito, tuto, & iucunde», socorrendo-me de António Salvado («Canticos de la frontera», 2005, p.110-111),



Fig. 15 – Homenagem a Organizadores

«Com Amato Lusitano en las viejas calles de Salamanca

Revisamos el saber obtenido
por estas viejas calles frías, heladas,
y los mismos ojos descubro en ti,
la misma angustia, la misma lealtad
a la aspiración de someter aún más
la voluntad con la que todo consigues.
Aqui trazaste las vías, los caminos
que recorriste libremente audaz
sin recelosos juzgamientos: peregrino
de un mundo nuevo esperando que lo cruzaras
y que outra fe brillante le donases,

desconocidas rutas descubriendo.

De aqui llevaste en tu alma la antorcha
que norteó la Vida que trazaste
a quien de la vida poco abrazaría
rasgando rayas, aboliendo limites,
y las fronteras del odio y del peligro
expulsando: la ilusión que imaginaste.»

De António Salvado, com Amato Lusitano nas ruelas de Salamanca: - «Revisitei o saber obtido/ nestas ruelas frias, geladas,/ e vejo os mesmos olhos,/ a mesma angustia, a mesma lealdade/ a aspiração de te submeteres ainda mais/ à vontade de tudo conseguires./ Aqui traçaste os planos, os caminhos/ que percorreste livre, audaciosamente/ sem reear juizos: peregrino/ num mundo novo que esperavas cruzar/ e que outra fé brilhante lhe darias,/ desconhecidas rotas descobrindo./ Aqui ergueu a tua alma a tocha/ que norteou a Vida que traçaste/ a quem da vida pouco abraçaria/ abrindo espaços, suprimindo limites,/ expulsando o ódio e o perigo/ das fronteiras: a fé que imaginaste.»

Cinco apontamentos

1 - Passados, o dia 21 de Fevereiro (aniversário do falecimento do Doutor Amado), 31 de Maio («*Dioscórides e Comentários de Amato*», Conferências do Museu de Aveiro), 10 de Junho (dia da Cidadania), 13 de Setembro («*O lugar de Amato na república médico-literária*», Simpósio na Biblioteca Nacional, Lisboa), 17 e 18 de Outubro («*Amato Lusitano – A memória e o tempo*», Congresso Israeloestadunidense), afastadas improváveis quezílias entre Castelo Branco e o resto do Universo, entre Asquenazins do Norte da Europa e Sefardins da Lusitânia, as Jornadas de 10, 11 e 12 de Novembro de 2011 têm lugar num mundo adverso - «*L'adorazione di mammona, dell'avere e del potere*» (Bento XVI: «*Pellegrine della verità, pellegrine della pace*», Assis, 27 Outubro, 2011) - enredado «No gosto da cubiça, & na rudeza// Dhu(m)a austêra, apagada, & vil tristeza» (Lusíadas, X, 145), cavalos desbocados que «depoys de bem canssados/ pararemos» (Duarte da Gama, in «*Cançyoneyro geerall*», 1516).

2 - Diz-se que, quando o Doutor Amado nasceu (não) existiam Judeus em Portugal, quizessem ou não, presentes, ausentes, espoliados, seviciados, baptizados em pé, e à força. A Mãe do Albicastrense João Rodrigues, Catarina Aires, faleceu em 13 de Junho de 1567 «e jaz enterrada dentro da igreja. Comprou cova e deram a prenda ao P. Baltazar Gonçalves.»

Sendo certo que os alimentos, e as suas designações, reflectem a imagem de um povo, encontraremos diferenças entre Castelo Branco e cidades vizinhas, por

4 - Desconhecemos a «vera efigie» de Amado. Curiosamente, a insígnia da Tipografia Theobaldum Paganum, que antes e depois de 1558 apresenta um Judeu visto de costas, voltado para a direita (Erasmus: «Paraphrasis», 1551; Pierre Franco: «Des Hernies», 1561, por exemplo), na edição do livro de Amado (1558) conserva a legenda «VIRTVTES SIBI INVICEM ADHAERENT», mas muda a posição do Judeu, mostrando-o de frente, voltado para a esquerda. Creio que este Judeu, em 1558, representou a figura de Amado.



- Cidade de Castelo Branco: desde Março de 1989 tendes a generosidade de falar comigo de João Rodrigues de Castelo Branco, da solidariedade médica, e dos avisos do Lusitano contra a prepotência, o nepotismo, a chantagem, a corrupção e os falsos remédios, alertando incautos, para não serem enganados pelos chantagistas, que nada sabem, atitude que é, da minha parte, com o Vosso apoio, intervenção cívica pelo Direito à Saúde do Corpo e do Espírito que pode existir, se lutarmos por ele. Permitam-me que agradeça a vossa Amizade com palavras ouvidas pelo Doutor Amado que «Servia as Musas, amava a Poesia, cultivava a Ciência»:



Ilustres Amigos deixem que o diga
Com palavras de Stopius.
Amado trouxe-me até vós,
Com Amado celebrámos a Amizade.
Amáveis, Amigos dos amigos,
Prestáveis, acolhedores, oportunos,
Alegrais aqueles que recebeis.
Falais de Amado
Àqueles que vos procuram
Sem preconceitos, Amigos verdadeiros.
Viajais, com Dioscorides,
Por ignotas paragens e jardins
Levais Amado, no caminho.
Que é a Vida? Que é o Amor?
Ombro amigo disponível
Compensa o esforço.
Filhos da Lusitânia, lembramos Amado,
Tradutor do Grego de Anazarbo.
Albicastrenses ilustres, Amigos meus,
Aqui deixo o coração, nunca os esqueço.

As Parasitoses nas “Centúrias” de Amato Lusitano

J. A. David de Moraes*

“Amatus Lusitanus was one of the most prominent
Renaissance physicians.”

Marija-Ana Durrigl, Stella Fatovic-Ferencic, 2002.

Introdução

A vida e obra de João Rodrigues/Amato Lusitano (1511-1568) estão suficientemente descritas, dispensando-nos, pois, de aqui a explanarmos.¹ Num breve esboço, diremos que nasceu, comprovadamente, em Castelo Branco (todavia, a sua mãe era natural de Évora – irmã de um abastado comerciante do consórcio da pimenta² – e parece plausível que o pai também pudesse ser eborense³). Coursou Artes e Medicina na Universidade de Salamanca (três anos em cada um dos bacharelatos). De regresso à pátria, viajou pelo País, clinicando e estudando a flora. Face à discriminação dos Judeus em Portugal e à eminência da instalação da Inquisição joanina – esse mal corrosivo do *Cinquecento* português –, escafedeu-se para Antuérpia (1534)⁴ e, subsequentemente, Ferrara, Ancona, Pesaro e Ragusa, refugiando-se por fim em Salônica, no Império Otomano, onde então se acolheu um grande número de judeus luso-hebraicos, que ali eram bem recebidos e onde podiam praticar livremente a sua religião matricial. Faleceu na cidade salonicense, vitimado pela peste, cuja epidemia estava a combater.

Foi um grande etno-botânico – no domínio da fitoterapia publicou *Index Dioscorides* (1536) e *In Dioscoridis Anazarbei de Medica Materia Libros Quinque Enarrationes* (1553) e tencionava escrever ainda mais três livros complementares sobre o assunto⁵ – e distintíssimo clínico:

“Amato Lusitano foi o médico português mais ilustre do século XVI e, sem dúvida, o mais conhecido entre todos quantos nessa época exerceram as suas actividades fora do país.”⁶

Tratava com igual empenho doentes nobres, burgueses e altos dignitários (prestou assistência médica ao Papa Júlio III, que o convocou a Roma) e das classes mais desfavorecidas, fazendo-o muitas vezes gratuitamente.⁷

Escreveu sete volumes sobre a sua experiência clínica – *Centúrias de Curas Mediciniais*⁸ –, contendo cada

tomo a descrição de 100 “curas” (o conceito pretérito de “cura” correspondia ao que actualmente se designa por ‘caso clínico’). Cada “cura” consta de uma parte descritiva (em que se apresenta a anamnese, o exame objectivo, a terapêutica e o resultado do tratamento) e um “comentário”, onde o autor discute o caso clínico reportando-se, o mais das vezes, às obras dos grandes autores clássicos que eram ensinados nas universidades (Hipócrates, Galeno, Avicena, etc.). Mas as “curas” de Amato não se ficam, tão-só, pelos aspectos médicos: elas são, em boa verdade, uma fonte inestimável de informação histórica, geográfica, climática, botânica, sociológica, etnográfica, antropológica, etc., etc.: “(...) *O registo clínico dos achados científicos e do encontro dos casos mescla-se duma crónica mundana, descritiva e social. Não sei de livro assim, nem de nenhum outro português, nem de nenhum outro médico de qualquer tempo.* (...)”⁹ As *Centúrias* figuram, pois, a justo título, na galeria das obras clássicas – logo, intemporais –, desafortunadamente olvidadas da maioria dos médicos e historiadores nacionais.

Em relação às patologias ali abordadas, elas respeitam, maioritariamente, aos foros da Infecção e da Parasitologia,¹⁰ o que é conforme com a situação sanitária e epidemiológica da época de que Amato foi coetâneo. Outrossim, o peso das parasitoses na obra amatiana é imenso, o que aliás não será surpreendente para os especialistas deste domínio. Qual seria, então, a prevalência das parasitoses na Europa? Bastará lembrar, por exemplo, o peso das doenças parasitárias em Portugal ainda há relativamente pouco tempo para compreendermos a sua acuidade no século XVI.¹¹ Fiquemo-nos por alguns exemplos apenas:

“(...) Malaria endemicity was very high [in Portugal]. By 1938 more than 100 000 cases with parasites in their blood occurred in the country every year and even more in 1942-44, on account of the shortage of antimalaria drugs during the War. (...)”¹²

– hidatidose: ainda no último quartel da centúria de Novecentos, esta helmintíase era hiper-endêmica no Alentejo, apresentando na região leste umas das maiores incidências mundiais.¹³

– ascaridose: a sua prevalência crescia do sul para o norte do País e do interior para o litoral, atingindo na região do Minho 70 a 90% do total da população residente (Fig. 1).¹⁴



Fig. 1 - Prevalência da ascaridose em Portugal no século XX (reproduzido de J. David de Moraes, 1979).

– enterobiose: a sua importância era, em termos epidemiológicos, inversa à da ascaridose: aumentava de norte para sul, sendo que, por exemplo na região de Setúbal se registaram em crianças valores da ordem dos 91,5% (Fig. 2).¹⁵



Fig. 2- Prevalência da enterobiose em Portugal no século XX (reproduzido de J. David de Moraes, 1979).

– ancilostomose: esta helmintíase existia em Portugal, na região Centro, tanto no meio rural como na maioria das minas; por exemplo, na mina de cabo Mondego 98% dos mineiros estavam parasitados por Ancylostomidae.¹⁶

Em Portugal, a chamada ‘transição epidemiológica’

é relativamente recente, em especial nas doenças de transmissão feco-oral: só a partir da adesão do País (1986) à então CEE, e com a chegada de fundos comunitários, se deu início ao saneamento básico com carácter mais ou menos generalizado.¹⁷

As Parasitoses nas Centúrias

No sentido de não alongarmos demasiado este trabalho, apenas referiremos um ou dois casos clínicos para cada um dos agentes parasitários, restringindo, outrossim, a sintomatologia ao essencial (é uma simplificação algo redutora, é certo, mas os interessados sempre poderão compulsar as próprias *Centúrias*). Obviamente que nos depararemos com “curas” em que o diagnóstico é, à luz dos conhecimentos actuais, inequívoco (referências à observação de tênias, “lombrigas”, *Dracunculus*, etc.) e outras “curas” em que o diagnóstico será apenas presuntivo (caso das protozoonoses, cuja etiologia era ignorada, e não existia ainda a possibilidade do recurso a análises e/ou à observação microscópica).

Parasitoses provocadas por protozoários:

– *Entamoeba histolytica*. A amebíase campeava então na Europa, apresentando-se quer sob a forma disentérica, quer de abscesso hepático (Fig. 3).¹⁸ Quanto à forma clínica disentérica, por exemplo a “cura” 44 da *III Centúria* amatiana, intitulada “*De disenteria e de pulsão intermitente*”, corresponde em absoluto à sintomatologia desta parasitose: o doente, “(...) entre dia e noite cem vezes foi obrigado a evacuar, (...) com algum sangue misturado. (...) Tinha pouca febre, mas sentia dores à volta da região do fígado [cólon transversal] e do intestino grosso. (...)”

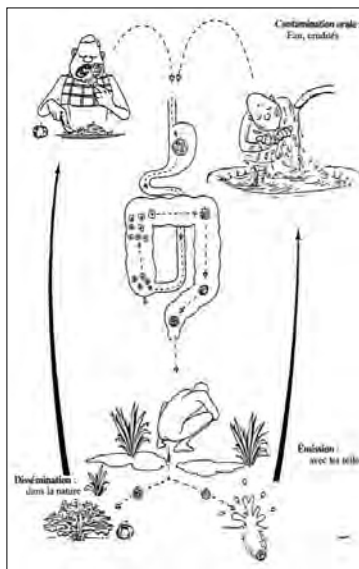


Fig. 3 - Ciclo da *E. histolytica* (reproduzido de P. Bourée, 1989; imagem a crédito de Van N'Guyen-Anh).

No que respeita aos abscessos amebianos hepáticos, lê-se na “cura” 77 da *VII Centúria*, “*De um que sofria de abscesso no fígado*”:

“(…) um rapaz de trinta anos, padecia de inflamação do fígado. A isto juntava-se febre contínua, soluços [indicação de que o abscesso, sub-diafragmático, pressionava o nervo frénico], vômitos de bÍlis prásina, fastio e derramamento de bÍlis amarela por todo o corpo. A tudo isto sobreveio um fluxo de barriga (…); estava muito enfraquecido e acabou por falecer.

Seria legítimo pôr-se aqui o diagnóstico diferencial com abscessos bacterianos, por bactérias aeróbicas e/ou anaeróbicas, mas o “fluxo de barriga” (diarreia) legitima a hipótese de se tratar de uma colite intestinal amebiana, com subsequente extensão hepática.

– *Trichomonas vaginalis*. Trata-se, como é sabido, de uma parasitose de transmissão sexual, cuja sintomatologia é mais manifesta e típica na mulher. Se bem que apenas cerca de um quarto dos casos clínicos totais das Centúrias digam respeito ao sexo feminino (na época, a doenças femininas, em especial do foro íntimo, eram tratadas no domicílio, por ‘curiosas’ ou ‘entendidas’), mesmo assim vamos encontrar na “cura” 40 da *VI Centúria* a seguinte descrição clínica: mulher que “(…) há muito tempo sofria de um corrimento pituitoso do útero, (...) de cor branca, (...) com matéria pituitosa, viscosa (...)”; tinha febre pituitosa. De feito, a leucorreia provocada pela *T. vaginalis* é esbranquiçada e abundante, ao contrário da leucorreia bacteriana, que é de cor amarelada. Todavia, a febre poderá indicar a existência de uma infecção bacteriana secundária,¹⁹ ou de outra patologia concomitante de localização não definida. Noutro passo das *Centúrias*, Amato refere ainda que por ele “(…) foi curada a sogra de Petrúcio Bergomati, de cinquenta anos de idade, de um fluxo [vaginal] branco, assim como uma mulher veneziana que mora junto da porta dos jardins. (...) Observámos ainda várias outras curadas (...)”.²⁰

– *Leishmania donovani*. Na “cura” intitulada “*De dureza do Baço, causada por uma quartã*”, Amato Lusitano fala-nos de um mercador de Salónica que “(…) sofria de inchaço do baço com enorme dureza, que contraía de uma quartã de que em tempos sofrera. (...)”²¹

À luz dos conhecimentos actuais, podemos dizer que, ainda que o doente tenha tido em tempos uma febre quartã, tal não justificava, por si só, a existência de uma esplenomegalia de “*enorme dureza*”. Se atendermos à epidemiologia da região de Salónica, entre as várias patologias que poderiam determinar este sinal clíni-

co perfila-se como mais provável a esplenomegalia por leishmaniose (Fig. 4).

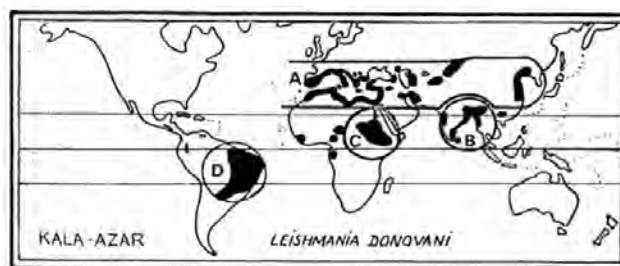


Fig. 4 - Repartição mundial das leishmanioses (reproduzido de Ann O'Fel, 1990).

Com efeito, ainda nos nossos dias praticamente toda a Bacia Mediterrânea apresenta índices bastante elevados de infecção por *Leishmania* sp.²²

– *Plasmodium* sp. O *P. falciparum* produz febres graves, com carácter irregular; o *P. vivax*, febres ditas terças; e o *P. malariae*, febres quartãs (Fig.5).

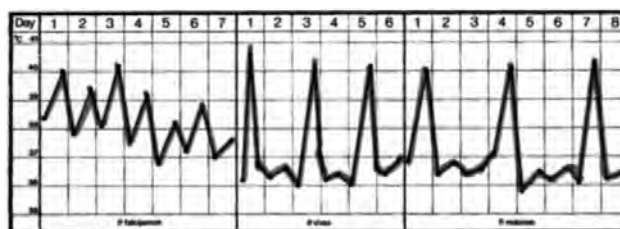


Fig. 5 - Manifestação das febres palúdicas: terça maligna (*P. falciparum*), terça benigna (*P. vivax*) e quartã (*P. malariae*).

O primeiro dos três plasmódios pode ser mortal se não for devida e atempadamente tratado, e não produz recidivas; quanto aos outros dois, evoluem, via de regra, de forma benigna e têm carácter recidivante. Lembre-se que a malária era endémica em quase toda a Europa (atingia até os países nórdicos), e só a meio do século passado se conseguiu a sua erradicação total no nosso continente (Fig. 6).²³

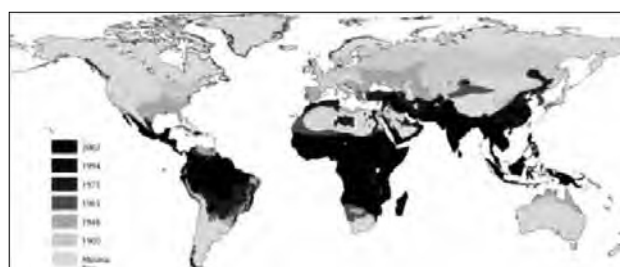


Fig. 6 - Distribuição mundial da malária, de 1900 a 2002 (https://koshland-science-museum.org/sites/all/exhibits/exhib_infectious/malaria_vector_control_05.jsp)

Acresce que se assistiu a uma “recrudescência do mal [malária] durante o século XVI”, o século de Amato, por “busca de novas terras”, designadamente “planícies húmidas”.²⁴

Assim, compreende-se que a doença a que Amato dedicou mais “curas”, na globalidade das suas sete

Centúrias, seja exactamente o paludismo:²⁵ de feito, abundam ali os casos clínicos de febres terças, quartãs e “duplas terças” e “terças contínuas”, estas últimas correspondendo, muito plausivelmente, a infecções por *P. falciparum*, que produz quadros também designados por ‘terças malignas’, em oposição às ‘terças benignas’ do *P. vivax*. E a situação revestia-se de particular acuidade em especial na Grécia: “(...) O paludismo e a peste são as doenças mais frequentes registadas na VII Centúria [respeitante a Salónica] (...)”²⁶

Aliás, a primeira referência clínica ao paludismo devemos-la a Hipócrates (c. 460-370 a. C.), e na Grécia Antiga os atenienses usavam depreciativamente o apodo “beócio” para se referirem às populações a norte de Atenas (ainda hoje existe a província da Beócia, região de terras alagadas, só drenadas no século XXIX): como sofriam de constantes ataques de paludismo, os nativos eram considerados ‘meios tontos’ – curiosamente, o vocábulo contaminou mesmo a língua portuguesa, daí que os nossos dicionários registem os termos ‘beócio’ e ‘beotice’.²⁷

Parasitoses provocadas por helmintas:

Tremátodos:

– *Fasciola hepatica*. Amato descreve alguns casos de patologia hepática com icterícia. Obviamente que os dados anamnésicos e clínicos que apresenta são insusceptíveis de conduzir a um diagnóstico etiológico. Todavia, dado que a *F. hepatica* é frequente na Europa²⁸ (donde é originária, tendo-se difundido por outros continentes com os gados que os colonizadores espanhóis e portugueses levaram consigo), é muito provável que Amato tenha lidado com doentes com fasciolose.

– *Schistosoma haematobium*. Este parasita, que produz a schistosomose vesical ou bilharziose, é originário da região dos Grandes Lagos, em África, donde se difundiu por todo o Continente, em especial para o Egipto, através do rio Nilo (foi identificado em múmias egípcias²⁹). A expansão islâmica levou mesmo à introdução da helmintíase em Portugal, no Algarve, onde era conhecida pela “doença das lava-deiras”, pela hematúria que causava em especial em mulheres que iam lavar roupa aos rios.³⁰

Amato tratou bastos casos de apertos uretrais e vesicais, utilizando uma técnica (introdução de velas de cera através do meato urinário) que aprendera em Salamanca com Lorenzo Alderete.³¹ Obviamente que o grosso desses casos era devido a infecções por doenças de transmissão sexual. Todavia, em pacientes

que tinham permanecido em zonas tropicais endémicas de schistosomose (situação assaz frequente, dada a extensão do ‘Império Português’ no século XVI), podemos admitir a existência de possíveis infecções por este tremátodo, e consequentes apertos uretro-vesicais, como se lê na “cura” 19 da IV Centúria, em que aborda um tratamento que fez em Lisboa a “(...) um rapaz de vinte e cinco anos que tivera largos serviços militares na África e na Índia (...)”.

Céstodos:

– *Taenia saginata*. Até meados do século XX, era um parasita bastante frequente na Europa, e só as inspecções mais cuidadas em matadouros modernos permitiu o seu declínio. Tome-se como exemplo a “cura” 74 da VI Centúria: uma mulher da Ilíria “(...) expeliu pela boca um verme largo, ainda vivo, do comprimento de quatro côvados [2,64 m], (...) talvez da espessura de uma unha, de cor muito branca. (...) O corpo era formado por uma só peça, tendo no entanto várias divisórias (...), como sementes (pevides) de abóbora, (...) verme espalmado a que se costuma chamar ténia, isto é fita (...)”. A descrição é perfeita, e as dimensões e as “divisórias como sementes de abóbora” (proglótis maduros ou terminais) não deixam dúvidas de que se tratava de uma *T. saginata*.

– *Taenia solium*. Ao contrário da *T. saginata*, que no hospedeiro definitivo (o homem) apresenta tão-só a forma adulta, com localização intestinal, a *T. solium* pode apresentar além da forma adulta, intestinal, também a forma larvar (*Cysticercus cellulosae*), de localização muscular e/ou cerebral (neurocisticercose). Sabemos que Amato observou a forma adulta deste cestodo porque nos fala do corpo segmentado de parasitas com morfologia em “sementes de abóbora” e em “sementes de pepino”: os primeiros, como visto supra, correspondem a proglótis distais de *T. saginata*, enquanto os segundos, mais pequenos, a proglótis de *T. solium*.

Quanto à neurocisticercose: sabe-se, hoje em dia, que uma percentagem muito considerável de epilepsias é devidas à presença de larvas de cisticercos no cérebro, que podem actuar como focos epileptogénicos.³² Mesmo em Portugal, onde se considerava que a *T. solium* tinha sido praticamente erradicada, desde que Luís Monteiro e colaboradores começaram a usar a TAC no estudo de doentes epiléticos, foram diagnosticados no norte do País algumas centenas de casos de neurocisticercose.³³ Ora, Amato relata pelo menos quatro casos de epilepsia,³⁴ três dos quais em

crianças (o grupo epidemiologicamente mais exposto ao contágio), pelo que é legítimo admitir-se que alguns casos pudessem corresponder à neurocisticercoses.

– *Echinococcus granulosus*. Até cerca do final do século passado (altura em que se desenvolveram intensas campanhas de erradicação da equinocose-hidatidose), toda a Bacia Mediterrânea apresentava incidências muito elevadas desta parasitose, figurando Portugal, Itália e Grécia (países onde Amato Lusitano praticou clínica) entre os de mais elevada endemicidade.³⁵ Pelo menos um caso descrito por Amato (outros casos de ‘tumores hepáticos’ que relata poderiam corresponder a quistos hidáticos, mas não foram punccionados) é conforme com uma hidatidose hepática: tratava-se de um doente calabrês, com ‘abcesso’ do fígado; aberto o ‘abcesso’ a ferro candente, drenou ‘pus’ branco.³⁶ Amato reporta-se depois, nos comentários, a Hipócrates (Aforismos, livro 7, nº 45): “Aqueles cujo fígado supurado for queimado salvam-se se o pus for puro e branco; estes contêm o pus numa túnica. Se, porém, fluir tal qual a amurca, morrerão.” Os vocábulos ‘abcesso’ e ‘pus’ deverão ser relativizados, uma vez que correspondiam à terminologia médica da época. Assim, o ‘pus’ branco e puro pretende significar líquido hidático, que preenche o interior do quisto, e a ‘túnica’ respeita à cápsula ou periquística que envolve a lesão parasitária. No essencial, o que Hipócrates – figura tutelar para Amato – pretendia dizer é que os doentes com quistos hidáticos em geral sobreviviam (tal como no caso relatado), enquanto os doentes com pus escuro, cor de amurca (abscessos bacterianos ou amebianos), morriam (a era dos antimicrobianos ainda vinha muito longe).

Nemátodos:

– *Ancylostoma duodenale*. Conhecida como ‘ancilostomose dos mineiros’ ou ‘ancilostomose do Velho Mundo’ (em oposição à ‘ancilostomose do Novo Mundo’, devida a um outro Ancylostomidae, o *Necator americanus*, posteriormente também introduzido em Portugal³⁷), era uma parasitose corrente na Europa. A via de infecção é fundamentalmente através da pele – ‘doença do pé-descalço’ – e produz anemias mais ou menos graves, em função da ‘carga’ parasitária. Como consequência desta anemia, existe tendência para a pica ou geofagia (em África, onde fizemos investigações sobre esta problemática, a associação ancilostomose/geofagia foi sobejamente demonstrada: na região do Andulo – Planalto Central de Angola –, 86,6% de 238 crianças estavam parasitadas

por Ancylostomidae, sendo que 78,5% praticavam a geofagia³⁸). Ora, nas Centúrias vamos encontrar a geofagia, por exemplo numa rapariga “(...) de doze anos, rosto macilento [anemia], franzina de compleição, que sofria da doença chamada citta [pica] (...)”³⁹ Na variada receita de Amato (carne de faisão, perdiz, tordo, melro, capão, galinha, cabrito, carneiro castrado, etc. – na verdade, algo úteis para corrigir a anemia, muito embora fosse então desconhecida a etiopatogenia da doença), permitia-se-lhe, para satisfazer a compulsão da geofagia, o consumo de amido em vez de greda e ossinhos queimados em vez de terra.

– *Ascaris lumbricoides*. O conceito de “lombrigas” é variável, no espaço e no tempo. Assim, por exemplo, enquanto no nosso País “lombrigas” significa, em geral, *A. lumbricoides*, no Alentejo “lombrigas” diz respeito ao *Enterobius vermicularis*, os vulgares oxiúros, e os *A. lumbricoides* são nomeados por “bichas”. Também em Amato Lusitano, e seus coevos, importa aclarar o conceito de “lombrigas”. Escreve ele: “(...) Há três espécies de lombrigas. Umas, as chamadas longas, arredondadas ou polidas, (...) assemelhando-se às minhocas, que muitas vezes se viram expulsar pelas narinas [ou pela boca, como também refere Amato]. Outras, chamadas cucumerinas ou cucurbitinas [Cucurbitáceas], (...) chamadas cucumerinas porque se assemelham a sementes ou pevides do pepino. As terceiras são designadas lombrigas largas, embora com melhor propriedade se devam chamar compridas, porque são de grande e enorme comprimento; Plínio chama-as (...) ténias (taenias), isto é, fitas (...)”⁴⁰ A interpretação parasitológica de tais morfologias não se nos afigura difícil: as primeiras, longas, arredondadas, semelhantes a minhocas e que podem ser expulsas pela boca e/ou pelas narinas, respeitam, em toda a evidência, ao *A. lumbricoides*. As segundas, que se assemelham a pevides de pepinos, correspondem a segmentos ou proglótis de *T. solium*. Quanto às terceiras, largas e compridas, de enorme comprimento e que Plínio apelida de ténias, respeitam à *T. saginata*. Ou seja, para os médicos da época – inclusive Amato – todos os vermes ou helmintas eram incluídos na categoria ‘taxonómica’ (*avant la lettre*) de “lombrigas”, independentemente de serem céstodos (‘vermes chatos’ e segmentados) ou nemátodos (‘vermes redondos’, não segmentados). Estamos aqui perante parasitoses intestinais, mas o conceito de “lombriga” para Amato ia mais longe: o *Dracunculus medinensis*, um nemátodo sistémico com mais de um metro de comprimento, foi por ele também designado por “lombriga”, o mesmo acontecendo com a *Diriofilaria repens* (vide infra).

Estritamente no que respeita ao *A. lumbricoides*, existem nas *Centúrias* numerosas “curas”, de que tomaremos apenas dois exemplos: “(...) Lucas, de Castelo de Bolonha, (...) vomitou pela boca no espaço de nove dias quinze vermes ainda vivos. (...)”;⁴¹ um rapaz de 11 anos de idade, filho de Jerónimo Basílio, patrício de Ragusa, governador da ilha do Meio, após ser medicado por Amato, “(...) expeliu trezentos vermes no espaço de dez dias e a maior parte deles eram grossos, grandes e todos vivos, misturados com excremento (...)”.⁴² Esta última “cura” suscita uma questão médica de grande acuidade: a possibilidade de nas infecções maciças por *A. lumbricoides* poderem ocorrer oclusões intestinais, seguidas de perfuração, peritonite e morte. Tal terá sido, certamente, o que aconteceu numa das “curas” amatianas (“*De vermes e do sinal letífero*”): uma rapariga adoeceu e expulsou “(...) vermes por cima e por baixo, (...) morrendo passados poucos dias. (...)”⁴³

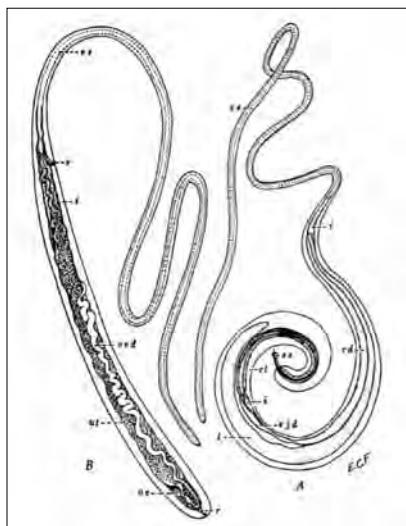


Fig. 7 - Vermes adultos de *T. trichiura*: fêmea à esquerda e macho à direita (reproduzido de E. Faust et al, 1972).

– *Trichuris trichiura*. Trata-se de um parasita intestinal que coloniza em especial a metade distal do cólon e o sigmóide. Com a sua extremidade cefálica muito afilada (Fig. 7), incrusta-se na parede intestinal e alimenta-se de sangue. Sendo hematófago, debilita a mucosa do intestino, minando a aderência entre a mucosa e a muscularis-mucosa. Uma das consequências dessa acção deletéria é o deslizamento da mucosa para o exterior, produzindo um prolapso rectal (Fig. 8).

Obviamente que esta situação só costuma ocorrer em casos de cargas parasitárias muito importantes, o que era outrora relativamente frequente. Ocorre referir que a trichiuriase ou tricocefaliase apresentava nos países europeus índices de prevalência extremamente elevados. Por exemplo, estudos feitos em Lisboa mostraram em crianças prevalências de 91,6%,⁴⁴ em Quaios de 93,4%,⁴⁵ em Barcelos de 96,2 %, ⁴⁶ etc. Esta é, pois, uma questão de suma importância etiopatogénica dado que



Fig. 8 - Prolapso rectal por infecção por *T. trichiura*: aderentes à mucosa, vêm-se vermes adultos (reproduzido de E. Faust et al, 1972).

tem havido interpretações bastante questionáveis sobre uma passagem de Amato:⁴⁷ “(...) Não só as mulheres como as criancinhas que vivem em Roma, apareciam-lhes, em volta do ânus, excrescências carnosas, das que alguns autores costumam designar hemorróidas em crista. (...) Resulta de substâncias que pervertem a ordem da natureza. (...)”⁴⁸ Importa, pois, equacionar a questão à luz dos (des)conhecimentos da época: nem Amato nem nenhum dos seus coetâneos sabiam, obviamente, da existência do parasita *T. trichiura* e/ou do Papilomavirus. Assim, as mulheres a que se refere o nosso autor deveriam apresentar condilomas decorrentes de infecções por vírus de transmissão sexual, mas as “excrescências carnosas” das crianças são mais conformes com prolapso rectais por tricocefaliase, situação que nós ainda observámos no início da nossa carreira médica. De feito, as elevadíssimas cargas parasitárias eram assaz frequentes, mesmo em Portugal: por exemplo, em Lisboa “(...) a curva de infestação por *Trichiurus* [num bairro junto ao cemitério de S. João] atinge um planalto pelos 4 anos [ênfase nossa] com uma média de cerca de 160 vermes [por grama de fezes] por indivíduo, mantém-se até cerca dos 14 anos, baixando progressivamente até aos 20 anos. (...)”⁴⁹ Em suma, na centúria de Quinhentos os médicos desconheciam a existência do *T. trichiura* e dos vírus, e, generalizando, para eles todas as excrescências carnosas do ânus eram interpretadas como patologia de transmissão sexual. Aliás, em relação às crianças lembraremos que, já no século XVIII, Gonçalo Rodrigues Cabreira, no seu “*Compendio de Muitos e Varios Remedios...*”, dedicou o cap. XXI aos “*remedios para meninos, & pessoas grandes, que lhe sae o cesso fóra*”^{50,51} – e não consta que em Portugal se andassem, então, a violentar crianças. E muito antes, ainda no século XIII, a acuidade do problema já tinha levado, por exemplo Pedro Hispano Português (Papa João XXI), no seu “*Tesouro dos Pobres*”, a debruçar-se também sobre o tratamento dos prolapso rectais, compilando seis receitas, algumas de autores antigos, gregos e romanos.⁵²

– *Enterobius vermicularis*. Reza assim a cura 23 da *II Centúria*: “(...) Umas crianças eram apoquentadas por

picadas de vermes. (...) Demos-lhes a comer erva lombrigueira. (...) No caso dos lactantes dávamos às mães as respectivas mezinhas, mas em maior quantidade para que (...) pudessem alcançar o leite. (...)” Um parasita que produzia em lactantes prurido (anal) e que se tratava com “erva-lombrigueira” era, manifestamente, o *E. vermicularis*, que determina a enterobíase ou oxiúriase. Mais uma vez nos deparamos aqui com a generalização do vocábulo “lombrigas” (daí a prescrição da “erva-lombrigueira”), como sinónimo de ‘vermes’, independentemente do seu tamanho.

– *Toxocara canis* e/ou *T. cati*. Trata-se de zoonoses parasitárias que quando infectam o homem, a que não estão adaptadas, não evoluem além da forma larvar (não alcançam, portanto, o intestino, onde deveriam passar a vermes adultos), determinando então o chamado síndrome de ‘larva migrans visceral’.⁵³ Nas suas várias localizações no organismo, uma das formas mais perigosas da larva migrans é a ocular, dado que o granuloma parasitário na retina pode ser confundido com um retinoblastoma, tumor de muito elevada malignidade, e que em muitos casos levou à enucleação de olhos.⁵⁴

Retomemos as *Centúrias*: a propósito de um hebreu, cobrador de impostos de Soleimão no Egipto, que “tinha vista diminuída e corrompida”, Amato diagnostica (e aparentemente bem) “catarata”; diz-nos, depois, que “estas doenças são hoje muito frequentes no Egipto”, atribuindo-as à “secura e grande penetração do próprio ar” e ao “pó concorrente”. De feito, estas manifestações climáticas, em especial aquando da ocorrência do *kahmsin*,⁵⁵ são habituais na região em que habitava o doente. Todavia, deveremos lembrar que, entre os problemas oculares no Egipto, estudos modernos revelaram índices elevados de a cegueira, sendo esta em 37 % dos casos provocada por larvas de *Toxocara spp.*⁵⁶ (outro, responsabilizava-se o *T. canis* pela larva migrans ocular, mas investigações recentes inculcam antes o *T. cati*⁵⁷ – pelas suas mais diminutas dimensões penetraria mais facilmente na artéria central da retina –, o que, epidemiologicamente, no Egipto faz todo o sentido dado o facto de os islâmicos considerarem o cão um animal impuro e privilegiarem antes os gatos como animais de companhia).

– *Dirifilaria repens*. A *D. repens* é uma filariose dos cães, que se transmite através de mosquitos que, acidentalmente, podem também contagiar o homem pela sua picada. Esta parasitose canina é bastante frequente na região mediterrânea, e a casuística humana divulgada diz respeito especialmente a Itália, França, Grécia e Espanha.⁵⁸ A localização humana preferencial é a peri-ocular.

Reportemo-nos agora às *Centúrias*: “Uma garota de três anos, (...) eis que começa a aparecer-lhe uma cabeça de lombriga pela parte inferior de um olho (...). As mulheres que por acaso assistiam à garota aflita, observando o olho, viram um verme, que logo extraíram com a mão. Era de meio palmo de comprimento, de cor branca, da espessura de uma linha, muito activo. (...)”⁵⁹

– *Dracunculus medinensis*. Trata-se de um nemátodo cujo contágio é feito através da ingestão de micro artrópodos aquáticos, *Cyclops*, o que leva ao desenvolvimento no homem de um verme adulto, cuja fêmea atinge 0,70 a 1,20 m de comprimento. Para libertar as microfílarias e completar o ciclo, o parasita exterioriza-se, o mais das vezes, na parte distal dos membros inferiores quando o indivíduo infectado penetra na água. A extracção do verme é feita prendendo a extremidade do parasita num pequeno pedúnculo de madeira e enrolando-o durante vários dias – se o verme fosse simplesmente cortado ou arrancado, então a sua morte ocasionaria uma infecção, podendo conduzir a uma septicemia, culminando na morte do doente. Originário da Península arábica (região de Medina), o parasita difundiu-se por África, em especial Egipto, Sudão, etc., e regiões indostânicas.

Vejamos a cura 64 da *VII Centúria*: “(...) De um dracunculo, surgido na perna, a que os árabes chamam veia medena. Um negro etíope, (...) logo que chegou de Mênfis, célebre cidade do Egipto, a Salónica começou imediatamente a queixar-se de dores numa perna. Nesta aparecera, junto ao calcanhar, primeiro uma ferida na qual se via uma cabeça à maneira de veia. (...) Para o seu tratamento foi chamado o médico Parayas, conhecedor de língua árabe, que começou assim: (...) ligou a parte externa da veia, ou mais acertadamente, de qualquer substância nervosa, a um pedaço delgado de madeira, substância que pouco a pouco arrastava e rodava com a lâmina lenhosa, de modo que chegou à sua última parte, isto é, até ao comprimento de três côvados, após muitos dias. Com isto o etíope foi libertado das dores angustiosas e da doença. (...)” Do ponto de vista epidemiológico, tratava-se de “um negro etíope”, vindo do Egipto, isto é, de uma zona endémica de *D. medinensis*. A exteriorização do verme numa perna é, com efeito, conforme com a localização mais frequentemente encontrada na clínica da dracunculose. Demais, Amato mostrou uma grande consciência das suas limitações numa patologia que lhe era estranha e, eticamente, chamou um médico conhecedor de tal doença. O tratamento que este utilizou para a extracção do verme foi o que sempre se usava e ainda hoje continua a ser usado. O parasita extraído media três

côvados, isto é cerca de 1,5 m de comprimento. Foram as excepcionais dimensões deste verme que levaram os antigos a considerá-lo uma serpente, a “serpente de Medina”. Consideremos agora os comentários que Amato fez sobre este caso clínico: “(...) Alguns autores duvidam se esta doença é veia ou nervo ou lombriga. Quanto a mim, como testemunha ocular, mais de acreditar que muitas coisas ouvidas, atesto que tal doença se apresenta como uma lombriga, esbranquiçada, fina, ao modo de linha torcida. (...)” Com efeito, no tempo de Amato Lusitano discutia-se a etiologia da doença, admitindo-se várias hipóteses: seria um nervo ou uma veia que se exteriorizava – daí a designação de “veia medena” ou “veia de Medina” – ou talvez “uma lombriga”. Ora, na sua arguta observação, Amato atesta “que tal doença se apresenta como uma lombriga, esbranquiçada”, isto é, como um verme.⁶⁰ Mais uma vez a designação de “lombriga” é aplicada a um outro verme que não o *A. lumbricoides*.

Parasitoses provocadas por ectoparasitas

– *Sarcoptes scabiei*. Nas *Centúrias amatianas* existem vários casos clínicos de escabiose, de que aqui reteremos, tão-só, a cura 33 da *II Centúria*, dado o desfecho trágico do seu tratamento: “(...) Um jovem de Florença, que por todo o corpo tinha espalhada uma sarna desfigurante, untou-se, sem conselho de médicos, com um unguento a que fora misturado arsénico. Pela manhã, os criados foram encontrá-lo morto estirado sobre a cama. Um outro conhecemos que, tendo feito semelhante aplicação de unguento, caiu em loucura a pontos de ser necessário amarrá-lo. (...)”

– *Pediculus capitis*. A pediculose consta também da casuística de Amato, v. g.: “(...) Veneto, um pobre homem de Ancona, trazia o corpo coberto de piolhos e de tal modo o afligiam e manchavam que pouco faltou para morrer dessa doença. (...) [Também] conhecemos em Lisboa um indivíduo, de certa nobreza, que morreu miseravelmente desta doença. (...) O apelido deste indivíduo era, se a memória me não ataiçoa, Tabora. (...)”⁶¹

Com efeito, não só a pediculose era bastante frequente (e continua a sê-lo)⁶² como também o seu tratamento era consideravelmente ineficaz, daí o hábito de se ‘catarem piolhos’, em especial às crianças (Fig. 9).

Amato realça a periculosidade das infestações maciças de piolhos, referindo: (...)

(...) Desta repugnante afecção muitos têm morrido, como Scylla, Ferécides, Énio, incluindo-se também Platão, segundo querem alguns. (...)”⁶³

Obviamente que já fora do âmbito estrito da Pa-

rasitologia, o *P. capitis* assumia também uma grande relevância como vector do tifo exantemático que, desde tempos imemoriais, fazia razias regulares por toda a Europa. Mesmo em Portugal, o tifo epidémico ainda se manifestou durante a primeira metade do século passado, com um surto de mortalidade muito elevada em 1918-1919.⁶⁴

Considerandos finais

Na Europa (e ainda hoje nos países em vias de desenvolvimento) as parasitoses constituíam o grosso da patologia quotidiana a que os médicos tinham de fazer face. No caso concreto das *Centúrias amatianas*, bastará atentar no facto de, por exemplo, as febres terças simples, duplas terças, terças contínuas e quartãs (leia-se, pois, a malária) constituírem, de longe, a patologia que mais “curas” ocupam.⁶⁵ Aliás, como visto acima, a casuística parasitológica da obra de Amato Lusitano permitiria, *per se*, organizar um vasto curso de Parasitologia, em que a análise dos casos clínicos facultaria uma ampla discussão e a aprendizagem das parasitoses mais importantes.

Além da epidemiologia das parasitoses, sua distribuição geográfica e maior ou menor relevância da sua ocorrência, as *Centúrias* facultam-nos, outrossim, dados clínicos muito importantes e o conhecimento do ‘estado da arte’ da terapêutica no século XVI. Demais, tais informações foram-nos veiculadas por um cientista de craveira excepcional, um uoמו universal do Renascimento: “Com as suas Sete Centúrias de Curas Medicinai[s] [Amato Lusitano] estabeleceu o nível mais alto de medicina clínica experimental e filosófica do século XVI.”⁶⁶



Fig. 9 - Tratamento de piolhos nos períodos medieval e renascentista.

Notas

- 1 - Maximiano Lemos, 1907; Ricardo Jorge, 1962; José Lopes Dias, 1971; J. A. David de Moraes, 2011; João José A. Dias, 2011.
- 2 - Antônio M. Lopes Andrade, 2009.
- 3 - João A. David de Moraes, 2011, pp. 111-118; idem, 2012, pp. 5-10.
- 4 - "(...) Em 1534 a hostilidade aos cristãos-novos cresce. Os médicos-cristãos novos ficam proibidos de ter pacientes cristãos velhos ou de poder exercer a profissão de 'boticários' (...)" (argumentava-se que os boticários judeus poderiam envenenar os cristãos-velhos), Roberto Bachmann, 1996, p. 278.
- 5 - "(...) O nosso Dioscórides cujas coleções encherão a 'Oitava, Nona e Décima Centúrias' (...)", Amato Lusitano (A. L.), VI Centúria, cura 41.
- 6 - Ferreira de Mira, 1948, p. 117.
- 7 - "(...) Com igual cuidado tratei dos pobres e dos nascidos em nobreza." (...)" "Quanto a honorários, que se costumam dar aos médicos, também fui sempre parcimonioso no pedir, tendo tratado muita gente com mediana recompensa e muita outra gratuitamente (...)", Juramento de Amato Lusitano, in: Augusto D'Esaguy, 1955, pp. 25-27.
- 8 - A. L., 1983; idem, 2010.
- 9 - Ricardo Jorge 1962, p. 10.
- 10 - A. L., 1983, vol. I, pp. 11-23; idem, 2010, vol. I, pp. 15-23.
- 11 - Aliás, ainda hoje, nos países "em desenvolvimento", as parasitoses pre-valectem sobre as demais patologias.
- 12 - Francisco C. Cambournac, 1978, p. 389.
- 13 - O paludismo era hipo-endêmico no Norte do país (predominava o *Plasmodium vivax*); meso-endêmico no Centro (o *P. falciparum* e o *P. vivax* equilibravam-se); e hiper-endêmico no Sul (o *P. falciparum* e o *P. vivax* alternavam a sua maior incidência em períodos de cerca de cinco anos). O *P. malariae* existia em cerca de 5% dos doentes com malária em todo o território. O *P. ovale* era uma espécie não indígena, compreendendo apenas casos importados.
- 14 - João A. David de Moraes, 1993; idem, 1998.
- 15 - Idem, 1979, pp. 155-175; ibidem, 1984.
- 16 - Rico, 1932.
- 17 - Quando estagiámos, no início da década de 70, no Serviço de Doenças Infecciosas e Parasitárias (agora, perdeu a designação de 'Parasitárias') do Hospital Escolar de Santa Maria, em Lisboa, a patologia mais corrente era, então, a febre tifóide, uma doença de transmissão feco-oral. Hoje em dia, a maioria dos médicos mais jovens nunca diagnosticou um caso clínico de febre tifóide.
- 18 - Marc Gentilini et al, 1981, p. 208.
- 19 - "(...) Na mulher, pode declarar-se uma vaginite complicada por bactérias, leveduras ou espiroquetas. (...)", E. C. Faust et al, 1987, p. 42.
- 20 - A. L., IV Centúria, cura 12.
- 21 - Idem, VI Centúria, cura 39. Vide também o caso de um "baço extraordinariamente duro e grande", cura 86, I Centúria.
- 22 - P. Bourée, 1983, p. 110.
- 23 - F. J. C. Cambournac, 1978, pp. 387-400; Infectious Disease: https://koshland-science-museum.org/sites/all/exhibits/exhib_infectious/malaria_vector_control_05.jsp
- 24 - Para uma apreciação sobre a origem e expansão na Europa do paludismo, vide, v. g., Tony McMichael, 2003, pp. 75-85.
- 25 - Fernand Braudel, 1995, vol. I, p. 80.
- 26 - A. L., 1983, vol. I, pp. 16-17; idem, 2010, vol. I, pp. 18-19.
- 27 - José Lopes Dias, 1971, p. 53.
- 28 - "Beócio: Do grego boiotios, da Beócia; glutão, molengão, desajeitado; os Beócios eram considerados grosseiros e estúpidos pelos restantes Gregos", José Pedro Machado, vol. I, 1967, p. 418.
- 29 - As primeiras identificações de *F. hepatica* foram realizadas em 1379, por Jehan de Brie, em França, no fígado de ovinos.
- 30 - Deelder AM et al, 1990, pp. 724-725; Miller RL et al, 1992, pp. 555-556.
- 31 - Fraga de Azevedo et al, 1948, pp. 175-222.
- 32 - João David de Moraes, 2011, pp. 28-29.
- 33 - "(...) Neurocysticercosis. Epilepsy is the most common clinical presentation (...)", Luís Monteiro et al, 1992, p. 61.
- 34 - Só entre 1983 e 1992, foram diagnosticados 248 casos de neurocysticercose no Hospital de Santo António do Porto, Luís Monteiro, 1995.
- 35 - A. L., Curas 6 e 90 da II Centúria; idem, curas 22 e 24 da IV Centúria.
- 36 - João A. David de Moraes 1993, vol. I, cap IV, pp. 79-113.
- 37 - A. L., cura 76, VII Centúria. Vide também Daniel Cartucho e Gabriela Valadas, 2002, (16): 33-35.
- 38 - J. Fraga de Azevedo, 1964, p. 281.
- 39 - João A. David de Moraes, 1976, p. 525.
- 40 - A. L., cura 86, III Centúria.
- 41 - Idem, cura 6, I Centúria.
- 42 - Ibidem, cura 24, III Centúria.
- 43 - Ibidem, cura 41, II Centúria.
- 44 - Álvaro P Ataíde, Eduardo Baptista, 1944.
- 45 - Manuel T. V. Meira, António M. F. Coito, 1946.
- 46 - F. Coutinho da Costa, 1975.
- 47 - "(...) A Cura LXXXVII da Segunda Centúria diz-nos que a devassidão em Roma era tanta que além das mulheres, muitas crianças apresentavam condilomas anais, um sofrimento deplorável por resultar de coisas que pervertem a ordem da natureza (...)", Alfredo Rasteiro, 1999, p. 22 – ênfase nossa.
- 48 - A. L., cura 87, II Centúria.
- 49 - Álvaro P. Ataíde, Eduardo Baptista, 1944; 11, p. 374.
- 50 - Gonçalo Rodrigues Cabreira, 1671, cap. XXI, pp. 43-44.
- 51 - Cesso: vocábulo arcaico, em geral não dicionarizado (por pudicícia?), significando: recto, ânus, parte terminal do intestino. O vocábulo subsiste, todavia, dialectalmente, pelo menos no Alentejo, e nós próprios o ouvimos com alguma frequência nas nossas consultas hospitalares.
- 52 - Pedro Hispano, 2011, cap. XXVII, pp. 211-213.
- 53 - João A. David de Moraes, 1989, pp. 29-46.
- 54 - É já clássico referir o trabalho de Wilder (1950), feito nos USA, no qual o estudo de 47 olhos enucleados por suspeita de retinoblastoma revelou a presença de larvas ou de material hialino residual larvar em 23 (49%) dos olhos. Posteriormente, Nichols (1956) identificou as larvas como tratando-se de *Toxocara* spp.

- 55 - "Khamzin: Vento quente, seco, carregado de areia, que se diz soprar durante cinquenta dias ('cinquenta' é o significado literal em árabe), dos desertos do Sudeste do Egipto.", Saul Bellow, 2011, p. 154, nota de pé de página.
- 56 - H. M. Omar, J. W. Lewis, 1993, p. 40.
- 57 - Petithory JC et al, 1993, pp. 81-89.
- 58 - A. Abou-Bacar et al, 2007, pp. 269-270.
- 59 - A. L., cura 63, VII Centúria.
- 60 - João A. David de Moraes, 2008, pp. 17-25.
- 61 - A. L., cura 58, III Centúria.
- 62 - "(...) Praga de piolhos começa com as aulas. (...) Entre os cinco e os dez anos, é rara a criança que escapa a estes parasitas, independentemente dos seus hábitos de higiene. (...) Por vezes, turmas inteiras acabam sujeitas à reacção alérgica que se segue à picada: comichão, marcas avermelhadas e inflamação. (...)", Sara Gamito, 2008.
- 63 - A. L., cura 58, III Centúria.
- 64 - João A. David de Moraes, 2008, pp. 291-307.
- 65 - A. L., 1983, vol. I, pp. 16-17; idem, 2010, vol. I, pp. 18-19.
- 66 - Boris Catz, 1994, p. 105.

Bibliografia

- ABOU-BACAR A, DIALLO M, WALLER J et al. Dirofilariose sous-cutanée humaine due à *Dirofilaria repens*. A propos d'un cas diagnostiqué à Strasbourg, France. *Bulletin de la Societe de Pathologie Exotique*. 2007;100(4): 269–270.
- ANDRADE António ML. As tribulações de Mestre João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) à chegada a Antuérpia, em 1534, em representação do mercador Henrique Pires, seu tio materno. *Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao Século XXI – Cadernos de Cultura* 2009, nº 23: 7-14.
- ATAÍDE AP, BAPTISTA E. Determinação de um índice de infestação. *Coimbra Médica*, 1944; 11: 374-382.
- CABREIRA GR. *Compendio de Muitos e Varios Remedios...* Lisboa: Na Officina de Francisco Villela, 1671.
- BACHMANN R. *Botanistas Portugueses: Garcia de Horta, Cristóvão da Costa, Amato Lusitano*, pp. 275-82. In: *Vários. O Património Judaico Português. I Colóquio Internacional*. Lisboa: Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, 1996.
- BELLOW S. *Jerusalém, Ida e Volta*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2011.
- BOUREE P. *Aide Memoire de Parasitologie*. Paris : Flammarion Médecine, Sciences, 1983.
- BOUREE P. *Dictionnaire de Parasitologie*. Paris : Edition Marketing, 1989.
- BRAUDEL F. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*, vols I e II. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- CAMBURNAC FJC. Serious threat of reintroduction of endemic malaria in Portugal. *Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas* 1978; 1: 387-400.
- CARTUCHO D, VALADAS G. Abscessos de drenagem pura e branca - a propósito de uma cura em Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao Século XXI – Cadernos de Cultura* 2003 (16): 33-35.
- CATZ B. *Os Médicos Judeus-Portugueses*, pp. 105-6. In: *Vários. Os Judeus Portugueses entre os Descobrimentos e a Diáspora*. Lisboa: Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, 1994.
- COUTINHO DA COSTA F. Incidência e distribuição das helmintíases intestinais mais comuns na região rural da Metrópole. *Anais Azevedos* 1975; 22(4/5): 1-23 (separata).
- D'ESAGUY A. *Oração e Juramento Médico de Moisés Maimonide e Amato Lusitano*. Lisboa: edição do autor, 1955.
- DAVID DE MORAIS JA. *Contribution à la connaissance de l'Anthropo-Ecologie de la malnutrition chez les va'Ndulu (Angola)*. Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical 1976; 4(1/4): 481-547.
- DAVID DE MORAIS JA. Subsídios para o conhecimento epidemiológico das Helmintíases intestinais endêmicas na freguesia de Monsaraz (Alto Alentejo). I - Estudo prospectivo em crianças das escolas. *Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas* 1979; 2 (2): 155-175.
- DAVID DE MORAIS JA. *Helmintíases Intestinais Endêmicas na Freguesia de Monsaraz (Alto Alentejo)*. Subsídios para o seu conhecimento epidemiológico. Lisboa: Infecon, 1984.
- DAVID DE MORAIS JA. Larva migrante visceral. Epidemiologia e clínica. *Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas* 1989; 12(suplemento 1): 29-46 (Errata: Rev. Portuguesa Doenc. Infec. 1990; 13(3): 202).
- DAVID DE MORAIS JA. *A Hidatidologia em Portugal: Contribuição para o seu Estudo Integrado*, vols I e II. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1993 (tese de doutoramento).
- DAVID DE MORAIS JA. *A Hidatidologia em Portugal* (série "Manuais Universitários"). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- DAVID DE MORAIS JA. A nossa experiência em Hidatidologia, durante um quarto de século, na região do Alentejo. *Revista da Sociedade Portuguesa de Hidatidologia*, 2003; 1: 41-45.
- DAVID DE MORAIS JA. Hidatidose humana. Estudo clínico-epidemiológico no distrito de Évora durante um quarto de século. *Acta Médica Portuguesa* 2007; 20: 1-10. Disponível on-line: <http://www.actamedicaportuguesa.com/pdf/2007-20/1/1-10.pdf>
- DAVID DE MORAIS JA. Tifo epidémico em Portugal: um contributo para o seu conhecimento histórico e epidemiológico. *Medicina Interna* 2008; 15(4): 291-307. Disponível on-line: http://www.spml.pt/revista/vol15/vol15_n4_2008_291_307.pdf
- DAVID DE MORAIS JA. As epidemias no Êxodo dos Judeus do Egipto: A propósito de dois casos de filariose descritos por Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XXI – Cadernos de Cultura* 2008; nº 22: 17-25. Disponível on-line: http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol22.pdf
- DAVID DE MORAIS JA. *Eu, Amato Lusitano. No V Centenário do seu Nascimento*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.
- DAVID DE MORAIS JA. Amato Lusitano, figura cimeira da Medicina portuguesa-

sa. No V Centenário do seu nascimento. *Infecção e Sépsis*, 2012; série 2(1): 5-10.

DEELDER AM, MILLER RL, DE JONGE N, KRIJGER FW. Detection of antigen in mummies. *Lancet* 1990; 335: 724-725.

DIAS JJA. *Amato Lusitano e a sua Obra. Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2011.

DIAS JL. Biografia de Amato Lusitano e outros ensaios amatianos. *Estudos de Castelo Branco. Revista de História e Cultura* 1971; n.º 37: 3-234.

DURRIGL M-A, FATOVIC-FERENCIC S. The medical practice of Amatus Lusitanus in Dubrovnik (1556-1558), a short reminder on the 445th anniversary of his arrival. *Acta Médica Portuguesa* 2002; 15: 37-40.

FAUST EC, BEAVER PC, JUNG RC. *Agentes e Vectores Animais de Doenças Humanas*, 2ª e 4ª eds. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972 e 1987.

FRAGA DE AZEVEDO J. Soil-transmitted helminths in the Portuguese Republic (European and African provinces). *Anais do Instituto de Medicina Tropical* 1964; 21(3/4): 273-312.

FRAGA DE AZEVEDO J, BENTO DA SILVA J, COITO AM et al. O foco português de schistosomíase. *Anais do Instituto de Medicina Tropical* 1948; 5: 175-222.

GAMITO S. Praga de piolhos começa com as aulas. *Diário de Notícias*, 12 de Outubro de 2008.

GENTILINI M, DANIS M, RICHARD-LENOBLE D. *Maladies Parasitaires*. Paris: Éditions J.-B. Baillière, 1981.

HISPANO Pedro. *Thesaurus Pauperum*. Lisboa: Heartbrain e Sociedade Portuguesa de Medicina Interna, 2011.

Infectious Disease: https://koshland-science-museum.org/sites/all/exhibits/exhib_infectious/malaria_vector_control_05.jsp (consultado em 6 de Agosto de 2012)

JORGE R. *Amato Lusitano. Comentários à sua Vida, Obra e Época. Ciclo Peninsular*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1962.

LEMOS M. *Amato Lusitano. A sua Vida e a sua Obra*. Porto: Eduardo Tavares Martins, 1907.

LUSITANO Amato. *Centúrias de Curas Medicinais (I a VII)*, vols I-IV. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Médicas, 1983.

LUSITANO Amato. *Centúrias de Curas Medicinais*, vols I e II. Lisboa: Centro Editor da Ordem dos Médicos, 2010.

MACHADO JP. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 2ª ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1967.

MEIRA MTV, COITO AMF. Parasitismo por vermes intestinais em habitantes de uma povoação rural portuguesa. *Anais do Instituto de Medicina Tropical* 1946; 3: 277-291.

McMICHAEL T. *Human Frontiers, Environments and Disease*. Cambridge: University Press, 2003.

MILLER RL, ARMELAGOS GJ, IKRAM S et al. Paleoepidemiology of Schistosoma infection in mummies. *BMJ* 1992; 304: 555-556.

MONTEIRO L, COELHO T, STOCKER A. Neurocysticercosis. A Review of 231 cases. *Infection* 1992; 20(2): 61-65.

MONTEIRO LM. *Neurocysticercose no norte de Portugal*. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, 1995 (tese de doutoramento).

NICHOLS RL. The etiology of Visceral Larva Migrans. I – Diagnostic morphology of infective second-stage *Toxocara* larvae. *J Parasitology* 1956; 42: 349-362.

O'FEL A. *Parasitologie, Mycologie*, 4e édit. Paris: Editions C. et R. 1990.

OMAR H. M., LEWIS J. W. *Epidemiology of Toxocara species in Egypt*, pp. 39-47. In: LEWIS J. W., MAIZELS R. M., ed. *Toxocara and Toxocariasis*. London: British Society for Parasitology and Institute of Biology, 1993.

PETITHORY JC, CHAUMEIL C, LIOTET S et al. Immunological studies on ocular larva migrans. In: Lewis JW, Maizels RM, eds. *Toxocara and Toxocariasis*. London: British Society for Parasitology and Institute of Biology, 1993: 81-89.

RICO T. Indigenous hookworm disease in Portugal. *Arquivos do Instituto Câmara Pestana* 1932; 6: 91-121.

WILDER HC. Nematode endophthalmitis. *Trans Am Acad Ophthalm Otolaryngol* 1950; 55: 99-109.

* Doutoramento e agregação em Parasitologia.
Ex-Professor de Parasitologia Humana da Universidade de Évora.

O ser humano na clínica de Amato Lusitano – rumo ao conceito de dignidade

*António Lourenço Marques**

Há vários aspetos que definem a particular relevância de Amato Lusitano na história da ciência. Sem se abordar propriamente a sua biografia, no sentido clássico do termo – apesar de continuar a haver aí lacunas, é um dos médicos judeus que tem sido estudado com certa abundância – há passos do seu labor médico e científico, que concorram para o prestígio da medicina portuguesa e do Renascimento. Cabe reconhecer que a medicina

“foi um dos mais profícuos e profundos domínios de afirmação da atividade criativa e espiritual dos intelectuais portugueses do século XVI”¹, e este médico exemplifica à sociedade tal afirmação.

É que é também uma área do conhecimento e da prática científica que ocupa um lugar privilegiado no amplo universo da ciência e da cultura pela complexidade singular da sua contextura e dos seus efeitos práticos. Tributária, a medicina,



Apotecários e cirurgiões, Séc. XVII. Matthaeus, circa 1646, Wellcome Library

de uma diversidade enorme de saberes e métodos de pesquisa, alcançou na história da humanidade um lugar cimeiro, onde as atitudes teóricas e práticas se cruzam, estabelecendo um diálogo plural com vista à consecução de resultados muito concretos, cujo intuito é a reparação dos estragos que a doença determina. Também o combate ao sofrimento que resulta das mazelas da doença, muitas das quais sem reparação *ad integrum*, se inclui no mesmo objetivo salvífico. Este âmago da medicina, que é “uma técnica ou uma arte na confluência de várias ciências, mais do que uma ciência propriamente dita”², nas palavras de Canguilhem, explica também porque é que, pelo menos desde a Grécia Clássica, de uma forma continuada, deteve sempre um poder fundamental “tanto a nível cultural como social”³.



A MEDICINA RENASCENTISTA

Pode considerar-se que no século XVI a medicina alcançou uma feição particular, fruto da influência de diversos fatores, sendo apropriado dizer-se que houve mesmo uma medicina renascentista. Uma causa determinante das transformações deste período foi a tensão criada entre a tradição e a modernidade. Alterações muito significativas perturbaram o quadro da medicina dos finais da Idade

Média, particularmente subordinada ao escolasticismo aristotélico e dominada pelo galenismo. Os saberes sobre o corpo humano, a saúde e a doença sofreram então um importante impulso renovador, uma vez que o Renascimento “abriu as portas a outras tradições intelectuais que irromperam com muita força”⁴, nesta altura.

Amato Lusitano participou ativamente no dinamismo intelectual do século XVI, desenvolvendo um trabalho singular como clínico e como cientista, e ainda noutra área da maior importância para o exercício profissional do médico, ou seja, na deontologia ou ética médica.

Ao que interessa nestas considerações sobre a importância do papel na história da ciência atribuído ao médico albicastrense, deve notar-se, em primeiro lugar, que a época histórica em que viveu foi protagonista de um movimento intelectual particularmente fecundante que foi o humanismo. Renascimento e humanismo têm uma relação estreita, isto é, o brilho particular do Renascimento, em boa medida foi alimentado pelo labor dos filólogos eruditos, interessados em purificar os conhecimentos produzidos nas civilizações clássicas, grega, romana e ainda provenientes de autores árabes. As várias manifestações que desenham a complexa cultura europeia do Renascimento, na ciência, na arte, na religião, na política, na sociedade, foram todas abrangidas por esta influência. A medida fundamental foi “recuperar da barbárie medieval os textos e as disciplinas técnico-científicas”⁵, através da edição “depurada filologicamente”, afastando-os das publicações corrompidas vindas a lume ao longo da Idade Média, as quais eram olhadas com desconfiança.

Amato Lusitano reflete bem esta situação, como se lê nas *Centúrias de Curas Medicinai*s: “Os que leram Avicena, varão doutíssimo, na minha opinião, e que devemos colocar logo a seguir a Galeno, precisam de examinar atentamente as palavras com grande rigor, visto o texto estar repleto de muitos e vários erros que devem atribuir-se não a Avicena, mas ao seu comentador. Oxalá nos apareça algum médico que saiba árabe e latim e nos apresente Avicena mais latino e mais incorrupto”.⁶ Este excerto foi publicado na Primeira Centúria, em Florença, em 1551. Algum tempo depois, em Veneza, Amato chegou a estabelecer contacto com o médico e filósofo Jacob Mantino, para esclarecer algumas dúvidas na redação dos Comentários à IV Fen do Livro I, do *Cânone da Medicina* de Avicena⁷, manuscrito que se perdeu na fuga de Anco-

na para Pesaro, em 1555, aquando da perseguição promovida pelo papa Paulo IV. O texto de Amato é bastante preciso sobre o cerne do movimento humanista, que teve nos médicos, como se disse, representantes de monta. A depuração filológica permitiu “versões latinas melhoradas”, mais próximas do original, com a rejeição dos textos correntes, um processo que implicou também a crítica dos próprios conhecimentos vigentes. No entanto, Galeno, “o maior defensor da verdadeira medicina e, por assim dizer, o seu ampliador”⁸, continuou a resistir à crítica, sendo aqueles textos, que eram vistos como dúbios, imputados aos comentadores e copiadotes dos originais, estes sim considerados os verdadeiros responsáveis pelas “imperfeições” dos conhecimentos transmitidos. O mesmo acontecia com as autoridades da medicina árabe: “Deus dar-nos-á alguém que nos restitua Avicena integralmente, mais latino e bem traduzido”⁹, observa Amato Lusitano, que chegou a publicar também obras originais, como foi o caso do *Index Dioscórides*, editado em Antuérpia, em 1536.

OBSERVAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO

Um juízo mais completo sobre a ciência do século XVI passa pela análise de situações que parecem contraditórias. Quando certa literatura da época repudia os conhecimentos antigos, só aparentemente está em desacordo com o movimento mais profundo de recuperação dos originais dos primitivos textos latinos e gregos. O caso de Robert Fludd (1574-1637) é esclarecedor. Este médico inglês buscou no ocultismo um meio capaz de contribuir para o processo científico do conhecimento. Mas, ao desacreditar, aparentemente, o conhecimento antigo, na verdade Fludd veio a utilizá-lo como fundamento dos seus próprios trabalhos.

O que estava essencialmente em causa não era o conhecimento original, mas sim os produtos da sua transmissão, as traduções e ainda os comentários escolásticos que agravavam o problema. Por seu lado, a desvalorização da Idade Média, a *Media Aetas*, ajudou a criar uma rutura que foi decisiva para o surgimento da nova cultura. “Há uma consciência da História que permite ver que a Antiguidade não continua na Idade Média”¹⁰. Esta noção facilitou a perspetiva crítica perante muitos dos saberes que vinham desse período, de algum modo “obscuro.” O Humanismo propõe a educação clássica e o ensino dos *studia humanitatis*, através da leitura e interpretação dos textos lati-



nos e gregos recuperados. O homem do Renascimento faz da cultura antiga a base da sua própria cultura. Olhar para o passado longínquo limpando-o dos detritos que entretanto se acumularam, foi um passo decisivo para a criação da nova ciência.

A confiança crescente na observação e a consciência do valor da experimentação como prova, consistindo em testes planeados e inspirados na teoria, encontram-se na obra de Amato Lusitano. O facto mais famoso é a descrição pioneira da descoberta das válvulas da veia azigos, afluente da veia cava superior. A investigação teve lugar em 1547, em Ferrara, e resultou da observação sobre doze cadáveres dissecados conjuntamente com João Batista Canano, utilizando ao mesmo tempo um método experimental (a introdução de ar na veia, através de uma cânula) para confirmar o papel da estrutura visualizada. A conclusão sobre a orientação do sangue continuaria, infelizmente, a ser galénica, mas um novo passo tinha sido dado. O anúncio, na I Centúria, em 1551, torna o pioneirismo da descoberta das válvulas irrefutável. Vesálio no *De Humani Corporis Fabrica* (1543) não lhes faz referência. O desconhecimento da circulação sanguínea e o peso do modelo fisiológico de Galeno,

segundo o qual o sangue se deslocava obrigatoriamente para a periferia, explicam a dificuldade em descrever, nesta altura, qual era o verdadeiro sentido do sangue na veia observada. O estado da ciência ainda não permitia outra conclusão. O *De Motu Cordis* (1628), de William Harvey, só seria publicado bastante depois.



O MÉDICO IDEAL

No tempo de Amato Lusitano vários textos de alguns médicos referem-se à necessidade da profissão se manter dentro de limites morais e de exigência quer ao nível do saber quer da sua aplicação. Mas há então, muitas vezes, a consciência da má preparação teórica e prática dos médicos. Amato, no prefácio da *I Centúria de Curas Medicinais*, adverte para este problema: “Estes, verdadeiros colaboradores da natureza, se distinguem dos que são apenas médicos *in nomine*, não apoiados em nenhuma experiência das coisas (no texto: *rerum experientia nulla fult*) e tão distanciados da desig-

nação justa de ministros (*ministri*) da natureza que antes se lhes devia aplicar o nome de inimigos (e não apenas de inimigos da própria natureza, mas até, de iure (de direito), dos doentes”.¹¹ Apontar a “ignorância” de alguns médicos, ao serem confrontados com as situações reais, é uma denúncia frequente nas narrativas amatianas. A título de exemplos: o caso do “jovem que, por ignorância do médico, atingiu o seu último grau de ruína e a morte”¹² ou outro caso em que o médico não soube “usar de método firme e de tratamento certo”, tendo um “resultado infeliz, pois o doente em breve morreu”¹³. Amato Lusitano tece considerações drásticas e muito críticas sobre o sentido moral desta má prática, as suas consequências e a impunidade que habitualmente desresponsabilizava os infratores.

Mas a crítica não se dirigia apenas ao deficiente saber e à má atuação técnica. Também o comportamento ético-social que era exigido aos médicos, na relação com os doentes e com o público em geral, foi uma preocupação importante, no século XVI. É “cosa muyto difficultosa achar-se medico nestes tempos que tenham as condições que se requerem”, nas palavras de Alonso de Miranda, escritas no *Dialogo del perfecto médico*, livro que teve uma única edição, dedicada ao Rei D. Sebastião, em Lisboa, em 1562. O objetivo deste diálogo era “saber as letras, experiência, & honestidades, & outras virtudes que há-de ter o bom médico”¹⁴. Outra obra famosa, escrita no Século XVI, foi o *Retrato do Perfeito Médico*, do português Enrique Jorge Henríquez, que nasceu na Guarda e estudou na Universidade de Salamanca (1575-1578), onde veio a ser catedrático de Prima. Enrique Jorge Henriquez deixou um dos mais importantes tratados de ética profissional, desta época, dedicado ao cuidado da relação do médico com o doente, defendendo que a sua formação intelectual não devia cingir-se unicamente aos aspetos da profissão, mas devia abranger também outras matérias, pois só desta forma poderia aproximar-se do que considerava ser um médico ideal. Era necessário que conhecesse também “as obras dos mais ilustres antecessores e tê-las lido nos textos originais”.¹⁵, como os humanistas defendiam.

Amato Lusitano pronunciou-se também, por seu lado, sobre o modo como devia ser esse médico digno do seu ofício: “Como manda Hipócrates, no livro VI das Epidemias, convém que o médico ilustrado seja diligente, simpático e sério, pois é preciso que os seus passos, as palavras, o porte, o

rosto, o vestuário, o corte de cabelo, unhas e odores agradem ao doente”.

No entanto, o mais famoso e definitivo texto de Amato dedicado a este tema da ética médica é o *Jusjurandum*¹⁶, incluído na edição das *Centuriae curationum medicinalium quinta et sextae*, de 1559. Aí proclama os princípios intemporais fundadores da verdadeira medicina, que assumiu e teve como preocupação para justificar toda a sua atuação.

NOVOS CAPÍTULOS PARA ALÉM DA MEDICINA CURATIVA

Quando se estudam os autores do passado não se encontra, como é óbvio, uma obra que encaixa na metodologia que usa os critérios desenvolvidos posteriormente. De qualquer modo, importa diferenciar aquilo que pertence ao *continuum* da produção de conhecimentos duráveis e os outros saberes que acabaram por perder sentido e caducaram. “A astrologia e a alquimia, que não podem hoje pretender a dignidade de ciência, foram durante muito tempo reconhecidas e praticadas como tais”.¹⁷ Assim como a teologia que “era na Idade Média a rainha incontestada de todas as ciências”.¹⁸ Cada período do passado tem pois de ser analisado nos seus próprios termos e não nos termos que estejam em vigor posteriormente, quando se fazem as respetivas análises. Mas é de assinalar que Amato Lusitano não “alinhava” incondicionalmente na aceitação de certos saberes, mesmo que tivessem então forte aceitação, como é o caso da astrologia: “Devem considerar-se dignos de compaixão, aqueles médicos que reparam para as conjunções da lua, estando os doentes mal, receando ou sangrá-los ou purgá-los quando é necessário” (Cent. I, LXXXI cur.)¹⁹. Clara uma crítica de Amato à aceitação da influência da astrologia na própria medicina.

Embora a prática da sangria, na medicina, tenha perdurado por muito mais tempo, ao longo de quase mais quatro centenas de anos, Amato Lusitano não ignorava os riscos que envolvia, como esclarece: “Seria bom que os médicos estivessem presentes quando o sangue flui, principalmente quando se faz a maior extracção de sangue, atendendo às alterações do pulso (*pulsus*), para não ser tirado mais do que é necessário, como vi que aconteceu a muitos doentes que morreram por negligência dos médicos”²⁰,

Outras áreas da medicina, que assinalam o olhar de futuro de Amato Lusitano, são o tratamen-

to das doenças incuráveis e da dor, de acordo com estudos anteriormente efetuados. Estes conhecimentos ajudam a definir a existência de novos capítulos na sua obra.



DIGNIDADE

Nas *Centúrias de Curas Medicinais*, ao compulsar-se a clínica do notável médico português, encontram-se aí referências significativas sobre a relação médico-doente. É assim possível aclarar um pouco mais o caminho dos significados de alguns termos que hoje nos parecem vulgares, mas mesmo assim complexos. É o caso do conceito de dignidade, palavra utilizada quase por tudo e por nada, embora com um significado essencialmente dependente do valor que se atribui à vida humana. E a realidade que delimitamos concetualmente por vida humana, reflete mudanças quase vertiginosas, em especial devido aos avanços da ciência e da medicina. É o caso do significado da morte encefálica, por exemplo, conceito que foi cunhado há cerca de meio século, e que tão profundas implicações têm nas realidades da vida. Outros termos têm também grande importância, dentro desta delimitação, a exemplo de “pessoa” e de “ser humano”, palavras que não são exatamente sobreponíveis. Há, pois, um percurso histórico destas noções e podemos “observar” como se foi construindo, olhando para o modo como os médicos se relacionaram com os seus doentes, no decurso do tempo.

As *Centúrias de Curas Medicinais* não são apenas uma reflexão sobre os conhecimentos da medicina da época, que Amato dominava, como mestre. As curas são relatos dos casos concretos da sua clínica. E como médico verdadeiro, bem instruí-

Embora na cura 88^a da 7^a Centúria²³, escreva, para caracterizar um doente, palavras que parecem cruéis, ao referir-se a Moisés Brudo, “giboso, anão, asmático, de natureza melancólica, de trinta anos de idade”, que foi tratado por “uma grave dor de cabeça originada do humor melancólico”, afirmando que “quereria, no entanto, que se ficasse a saber que ele sucumbiu não pela força da doença, mas pelo seu temperamento e posição muito má, que poderia levá-lo até aos trinta anos e não mais”, Amato Lusitano refere-se habitualmente aos seus doentes de uma forma positiva e calorosa. Usa termos e expressões magníficas, como: “digníssimo”²⁴, “probo”²⁵, “de singular sabedoria”²⁶, “magnífico”²⁷, “estimado”²⁸, “culto”²⁹, “bom”³⁰, “pessoa de grande saber”³¹, “excelente”³², “ilustre”³³, “pessoa da melhor reputação”³⁴. E ainda: “respeitável”³⁵, “douto”³⁶, “notável”³⁷, “ponderado”³⁸, “inteligente”³⁹, “honrado”⁴⁰, “sapientíssimo”⁴¹. Ou: “honesto”⁴², “virtuoso”⁴³, “prudente”⁴⁴, “grave”⁴⁵, “bondoso”⁴⁶ (estes últimos três termos, num caso, caracterizam um só doente), “distinto”⁴⁷, “delicado”⁴⁸, “magnânimo”⁴⁹, “egrégio”⁵⁰, “afável”⁵¹, “insigne”⁵², “de excelente formação literária e moral”⁵³, “dotado de virtudes”⁵⁴, etc.

Notas

- 1 - Luís Filipe Barreto, Caminhos do Saber no Renascimento Português. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986, p. 111.
- 2 - Canguilhem C., O Normal e o Patológico. R. Janeiro, 1978, p.16
- 3 - Idem.
- 4 - Barona J.L., Andrés Laguna en los orígenes de la medicina moderna. In Hourcade J.L.G. e Yuste, J.M.M., (coord) Andres Laguna Humanismo, Ciência y Política en la Europa Renascentista. Junta de Castilla y León, 2001.
- 5 - Ibáñez MJP, El humanismo médico del siglo XVI en la Universidade de Salamanca, Universidade de Valladolid, 1998, p. 21.
- 6 - João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano), 1ª Centúria de Curas Médicas. Livraria Luso Espanhola, 1946, p. 34.
- 7 - Dias J. L., Biografia de Amato Lusitano e Outros Ensaíos Amatianos. In: Estudos de Castelo Branco, 1971, N. 37, p. 43.
- 8 - Id., p.38.
- 9 - Id., p. 34.
- 10 - Ibáñez MJP, El humanismo médico del siglo XVI en la Universidade de Salamanca, Universidade de Valladolid, 1998, p. 15
- 11 - Op. cit. (Primeira C.) p. 26
- 12 - Op. cit. (Sexta C., c. 10), p. 24
- 13 - Op. cit. Segunda C, c. XXIV, p. 53
- 14 - Alonso de Miranda, Dialogo del Perfecto Médico. Editora Nacional Madrid, 1983, p. 127.
- 15 - Ibáñez MJP, El humanismo médico del siglo XVI en la Universidade de Salamanca, Universidade de Valladolid, 1998, p. 59.
- 16 - Op. cit. p.XX
- 17 - Gusdorf G. (1988), Da História das Ciências à História do Pensamento, Pensamento, Lisboa, p. 15.
- 18 - Ibid.
- 19 - Amato Lusitano. Centúrias de Curas Mediciniais (Vol. II). Universidade Nova de Lisboa, p. 300.
- 20 - Op. cit. p.86
- 21 - Entre outros estudos, ver: A. L. Marques, Amato Lusitano, o médico vai até ao fim. In: Cadernos de Cultura “Medicina na Beira Interior – da pré-história ao séc. XXI”, Vol. 25 (2011), p.p. 41-44; e A. L. Marques, “A realidade da Dor nas Curas de Amato Lusitano”. In. Cadernos de Cultura “Medicina na Beira Interior – da pré-história ao séc. XX”, Vol. 5 (1992), p. p. 19-22.
- 22 - Xavier Lampillas, Ensayo Histórico-Apológico, Zaragoza, 1784, p. 317
- 23 - Amato Lusitano, Centúrias de Curas Mediciniais, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa (sem data), Vol. IV, p. 333
- 24 - lb. lb. Vol. II, p. 11
- 25 - lb. P. 35; 26 - lb. P. 35; 27 - lb. P. 105; 28 - lb. P. 119; 29 - lb. P. 141;
- 30 - lb. P. 141; 31 - lb. P. 149; 32 - lb. P. 179; 33 - lb. P. 184; 34 - lb. P. 285;
- 35 - lb. Vol. IV , p. 17; 36 - lb. P. 73; 37 - lb. P. 87; 38 - lb. P. 97; 39 - lb. P. 97;
- 40 - lb. P. 234; 41 - lb. P. 330.
- 42 - Amato Lusitano, Primeira centúria de Curas Médicas, Lisboa, Livraria Luso-Espanhola, 1946, p. 48
- 43 - lb. P. 66; 44 - lb. 196; 45 - lb. P. 196; 46 - lb. P. 196; 47 - lb. Vol. III, p. 43
- 48 - lb. P. 52; 49 - lb. P. 132; 50 - lb. P. 132; 51 - lb. P. 136; 52 - lb. P. 151;
- 53 - lb. P. 179; 54 - lb. P. 263
- 55 - Juan Carlos Álvarez, Ser humano-persona: planteamiento del problema”. In Juan Masiá (Ed.) Ser human, persona y dignidad. Madrid, Universidad Pontificia Comillas, 2005, p. 26

60

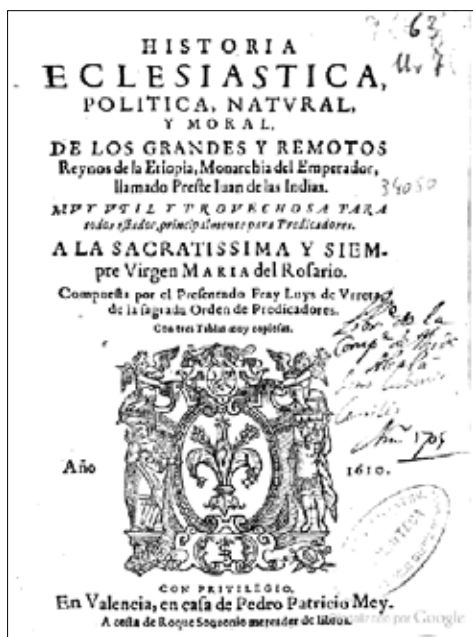
Amato num mito e um mito em Amato

Maria Adelaide Neto Salvado*

Fabricando mitos, intrigas e metáforas, a imaginação dá forma à experiência humana.

Paul Ricoeur

Um dos traços que caracteriza a historiografia barroca parece obedecer às directrizes contidas na afirmação de Paul Ricoeur, pois uma das coordenadas daquele período historiográfico assenta, segundo os analistas, na inclusão nos seus relatos de narrativas fantasiosas e de manipulações históricas.



Exemplo desta realidade encontra-se no livro intitulado *Historia eclesiastica y política, natural y moral de los grandes y remotos Reynos de la Etiopia*¹(...), para o qual o Conselho da Ordem dos Pregadores de Valência, a 22 de Setembro de 1609, concedeu licença de impressão. O seu autor, Frei Luis de Urreta, dedicou a obra à «Sacratissima y siempre Virgen MARIA del Rosario y amparo de los pecadores», padroeira da Ordem Dominicana à qual pertencia.

Ao longo dos vários capítulos que compõem a obra Frei Luis de Urreta descreve a terra da Etiópia com base em informações de um viajante chamado João Baltazar e contidas, segundo afirma, «nuns originaes e papeis, meio em português, meio em italiano, mal concerta-

dos, porém qualificados e verdadeiros, porque estavam corroborados com «firmas e sellos de pessoas graves y religiosas con muy grandes abonos de ser verdade y firmeza».

Mito e realidade entrelaçam-se na descrição de montanhas e rios, árvores e arbustos, personagens e acontecimentos. A terra misteriosa da Etiópia, com a especificidade da sua geografia e das personagens que, no longo fio do tempo, nela existiram, (como por exemplo a rainha de Sabá, amada por Salomão), vai-se desdobrando pelas páginas deste livro.

E, surpreendentemente, no capítulo VI consagrado à história e à geografia da Etiópia, é recordada a caudalosa corrente emigratória de judeus e cristãos-novos que nos séculos XV e XVI, abandonaram Portugal e a Espanha.

A Ordem dos Pregadores, a que o autor do livro pertencia, empenhada desde a sua fundação numa luta cega contra a heresia, aceitara denúncias, movera perseguições, ateava fogueiras contra mouros, judeus e cristãos-novos, sendo em grande parte responsável pela forçada emigração a que estes se viram obrigados.

Frei Luís de Urreta, membro dessa temida Ordem, numa época e num tempo em que as fogueiras ateadas pelos ventos da intolerância continuavam a pontuar as vilas e as cidades de Portugal e da Espanha e em que os cárceres da Inquisição abarrotavam de gente de todas as classes sociais, distorcendo a realidade e ocultando factos, urde uma ardilosa estória para justificar a diáspora, numa tentativa de desculpabilizar os membros da sua Ordem das responsabilidades dessa realidade sangrenta e trágica. E alicerça essa estória num antigo mito judaico que, recolhido por Plínio o Velho, no século I da nossa Era, rompeu séculos. Enraíza esse antigo mito em dois dos pilares que alicerçam a cultura e a crença judaica: por um lado o rigoroso cumprimento do shabbat (o descanso total no dia de sábado com a cessação de todos os trabalhos mesmo dos mais insignificantes); por outro, no anseio mais profundo do povo judaico: a vinda do Messias e do seu reino de Paz e de concórdia para o povo de Israel.

Mas que nos revela o mito?

Conta Plínio que diziam os judeus da Antiguidade que, num país distante, existia um misterioso rio chamado *Sabático* assim designado pelo estranho regime das suas águas. Corria este rio todos os seis dias da semana com um caudal forte e impetuoso, mas, chegado o dia de sábado, uma total quietude tomava conta das suas águas. Elas tornavam-se estranhamente paradas e calmas, como se obedecessem à sagrada determinação do Sabbath, como o prescreve a *Tora* no Êxodo (31,12-17):

«15 Durante seis dias poderão fazer-se trabalhos e o sétimo dia é dia de absoluto descanso, é sagrado para O Eterno; (...)

16 Os Filhos de Israel observarão o Sabat, para que o Sabat seja um pacto eterno por todas as gerações. 17 Entre Mim e os Filhos de Israel é o sinal eterno de que O Eterno fez o céu e a terra num lapso de seis dias, e ao sétimo dia cessou e retirou-se espiritualmente»²

E numa ilha, localizada no centro de um dos muitos meandros desse rio, vivia escondido o Messias aguardando o fim do tempo.

Ora, no capítulo VI, intitulado «*En el qual se declara se la reina de Saba veio de la Etiopia y se concebo de Salomão. Trata-se del rio Sabático*», surge uma referência a Amato Lusitano.

A alusão a Amato prende-se justamente com esse misterioso rio *Sabático* procurado pelos judeus desde a Antiguidade, e cuja existência Plínio, o Velho, registou.

Conta frei Luís de Urreta que um mercador judeu tinha em terras da Etiópia atravessado, numa das suas

viagens, uma vasta região, deslocando-se por um caminho que marginava um caudaloso rio. O tempo estava tempestuoso e as águas do rio corriam revoltas e impetuosas. Penosamente, durante seis dias da semana o mercador lutara contra a chuva e o vento e contra o temor das águas do rio. No entanto, chegado o dia de sábado algo aconteceu. O vento amainou transformando-se numa suave brisa, a chuva cessou e as águas do rio acalmaram envoltas numa estranha quietude. Ao constatar tão curiosos factos, pensou o judeu ter encontrado o rio *Sabático* e, cheio de alegria retornou com rapidez à Europa. Recebida com esperançoso júbilo, a notícia teve eco profundo nas comunidades judaicas, tornando-se na mola impulsadora das grandes migrações do povo judeu em demanda do rio em cujo centro se localizava a ilha onde se encontrava o Messias.

Os judeus portugueses não escaparam ao fascínio da notícia e partiram também.

E conta frei Luís:

«E hum dos principaes, a quem os demais seguiram como cabeça e capitão, foi aquele famoso medico Amato Lusitano; um dos mais eminentes e doutos homens que teve a Medicina; y João Micas, Mercador dos mais poderosos que teve os nossos tempos.

Caminharam pela França, a Alemanha, e a Hungria, alvoroçando os judeus que viviam nas províncias por onde passavam, donde se lhes juntaram muitos. Foi de tal modo este motim, que quando chegaram a Constantinopla havia 30.000 judeus em muitas quadrilhas».³

A intenção deste grupo de judeus seria deixar a Europa e alcançar a Etiópia atravessando o estreito entre Constantinopla e a Calcedónia. Mas difícil e penoso se revelou este propósito pois o governador de Constantinopla, ao ver tão grande número de judeus, exigia-lhes o pagamento de «muitas centenas de milhares de ducados». A notícia do muito que havia ganho esse governador acendeu a cobiça de toda a Ásia Menor e, deste modo as outras povoações que o grupo de judeus atravessava lhes tributavam portagens tão altas que, a pouco e pouco, todos os membros do grupo foram empobrecendo.

Cansados, espoliados dos seus haveres, sem dinheiro para se alimentarem, muitos morreram pelo caminho. No entanto, alguns sobreviveram e chegaram à Síria pobres, esfomeados e miseráveis, e esses sobreviventes acabaram igualmente por morrer de cansaço e trabalho. O mesmo teria acontecido a Amato Lusitano.



Lê-se no relato de Frei Luís:

«Na cidade de Damasco morreu o grande médico, pobre, miserável, cansado de trabalho e aflições que ele buscou voluntariamente».⁴

A pobreza, a miséria, o cansaço, que teriam rodeado os últimos dias da vida de Amato Lusitano, haviam sido, segundo frei Luís de Urreta, consequência das canseiras provocadas pelos muitos trabalhos da longa viagem em busca do rio Sabático. Daí a afirmação de ter sido Amato que «buscou voluntariamente» os trabalhos e cansaço que o conduziram à morte. Tal como a saída de Amato de Portugal, a diáspora, com o seu cortejo de morte e aflições, fora, na visão de frei Luís de Urreta, um acto «voluntário».

Mas outros pormenores enfeitam esta fantasiosa biografia de Amato Lusitano.

Assim os seus livros de Medicina teriam sido leiloados em Damasco, mas «como estavam em latim não havia quem desse um maravedi por eles». Porém, conta Frei Luís, ao leilão assistira um português chamado João Baltazar que, sabendo do interesse e curiosidade do duque de Florença Francisco de Médicis, escrevera a este a oferecê-los. Mas nem esta tentativa fora bem sucedida, pois o Duque respondera-lhe que os não queria pois eles já existiam em Itália.

Mas, não ficaram as obras amatianas sem comprador. Um mercador indiano que, na época, negociava em Damasco teria adquirido todos os livros do grande médico Amato Lusitano.

Para dar um cunho de veracidade à sua fantasiosa justificação sobre as motivações do êxodo do povo judaico das terras peninsulares, frei Luís de Urreta questiona de forma contundente a veracidade das informações e dos registos de Plínio, acentuando que muitas coisas havia escrito «só de relação», isto é, só por ouvir dizer. Isso teria acontecido com o rio *Sabático* e com a ilha onde vivia o Messias.

E diz :

« (...) e que pode ser o houvesse ouvido relatar a algum judeu, e assim o pôs na memória, e se enganou como em tantas outras couzas, como constatará a quem ler os seus escritos».⁵

E, seguidamente, avança com uma explicação racional para a alteração do caudal do rio da Etiópia, observado pelo mercador judeu, atribuindo-a à especificidade do mar onde este rio desaguava. E cito:

« (...) o mar chamado Pérsico fez muitas estradas e os braços com que se mete e relança algumas léguas terra dentro, à maneira de um rio caudaloso, e de suas lagoas profundas e prolongadas; as quais nas tempestades e bonanças, se governam segundo o temporal que corre no mar».⁶

Como já afirmei, fantasia e realidade entrelaçam-se nesta história e geografia da Etiópia e nos relatos de frei Luís de Urreta.

Assim acontece com dois incontornáveis factos: as canseiras e os muitos sofrimentos infligidos aos judeus na diáspora do século XVI e às pesadas quantias e tributos a que foram sujeitos em vários países que atravessavam. Esses factos, embora contados distorcidamente, são verdadeiros.

Frei Luís de Urreta atribui-os à cobiça dos governantes dos países onde imperava o Islamismo.

Nada de mais falso.

A espoliação dos bens e a cobiça que vitimaram milhares de judeus e cristãos-novos aconteceram em terras da Europa, nos reinos da cristandade.

Sirva de exemplo o relato dessa pungente realidade contida nas *Memórias* de Senarega do século XVI, povoação na proximidade de Génova, relato que apresenta pontos de contacto com a descrição fantasiosa de frei Luís de Urreta.

Lê-se nessas *Memórias*:

«Ninguém pode imaginar os sofrimentos dos judeus expulsos. Muitos morreram de fome, sobretudo as crianças de tenra idade. As mães, mal tinham forças para as transportar e segurando os filhos esfomeados nos seus braços morriam com eles».

E mais adiante:

«Não me alongarei mais sobre a crueldade e a cobiça com as quais os donos dos barcos que transportavam para fora da Espanha os tratavam a maior parte das vezes. Muitos foram assassinados para satisfazer a sua cobiça, outros foram forçados a vender os seus filhos para pagar a despesa da passagem.

Chegaram em multidão a Génova, mas não tinham autorização para aí permanecerem muito tempo devido a uma antiga lei, que proibia os viajantes judeus permanecerem em Génova mais de três dias. Era-lhes dado, no entanto, permissão para reparar os seus navios e de se recuperarem das fadigas, durante apenas alguns dias.

Poder-se-ia serem tomados por fantasmas tal estavam empalidecidos, tal era o seu estado cadavérico e os seus olhos encovados.

Muitos desfaleciam e expiravam no molhe que, rodeado pelo mar, era o único local autorizado aos infelizes emigrantes.»⁷

Foi esta a realidade ...

Amato Lusitano, que sentiu em muitos momentos da sua vida o amargor das deambulações por terras da Europa, apenas uma só vez se refere à diáspora dos cristãos-novos de Portugal.

É na Cura 30 da *II Centúria*, onde a propósito de uns negros que tinham vindo de Portugal para Ancona e adoeceram gravemente, escreveu:

«Estes negros são escravos, comprados a dinheiro, trazidos de Portugal, na península hispânica, por neófitos vindos para Itália, por causa das inquisições que lá se fizeram.

Servindo-me do termo de S. Paulo, chamo neófitos aos levados, contra a vontade do judaísmo para a religião de Cristo».⁸

Curiosa esta referência a S. Paulo e ao termo *neófito* utilizado por Amato. Na Igreja primitiva chamava-se *neófito* a um pagão que, por vontade própria, se convertera ao cristianismo e que fora recentemente baptizado. Amato Lusitano empregou este termo com uma certa ironia e num sentido completamente diferente. Chama *neófitos* aos que, baptizados à força, haviam sido obrigados contra a sua vontade a deixar o judaísmo e a professar a religião cristã.

Mas se no capítulo VI do seu livro Frei Luís de Urreta escreve as fantasiosas motivações que teriam levado Amato a sair de Portugal, no capítulo VIII intitulado «Do monte Amara y sua fortaleza e fertilidade, postura e topografia» volta a referir-se a Amato Lusitano. Esta nova referência prende-se com os frutos de uma das árvores que cresciam nesse monte. Trata-se do *Cubayo*, nome dado na época à anona.

Diz frei Luís de Urreta acerca deste fruto:

«É a comida mais substancial e saudável que se encontra entre as frutas do mundo; e da qual diz o grande Médico Amato Lusitano, que não há comida que assim conserve a saúde, e conforte e ajude a natureza do homem e que não se espanta de que vivam muito os que residem naquele monte, porque se sustentam desta fruta».⁹

Que razões teriam levado este frade da Ordem dos Pregadores, na Valência do século XVII, a enaltecer, em dois capítulos da sua obra sobre a Etiópia, Amato Lusitano chamando-lhe «grande Médico» e «um dos mais

eminentes e doutos homens que teve a Medicina»?

Conheceria ele os cuidados prestados aos membros da sua Ordem por este médico judeu que tratava com igual empenhamento cristãos, judeus e os seguidores da lei de Maomé?

Na verdade e ao longo das *Centúrias*, várias são as Curas que se referem a casos de frades da Ordem dos Pregadores: jovem noviço (Cura 24, *II Centúria*); «teólogo insigne» no dizer de Amato Lusitano como Frei Jerónimo de Monte Policiano (Cura 68, *II Centúria*); Angelo Ferreto, monge pregador da Ordem, da nobreza anconitana (Cura 59, *I Centúria*); reverendo Tomás, a quem Amato extraiu um tumor da testa (Cura 100, *III Centúria*); frade que sofria de morbo-gálico (Cura 69, *IV Centúria*); Angelo Ferreto, vigário de toda a região de Ancona (Cura 75, *IV Centúria*); velho frade da Ilíria de avançada idade que se curou com a bebida de vinho em abundância (Cura 85, *III Centúria*); frade que desmaiava quando sentia o perfume das rosas (Cura 36, *II Centúria*). Enfim, um diversificado leque de membros da Ordem dos Pregadores a quem Amato Lusitano, com um notável sentido ético, tentou livrar da doença e da morte.

Eram, pois, todos membros daquela Ordem que, implacavelmente, perseguia judeus e cristãos-novos pelos países da cristandade.

Mas se Amato Lusitano surge como figura central de uma história que tem por base um mito recolhido por Plínio, o próprio Amato por sua vez não resistiu ao fascínio de alguns mitos que marcaram o imaginário da Antiguidade e que Plínio cuidadosamente registou.

Homem do Renascimento, peregrinando pela Europa iluminada pelo esplendor da Cultura Clássica, Amato Lusitano não fugiu à magia que, por vezes emerge dos escritores da Antiguidade.

Citações de Homero, Virgílio, Hesíodo, Juvenal, relatos de Plínio, sentenças de Séneca e de Aristóteles pontuam várias das Curas das *Centúrias*, ilustrando casos clínicos, clarificando ideias, convidando à reflexão.

Na Cura 70 da *IV Centúria*, Amato Lusitano, ao recordar as férteis lezírias entre Almeirim e Santarém «onde passa o aurífero Tejo»- como diz, cita na integra uma passagem do livro VIII da *História Natural* de Plínio que fala da efemeridade da vida dos cavalos da Lusitânia, fruto dos amores das éguas das lezírias do Tejo com Zéfiro ou *Favonio*, o vento do Oeste.

Escreveu Amato Lusitano:

«Deles fala Plínio, em virtude da amenidade da terra e da benignidade dos ares no livro 8º da sua *História Natural*, capítulo XLII, onde discorre sobre a natureza dos cavalos».¹⁰

E, de seguida, cita integralmente Plínio:

«É fama que na Lusitânia, à volta da cidade de Lisboa e do rio Tejo, as éguas voltadas para o vento que sopra, concebiam um ser vivo (animal). Depois dava-se o parto e nascia um ser muito veloz, a ponto de não exceder um triênio de vida.»

Inserido num mito indo-europeu difundido em toda a antiguidade, a crença no poder fecundador do vento sobre animais e plantas influenciou fortemente o pensamento do mundo antigo., inspirando poetas, alicerçando teorias sobre a origem da vida, abrindo caminho a especulações filosóficas sobre a origem da alma, fundamentando estruturas sociais onde o homem ocupava um lugar primordial.



No livro III das *Geórgicas*, Virgílio ao falar do furor amoroso concedido por Vénus às éguas descreve essa fecundação:

« (...) quando na Primavera retornar aos seus ossos o calor, voltam todas elas a cara ao Céfiro (...) e recolhem dentro de si os suaves ventos e, frequentemente sem ajuntamento algum, fecundadas pelo vento, (...) se dispersam em desordenada fuga através das rochas e de picos e por vales encaixados (...)»¹¹

Aristóteles, debruçando-se sobre a criação animal, defendeu não apenas a crença no papel fecundador do vento sobre as éguas mas também sobre as aves.

No seu tratado sobre a geração dos animais (*História anim.*, V, 5) refere-se ele à formação em certas aves (galinhas, pavões, gansos, pombos) de ovos aspirados pelo vento. Chama a esses ovos *Zephiria*.

Mais tarde esta teoria mítica adquiriu uma feição filosófica, desempenhando o poder fecundante do vento lugar de destaque no pensamento órfico.

O Hino 81 a Zéfiro traduz esta realidade:

«Brisas do Zéfiro que tudo engendrais e caminhais pelo ar, com doce sopro, sussurrantes, que possuis a calma da morte. Primavera, que vos moveis pelo prado, desejadas pelos mareantes, porque cómodo porto e ligeira brisa trazeis às naves. Vinde, por favor, propícias, soprando sem descanso, pelo ar, invisíveis, suaves e em aéreas aparências».¹²

E, relacionando-o com a fecundação pelo vento, órficos e pitagóricos desenvolveram a teoria da alma como sopro. Plínio chamava ao Zéfiro «espírito fecundante do mundo».

Como já afirmei noutra comunicação, do diversificado número de citações, sentenças, reflexões de autores gregos, latinos e muçulmanos que percorrem as *Centúrias*, todas (com excepção deste registo de Plínio sobre as éguas dos campos do Tejo fecundadas pelo vento) se relacionam com assuntos ligados à Medicina.

Porque teria Amato Lusitano citado integralmente Plínio?

Recordação tingida pela saudade da beleza dos campos de Santarém e dos tempos da sua juventude?

Enaltecimento da beleza dos cavalos das lezírias do Tejo reconhecida por um autor da Antiguidade?

Ou, em espírito tão reflexivo como o seu, a referência a este mito da Lusitânia, que se insere numa teoria filosófica sobre a geração animal e vegetal, não traduzirá questionamentos e reflexões de Amato sobre a origem da vida e a natureza da alma?

Certo é que o mito das éguas fecundadas pelo vento permanecia vivo no Portugal do século XVI.

André de Resende (c.1500-1573), monge dominicano, historiador e diplomata, contemporâneo de Amato, diz ter investigado da veracidade das informações de Plínio acerca das éguas dos campos do Tejo, junto a um homem que guardava as éguas reais e que ele, embora confusamente, lhe dissera ter conhecimento de uma égua que, isolada numa ilha do Tejo e sem ajuntamento de cavalo, havia ficado prenhe. A cria não chegara, no entanto, a nascer, pois morrera passado pouco tempo.

Frei Bernardo de Brito (1569-1617), no volume III da *Monarquia Lusitana*, capítulo VII, ao referir-se ao rio Tejo alude ao mito de Plínio:

«Foy tambem celleberrimo antigamente, por causa dos ginetes, que se criavão em seus campos, onde os ares

Sobre a correção destes autores, podemos comprovar que nos *Epistolarum medicinalium libri duodeuiginti* de Manardo, que vieram a lume em Basileia em 1535²⁷, um ano antes da publicação do *Index*, especificamente na segunda epístola do décimo primeiro livro, Manardo corrige Plínio (ou, aliás, os autores seguidos por Plínio, a quem atribui as culpas pelo engano) porque este confunde, por causa da proximidade dos nomes gregos, o *milos* (teixo) e a *melia* (freixo)²⁸. Amato pode estar a referir-se a esta correção de Manardo, porque nas *Enarrationes* vemos que a confusão do teixo com o freixo é aquela que se critica, enquanto já não é referida de forma alguma a suposta confusão entre o freixo e o pessegueiro.

As *Enarrationes* são um texto que pouco tem a ver com o *Index* quanto à qualidade, apesar do evidente paralelo temático e de estrutura. Obra muito mais madura, da autoria de um João Rodrigues já na casa dos 40, é muito mais precisa e certa nas suas descrições e citações, e isto é algo que não tem a ver com o corretor. Elimina estes comentários pouco claros da sua obra de juventude e tem uma escrita muito mais cuidada, já que o latim do *Index* está longe de ser excelente.

Do *Index* às *Enarrationes* Amato Lusitano experimenta uma evolução vital²⁹ que o tornou mais sábio e mais prudente, e esta evolução transparece da análise das duas obras. Como pudemos ver, o jovem já destacado conhecedor da teoria médica, mas que se deixa influenciar por uma rápida leitura de outras obras, abre caminho ao homem sensato e erudito que redige a sua obra de maturidade com o auxílio de toda a sua sabedoria e experiência.

Notas

- 1 - *Index Dioscoridis: Exegemataque simplicium*, Antuérpia, Martin de Keyser, 1536.
- 2 - In *Dioscoridis Anazarbei De Medica Materia libros quinque Enarrationes eruditissimae*, Veneza, Gualtiero Scoto, 1553.
- 3 - Todas as traduções são nossas.
- 4 - Depois de comparar algumas entradas com as mesmas plantas na tradução latina de Dioscórides de Marcelo Virgílio, parece-me consistente a hipótese apontada por João José Alves Dias, *Amato Lusitano e a sua obra: séculos XVI e XVII*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos e Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2011, p.66, segundo a qual este texto teria servido de base para a redação do *Index* de João Rodrigues.
- 5 - *Index*..., op. cit., f. 17r.
- 6 - Marcellus Vergilius, *Pedacii Dioscoridae Anazarbei de Medica materia libri sex*, Florença, Herdeiros de Filippo Giunta, 1518, f. 52r.
- 7 - *Enarrationes*..., op. cit., p. 92 (numerada erradamente nessa edição como 94).
- 8 - *Index*..., op. cit., f. 17v.
- 9 - Cf. Andrés Laguna, *Pedacio Dioscorides Anazarbeo. Acerca de la materia medicinal y de los venenos mortíferos*, Antuérpia, Casa de Juan Latio, 1555, p. 64.
- 10 - Marcellus Vergilius, op. cit., f. 52v.
- 11 - Ibidem.
- 12 - *Enarrationes*..., op. cit., pp. 92 (numerada erradamente nessa edição como 94) - 94 (numerada erradamente nessa edição como 54).
- 13 - Como se pode ler na *Ratificação do Tratado de Alcáçovas feita e assinada por D. Fernando e D. Isabel, reis de Castela, Leão e Aragão, e entregue a Fernando da Silva para a dar ao Rei e ao Príncipe de Portugal, que se encontra na Torre do Tombo, sob a cota Gavetas, Gav. 17, mç. 6, n.º 16, 14v.*
- 14 - Cf. *Bula "Aeterni regis clementi" do papa Sisto IV*. O texto está tirado do exemplar da Torre do Tombo, sob a cota Bulas, mç. 26, n.º 10.
- 15 - Cf. *Ratificação do Tratado de Tordesilhas feito com D. João II, assinada por D. Isabel e D. Fernando, reis de Castela, Leão e Aragão, e por seu filho, o Príncipe*

- pe D. João*. O texto foi retirado da cópia da Torre do Tombo, sob a cota Gavetas, Gav. 17, mç. 2, n.º 24, 3.
- 16 - Cf. *De plátano* de João Rodrigues de Sá de Meneses, que circulou manuscrito pela altura da publicação do *Index*, e onde nada se lê sobre essa confusão. Pode consultar-se o texto na edição de Ana Maria S. Tarrío, *Paisagem e erudição no Humanismo português. João Rodrigues de Sá de Meneses, De plátano (1527-1537)*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- 17 - Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, *Sumario dela natural y general historia delas Indias*, Toledo, Maestre Ramón de Petras, 1526, fol. 41v. (numerado erradamente como 42) - 42r.
- 18 - Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar oceano. Primera parte*, Sevilla, Juan Cromberger, 1535. Citarei pela edição de José Amador de los Ríos (Madrid, Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1851), pp. 290-293.
- 19 - Garcia d'Orta, *Coloquios dos Simples, e drogas he cousas mediçinais da India, e assi dalguaas frutas achadas nella onde se tratam algumas cousas tocantes a medicina, pratica, e outras cousas boas, pera saber*, Goa, Ioannes de Endem, 1563, pp. 91v.-93r. (colóquio 22).
- 20 - Carlos Clúsió, *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium Historia, ante biennium quidem Lusitanica lingua per Dialogos conscripta*, D. Garcia ab Horto, *Proregis Indiae Medico auctore*, Antuérpia, Oficina de Cristóvão Plantino, 1567, pp.223-224.
- 21 - *Enarrationes*..., op. cit., pp. 94 (numerada erradamente nessa edição como 54) - 95.
- 22 - *Index*..., op. cit., f. 18r (erradamente numerado como 25).
- 23 - Alban Thorer, *Pauli Aginetæ medici insignis opus divinum ... Albano Torino Vitodurensi interprete*, Basilea, Andrea Cratandro et Ioannes Bebelio, 1532. Nesse mesmo ano aparece também a tradução de Joannes Guinterio, *Pauli Aginetæ de re medica, num integrum latinitate donatum per Ioanne Guinterium Andernacum, doctorem medicum*, Paris, Simone Colinaeo, 1532.
- 24 - Thorer, op. cit., p. 389.
- 25 - Alban Thorer, *Pauli Aeginetæ, medici clarissimi, libri septem, quibus dextra medendi ratio ac via tam in Diaetetico quam Pharmaceutico et Chirurgico genere compendio continetur, per Albanum Torinum Vitodurensium partim recogniti, partim recens latinitate donati*, Basileia, Balthasar Lasio, 1538, p. 507.
- 26 - *Index*, ibid.
- 27 - Giovanni Manardo, *Epistolarum medicinalium libri duodeuiginti*, Basileia, s.n., 1535.
- 28 - Manardo, op. cit.,
- 29 - Cf. Maximiano Lemos, *Amato Lusitano: a sua vida e a sua obra*, Porto, Eduardo Tavares Martins, 1907; Ricardo Jorge, *Amato Lusitano. Comentários à sua vida, obra e época*, Lisboa, Of. Gráf. da Ed. Minerva, 1962.

** Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de investigação «Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano» do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CLE-LLI/101238/2008).

* Centro de Línguas e Culturas - Universidade de Aveiro



João Rodrigues... Amado, Lusitano, de Castelo Branco (1511-1568):

Contributo para uma aclaração dos seus elos familiares

por Joaquim Candeias da Silva*

«Esta biografia foi, sem dúvida, a mais difícil de ser elaborada»

[Joaquim Veríssimo Serrão, acerca de Amato Lusitano,
in «Portugueses no Estudo de Salamanca (1250-1550)», *Revista
da Faculdade de Letras*, Universidade de Lisboa, III série, n.º 5,
Lisboa, 1961, reedit.º em 1962, pela Univ. Coimbra, p. 238].

Introdução

A afirmação em epígrafe, do credenciado professor e historiador (ontem aqui evocado e homenageado na sessão de abertura deste Congresso), ainda que produzida há 50 anos (cinquenta!), é paradigmática e um exemplo claro das dificuldades que podem esperar todos aqueles que alguma vez aspirarem a ser biógrafos do insigne albicastrense, ou mesmo a acrescentar e/ou rever algumas facetas da sua biografia. Por isso a escolhi para abertura desta minha comunicação, que não pretende ser (como vai no subtítulo), mais que um “contributo” – e modestíssimo – a este Congresso, em torno da vida e obra desse vulto, cujo V Centenário aqui se evoca.

Convoquei o Senhor Professor Veríssimo Serrão, como poderia lembrar Maximino Correia: «Não será fácil, segundo cremos, encontrar novos dados biográficos do insigne João Rodrigues» (*Alguns passos da vida de Amato Lusitano*, sep.^a da Academia das Ciências, Lisboa, 1968, p. 118); ou, depois dele, o Dr. José Lopes Dias: «Ele era quase um desconhecido entre nós e na sua terra (...) Ignoram-se importantes dados biográficos, certos pormenores familiares do ilustre médico. Nem sequer o nome dos pais é conhecido. Debalde se procuram nos arquivos locais documentos sobre a família» (*in Estudos de Castelo Branco*, n.º 37, 1971, pp. 6-7). Ou ainda o nosso bom amigo e distinto “amatógrafo”, Prof. Alfredo Rasteiro: «De Amato não lhe sabemos a imagem do rosto e mal lhe conhecemos a família» – conforme afirmou in *Medicina na Beira Interior – Cadernos de Cultura* (n.º 12, 1998, p. 9). Na verdade, e muito embora existam já diversos outros bosquejos biográficos, como os de Maximiano de Lemos e Ricardo Jorge, a sua biografia, mormente na sua ligação ao torrão natal, continua a “saber a pouco”. A História, dele e nossa,

continua assim incompleta, por falta de fontes...

Que fazer então? Desistir? Aguardar por algum providencial testemunho arqueográfico?

Penso que não. Em meu modesto entender, restar-nos-ão ainda alguns fios da História por entretecer e algumas formas de tentar suprir lacunas. Poderemos sempre colocar algumas hipóteses, como método de trabalho experimental (se é lícito em História designá-lo assim). E, para começar, teremos forçosamente que nos situar no tempo e no espaço desta antiga vila, na sua conjuntura, mormente nas duas décadas que precederam o nascimento de João Rodrigues.

Castelo Branco na transição do século XV para o XVI

A vila de então ia-se desenvolvendo a olhos vistos, e tanto intra como extra muros [Fig. 1]. Aliás, parece que esse desenvolvimento era já patente desde o último terço do século XIV. De acordo com a investigação realizada pelo Eng.º Manuel da Silva Castelo Branco¹, é de presumir que, a esse tempo, já por aqui existia uma comunidade judaica, com sua judiaria (organizada segundo as normas prescritas por D. Pedro I, para os casos em que o número de moradores judeus fosse igual ou superior a dez); e ela seria de tal modo

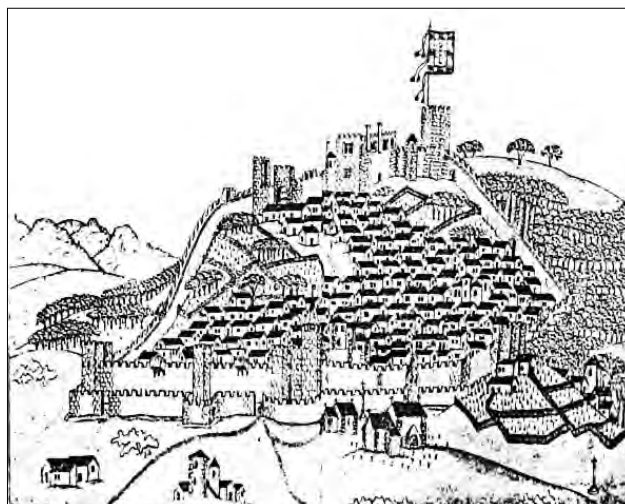


Fig. 1 - Vista tirada do Nordeste, por Duarte de Armas (*Livro das Fortalezas*, 1509)

relevante que, por uma carta régia de D. Fernando, datada de 15 de Dezembro de 1381, era concedido o arrendamento das sisas gerais de Castelo Branco e seu termo a um judeu chamado Azequirim, sendo de sublinhar que este as arrematara por mais 100 libras em cada ano do que o seu antecessor, um tal Abraão Amado (e fixemos bem este nome, pois ele é basilar para o que adiante se explanará)².

Avancemos para os meados do século XV; e o contexto judaico albicastrense torna-se-nos cada vez mais nítido, com referências múltiplas a nomes e profissões tipicamente luso-hebraicos. Assim, do ano de 1442, temos notícia de diversos indivíduos dessa origem étnica na Chancelaria de D. Afonso V, e entre eles um Jacob Amado, ferreiro, e um Samuel Amado, sapateiro; e, avançando uma década, no ano de 1455, muitos outros Amados – presumivelmente aparentados entre si – nos vão surgindo nesta mesma comunidade, tais como: Salomão Amado, ferreiro (com carta de contrato assinada em Évora a 1.12.1455); de Juça [ou Juseph] Amado, também ferreiro (carta de 3.12.1455); Abraão Amado, especieiro (carta de 3.12.1455) e Moisés Amado, alfaiate (carta de 18.12.1455).

Chegamos aos anos 80-90, que em Portugal era o tempo de D. João II (o Príncipe Perfeito): aí vamos encontrar, neste mesmo burgo de Castelo Branco, mais dois importantes luso-hebraicos: a saber, o médico Mestre Salomão Amado, morador nesta vila, aprovado ou considerado apto para o exercício da sua arte, pelo físico-mor do reino doutor Mestre Rodrigo, em 4 de Maio de 1483 (cf. DGRQ/Torre do Tombo, Chancelaria de D. João II, liv. 24, fl. 27), e mais um Abraão Amado, com carta de mercador passada em 1488 (*Ibidem*, liv. 15, fl. 102 v.), os quais dificilmente poderão identificar-se com os dois homónimos atrás citados, atendendo não só às profissões como sobretudo à distância temporal, embora com fortes hipóteses de relacionamento...

As listagens mais ou menos completas, elaboradas a partir das chancelarias régias³, podem encontrar-se em diversos autores, medievalistas ou que a esta matéria dedicaram estudos. Na posse dessas bases documentais, já podemos fazer uma pequena ideia da evolução e composição populacional da comuna judaica local na segunda metade do século XV. Segundo os cálculos de Maria José Ferro Tavares, para o período de 1441 a 1496, foram inventariados 114 indivíduos de origem judaica em Castelo Branco; o que, para uma população estimável de 820 fogos/famílias naquele último ano, se pode considerar uma alta percentagem. Sabemos mais que os direitos reais da sua judiaria eram bastante elevados, pois renderiam anualmente cerca de 23 000 reais.

Mas atenção que, relativamente aos judaicos de apelido Amado, nem só em Castelo Branco os havia. Perscrutando noutras terras, encontramos-los também, por exemplo, em Abrantes (como vimos atrás), em Évora e em Lisboa.

Com o rei D. Manuel (1495-1521), deram-se algumas importantes alterações. Aliás, já no final do reinado anterior ocorrera um episódio que viera alterar sensivelmente a aparente pacatez da convivência social: em Espanha, na sequência da conquista de Granada, os Reis Católicos por um édito de 1492 haviam decretado a expulsão dos judeus, que em grande quantidade vieram refugiar-se em Portugal (sobretudo na *Raia*). A cidade da Guarda, a Covilhã e Castelo Branco – na Beira Interior –, foram então das áreas mais procuradas, chegando a crescer mais de 50% em termos populacionais entre o final do XV e os princípios de XVI. Segundo cálculos de António Borges Coelho, antes «haveria em Portugal cerca de 30 mil judeus, distribuídos de norte a sul do território por 134 comunas (...)»; depois, «o seu número pode ter alcançado um patamar entre 60 mil e 100 mil almas»⁴.

A sua vinda seria de início bem recebida, não só por serem tradicionalmente possuidores de alguma capacidade financeira (na mercancia ou trato), mas também pela necessidade que havia de “homens de ofício” (por exemplo, na ferraria, alfaiataria, sapataria, pelitaria e curtumes, tinturaria, farmacopeia e medicina). O reino, que então começava a despovoar-se pela empresa das Descobertas, carecia de mão-de-obra qualificada e daí o inicial bom acolhimento dessa “gente da nação” (como então lhe chamavam, talvez por eles formarem um grupo bastante fechado e serem portadores de uma mentalidade própria, mais do que por motivações de natureza religiosa). Mas isso seria sol de pouca dura. Ao que parece, ainda em vida de D. João chegaram a ser acertadas medidas com vista à conversão ou expulsão de judeus do território português.

E o sossego dos judaicos chegava mesmo ao fim. Com a promessa de casamento do rei D. Manuel com D. Isabel, filha dos ditos Reis Católicos, a futura rainha de Portugal exigia ao noivo que também aqui fosse aplicado sem mais contemplações o “édito de expulsão” (1496-1497). Então, muitos luso-hebraicos decidem ficar, sendo no entanto forçados a baptizar-se e converter-se: seriam os chamados *cristãos novos*, oficialmente cristãos mas na prática judeus dissimulados (criptojudeus ou *marranos*). As questões religiosas entretanto surgidas na sociedade portuguesa levariam mais tarde ao estabelecimento da Inquisição (1536) e com ela os famosos autos-de-fé (o primeiro teve lugar em Lisboa a

20.9.1540), o que acarretaria o exílio de muitos e, como é sabido, a uma nova fase do Êxodo e da Diáspora.

É, pois, neste contexto que devemos enquadrar-nos, para tentarmos perceber o meio ambiente e as circunstâncias em que evoluiu a comunidade judaica albicastrense e mormente aquele restrito grupo familiar, em cujo seio acredito (apesar da falta de outras provas) que tenha vindo a nascer João Rodrigues. Um pouco estranhamente não foi identificado até agora, para o reinado de D. Manuel, nenhum judeu ou cristão-novo português de nome AMADO. Mas, sabendo nós que os havia por cá e distintos, apenas meia dúzia de anos antes, isso mais adensa a suspeita de que esse fosse um dos nomes judaicos que importava também reconverter ou dissimular...



Fig. 2 – Portal (ogival) da provável sinagoga de Castelo Branco, na Rua da Misericórdia, com a mezuzah (pequeno orifício na ombreira esquerda). Por aqui teriam andado os pais e avós do Dr. João Rodrigues...

A família de João Rodrigues – Algumas certezas

Infelizmente, não são ainda muitos os dados adquiridos pela ciência histórica. Mas são já alguns e significativos. O primeiro deles é, naturalmente, o nome do próprio, que, como todos sabemos, era João Rodrigues, ou mais exactamente, na expressão alatinada por ele mesmo transmitida logo na fachada do seu primeiro livro impresso, aqui convertida do ablativo e com as devidas concordâncias da frase: *Johanes Roderici, Castelli Albi lusitanus autor [In Dioscoridis... 1.^a ed. Antuérpia, 1536 (exemplar na Biblioteca Pública de Évora)]*. A partir daí (e depois de outras expressões similares), não temos razões para duvidar de que nasceu mesmo nesta então vila e que nela foi baptizado. Em que data? Segundo tudo indica, tomando por base outros conhecidos testemunhos autobiográficos, isso terá acontecido no ano da graça de 1511, pois que tinha 42 anos em 1553

(como afirmou no final da *Centúria* 4.^a).

Do que foi a sua vida em Castelo Branco até talvez aos 14-15 anos, nada sabemos senão por conjecturas. Depois, provavelmente entre os anos de 1525 e 1532, andou por Salamanca (onde parece ter sido um dos primeiros alunos oriundos de Castelo Branco até agora documentados)⁵. Sempre bom aluno, aí conseguiria a aprovação no propedêutico de Artes, ao fim do primeiro triênio (1528), e, ao fim do segundo, o almejado grau de *bacharel* – este a 19 de Março de 1532 (aos 21 anos, portanto), conforme hoje documentalmente se comprova:

«Provou: a 18-III-1532, [ter feito] quatro cursos em Medicina dos anos 1528 a 1531, com [o testemunho de] Luis Nunes e Francisco Dias, estudantes médicos. Item provou [ter assistido a mais] dez lições [aulas práticas?]. Grau de bacharel em Medicina: 19-III-1532 com o Dr. Augustín Lopez, “estando aí presentes os escolares Antonio Scudero e Luiz de Dueñas e outros e Francisco Cornejo (...) notário, testemunha Luís Nunes”»⁶.

Contudo, apesar de alguns avanços na sua biografia, persistem ainda algumas reservas, mormente pela dificuldade na identificação de personagens, porque havia ao tempo muitos homónimos. A citada autora Teresa Santander Rodriguez identificou no seu “Catálogo” de escolares salmantinos do século XVI cerca de uma vintena de Juan Rodríguez (!), e entre eles um que o Sr. Prof. Joaquim Veríssimo Serrão chegou a admitir ser o albicastrense: esse JR frequentou Alcalá e saiu bacharel em Salamanca em 16.3.1535. Porém, ponderadas todas as circunstâncias, parece impossível ser o mesmo, não só por ser pouco provável repetir o mesmo grau na mesma matéria e Escola, mas sobretudo porque até esse ano o nosso JR terá tido outros alibis.

Prosseguindo em busca do seu rasto e na destrinça dos homónimos, procurei pelo seu nome – associado à Medicina – na Torre do Tombo, na *Chancelaria de D. João III*. Cinco “João Rodrigues” ali aparecem referenciados, dos quais três só no ano de 1522, não podendo nenhum destes três ser o nosso, pois que teria então apenas 11 anos⁷... Dos outros dois JR inventariados, sabemos que um era morador em Tavira e recebeu carta para o exercício da Medicina só a 21.7.1541 (Liv. 31, f. 80 v.^o), pelo que fica automaticamente excluído; quanto ao outro, é importante anotá-lo... Esse era então morador em Lisboa e obteve a respectiva carta régia a 26 de Maio de 1533, passada em Évora (Liv. 19, f. 119). Poderá ser ele o nosso albicastrense? Parece que sim, porquanto a essa data já estava formado, precisava que lhe fosse reconhecida a faculdade para exercer

em Portugal e poderia de facto estar a residir e trabalhar em Lisboa (o que é confirmado pelo próprio nas Centúrias 2.^a e 3.^a).

Na linguagem burocrática própria da época o diploma começa por afirmar que o rei, confiando em João Rodrigues morador na cidade de Lisboa, o mandara examinar pelo cirurgião-mor Mestre Gil, que o achou apto, pelo que lhe era conferida licença para poder usar e praticar da *ciência e arte de solurgia* por todos seus reinos e senhorios. Como curiosidade, assinala-se que a carta régia termina como era de praxe, dizendo que ele João Rodrigues jurou na Chancelaria aos Santos Evangelhos, o que – note-se – implicaria de algum modo uma abjuração dos valores judaicos (se os tivesse adquirido depois do baptismo). Mais se regista que estas confirmações régias estavam previstas no Regimento do Físico-mor manuelino (de 28.7.1515), que assim obrigava os médicos não graduados pelo Estudo de Lisboa a prestarem exame teórico e prático na presença do físico-mor. [Com efeito, conforme bem observou J. Veríssimo Serrão, isto deve ter contribuído para que após 1515 não fossem muitos para Salamanca; só à volta de 1525 voltaria a aumentar a fuga para lá: «De 1526 a 1537 apuram-se 47 escolares em Medicina, ao ritmo de 5 a 6 por ano»].

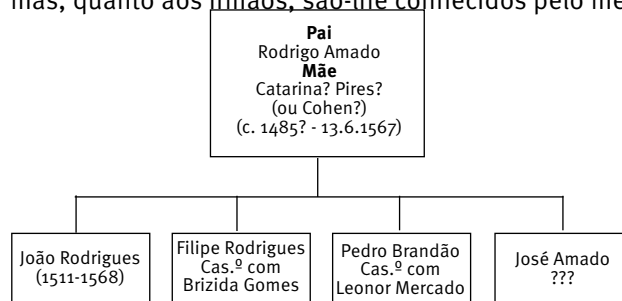
Portanto, até aqui, tudo parece mais ou menos em conformidade. A partir de 1533 é que novamente se nos levantam alguns ecolhos ao rastreio biográfico. A tomar como verdadeiro um testemunho trazido no ano passado a este fórum pelo Prof. António Manuel Lopes Andrade, o Dr. João Rodrigues, depois de algum tempo a trabalhar na sua pátria, seguiu no ano de 1534 para o estrangeiro, para Antuérpia, ao serviço do mercador judeu Henrique Pires (que seria seu tio materno, na diáspora também chamado *Jacob Cohen*)⁸. Parece haver aqui, no entanto, algum equívoco, porque em 1535, no segundo semestre, ainda o Dr. João Rodrigues residiria em Lisboa, conforme apurou muito recentemente o Prof. João José Alves Dias⁹. Assim, de acordo com este investigador, o mais provável é que o médico albicastrense também tenha partido para Antuérpia, sim, mas somente por essa altura (no Verão ou Outono de 1535) – e não como fuga à Inquisição (que ainda não tinha sido introduzida em Portugal), mas talvez por antecipação a ela¹⁰.

Na Flandres se terá então estabelecido o nosso Dr. João Rodrigues de Castelo Branco, sob a protecção do tio Henrique Pires, aí se mantendo cerca de 9 anos (até 1544). A pista deste seu tio, aliás, tem-se revelado de extrema importância para o apuramento do costado materno do nosso médico. Principalmente por via da investigação do Prof. Lopes Andrade, sabe-

mos hoje que esse seu tio era filho de Estêvão Pires [seria este, portanto, o nome do avô materno do médico] e que o mesmo tio Henrique teria por lá activos pelo menos cinco filhos, a saber: Manuel Henriques [= *David Cohen*], Simão Henriques, Duarte (ou Eduardo) Henriques, Ana Henriques (esta casada com Estêvão Pires, com geração) e Diogo Pires [= *Isaía Cohen*]¹¹, por conseguinte, todos primos do Dr. João Rodrigues.

O seu percurso a partir daí é assaz conhecido, além de que não se justifica nesta comunicação, que pretende ser apenas um simples contributo de aclaração dos seus elos familiares.

Outro conjunto de informações preciosas diz respeito a seus irmãos. Desconhecemos com a necessária segurança os nomes dos pais (de que adiante falarei); mas, quanto aos irmãos, são-lhe conhecidos pelo me-



nos três.

Fig. 3 – Esquema genealógico da provável família nuclear de Amatus

O primeiro deles deverá ter sido Filipe Rodrigues, o único que se manteve apegado ao torrão natal, onde foi mercador por muitos anos. Casou com Brísida Gomes, de quem teve geração. A avaliar pelas datas de que dispomos e que a seguir se indicam, não poderá ter nascido num ano muito afastado do de seu celebrado irmão, portanto à roda de 1510; isto porque teve dois filhos nascidos antes de 1540 [ano em que começaram os registos paroquiais em Castelo Branco (Santa Maria, então única freguesia da vila), pela mão do vigário Álvaro Fernandes], devendo assim o casamento dele ser situado entre 1530-35. Ainda vivia na vila em 1567, aquando da morte da mãe e um ano antes do falecimento do irmão João, inferindo-se do respectivo assento paroquial que Filipe Rodrigues seria então pessoa altamente cotada no meio albicastrense, não só a partir de meios próprios como das heranças familiares. Dos filhos, estão bem identificados os seguintes:

- Jorge Rodrigues, que viria a casar em Castelo Branco, a 3.4.1561, com Joana Rodrigues (TT, RP de Santa Maria, M.1, fl. 150).

- Catarina Rodrigues (Aires no casamento a 20.4.1563 com o boticário António Aires, que era também “irmão” da Misericórdia local), com geração [Dos seus muitos fi-

lhos (pelo menos 7) é bem conhecido um, Filipe Rodrigues Montalto, baptizado a 6.10.1567 na igreja de Santa Maria, e que viria a seguir as pisadas do tio João: bacharel artista por Salamanca, viria a cursar Medicina na mesma universidade de 1585/86 a 1588/89, tornando-se depois figura notada];¹²o casal Aires viveria sempre em Castelo Branco, com assinalável fortuna, incluindo escravos.

- Aires Gomes, baptizado na mesma igreja a 16.9.1547, tendo por padrinho um tio, Pedro Brandão, de que falaremos já a seguir. Este viria a casar duas vezes, a primeira com Isabel Rodrigues, cristã-nova, filha do lic.^o Manuel Rodrigues¹³, com geração; e segunda vez com Brites Lopes, cristã-nova.

O segundo dos irmãos conhecidos suponho que seja Pedro Brandão. Este surge-nos em 1537 a formar-se em Leis, ainda por Salamanca, pelo que me parece que fosse mais novo que o anterior. Conforme melhor diremos adiante, também andou por Itália, onde em Roma se encontrou com os dois irmãos em diáspora (Centúria 3.^a, cura VIII). Casou com Leonor do Mercado, uma cristã-nova de Alfaiates, filha de Pedro da Cunha e de Brites do Mercado (personagens que entroncam na linhagem beiroa do poeta Fernando Pessoa), também com geração. [Dos filhos são conhecidos dois: o Dr. António Brandão, médico que andou pela Europa e que, encontrando-se em Ancona, aí foi curado pelo tio João (Centúria 5.^a, cura XVI, 59); e Brites Brandão, que viveu em Penamacor casada com Jorge Nunes, também com geração – um filho destes foi o Dr. Francisco Brandão, mais um médico por Salamanca].

O sobredito Dr. Pedro Brandão viria a ser preso pela Inquisição, com um processo que já foi estudado. Uma dúvida, porém, me assalta: donde este estranho nome e apelido [Pedro Brandão...], que se afasta dos anteriores e que aparentemente nada tem de judaico? Não tenho resposta. Quanto ao nome próprio Pedro (ou Pero) ainda poderia admitir que viesse de Pires (eventualmente do apelido materno, como veremos adiante). Mas, Brandão? O mais que posso aduzir é que, até 1483, havia em Castelo Branco uma pessoa nobre, o bacharel Pedro Anes Brandão, que deteve a posse da alcaidaria por muitos anos. Mas esse era natural do Porto, filho de um João Brandão que fora alcaide-mor de Penamacor, e tinha falecido em Coimbra... Não seria, contudo, impossível que um seu descendente apadrinhasse o jovem albicastrense Pedro, como cristão-novo...

Finalmente, um último (?) irmão conhecido: José Amado. Notar bem o apelido, este sim, sem esconder as raízes judaicas albicastrenses. Desconhecemos-lhe estudos e ocupações. Sabemos dele apenas que era irmão do nosso médico-escritor, que também andou emigrado pela Europa e viveu em Roma, onde se encontrou

a dada altura com os irmãos Pedro e João (citação na Centúria 3.^a, cura VIII, 376); e pouco mais. Na mesma cura, *Amatus Lusitanus* inclui um diálogo com ele, que o encontrara em Roma (c.1550); e na Centúria seguinte descreve um outro curativo então aplicado a este seu irmão, que sofria de uma conjuntivite (cura XLIX, 602) – acrescentando que era de temperamento bilioso: «Josephus Amatus frater meus vir bene biliofus¹⁴. José... Amado... Seria esse também o nome com que os pais e padrinhos o levaram à pia baptismal da igreja de Santa Maria do Castelo? [A propósito... será bom não esquecer que já em 1455 havia em Castelo Branco exactamente um (outro) José/Juseph Amado, que era ferreiro].

Enfim, se no tocante aos irmãos e ao lado materno de João Rodrigues sabemos ou se avançou de facto alguma coisa (algumas certezas), continua a pairar densa bruma sobre... os seus pais. Ou mesmo sobre si próprio, se foi casado, ou se tinha descendência (pois nada nos garante que não tivesse – pelo menos um casamento teve: com a Medicina!...). E continua, para mim, impertinente, uma dúvida (se bem que cada vez menos o seja): se a adopção do pseudo-pseudónimo *LUSITANUS* é pacífica e não levanta qualquer suspeição, já quanto ao primeiro nome – *AMATUS* – que razão teria levado o autor do *In Dioscorides* a escolhê-lo e adoptá-lo para si?



Fig. 4 – Igreja de Santa Maria do Castelo (fachada lateral Norte, onde melhor se percebem traços do primitivo templo românico, talvez do tempo dos Amados). Sendo a igreja onde foi sepultada a mãe de João Rodrigues, é provável que também os filhos aqui tivessem sido baptizados...

A família de João Rodrigues – Algumas hipóteses

Com efeito, por tudo o que fica dito, *Amatus*, que a história convencionou traduzir por Amato, a ter uma origem e um significante patronímicos, parece-me que deverá entroncar claramente nos Amados que viveram em Castelo Branco e de que são conhecidos diversos nomes, como vimos. E, aqui chegados, na minha óptica dois deles são particularmente de reter: o médico Mestre Salomão Amado (referenciado em 1483) e o mercador Abraão Amado (citado em 1488), qualquer deles com fortes hipóteses de lhe estarem aparentados... Di-

rei mais: estou convicto de que um deles seria seu avô, já que o tempo que mediou até 1511 (ano provável do nascimento) me parece mais adequado ao progenitor, que ainda terá usado desse mesmo apelido (Amado). Porém, uma vez obrigado à conversão (por volta de 1497), o pai poderá ter então adoptado outra antroponímia mais condizente.

Não detemos a mínima informação sobre ele, o PAI. Acaso se chamaria RODRIGO [*Rodericus*], daí passando – como então era frequente – a alguns dos seus filhos pela via do *genitivo* latino? Teríamos assim – para além do filho Filipe Rodrigues – um João Rodrigues, *Johannes Roderici filius*... Ou seja, um filho baptizado com o nome bem português e cristão (João), eventualmente de um pai Rodrigo Amado [?]. E assim se poderia explicar, numa conjuntura de pressão antijudaica, de conversão e baptismos forçados, o “inofensivo” Rodrigues. Aliás, se consultarmos os registos, notaremos que havia por essa altura em Castelo Branco mais pessoas deste apelido, entre as quais o poeta homónimo e fidalgo João Rodrigues [= Roiz] de Castelo Branco, este falecido em 1515 e portanto muito mais velho que o nosso biografado¹⁵...

E a MÃE? Ouvi há pouco o ilustre amadiano Sr. Prof. Alfredo Rasteiro atribuir-lhe o nome de Catarina Aires... De facto, como vimos atrás, é conhecido um neto seu Aires Gomes e uma neta (Catarina, casada com António Aires) que também usava do apelido Aires.

Mas não detenho outros apoios. É de admitir que de início o seu nome fosse outro e que, na sequência da legislação manuelina de 1496/97, mais por obrigação do que por convicção, se tenha tornado católica, isto porque é conhecido o seu assento de óbito, por onde consta ter catolicamente morrido e sido sepultada em cova própria. Contudo, aí a sua identidade é de todo omitida, para relevar apenas o nome do filho Filipe, o único deles que vivia na vila, provavelmente junto dela, prestigiado socialmente e muito rico (de outro modo não lhe seria dado tanto realce): então ele fez o funeral da mãe, comprou-lhe a campa e deu prendas. É do seguinte teor esse importante registo, com excelente e apurada caligrafia (bem destacada das restantes), incluído no Livro 1 da paróquia de S.ta Maria, a fls. 200 v.⁹:

«Item, aos xiiij dias do dito mês [13 de Junho de 1567], faleceu a mãe de Filipe Rodrigues mer/cador. Não fez testamento e jaz enterrada dentro na Igreja [de Santa Maria], e com/prou cova; derão a prenda ao p. Baltazar Gonçalves»¹⁶.

Mas tentemos apurar mais alguns elementos a seu respeito: se ela concebeu o filho João em 1510, terá nascido antes de 1490, sendo por isso já bastante idosa

quando morreu, perto dos 80 anos. Quanto ao seu verdadeiro nome, a falta de identificação no registo, poderá por si indiciar alguma suspeita de cripto-judaísmo e a precaução do clérigo notador em não levantar ondas... Todavia, há já, felizmente, mais algumas pistas. Ela também poderia ter por apelido Pires ou Cohen e ter alguma relação com a cidade de Évora, pois, como vimos atrás, era irmã de Henrique Pires (aliás Jacob Cohen), mercador judeu natural daquela cidade, já atrás citado, pai de outros Cohen. Contudo, não seria impossível que também ela tivesse uma origem albicastrense, pois que no século XV havia em Castelo Branco uma forte presença do apelido Cohen: alguns ferreiros, e sobretudo mercadores (5 entre 1469 e 1491). Sabe-se mais que o antropónimo, que já vinha de muitos séculos atrás, se espalhou pelo Centro de Portugal, e não só¹⁷...

Em suma: por tudo o que nos é possível apurar do contexto familiar, tanto os pais como os irmãos, e toda a restante família seriam gente de cabedal, com boa cotação social na então vila de Castelo Branco e depois por toda a Europa dos negócios.

Concluindo

«O homem é ele e a sua circunstância» (Ortega y Gasset)

Efectivamente, todo o homem, queira ou não, acaba por ser filho do seu Tempo e produto do Meio. Essas são marcas identitárias de que ele dificilmente se libertará, para o bem ou para o mal dos seus pecados, e que carregará sempre consigo.

João Rodrigues/Amatus – decerto – não terá sido excepção: a terra-berço e a família marcaram-no também, seguramente... E disso deixou alguns testemunhos nos seus escritos, expressos ou subentendidos. E isto...apesar de (ainda) sabermos pouco acerca da sua família, mormente sobre os seus progenitores.

Ele foi uma grande figura de português e de humanista do Renascimento. Foi patógrafo, anatomista, botânico, clínico médico e cirurgião. Foi grande, generoso, honrado e verdadeiro, sempre e em tudo, e por isso podia escrever no seu conhecido “Juramento”, publicado em Salónica no ano de 1559, e que é um autêntico código de conduta e de comportamento profissional:

“Nada fingi, acrescentei ou alterei em minha honra. Sempre em tudo exigi a verdade” (AMADO, Lusitano)

E posso estar errado; mas vejo nisto também uma prova de que o nome adoptado e com que assinou a maior parte das suas obras, não seria propriamente um pseudónimo (nome falso, para fingir e mascarar a verdadeira identidade), ou mesmo um criptónimo (nome

encriptado para se esconder ou defender de perseguições); mas, talvez antes um misto disso ou mais que isso, como habilidade ou liberdade literária para envolver o seu nome/apelido de família, a modos do *cinquecento*. Desse modo ele podia revelar algo de novo, da sua própria identidade...

Aliás, há uma passagem sua, no *In Dioscorides I – Ennarrationes* 166 (de 1551), num diálogo com Johannes Agricola Ingolstadt, em que o próprio responde de algum modo a esta questão da nova assinatura, citando Paulo Jório: «Novum non est viros rei litterariae deditos sua plerumque immutasse nomina»; ou seja, «Não é novo os homens dados às letras trocarem muitas vezes os seus nomes». Portanto, isso não constituía novidade nem problema algum no meio cultural e literário, pois que tantos o faziam [lembremos, entre outros, inclusive do seu tempo, «Salusque ou Seleuco Lusitano», «Zacuto Lusitano», ou o seu primo direito e poeta Diogo Pires, convertido em «Pyrrhus Lusitanus»]. Pois que mal haveria nisso, longe da pátria e da família, evocá-la, associando-a à autoria?

Houve, entretanto, alguém que veio dizer não ter ele feito mais que traduzir o seu nome judeu de origem e que esse seria Jedija Dei Amatus, o equivalente hebraico de “amado ou abençoado de Deus” (= Habib, ou David?)... Outros vieram conjecturar que ele adoptou tal nome porque «eratque ipse amabilis re et nomine vocatur enim Amatus»... Em meu fraco entender, face à análise que aqui fizemos, nem ele precisou nem nós precisamos de recorrer a frases ou ideias complicadas. Ele poderia, na verdade, ter traduzido o seu nome de família judaica de origem, mas esse seria muito mais simples e natural. Amado existia já em Castelo Branco (e não só), muito antes do nascimento de João Rodrigues...

E, assim, mesmo não sendo *Amatus* nome de baptismo ou o nome corrente, seria talvez uma espécie de “cognome” (no sentido de nome adjunto (co+nomen), patronímico ou identidade alternativa, mas igualmente verdadeira); como verdadeiro, absolutamente legítimo e sumamente patriótico era o complemento adjectivo *Lusitanus*, do país de origem. AMADO, Lusitano. Amado, nome de família a partir do correspondente nome alatinado *Amatus*, durante anos quase inteiramente silenciado. Só assim fazem pleno sentido e, a meu ver, se compreendem as palavras da sua sobredita mensagem, legenda imorredoura, que bem podia figurar num pedestal em sua memória: «Nada fingi, acrescente ou alterei em minha honra. Sempre em tudo exigi a verdade».

Senhoras e senhores congressistas, caros amigos: Penso que, da minha parte e por agora, não são precisas mais palavras para a sua biografia. Quinhentos anos

depois, João Rodrigues, seja ele Amado (na versão portuguesa) ou Amato (na versão erudita alatinada), Lusitano, está/continua vivo. E recomenda-se. Formulo, pois um voto, apenas um: Que ele continue a ser amado!...

Notas

- 1 - Cf. «A comuna judaica da vila de Castelo Branco [1381-1496]», *Actas das Primeiras Jornadas do Património Judaico da Beira Interior*, Trancoso-Belmonte, 2008, pp. 7 a 29.
- 2 - É possível que este Abraão tenha depois ido fixar-se em Abrantes, onde em 1392 vivia na judiaria dessa vila um judeu do mesmo nome, com seu irmão Samuel Amado (Arquivo Histórico de Abrantes, ISV/F/002, cx. 1, doc. 41).
- 3 - DGARQ / Torre do Tombo, Chancelaria de D. Afonso V, Liv. 2, fls. 59 v.º e 60 (1441); Liv. 23, fls. 108 f. e v.º (1442); Liv. 15, fl. 158 v.º (1455); Liv. 31, fls. 25 f. e v.º (1469)...
- 4 - Cf. «Judeus e Cristãos-novos Portugueses (séculos XVI e XVII)», in *Oceanos*, n.º 29, CNCDP, Lisboa, 1997, p. 39.
- 5 - Com efeito, tomando por base o citado estudo de Joaquim Veríssimo Serrão (1961-62), não é conhecido nenhum outro albicastrense (nem sequer beirão do distrito) a estudar em Salamanca antes dele, embora se possa admitir que tenham existido. Depois, houve vários, deste distrito, cerca de uma dezena. Foram, designadamente, os casos de: - Pedro Brandão, seu irmão, bacharel em Direito Civil / Leis, em 1537, sendo testemunha o escolar covilhanense Jorge de Andrada; - Jorge de Andrada, da Covilhã, bacharel em Leis, a 24.4.1539; - João Fernandes, das Sarzedas, bacharel em Leis a 28.4.1539; - Manuel Jorge, da Sobreira Formosa, bacharel canonista em 1539; - Rui Luís, diácono oriundo de Castelo Novo, bacharel em Cânones a 14.7.1545; - Simão Rodrigues, de Penamacor, bacharel em Artes, a 1.7.1546; - Pedro da Fonseca, de Proença-a-Nova, canonista frequentando transitoriamente Salamanca em 1546-47.
- Outros terá havido, porém com identidade e naturalidade algo incerta, como parecem ser os casos dos canonistas Pedro Rodrigues, do Rosmaninhal (1538?), e André Gomes, de Salvaterra do Extremo (1540?). Mais tarde, outros ainda, ligados a Castelo Branco e à família do nosso Amado, casos de Rodrigo de Santilhana (n. 1534) e Filipe Montalto (1567-1616).
- 6 - Cf. Teresa Santander Rodríguez, *Escolares médicos em Salamanca (siglo XVI)*, Salamanca, 1984, pp. 324-325. Neste catálogo de 3457 escolares, a autora identifica JRCB, com o n.º 2714. O n.º seguinte [2715] é o homónimo abaixo citado, que frequentou Alcalá de Henares (= Complutense de Madrid), e saiu bacharel em 1535.
- 7 - Os três médicos João Rodrigues de 1522 são: um bacharel morador em Lisboa, que foi examinado pelo Dr. Mestre Gil, físico e cirurgião-mor (Liv. 3, f. 88); outro morador em Coimbra, examinado pelo mesmo Mestre (Liv. 51, f. 125); e o terceiro morador em Tomar, que foi examinado pelo Dr. Diogo Lopes, comendador da OC e físico-mor, tendo sido despachado por carta régia de 8.12.1522.
- 8 - Cf. António Manuel Lopes Andrade, «De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e de sua família», *Medicina na Beira Interior (...)* - *Cadernos de Cultura*, XXV, 2011, pp. 5-16. É de notar que, a par da família Amado, também o apelido *Cohen* era bastante citado na documentação albicastrense já na 2.ª metade do século XV, sempre ligado a gente dos ofícios e dos negócios.
- 9 - João José Alves Dias, *Amato Lusitano e a sua obra: séculos XVI e XVII*, BNP et al., Lisboa, 2011, p. 24-25.
- 10 - Ainda segundo Alves Dias, o equívoco poderá residir no facto de haver então um outro João Rodrigues (*meester Jehan Roderigo*), homem de negócios e primo do médico, que terá chegado a Antuérpia no Outono de 1534, ao serviço de seu tio Henrique Pires, para o assistir nos seus negócios e na bolsa. Esse primo logo foi preso (a 16 de Outubro de 1534), acusado de violar uma lei do imperador Carlos V, datada de 14.8.1532 (a qual que proibia a entrada na Flandres de cristãos-novos), mas conseguiu pouco depois a libertação.
- 11 - Diogo Pires, o conhecido poeta *Didacus Pyrrhus Lusitanus* (1517-1599?), autor do epitáfio do nosso médico-escritor e seu querido amigo.
- 12 - Casou em Castelo Branco com Jerônima da Fonseca (depois Raquel no exílio), filha de Lopo da Fonseca e neta de Manuel da Fonseca, judeu convertido e baptizado em 1497). No exílio, Filipe usaria o nome de Philoteus Eliau Montalto (m. Tours, 1616). Para mais pormenores, cf. José Lopes Dias, «Laços familiares de Amato Lusitano e Filipe Montalto (novas investigações)», *Imprensa Médica*, ano XXV, 1 (1961), p. 22-36; 2 (1961), p. 53-69.
- 13 - Manuel Rodrigues começa por nos aparecer em 1534 (como testemunha num instrumento notarial de arrematação da Misericórdia de Castelo Branco). Surge depois bacharel por Salamanca (a 9.3.1535) e casa catolicamente com Brites de Santilhana, cristã-nova, de quem houve geração. De entre os filhos, contam-se o lic.º Rodrigo Aires de Santilhana, que se fixa em Castelo de Vide e em 1572 foge para Flandres, e Maria Henriques, que viria a casar com Rodrigo da Cunha (n. c.1535 em Alfaiates), filho de Pedro da Cunha e de Beatriz de Mercado, já referidos), também com geração. Todos eles são referidos em processos da Inquisição de Lisboa (p.ex., P.º 11.863, de Pedro da Cunha).
- 14 - Numa outra passagem (Cent. 7.º, cur. LXXXII), o ilustre médico-escritor faz referência a um outro José (Joseph Oef?), identificando-o como «vir ex mea propagine stirpeve, mas desse (se é realmente outra pessoa) nada mais consegui apurar.
- 15 - Em 1544 ainda encontramos um outro João Rodrigues, morador na vila de Castelo Branco, que nessa data obtém aprovação oficial para usar da ciência de cirurgia (DGARQ/TT, *Chanc. D. João III*, liv. 5, f. 82, de 25.4.1544). E parece que havia por essa altura mais homónimos (cf., p.ex., *Chanc. D. João III*, liv. 36, f. 59)...
- 16 - Foi já trazido a estas Jornadas por Manuel da Silva Castelo Branco e pub.º nos *Cadernos...*, 7, 1993, p. 7.
- 17 - É conhecida uma inscrição funerária encontrada em Espiche (Lagos, Algarve), decerto pertencente ao antigo cemitério judaico local e que alude à morte do rabino Isaac **HaCohen** – O especialista Samuel Schwarz classificou-a como sendo dos séculos VI-VII.

* Doutor em Letras (História), professor aposentado, da Academia Portuguesa da História

No Cenotáfio de Amato

Maria José Leal*

Era fim de tarde, um aprazível fim de tarde de Outono, não era preciso procurar as pequenas pedras nos canteiros vizinhos, nem nos pequenossacos atenciosamente colocados por perto para servir os visitantes; aqui cada qual pegava numa qualquer entre as muitas que atapetavam o chão à volta da majestosa pedra vertical, a bela estela rosada com inscrições em *yiddish* decorada com o escudo heráldico da Boémia, o leão com a cauda bifurcada (*fila fourchee*) que também representa o duplo *leão* do nome a quem se prestava homenagem.

Leão de Loew, derivado do germânico *Löwe*, e também do *yiddish* *Leid*, e ainda de Yeouda ou Judah, a tribo do mesmo nome, tradicionalmente associada ao leão; no Génesis 49:9 Jacob refere-se ao seu filho Judah como o *Aryeh Gur*, o *Jovem Leão*.

A maior parte das pessoas são turistas que repetem o gesto maquinal, um rito vazio, seguindo os outros, sem se aperceberem do significado.

Mesmo os mais conscientes da sua devoção à grande figura do Rabbi Yeouda Loew ben Bezalel ou Judah Loew ben Bezalel, conhecido como o Maharal de Prague (o acrónimo hebraico de *Moreinu ha-Rav Loew*, nosso Mestre Rabi Loew), o grande sábio, nascido por volta de 1520 – 1525 e falecido a 17 de Setembro de 1609, envolto numa legenda de rabino miraculoso, não necessitam de procurar uma pedra especial, de preferência rolada, de forma oblonga; uma tal pedra que possam apertar na palma da mão e com o poder da sua vontade fazerem passar para a memória cristalográfica da pedra, deixando nela imprimidos todos os sentimentos de agradecimento, todas as vibrações energéticas do seu coração.

Uma pedra com uma longa história telúrica, com a mesma idade da terra, seja vulcânica, sedimentar ou metamórfica e de preferência rolada, atestando o seu acidentado percurso, rolando, rolando ao capricho das torrentes e das quedas de águas dos rios, ou então dos turbilhões das águas salgadas do mar. Uma pedra do coração.

A majestosa pedra vertical à maneira asquenaze, a bela estela rosada com inscrições em *yiddish*, aonde os devotos e os turistas depositam pequenas pedras, assinala a memória de Yeouda Loew ben Bezalel. É pouco provável que se encontre exactamente sobre o túmulo que conteve os seus restos mortais, a restrita área de

um hectare do velho cemitério judeu de Josefov guarda mais de 12.000 lápides e alberga um número calculado de mais de 100.000 restos mortais de judeus depositados em múltiplas camadas pelo decorrer dos séculos.

Embora não construída expressamente com tal intenção, a majestosa pedra vertical será de certa forma um *cenotáfio* – a memória da pedra tumular sobre um *túmulo vazio*.

Quando se faz o percurso da rota das estepes na Mongólia, a cada passo à borda dos caminhos, encontram-se amontoados de pedras, *cairns*, aqui chamados *ovoo*, lugares sagrados onde os mongóis, mesmo ainda hoje, não se escusam nunca de parar para aí depositar uma pedra ou uma fita khadag, de preferência azul, a cor do céu.

As fitas, símbolos efémeros, atam-nas também a pedras estelares, memórias recentes de alguém que deixou referências de bênçãos para o seu povo.

Otchir o Xamã de Átila¹ é uma personagem ficcionada contemporâneo do Grande Huno, o protagonista animista quena primeira pessoa relata assim:

“Nós vivíamos de acordo com a natureza, nossa Mãe, seguindo o relógio dos seus desígnios, tentando acordá-la para atender aos inconvenientes dos nossos infortúnios. Os Xamãs eram os nossos porta-vozes, eles eram os veículos das mensagens que Ela a Grande Mãe tinha para nos dizer e que nós embrutecidos não éramos capazes de compreender sozinhos. Mesmo assim limitados pela nossa ignorância tentávamos fazer alguma coisa.

Nos lugares onde os servidores dos Espíritos de Residência – Ovoo – tinham as suas moradas, nós depositávamos pequenas pedras depois de ter contornado o local três vezes, deixando oferendas simbólicas como representação, materialização de nós mesmos, enquanto formulávamos os nossos desejos e as nossas necessidades, os nossos agradecimentos para que Ele, o Espírito não nos esqueça. Ao contrário de nós os Espíritos não mudam de morada, para o demonstrar, vejam o enorme volume de pequenas pedras amontoadas, as pedras do coração, sobre o lugar ocupado por cada um deles, que durante os séculos se foram juntando como testemunho da devoção do meu povo.”...

Seguindo a *Rota da Seda* desde a China a caminho de Ocidente, por entre os turcomanos ou os uzebeques, assim como no Irão, encontram-se em território muçulmano os mesmos montes de pedras seja nos campos bordeando os caminhos, seja nos centros religiosos nos túmulos dos Imãs miraculosos, os habitantes locais fazem o mesmo gesto, contornam o local sagrado três vezes e depositam as pedras, assim como amarram às árvores sagradas fitas coloridas, antiga lembrança do seu passado pré islâmico.

Os mesmos gestos se repetem nas *stûpas* da Índia ou do Tibete provavelmente erigidas pelas mesmas razões, apesar de que recentemente, contêm geralmente as cinzas de santos budistas ou de lamas.

Provavelmente os amontoados de pedras são ubiqüitários em todo o planeta, muitos deles foram destruídos ou atulhados por construções ulteriores, e outros ainda não terão sido identificados. Na Europa, restam bastantes representantes na Escócia de onde vem o *termocàrn* que *deucairn*, e que tem um sentido muito mais lato: pode designar vários tipos de colinas assim como amontoados naturais de pedras. Na Escócia, é costume transportar uma pedra até ao alto duma colina para a depositar sobre um *cairn*. Um antigo ditado escocês diz *Cuiridh mi clachair do chàrn, isto é Eu colocarei uma pedra sobre o teu cairn*. Os descendentes dos celtas têm os mesmos costumes dos judeus contemporâneos.

Na Bretanha, o *cairn* é um monumento de pedras amontoadas recobrimdo sepulturas como a *Tabledes-Marchant* em Morbihan ou o grande *cairn* de Barnenez na Finisterra, construído entre 4500 e 3900 anos antes de J. C., medindo 75 metros de comprimento por 28 de largura e que abriga onze câmaras funerárias.

Em Portugal os *moledros* ou *Fiéis de Deus* identificados, são amontoados de pedras relativamente recentes, situados à beira dos caminhos, no local em que segundo a tradição, foram em tempos idos, enterrados os condenados. Os caminhantes tinham o hábito de rezar pelo defunto e colocar uma pedra sobre o local da referida sepultura, que pouco a pouco veio a formar os amontoados de pedra; pedras de misericórdia, pedras do coração querendo interceder pela saúde espiritual dos infelizes. A sacralidade do local é bem patente na crença de que quando se retira uma pedra do montículo ela retorna de madrugada ao moledro:

“Quando se leva do moledro uma pedra, e se deixa num sítio, aí a pedra anoitece, mas não amanhece.”

Outra interpretação mais pragmática, mais materialista e mais cautelosa atestando o receio das interferências dos mortos, diz representar o costume primitivo de

fazer peso sobre o cadáver para este não voltar ao mundo com o intuito de perseguir os vivos; pedras de misericórdia, querendo interceder pela segurança dos vivos.

Caminhando ainda para mais remotos tempos, encontram-se à borda do mar salgado ou nos estuários dos grandes rios, amontoados de milhões de esqueletos externos de animais marinhos, os amontoados de conchas, *concheiros*, *casqueiras* ou *sambaquis*, (do tupitamba'ki; literalmente *monte de conchas*) são depósitos de materiais orgânicos calcários acumulados no decurso do tempo a testemunhar a devoção dos homens do mesolítico às memórias do reino de Neptuno, e daqueles que foram engolidos por ele no tempo da grande catástrofe; aí onde habitam os Espíritos de Residência, que também não mudam de morada, referenciados com mais ou menos 10.000 anos. Os *concheiros* são comuns nas costas atlânticas mas mais raros nas do Pacífico; encontram-se desde a América do Norte (grandes lagos), América do Sul, África até à Europa do Norte. A sua forma varia de cônica a hemisférica, são chamados *shell-mountains* em inglês e *køkkenmødding* em dinamarquês. Por vezes atingem alguns quilómetros de comprimento e dezenas de metros de altura como no Parque Nacional de Arguin na Mauritânia.

No delta da embocadura do rio Saloum na confluência com o rio Sine, no Senegal encontram-se 218 *concheiros* nos quais foram encontrados 28 lugares funerários de tipo tumular.

No Brasil os *sambaquis* mais importantes estão localizados no litoral sul do estado de Santa Catarina. As cidades de Laguna e Jaguaruna abrigam 42 *sambaquis* dos mais diversos tamanhos e alturas, destacando-se entre eles o Garopaba do Sul e o Jaboticabeira, e os Figueirinha I e II, na praia de Nova Camboriú. O *sambaqui* ia crescendo com a repetição de cerimônias fúnebres a decorrer durante, segundo os cálculos, cerca de mil anos. Hoje, algumas montanhas ultrapassam 30 metros de altura, com centenas de camadas de esqueletos e conchas. Num *sambaqui* no sul de Santa Catarina há mais de 43 mil cadáveres.

Em França, encontram-se no BeganDorchen e na Ilha de Béniguet arquipélago de Molène em Finisterra.

Vários em Portugal, na costa ocidental alentejana e algarvia, nos estuários do Sado e do Tejo; o sítio arqueológico dos *concheiros* da ribeira de Muge (afluente da margem esquerda do Tejo) em Salvaterra de Magos, foi descoberto em 1863 e constitui o maior complexo mesolítico da Europa.

Quantos milhões de conchas foram depositados durante milhares de anos!

Conchas de forma oblonga que os nossos antepassados podiam apertar na palma da mão e com o

poder da sua vontade fazer passar para a memória cristalográfica mineral do esqueleto externo de animal marinho, aí deixando todos os seus sentimentos de agradecimento, todas as vibrações energéticas do seu coração, todas as mágoas e lamentos daqueles que como o animal marinho, demiurgo da concha, não estava mais por entre os vivos.

Uma concha sagrada, uma **pedra** do coração.



Concheiro de Muge.

E Amato, nascido em Castelo Branco em 1511, de quem comemoramos os saberes intemporais no V centenário do seu nascimento, falecido em Salónica em 1568, aonde e como seria a pedra tumular de Amato? Se nas agruras da mortandade da peste houve ocasião para edificar uma pedra a identificar o seu túmulo, decerto seria uma lage horizontal à maneira Sefardita, no cemitério judeu de Salónica com o epitáfio redigido pelo seu primo, o poeta Diogo Pires:

“Aquele que tantas vezes retinha a vida fugitiva num corpo doente ou voltava a chamá-la das águas do Letes, querido por isso, igualmente dos povos e dos grandes reis, aqui jaz; esta foi a terra que Amato pisou ao morrer. Portugal o berço, na terra dos Macedónios o sepulcro. Como se encontra longe do solo pátrio a sepultura! Mas quando o dia supremo e a hora fatal se aproximam, em toda a parte há um caminho em declive para a Estige e para os Manes.”

Lá, em Salónica sobre essa hipotética lage horizontal não se poderão depositar pedras, não se poderão apertar na palma da mão e com o poder da vontade fazer passar para a memória cristalográfica, deixando nelas imprimidos todos os sentimentos de agradecimento, todas as vibrações energéticas do coração a demonstrar a gratidão pelo saberes intemporais que Amato nos deixou.

Do cemitério judaico de Salónica resta a memória da iconografia anterior ao seu dismantelamento. Na vasta área de cerca de 23 hectares, foi construída a Universidade de Aristóteles de Salónica, a maior Universidade da Grécia, hoje o seu *campus* estende-se por mais de 400 hectares e segundo os relatos, na sua construção foram reutilizadas as pedras do antigo cemitério judaico. Faz parte do grupo Coimbra fundado em 1985, ano em que a Universidade de Coimbra celebrou o seu 700º aniversário, e formalmente constituído por alvará em 1987; é uma rede de universidades europeias que congrega trinta e nove universidades, algumas das quais estão entre as mais antigas e mais prestigiadas da Europa, nomeadamente Salamanca aonde Amato fez os seus estudos de Medicina.



Salonica

A Faculdade de Medicina da Universidade de Aristóteles de Salónica, fundada em 1985, com *parentescos* estatutariamente assumidos com Coimbra e Salamanca, assentada sobre terreno sagrado judaico, provavelmente guardando pedras do antigo cemitério que acolheu entre tantos o corpo finado pela peste de Amato, é um moderno ovoio, um magnífico *cairn*, um gigantesco cenotáfio, construído não pela deposição uma a uma de pedra por pedra ao longo de quase cinco séculos por milhões de homens e mulheres que guardassem a sua memória, mas *tout d'un coup*, surgindo duma entropia acumulada, pronta a tomar forma na planta dos arquitectos e pelas mãos dos construtores num brotar da energia emanesciente do Espírito do Lugar.

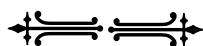
No ano 1956 em Castelo Branco é inaugurada no Jardim Central da Praça do Município uma magnífica está-

tua de bronze de Amato Lusitano da autoria do Escultor Joaquim Martins Correia, assente sobre um pedestal de pedra; um obelisco esculpindo a figura do ilustre médico de quinhentos, uma representação vertical à maneira asquenaze, expressando a espiritualidade, a ligação com o céu, assente sobre um paralelepípedo, um não túmulo, um túmulo contendo a própria pedra, vazio de corpo, um cenotáfio. Surgindo *tout d'un coup*, duma entropia acumulada, pronta a tomar forma no modelo do escultor e pelas mãos dos construtores num brotar da energia emanescnte do Espírito do Lugar.

Observando os comportamentos na modernidade, a tendência geral parece esquecer a capacidade da memória cristalográfica da pedra, não imprimindo mais nela todos os sentimentos de agradecimento, todas as vibrações energéticas do coração. As oferendas simbólicas como representação, materialização do homem moderno, enquanto ele formula desejos e necessidades, o seu agradecimento, exprimem-se hoje largamente por materiais efêmeros, como as velas que ardem ou as flores que fenecem nos altares dos Santuários de grande devoção, ou nas homenagens aos defuntos.

A tendência geral parece esquecer a capacidade da memória cristalográfica da pedra... mas nem sempre, registam-se excepções; as oferendas simbólicas como representação, materialização do homem moderno, enquanto ele formula desejos e necessidades, o seu agradecimento, podem-se exprimir de novo por meio das pedras, de forma pessoal e consciente, ou pelo inconsciente colectivo que os menos atentos não são capazes de decodificar. Que dizer das explosões construtivas dos memoriais?

Como expressar este gesto em relação a Amato, ele que deixou saberes intemporais desde Castelo Branco a Salónica?



NO CENOTÁFIO DE AMATO

Para festejar a quinta centena de Amato
Aqui em Castra Leuca, não colham flores
Não armem coroas, não adornem ramos
De verdejantes folhas e coloridas pétalas
Que já mortas, estiolam e fenecem
Efêmeras, sem deixar memória

Aqui, ele gritou seu primeiro vagido
Como a Diogo *não lhe foi consentido*
*Guardar seus membros em solo pátrio*²
Na Macedónia, bem longe
Em terras do turcomano

Exalou seu último suspiro
Desde o seu passamento em Salónica
Quatrocentos e quarenta e três anos passaram
Sobre a estela deitada, à maneira sefardita
Querido do povo e dos grandes reis, aqui jaz
Esta foi a terra que Amato pisou ao morrer
*Quão longe está do solo pátrio a sepultura*³

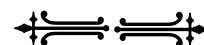
Para festejar a quinta centena de Amato
Além em Salónica, não colham flores
Não armem coroas, não adornem ramos
De verdejantes folhas e coloridas pétalas
Que já mortas, estiolam e fenecem
Efêmeras, sem deixar memória

Deixem as flores exhibir o seu esplendor
Bebendo o suco de seus caules e raízes
Desabrochar, estiolar e fenecer
Estame por estame, pétala por pétala
Voltar no seu lugar ao pó da terra
Legando frutos em ventre prenhe

E se a questão é memória ... não colham flores
Apertem na palma da mão uma pedra oblonga, rolada
Tem a idade da terra e uma longa vida atribulada,
Com o poder da vontade façam passar ao mineral
Imprimam na memória da cristalografia
Todos os sentimentos e vibrações do coração

Castra Leuca *não guarda os seus membros*
Joaquim Martins Correia talhou uma estela
Uma estela vertical à maneira ashkénaze
Um corpo esculpido, memória impressa na pedra
Sobre um túmulo vazio, um cenotáfio
*De aquele que tantas vezes retinha a vida fugitiva*³

Para festejar a quinta centena de Amato
Aqui em Castra Leuca, não colham flores
Cada um escolha uma pedra oblonga, rolada
E deixe-a, igual a tantas outras, anónima
Com a memória das vossas vibrações
Uma pedra do coração junto do seu cenotáfio



Notas

- 1 - "Otchir O Xamã De Átila" Maria José Leal Apresentado no 48º Congresso da União Mundial de Escritores Médicos - UMEM Viana do Castelo Setembro 2004
- 2 - poema de Diogo Pires *De exílio suo*
- 3 - epitáfio de Amato Lusitano de autoria de Diogo Pires

* Médica. investigadora

Amato Lusitano: a propósito de uma breve nota resendiana**

Virgínia Soares Pereira*

“As obras do Doutor João Rodrigues caracterizam-se pelo raro condão de empolgar quantos nela se debruçam, pela simples mas forte razão de ser verdadeiramente inesgotável a sua análise.”

José Lopes Dias

O interesse suscitado pela vida e obra de Amato Lusitano (1511-1568)¹ ao longo dos tempos justifica que, passados quinhentos anos do seu nascimento, continuemos hoje a revisitá-la, a estudá-la, a publicá-la.² Mas o arco temporal da obra deste médico e humanista português é mais largo do que o curso da sua vida e da sua posteridade. A sua obra projeta-nos para os tempos de Dioscórides e Galeno e de quantos, até ao tempo de Amato, se interessaram pela matéria médica, pela botânica e pela farmacologia, e, depois de Amato, para as “sucessivas gerações de cientistas e de práticos, de médicos e de estudantes” que “compulsaram estas obras, ao longo de cerca de dois séculos”.³ Mais ainda. A obra escrita de Amato é, pelo seu carácter caleidoscópico, um manancial de preciosas informações sobre o autor e a vida do seu tempo. A confirmá-lo, estão as mais diversas e tão relevantes abordagens reunidas no presente volume.

No que me diz respeito, a atenção prestada a Amato teve origem num feliz acidente de investigação. Há alguns anos, quando estudava uma obra de André de Resende dedicada à vida e milagres de S. Frei Gil de Santarém, tive ocasião de deparar com o nome de Amato referenciado como autor dos *Comentários a Dioscórides* (referido como *In Dioscoridem*).⁴ A pesquisa que então encetei conduziu-me ao contacto com esta obra, e, numa fase posterior, ao convívio com as *Centúrias de Curas Medicinais*, que tantos casos de curas médicas registam. Interessou-me então o Amato médico, por encontrar nesta obra indiscutíveis sinais do humanismo renascentista e, mais especificamente, do humanismo médico.⁵ Na verdade, João Rodrigues Castelo Branco foi, à imagem de outros do seu tempo, um médico e um humanista, profundo conhecedor de várias línguas, entre as quais o grego e, sobretudo, o latim. E foi nesta língua que redigiu toda a sua obra, a saber, o *Index Dioscoridis*, as *In Dioscoridis de materia medica Enarrationes* e as *Curationum Medicinalium Centuriae*. Deixando de parte o *Index Dioscoridis*, uma obra de juventude que

ficou inacabada, as grandes produções de Amato, as *Enarrationes* e as *Centuriae*, valeram-lhe um inquestionável prestígio e extraordinária projeção na Europa, ao longo dos tempos.⁶

Em obras editadas em Portugal, contudo, não se encontram – pelo menos eu não encontrei – referências de contemporâneos e amigos a Amato. É possível que tal se fique a dever ao facto de ser de família judaica e de, antecipando-se a possíveis perseguições, ter saído do país talvez em 1534 (nesta data encontramos-lo em Antuérpia) e nunca mais ter regressado a Portugal.⁷ É verdade que fala dele Diogo Pires, seu primo, mas este poeta eborense (1517-1599) seguiu também o caminho destinado a quem era de nação judaica, foi para o exílio (abandona o reino em 1535) e nunca mais regressou à sua amada Évora. É contudo certo que, na sua atribulada peregrinação pela Europa, Amato e Diogo Pires tiveram relações familiares privilegiadas, sobretudo na Flandres, e há ecos dessas relações na obra de ambos.⁸

Um exemplo bem ilustrativo do que foi afirmado encontra-se no dístico intitulado *Spinaca* (CM, p. 53), no qual Diogo Pires evoca o (habitual) esforço de Amato na identificação da planta:

“Quae spinaca vocant, iamdudum quaerit Amatus,
num fuerint priscis cognita temporibus.”

“A planta a que chamam espinafre – interroga-se há largo tempo Amato se acaso foi conhecida nos tempos antigos.”

Deixada de parte esta referência de Diogo Pires a Amato, surgida numa obra impressa no estrangeiro,⁹ a única menção a Amato que conheço produzida em Portugal é de André de Resende (1500-1573), humanista eborense, embora também aqui numa obra póstuma, editada em 1586 e reeditada em 1596 fora de Portugal, em Paris. Ocorre na já referida biografia hagiográfica de Frei Gil de Santarém intitulada *Aegidius Scallabitanus*,

um diálogo em latim, travado entre Inácio de Moraes (poeta, humanista e jurista), Luís Pires (médico e humanista de Évora e, segundo tudo indica, parente de Diogo Pires) e o próprio autor-narrador, André de Resende. No entanto, e apesar dos inúmeros milagres aí relatados e atribuídos à intervenção ou intercessão do santo – que também fora médico –, a verdade é que o médico albi-castrense nunca é mencionado por Resende na dilucidação do vocabulário terminológico atinente à medicina. Como veremos de seguida, é em matéria de peixes que Amato é citado. De facto, o humanista de Évora estava a narrar alguns milagres de Frei Gil e, a dado passo, refere um caso afitivo que aconteceu num mosteiro em Ansede, uma povoação do norte de Portugal, quando os comensais comiam sável (*alosa*). O relato é curioso – até mesmo pela nota muito resendiana da superioridade do sável proveniente dos rios do norte em relação a todos os outros rios, inclusive os dos nossos vizinhos espanhóis – e vale a pena recordá-lo, em tradução:

“Frei Miguel Eanes do Porto e frei Roberto dirigiram-se à povoação de Ansede, situada perto do Douro e pertença dos Cónegos de Santo Agostinho, onde ficaram hospedados e foram tratados com afabilidade. Ora, estando à mesa com eles, em sua honra, muitas pessoas, e quando comiam sável – peixe que o Douro tem, naquela zona, em grande quantidade –, um dos comensais, encantado com o sabor delicado do peixe (de facto os sáveis que entram no Douro e no Minho são justamente preferidos, pelo seu tamanho e sabor, a todos os outros sáveis de todos os outros rios da Hispânia), engoliu com alguma sofreguidão, e uma espinha um pouco mais dura, que ia num bocadito de peixe meio mastigado, alojou-se-lhe na garganta.”¹⁰

O relato continua, acrescentando que o frade, que esteve às portas da morte, se salvou de morrer sufocado depois de muito tossir e de, a conselho de um outro frade, ter proferido e invocado, ainda que muito a custo, o nome de frei Gil.

Pois bem: esta história da espinha do sável deu aso a uma intervenção irónica de Inácio de Moraes, seguida de uma pergunta de Luís Pires, feita a propósito – ou antes, a despropósito – deste milagre relacionado com a espinha cravada na garganta. A questão suscitada por Luís Pires é de natureza filológica e formulada nos seguintes termos:

“Est, magister, quod et ego scire ex te uelim an existimes alausam et clupeam et sabalum eumdem esse piscem.”

“Mestre, há uma coisa que também eu gostaria que me dissesse: se consideras que a *alausa*, a *clupea* e o *sabalus* são o mesmo peixe.”

Confrontado com tal pergunta, André de Resende decide-se a dar a sua opinião, sentindo-se para tanto legitimado pelo facto de grandes médicos e humanistas como Paulo Jóvio, Francisco Massari, Pedro Gil e Guilherme Rondelet terem tratado longamente do assunto, sem contudo chegarem a acordo ou a uma conclusão definitiva. O humanista Resende vai então dedicar três páginas e meia a dilucidar este problema ictiológico, a saber, a questão da identificação do peixe *alausa* (ou *alosa*), isto é, do sável, e das designações grega e latina que lhe correspondem. Nesta sua disquisição, cita em abono inúmeras autoridades, mostrando dessa forma quanto divergem as opiniões dos especialistas. Em seu entender, diz, a *alosa* é o peixe ‘sável’, chegando a tal opinião apoiado na autoridade de Teodoro Gaza, nos seus comentários a Aristóteles e nos tradutores de Estrabão. Afirma discordar de Paulo Jóvio e Massari¹¹ e, a este propósito, refere a opinião de Amato Lusitano no seu *Comentário a Dioscórides*. Diz Resende:

“Amatus Lusitanus in Dioscoridem louii sententiae se addixit”, isto é:

Amato Lusitano ateve-se ao parecer de Jóvio nos *Comentários a Dioscórides*.¹²

Neste passo, Amato não é citado explicitamente, limitando-se Resende a registar a sua opinião, estribada nas opiniões (a seu ver erradas) de Paulo Jóvio, que compusera um pequeno livro sobre os peixes romanos, o *De Romanis piscibus libellus*, recheado de erudição científico-literária. A esta obra de Jóvio aludirá a breve nota resendiana.

O passo de Amato a que Resende alude (*Enarr.* 21) ocorre no comentário *De mullo pisce* [‘sobre o salmone-te’], identificado com o grego trigla e com o salmonete. Depois de citadas muitas autoridades, como era típico do cientista daqueles tempos, acrescenta:

“Mas relativamente a esta matéria gostaria de advertir o leitor, para se não deixar enganar pela proximidade dos nomes, visto que a *trigla* é o *mullus*, como dissemos, ao passo que a *trichia* é a sardinha; em contrapartida, a *clupea*, ou a *alosa* ou o *saualus* é o peixe a que os Ítalos dão a designação de *chiepa*.”¹³

Comparem-se estas palavras com o que afirma Paulo Jóvio, no cap. XVII (“De laccia”) do referido *De Romanis piscibus libellus*:

“Os Hispanos chamam-lhe *saualus* (sável), os Franceses e Campanos, *alosa*, ao passo que os Etruscos e Vénetos, tendo conservado o antigo nome, lhe chamam *clupea*. Mas

em Aristóteles, Estrabão, Eliano, Opiano e Ateneu há que ler *thrissa*, vocábulo que Teodoro Gaza e Gregório Trifanes traduzem por *alosa*, de modo que fica bem claro que são a mesma coisa a *thrissa*, a *alosa* e a *clupea*, a que os Romanos dão presentemente a designação de *laccia* (...).¹⁴

É evidente a semelhança entre as opiniões de Amato e Paulo Jóvio, como Resende sublinhou.

Perguntar-se-á: Qual o interesse desta nota de Resende?

Trata-se de uma breve nota, sem dúvida, que nada de substancial acrescenta à questão em debate. No entanto, e apesar da sua exiguidade, ela reveste-se de algum interesse, pois pressupõe que Resende – reentrado em Portugal em 1534, depois de quase vinte anos de uma vida de estudante e de dominicano estrangeirado, a frequentar as universidades de Alcalá, de Salamanca e Lovaina, - teve acesso às *Enarrationes*, cuja primeira edição data de Veneza, 1553. Note-se que falo nesta obra e não no *Index Dioscoridis*, pois que a parte relativa aos peixes, tratada por Dioscórides no início do Livro II (como se vê nos capítulos iniciais do Livro II das *Enarrationes*), foi omitida no *Index* – uma decisão que Amato justificava com o facto de, tratando de plantas, ser um favor que faria aos leitores passar adiante uma matéria, a dos peixes, que nada tinha a ver com a descrição das plantas e das suas propriedades.¹⁵ Assim sendo, ocorre perguntar como teve Resende acesso aos *Comentários a Dioscórides*, isto é, às *Enarrationes*. Quem teria esta obra em seu poder? É possível que a informação lhe tenha sido facultada por um dos interlocutores do diálogo a respeito de Fr. Gil, o médico e humanista Luís Pires, que, segundo o Prof. A. Costa Ramalho, era natural de Évora e seria cristão-novo, com grande probabilidade parente de Diogo Pires. Amato, também médico e de família judaica, privou com ele e seria mesmo seu *consanguineus*.¹⁶

A ser assim, a referência a Amato, que no entanto é associado a uma opinião de que Resende discorda, parece constituir uma espécie de gesto de cortesia para com o parente do exilado Amato, Luís Pires, de quem Resende era amigo.

A isto se resumiria o interesse da breve referência de Resende a Amato – que surge de passagem numa larga exposição sobre o sável e a saboga –, se não tivesse a particularidade acrescida de revelar no médico Amato uma apetência por matérias que pouco se prendem com a medicina. O mesmo sucedia com outros médicos humanistas do seu tempo, e com o próprio Resende, que foi dominicano, teólogo, poeta, hagiógrafo, historiador, arqueólogo, gramático e humanista, e que se interessou, de igual modo, por questões de terminolo-

gia ictiológica.¹⁷ No século XVI, português e Europeu, acreditava-se que nenhum campo do saber devia estar vedado ao humanista, conhecedor das línguas clássicas e, como tal, capaz de debater em pé de igualdade com os homens da ciência, fosse matemática, jurídica, zoológica, botânica ou médica.

Notas:

1 - Amato Lusitano, aliás, João Rodrigues (de Castelo Branco, por ser natural desta cidade), formou-se em Medicina em Salamanca, exerceu em Portugal a profissão durante cerca de dois anos e em 1532 saiu do país em direção a Antuérpia. Nesta cidade, em 1536, publicou o *Index Dioscoridis*, a sua primeira obra em botânica médica. Mais tarde, em 1553, inicia as *Enarrationes* ('Comentários a Dioscórides') e as Sete Centúrias Médicas. Para estes e outros dados biobibliográficos, veja-se Harry Friedenwald, "Amatus Lusitanus", in *Bulletin of the Institute of the History of Medicine*, The Johns Hopkins University, vol. 5, 1937, pp. 603-653, além das conhecidas obras de Maximiano Lemos (*Amato Lusitano, a sua vida e a sua obra*, Porto) e Ricardo Jorge (*Amato Lusitano, Comentários à sua vida, obra e época*, Lisboa).

2 - Estão em preparação a edição e tradução do *Index* (em dois livros) e das *Enarrationes* (em cinco livros), no âmbito do acima referido projeto da Universidade de Aveiro. As *Centúrias de Curas Medicinas*, traduzidas por Firmino Crespo, foram recentemente (dezembro de 2010) reeditadas em Lisboa, em dois volumes, pelo Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos.

3 - Segundo José Lopes Dias, Amato foi "o primeiro de todos [sc. os renovadores ou registradores da botânica] das espécies lusas e luso-indianas." (Comentários ao *Index Dioscoridis* de Amato Lusitano, Castelo Branco, Gráfica de S. José, 1968, p. 8).

4 - Vd. Virgínia Pereira, O Aegidius Scallabitanus, um diálogo [de André de Resende] sobre frei Gil de Santarém", Lisboa, F.C.G / FCT, 2000, pp. 161, 170, 434, 667 n. 122 e 674 n. 3.

5 - Vd. Virgínia Pereira, "Relato hagiográfico e memória clínica. Afinidades na organização discursiva de André de Resende e Amato Lusitano", in J. A. Sánchez Marín y M^a. Nieves Muñoz Martín (eds.), *Retórica, Poética y Géneros Literarios*. Granada, Universidad de Granada, 2004, pp. 289-312, pp. 292-294.

6 - Um dos motivos de admiração pela obra de Amato é, sem dúvida, o seu profundo conhecimento da literatura médica, antiga e recente (como observa Harry Friedenwald, p. 632), grega, romana, árabe, medieval e renascentista.

7 - Veja-se, sobre o percurso de João Rodrigues de Castelo Branco em Antuérpia, António Andrade, "Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia", in: Inês de Omellas e Castro (coord.) *Revisitar os saberes. Referências Clássicas na cultura portuguesa do Renascimento à Época Moderna*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2010, pp. 9-49.

8 - Como lembra o prof. Américo da Costa Ramalho, "nós sabemos por Amato Lusitano que Diogo Pires (ou Isaías Cohen) era seu *consanguineus*. ("Didacus Pyrrhus Lusitanus, poeta e humanista", in *Para a História do Humanismo em Portugal*, I, Coimbra, INIC, 1988, pp. 121-137, p. 136). A obra de Diogo Pires foi objeto de aprofundado estudo por C. Ascenso André, da Universidade de Coimbra, e António Andrade, da Universidade de Aveiro.

9 - A este respeito, poderíamos acrescentar Garcia de Orta, igualmente de ascendência judaica, que nos seus *Simples e drogas* lembra várias vezes o parecer de Amato. Mas também esta obra só verá a luz do dia em 1563, fora da Lusitânia, na cidade portuguesa de Goa.

10 - *Aegidius Scallabitanus*, pp. 431 (texto latino) e p. 430 (tradução).

11 - Para mais pormenores, vd. Virgínia Soares Pereira, o *Aegidius Scallabitanus* cit., pp. 170-173.

12 - Resende, *Aegidius Scallabitanus*, pp. 434-435.

13 - *Sed hic lectorem monitum uelim, ne nomen uicinatate decipiat, quum trigla, ut diximus, mullus est, trichia uero, sardinia; at thrissa, clupea uel alosa salualusue est, quem Itali chieepam appellant.*

14 - *De Romanis piscibus libellus* [Antuerpiae per Ioannem Grapheum, Anno M.D.XXVIII]: *Hispani Saualos, Alosas Galli & Campani, Etrusci autem et Veneti uetero seruatō nomine clupeas appellant; apud Aristotelem uero, Strabonem, Aelianum, Oppianum, & Athenaeum Thrissas legere est, quam uocem Alosam interpretantur Theodorus Gaza et Gregorius Triphanes, ita ut idem esse et Thrissam et Alosam, & Clupeam, quam modo Romani Lacciam appellant, manifeste appareat, (...).*

15 - Eis as suas palavras: *Etsi uobis erat in animo omnia paene Dioscoridis capita ordine recensere, necnon commentariolis nostris illustrare, tamen, cum se materia de piscibus offerat, quae non omnino ad haerbarum cognitionem, cui nos opus hoc dicauimus, faciat, uisum est mihi rem non ingrati delicto lectori me facturum, si hac piscium materia relicta, nos ad herbas contulissemus aliquot prius recitatis, quae ad rem uidentur facere.*

16 - A. C. Ramalho, "Didacus Pyrrhus Lusitanus, poeta e humanista", in *Para a História do Humanismo em Portugal*, I, Coimbra, INIC, 1988, pp. 121-137.

17 - No *De antiquitatibus Lusitaniae*, livro II, por exemplo, surge uma investigação sobre o asturjão, uma longa disquisição que assenta numa vasta documentação. Aí são citadas as mesmas autoridades referidas aqui a respeito da *alosa*. Trata-se de um longo excuro motivado pelo facto de Resende estar a falar dos rios da Lusitânia. Ora, a respeito do rio Tejo e da abundância de ostras e peixes nesse rio, entre os quais o sável e uma espécie deste peixe, a saboga ou sabela, lembra que tratou do assunto no seu livro *Aegidius Scallabitanus*. E de facto o assunto vem tratado no livro III do *Aegidius Scallabitanus*, como vimos. Veja-se, sobre este assunto, R.M. Rosado Fernandes, "André de Resende e o seu asturjão (*O angulo amazi* do *De Antiquitatibus Lusitaniae*)", in *Humanismo português na época dos Descobrimentos*, Coimbra, Faculdade de Letras, pp. 355-368.

* Trabalho realizado no âmbito do projeto de investigação "Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano", do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado pelo FEDER e pela FCT e coordenado por António Andrade.

* Universidade do Minho

Janela de aromas: excertos do Index de Amato Lusitano**

António Maria Martins Melo*

Nesta altura do ano, a correr o mês de Setembro, vivem-se os primeiros sinais do Outono: languidamente se espriam as flores no campo e ventos mais fortes vão despindo paulatinamente as árvores de suas folhas, amarelecidas e já saudosas do seu viçoso verde primaveril. Ressequidas, como que a crepitar, deixam-se esmagar pelos nossos pés apressados no início de mais uma jornada, de um tempo renovador de sonhos e de esperanças; um «outro ano, outra flor, outro perfume... a permanente rendição da vida» a anunciar a eternidade, nas palavras de Miguel Torga, de um dos seus poemas inserto no pequeno opúsculo do *Orfeu Rebelde*, editado, pela primeira vez, em 1958. É esta uma época rica de colheitas, dos pomares às searas e às vindimas, e com elas se vão finando as fragrâncias que, ao longo dos últimos meses, invisivelmente tonificaram a Vida. E de fragrâncias, de perfumes e de óleos perfumados, é o assunto que nos vai ocupar nesta pequena reflexão. Delas e também, concomitantemente, de algumas referências textuais aos descobrimentos portugueses e da sua importância para o desenvolvimento da ciência e da afirmação de um novo espírito, de natureza científica, que tanto havia de beneficiar com a valorização crescente do experimentalismo como critério de verdade, numa atitude que tantas vezes contrariava a *auctoritas* dos Antigos e que ganhava expressão, entre nós, com Pedro Nunes, D. João de Castro ou Garcia de Orta, na primeira metade do século XVI. Uma mentalidade na esteira de Duarte Pacheco Pereira que, logo no início deste século, nas páginas do *Esmeraldo de Situ Orbis*, havia de insistentemente sublinhar o valor da experiência humana, como nesta passagem do capítulo segundo, do primeiro livro, que se há-de repetir de diversas maneiras, conforme transcrição feita a partir do manuscrito 888, fólio 6r, disponibilizado pela Biblioteca Nacional, nas coleções digitalizadas: «... e alem do que dito he ha expiriencia que he madre das cousas nos desengane e de toda duuida nos tira...»¹.

É neste ambiente que Amato Lusitano, depois de concluídos os seus estudos em Artes e Medicina na Universidade de Salamanca, em 1532, regressa a Portugal e, no exercício da clínica entre nós, parece ter cal-

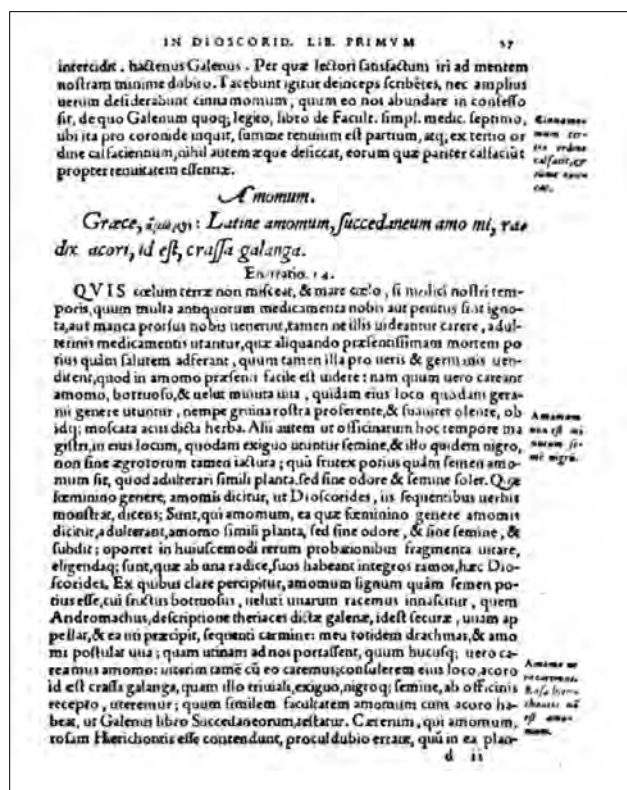
correado algumas regiões, nomeadamente as Beiras, o Ribatejo e a Extremadura, uma ocasião propícia para estudar e aprofundar os seus conhecimentos acerca da fauna, da flora e dos minerais².

Mas naquela época, os ventos não sopravam de feição para os cristãos-novos e o médico albicastrense viu-se compelido a rumar a Antuérpia, em 1534, pouco antes do estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício no Reino de Portugal. Em terras da Flandres que, na altura, acolhiam um empório comercial prestigiado no norte da Europa, integra-se na condução dos negócios familiares, que lhe proporcionam contactos privilegiados com mercadores, herbanários, boticários e médicos. Deste modo, vai aprofundando os seus conhecimentos, na sequência da sua experiência enriquecedora na capital do reino português, então um centro importantíssimo de comércio dos mais variados produtos provenientes do Oriente, nomeadamente especiarias, simples e drogas³.

É neste contexto que Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco) vai publicar o seu primeiro livro em 1536, o único a ostentar o seu nome de baptismo, que, abreviadamente, dá pelo nome de *Index Dioscoridis*⁴. Este pequeno tratado apresenta as primícias do seu pensamento, resultantes da leitura que ele fez do tratado grego de Dioscórides, que em tradução latina dá pelo título de *De materia medica libri quinque*. Estes seus comentários haviam de ser mais desenvolvidos numa publicação posterior, dada à estampa na cidade de Veneza, corria o ano de 1553⁵, as *In Dioscoridis Enarrationes*. Uma obra concluída já em terras italianas, mais propriamente em Ferrara, e que muito ficaria a dever à sua experiência acumulada enquanto mercador, médico e professor na universidade desta cidade. Como ele, também a comunidade judaico-portuguesa, acossada pelas circunstâncias adversas desta época, se viu obrigada a abandonar Antuérpia; no Verão de 1540, já há notícias da presença de Amato Lusitano em Ferrara⁶.

No âmbito do projecto de investigação “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, que está a ser desenvolvido sob a coordenação de António Manuel Lopes Andrade, Pro-

fessor do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, coube-nos em sorte a transcrição, estudo e tradução do texto latino compreendido entre os fólhos 6v e 11r do *Index* (Philologia XIII-XLV), um livro no formato in-pleno.



Trata-se de uma impressão executada nos caracteres mais difundidos pela tipografia da Europa Ocidental, os caracteres romanos, neste caso, o tipo redondo, e que apresentam algumas dificuldades na sua leitura, sobretudo na presença de algumas abreviaturas; a mancha de impressão é bastante compacta. Vem a propósito referir que deste ano de 1536 datam as primeiras obras impressas em Coimbra, nestes caracteres, tanto no tipo redondo como no itálico, a partir da nova tipografia instalada no Convento de Santa Cruz⁷.

Cada uma das entradas está estruturada em três textos distintos: em primeiro lugar, na *philologia*, e como o próprio vocábulo sugere, o médico humanista vai ocupar-se das várias designações da espécie vegetal ou outra, em diferentes línguas, nomeadamente o Grego, o Latim, o Português, o Espanhol e o Francês; estas duas últimas propostas de tradução podem carecer ainda, naturalmente, de uma melhor solução. Nas *Enarrationes*, esta informação, como veremos mais tarde, é mais alargada, pois acrescenta o Germânico, o Itálico, o Pérsico, que constitui uma preciosa fonte linguística para o estudo das variedades escritas e orais das línguas. Em alguns casos, acrescenta uma variante colhida no senso comum, que publicamente é a mais

conhecida, a mais corrente, através do advérbio latino *Vulgo*. Por isso, há a tentação de traduzir o vocábulo *philologia* para o seu equivalente na língua portuguesa, «Filologia». Contudo, e atendendo a que este vocábulo nos remete, geralmente, para uma concepção que nos aproxima da edição crítica dos textos, comentada, uma actividade que se iniciou na Grécia Antiga com a necessidade de tornar compreensíveis os escritores antigos, como Homero; ficaria célebre a escola de Alexandria (III – I a. C.), com Aristófanos de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia. Assim, e dado que entre nós a palavra filologia chegou mesmo a empregar-se com o sinónimo de linguística em geral, propomo-nos, à falta de melhor sugestão, traduzir «Philologia» por «Nome», isto é, «palavra que designa e distingue qualquer pessoa, coisa ou animal», conforme se lê na respectiva entrada do Tomo IV do *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado, uma edição do Círculo de Leitores (1991), em consonância com a sua etimologia. O segundo texto, intitulado *Historia Dioscoridis*, faculta uma súpula de conhecimentos transmitidos por Pedanius Dioscórides, médico e naturalista grego que viveu em Roma, natural que foi de Anazarba, na província Cilícia, onde terá nascido provavelmente no ano 40 d. C, distinguindo-se, sobretudo, como botânico e farmacólogo. No seu livro, acima citado, ele vai ocupar-se sobretudo da identificação das plantas e das suas propriedades medicinais. Neste contexto, atrevemo-nos a traduzir este sintagma por «Descrição de Dioscórides». De referir que Amato vai seguir de perto, neste capítulo, a tradução latina e o comentário feitos pelo humanista italiano da República de Florença, Marcelo Virgílio, como a seu tempo será demonstrado por um dos membros desta equipa de investigação, João Nunes Torrão. Por último, o comentário intitulado *Iudicium nostrum*, ou seja, «A nossa opinião», uma expressão já acolhida favoravelmente pelos tradutores deste grupo de investigação. É precisamente aqui que o nosso humanista, de ‘nome’ latinizado Amato Lusitano, vai tecer os seus comentários, tantas vezes correcções aos autores clássicos ou contemporâneos, apoiando-se na sua experiência. Aí vamos encontrar menção aos gregos Teofrasto (séc. IV – III a. C.),

Plutarco (c. 46-120), Galeno (séc. II d. C.) e Paulus Aegineta (séc. VII d. C.); dos autores romanos, Plínio o Antigo (séc. I d. C.), autor da celebrada *História Natural*, em 37 livros; dos autores árabes, Avicena (c. 980-1037), nome latinizado de Abū Alī al-usayn ibn Abd Allāh ibn Sīnā, autor do famoso *Cânone da Medicina*; dos autores coevos, encontram-se referências a Her-molaus Barbarus e a Joannes Ruellius, entre outros. O número de referências, que não-de abarcar outras

autoridades do tempo, em *In Dioscoridis Enarrationes*, vai ser, significativamente alargado nesta sua obra de

maturidade. E nota-se uma evolução significativa: para além de um maior número de designações das plantas, em muitos casos porque faz menção a outras línguas, como já acima apontámos, agora a edição, como se pode comprovar pela imagem, depois da designação da planta ou de outra matéria, avança imediatamente para um comentário (*enarratio*), onde Amato Lusitano vai fazer uma exposição minuciosa dos seus conhecimentos, sem descurar as referências às fontes clássicas ou à opinião de autores coevos.

Segue-se, agora, a exposição dos primeiros frutos da tradução do excerto acima apresentado do *Index*, apenas do ‘Nome’ e da ‘Descrição de Dioscórides’, um texto que se deve entender como uma primeira proposta, havendo ainda lugar para um ‘demorado trabalho de lima’ (*limae labor et mora*), para citar as sábias palavras de Horácio, na sua *Arte Poética* (v.291):

NOME XIII – em grego, *μωμον*; em latim, *amomum*, *rosa Hiericantis* (rosa de Jericó); em francês, *rose de Hierico*. O sucedâneo do amomo é a raiz do ácoro (*acori radix*), o cálamo aromático (*calamus aromaticus*).

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o amomo é um pequeno arbusto (*frutex exiguus est*), como se fosse um cacho de uvas saído directamente do tronco (*ex ligno uvae*), dando voltas apenas sobre si mesmo (*modo in se ipsum convolutum*). Exibe uma espécie de pequena flor (*exiguam quandam habet florem*), semelhante a uma flor violeta branca (*candidae violae similem*), e as folhas são de facto parecidas com as da videira silvestre (*folia vero labruscae viti*), a tal ponto que lhe chamam briónia (*quam brioniam dicunt*).

NOME XV – em grego, *κόστος*; em latim, *costus*, *costum*, *hortulana romana*, *menta sarracenica*; em francês, *du coq*; em espanhol, *el costo erva buena romana*; em português, *ortelaa romana*.

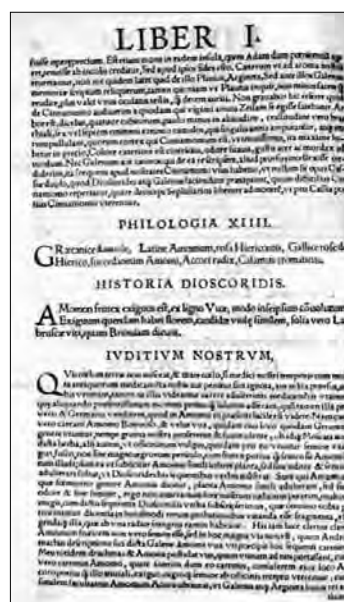
DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o *costo* importado da Arábia (*qui ex Arabia affertur*) é aquele que merece a melhor avaliação em razão da sua qualidade (*primam habet bonitatis aestimationem*): de cor branca e leve, dele se desprende um intenso e suave aroma (*candidus, levis plurimo et eximio odore*). Em segundo lugar, pela sua qualidade, está o que é proveniente da Índia (*secundae bonitatis Indicus est*), áspero (*speciosus*) e negro (*niger*) e tão leve quanto a fêrula (*ferulae modo levis*). Em terceiro lugar, está o da Síria (*tertiaie Siriacus*), pesado (*ponderosus*), de cor semelhante à do buxo (*colore buxi*) e acometendo o olfacto com o seu aroma (*odore sensum tentans*).

NOME XVI – em grego, *σχοнос*; em latim, *iuncus odoratus rotundus, squinantum, palea camelorum*; em espanhol, *paia de meca*; em português, *pallia damequa, pallia de chameiros*.

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – colhe o esquenanto fresco (*schoenum eligito recentem*), com uma cor algo ruiva do fogo (*russo ignis colore aliquo*), repleto de flores (*copioso flore*) e denso (*densum*), ele que, uma vez cortado (*qui scissus*), poder-se-á observar com uma cor de púrpura (*purpureae colore aliquo aspiciatur*) e frágil (*gracilem*); quando se fricciona com as mãos (*cum manibus teritur*), com suavidade se desprende um cheiro de uma espécie de aroma a rosas, do qual resulta uma picada ardente na língua (*suavitate odoris qualis in rosis sentitur olentem et fervidae in lingua mordacitatis cuiusdam*). Faz-se uso da flor, do caule e da raiz (*floris culmi et radice usus est*).

NOME XVII – em grego, *κάλαμος ἄρωματικός*; em latim, *calamus aromaticus*. O cálamo aromático de hoje é o ácoro (*hodiernus calamus aromaticus accorus est*).

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o cálamo (cana) aromático ou o cálamo perfumado nasce na Índia (*Calamon aromaticon sive odoratus calamus nascitur in India*), e neste, o de mais excelente qualidade (*estque in eo probatissimus*) é aquele que se apresenta com uma cor de vermelho ruivo e cheio de nós (*qui colore russo et crebris geniculis est*) e que se fragmenta em muitos pedaços (*quique assulose frangitur*), com as canas cheias de um tecido finíssimo, branqueando-as (*fistulis araneorum plenis albescens*); ao mastigar-se, transforma-se numa goma pegajosa (*in commanducando glutinosi lentoris*), de sabor adstringente⁸ (*adstricto sapore*) e um tanto acre (*nec adeo acer*).



NOME XVIII – em grego βάλαμον, ὀποβάλαμον, χλοβάλαμον; em latim, *balsamum, liquor balsami, lignum balsami*; vulgo, *balsamo*.

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o bálsamo é um arbusto (*Balsamum arbuscula est*) que cresce até à altura da violeta ou do lício⁹ (*quae violae aut licii magnitudine crescit*), que também é conhecido por escambroeiro¹⁰, isto é, buxo espinhoso (*quod pyxacantha id est buxea spina etiam dicitur*); tem folhas parecidas com a arruda, ainda que muito mais brancas e perenes, mais viçosas na sua copa (*rutae folia habet, multo tamen candidiora perpetuaque fronde magis virentia*). Nasce na Judeia, apenas num certo vale, e no Egito (*in Iudaea eiusque convalle quadam tantum et in Aegypto nascitur*).

NOME XIX – em grego, ἀσπάλαθος; em latim, *aspalathus*. O sucedâneo *darsisan*¹¹ é uma semente do agnocasto (árvore-da-castidade) (*semen agni casti*), ou a semente de urze (*vel semen ericae*).

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o aspálato é um arbusto lenhoso que pica, provido de numerosos espinhos (*aspalathon lignosus est crebrisque spinis aculeatus frutex*), que os perfumistas usam para tornar espessos os óleos aromáticos (*quo spissandis unguentis unguentarii utuntur*).

NOME XX – em grego, βρύον; em latim, *bryon, muscus, usnea*; correntemente, *musguo, moscus almíscar* (almíscar).

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o musgo encontra-se abundante nestas árvores (*bryon multus invenitur hic in arboribus*): no cedro, no álamo branco e no carvalho (*cedro populo alba et quercu*).

NOME XXI – em grego, ἀγάλλοχον; em latim, *xilo aloes, lignum aloes*; em espanhol, *el lenho aloé*¹²; em alemão, *aloes hout*.

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o agáloco é um tronco de árvore que é trazido da Índia e da Arábia (*Agallochon lignum est quod ex India et Arabia affertur*), semelhante ao tronco da tuia (*thyiae ligno simile*), mosqueado e perfumado (*punctis distinctum et maculosum, odoratum*), adstringente ao gosto, com um ligeiro amargor (*cum amaritudine aliqua gustum adstringens*), de casca semelhante ao couro, algo jaspeada (*cortex corii similitudinem habet colore vario*).

NOME XXII – em grego, νάρκαφθον; em latim, *narcaphtum, lignum aquilae*; em espanhol, *el aguila lenho*; em português, *aguila paoo*.

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o narcafto¹³ tem o aspecto e a forma de uma casca (*Narcaphton corticis speciem, et figuram habet*), semelhante à entrecasca da figueira do Egito¹⁴ (*Aegiptiae fici libro similem*).

NOME XXIII – em grego, κάγκαμον; em latim, *cancamum, lacca gummi*; em espanhol, *guoma loca*; em português, *alacar*¹⁵.

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o câncamo é a lágrima de uma árvore que nasce na Arábia (*cancamon lachrima est in Arabia nascentis arboris*), que tem alguma semelhança com a mirra (*myrrhae aliquam similitudinem habet*), e de gosto repugnante, que se percebe pelo cheiro (*et viroso in gustu odore sentitur*).

NOME XXIV – em grego, κύφι; em latim, *cyphi*.

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o *cyphi* é uma preparação de vapor perfumado e incenso consagrada aos deuses (*Cyphi odorati vaporis et incensi confectio dicata diis est*).

NOME XXV – o Κρόκος é o nosso açafrão (*κρόκος crocus noster est*) com que se preparam a cada passo os condimentos da cozinha (*quo condimenta coquinnaria passim ornantur*). Dioscórides omitiu a sua descrição como se fosse tida frequentemente como uma coisa óbvia entre as delícias da gula (*cuius descriptionem Dioscorides tanquam de re passim obvia et in delictiis gulae habita omisit*); ora, nós vamos poder apresentá-la com os nossos próprios recursos (*nos vero eam nostro Marte aperiemus*).

O açafrão é, pois, uma erva de folha fina, pontiaguda e pequena (*est igitur Crocus herba folio gracili, angusto, parvo*), quase à maneira de uma cabeleira postiça (*pene in capillamenti modum*), a qual tem a raiz bulbosa separada a meio, semelhante a outras amêndoas (*cui radix bulbosa nucleis intersecta alliis simillima inest*), florescendo no ocaso das plêiadas¹⁶, sendo uma flor celestial (*florens vergiliarum occasu flore caelestino*), nas quais nascem esses filamentos embotados, agora dito açafrão, conquanto depois perfumados (*quibus capili illi nunc crocus dictus hebetes licet postea odorati crescant*). Ainda que o da Cilícia se apresente como o mais célebre (*qui licet Cilicius nobilior existat*), contudo, entre os habitantes da Hispânia, é reconhecido como bom o outro açafrão que, na verdade, se diz silvestre (*bonus tamen apud Hispanos comperitur, alter vero silvestris dicitur crocus*), a partir do qual se deve colher a cabeça de cnitii, isto é, do cártamo (*de quo cnitii caput, id est, carthami legendum est*). Os poemas dos poetas dão a conhecer outro açafrão, de nome diferente, segundo o tamanho da sua

flor (*Caeterum crocum adolescentem in florem sui nominis mutatum poetarum narrant fabulae*).

NOME XXVI – Κροκόμαγμα (em grego), *crocomagma* (em latim), é ele um unguento de óleo de açafrão (*olei crocini faexest*), que os boticários têm escondido, e nem os modernos condenam tal facto (*quam instructores officinae reconditam habent, nec neoterici improbant*).

NOME XXVII – em grego, ἑλένιον; em latim, *inula*, *enula campana*, *terminalium*, *verbascum*, *idaeum*; em espanhol, *raiz de alla*; em alemão, *alantfrant*.

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o helénio tem folhas pontiagudas (*folia habet angusta*), parecidas com as do verbasco (*folio verbasco similia*), um tanto mais ásperas e muito compridas (*asperiora tantum et longissima*). Em alguns locais, não exhibe caule (*caulem aliquibus locis non profert*) e apresenta uma raiz, de dentro para fora, do esbranquiçado para o vermelho (*radicem habet intus albescentem foris rubentem*), de um aroma forte (*odoratam grandem*), acre, tenro e de grande flexibilidade (*acrem, facili lentore mollem*).

NOME XXVIII – ὀμφάκινον ἔλαιον, *oleum onfancinum*: o óleo onfacino extrai-se de azeitonas não amadurecidas (*quod ex imaturis olivis exprimitur*) e no nosso tempo não é permitido o seu uso na saúde (*non hac nostra aetate in sanitatis usu permittitur*), antes se prefere o azeite extraído de azeitonas amadurecidas (*sed potius maturum*) pois aquele, que é mais áspero ao paladar, foi preterido sobretudo no uso médico (*illud vero acerbum quam maxime medico usui deservit*); por outro lado, como para alguma medicina cirúrgica ele é como que um visgo (*atque chirurgicorum nonnulli uti guido est*), colocam-no entre os medicamentos de maior repercussão (*inter repercutientia medicamenta eum ponunt*) e é por isso que é tão bem guardado nas oficinas (*quare in officinis optimum servatur*).

NOME XXIX – Ἐλαιον ἐκ τῆς ἀγρίας ἔλαιος, um óleo que é produzido a partir das azeitonas do zambujeiro¹⁷ (*oleum quod ex oleastri olivis funditur*).

NOME XXX – Ζικυώνιον ἔλαιον, óleo de uso comum proveniente do óleo dos siciónios (*oleum ab communi usu ex oleum Zicyonium*).

NOME XXXI – em grego, ἐλαιόμελι; em latim, *elaeomeli* (oleomel, em português).

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – O oleomel, nas palmeiras da Síria (*Elaeomeli in palmyris Syriae*): de um certo tronco da árvore, flui naturalmente um óleo

demasiadamente espesso, de sabor doce (*ex arboris trunco quodam melle crassius oleum sponte manat sapore dulci*).

NOME XXXII – Κίκινος, óleo de rícino, estamos certos de que se trata do óleo da catapúcia-maior, como compreendemos a partir do Livro 3, Capítulo 158 (*cicinum sive ricinum oleum catapucee maioris oleum esse credimus ut ex III libro, capite CLVIII comprehendimus*), ainda que Marcelo Virgílio, sem dúvida um escritor diligente, tome este óleo como sendo o do feijão; na verdade, entre os Árabes, diz-se que é um óleo proveniente de *cherua* (*quanquam Vergilius Marcellus diligens sane scriptor pro phaselo interpretatur hoc vero apud Arabes de cherua oleum dicitur*), fala-se da sua abundância em receptáculos, embora verdadeiramente não possa ser preparado em qualquer lugar, dado que há falta da própria planta que os habitantes de Valência, na sua língua, chamam *muiagera* (*cuius in receptulis tam frequens mentio fit quanquam non ubique verum conficiatur cum herba ipsa careant quam valentini suo idioma te muiagera appellant*).

NOME XXXIII – Αμυγδάλινον ἔλαιον, é óleo das amêndoas ou o óleo metópio, do qual hoje se conservam duas espécies, não só o óleo de amêndoas doces como também o das amêndoas amargas (*oleum amigdalorum sive metopium oleum est, cuius duo genera hodie servantur, et de dulcibus et de amaris amigdalis*).

NOME XXXIV – Βαλάνινον ἔλαιον, óleo de bolota ou proveniente do mirobálano, da conhecida glande perfumada, é um óleo de alguma espécie dos mirobálanos (*oleum balaninon sive e myrobalano unguentaria dicta glande, oleum ex aliquo mirabolanorum genere est*), porém no meio do protesto do compilador que assevera que o óleo proveniente destas sementes é o óleo bénico, hoje desaparecido de uso (*reclamante tamen pandectario qui est granis ben vel behen oleum esse affirmat hodie ex usu deperiit*).

NOME XXXV – Υοσκιάμινον, óleo de hioscíamo, da conhecida planta de Apolo, que se usa a nível particular para a gota dos pés. (*oleum hiosciami Apollinaris herbae dictae in privato usu habetur podagricis*).

NOME XXXVI – Κνιδέλαιον, óleo do grão da planta cnídio, isto é, do grão da gnídia ou timeleia, não a dafne (*oleum de grano cnidio id est de coco gnidia sive thymelaea non chamelaea thimelaeam*), que os Portugueses e os Espanhóis chamam trovisco; de facto, a dafne é o *mezereum*, como hoje dizem e não tem uso

(*Lusitani Hispanique turbiscum dicunt chamelaea vero mezereon ut aiunt est hodie in usu non habetur*).

NOME XXXVII – Ἑλαιον κήκινον, este (óleo) é proveniente da planta do cardo-bento ou do cártamo, o açafraão de cultivo (*hoc est e cnico herba vel cartamo croco hortulano*).

NOME XXXVIII – Ῥαφάνινον ἔλαιον, óleo de rábano, um óleo inteiramente pisado com os pés pelos povos do norte (*oleum raphaninum plebeis septentrionalibus admodum protritum oleum*).

NOME XXXIX – Μελάνθινον ἔλαιον, óleo de melântio, óleo proveniente da nigela e o qual também não se encontra em uso (*oleum melanthinum, oleum de nigella vel git nec illud quoque in usu habetur*).

NOME XL – Σινάπινον ἔλαιον, óleo de mostarda, proveniente da mostardeira e que está em uso (*oleum sinapinum e sinapi habetur in usu*).

NOME XLI – Σινάπινον ἔλαιον, óleo de murta e que hoje é muito estimado nas boticas (*oleum myrteum vel myrtinum et hodie in officinis celebre habetur*).

NOME XLII – Δάφνινον ἔλαιον, óleo de loureiro conhecido e vulgar nos perfumadores (*oleum laurinum vulgatum et commune apud myropolas*).

NOME XLIII – Ἑλαιον σχῖνον, óleo de lentisco que é feito a partir da semente do lentisco (*oleum lentiscinum quod ex lentisci semine fit*).

NOME XLIV – Μαστίχινον ἔλαιον, óleo de mastique, proveniente do mastique e encontra-se nos perfumistas (*oleum masticinum e mastiche et apud seplasiarios invenitur*).

NOME XLV – Ῥόδινον ἔλαιον, óleo de rosas, o qual, fora das boticas, o povo também confecciona com rosas maceradas em óleo ao sol, sendo colocadas de novo num vidro (*oleum rosarum quod extra officinas vulgus etiam conficit rosis oleo in sole maceratis et in vitro repositis nec nobis*). Neste momento, não há disposição para explicar isto com palavras mais distintas, o que será demonstrado em seu lugar a quem quer que seja (*in praesenti animus est haec maioribus explicare verbis cum quolibet suo loco demonstrabitur*).

Como será certamente visível para o leitor mais avisado, o texto desta tradução reflecte ainda uma

inquietação de permanente aperfeiçoamento, cujas dificuldades a seu tempo serão superadas com êxito. Fica, apesar disso, o testemunho de uma partilha.

Trata-se de um longo excerto onde se sente o fervilhar do espírito que caracterizou a empresa dos humanistas portugueses, que procuram uma sábia conciliação entre a tradição dos Antigos e as novas exigências sócio-culturais, como há muito já notou o ilustre professor da diáspora, Luiz de Sousa Rebelo¹⁸.

Na verdade, o humanismo renascentista foi um dos factores decisivos para a mudança de mentalidades. O latim seria a grande língua de comunicação nesta época e Amato Lusitano sabia usá-lo com mestria. A valorização das *litterae humaniores*, que se repercutiu na humanização do homem, coloca-o no centro das atenções: ao teocentrismo medieval sucede o antropocentrismo moderno. Este movimento, com raízes italianas, vai trazer uma matriz profundamente individualista. Os descobrimentos portugueses, ao colocarem o homem em novas situações e imprevistas, trouxeram, finalmente, uma nova mentalidade científica e ganhou alento um novo tipo de saber, de «experiência feita», de que já apontámos acima alguns nomes distintos desta corrente de pensamento entre nós. Este movimento teve profundas repercussões na filosofia e significou uma investida contra a tradicional autoridade aristotélica. Combateu-se a teoria dos universais e propunha-se para reflexão a natureza, o indivíduo, o concreto, o singular. Esta foi a teoria do conhecimento sugerida por Francisco Sanches (1550-1623), com a publicação do *Quod nihil Scitur*, na cidade francesa de Lião, em 1581. Para ele, o conhecimento humano tem dois caminhos: a experiência e a razão, o verdadeiro método das ciências do saber. Assim tomava expressão, entre nós, o nominalismo, uma corrente da escolástica que já se havia manifestado no séc. XIV, com o inglês Guilherme de Ockham (1255-1350).

Deste experimentalismo também muito haviam de beneficiar as Ciências Médicas, embora com a ressalva de que, na Antiguidade, só a Medicina havia de reconhecer os dois pilares fundamentais da ciência moderna: a experiência e a razão¹⁹. Para a história desta ciência, merece uma primeira referência Pedro Hispano, nascido em Lisboa, provavelmente em 1205, que antes de ser eleito Papa com o nome de João XXI, havia de escrever um dos primeiros compêndios modernos de medicina, *Thesaurus pauperum*, que conheceu mais de 81 edições impressas, datando a primeira edição em latim de 1497, feita em Antuérpia; na língua italiana, a primeira edição foi feita em Florença, em 1480. A Professora Maria Helena da Rocha Pereira deu à estampa, em 1973, numa edição patrocinada pela

Universidade de Coimbra, as obras médicas deste autor português, pioneiro na área da medicina. Nesta continuidade vai emergir, no século XVI, a figura pioneira de um outro grande médico português, de ascendência judaica, João Rodrigues de Castelo Branco.

O impacto dos novos conhecimentos adquiridos nas navegações, que propiciam grandes avanços na ciência da Geografia, em confronto com a tradição geográfica da Antiguidade, é analisado por João Daniel Lourenço, em artigo publicado na revista *Euphrosyne*²⁰.

E é esta faceta do espírito humanista, que se afirma em inúmeros escritos dispersos, em obras que se filiam diretamente no experimentalismo, a base científica dos descobrimentos, «donde deriva o naturalismo renascentista, produto da navegação oceânica da observação múltipla e variada da flora e da fauna das novas terras, do exame do comportamento humano sob diferentes climas»²¹, já com visíveis ressonâncias em *In Dioscoridis Enarrationes* de Amato Lusitano, de que nos ocuparemos em próximo artigo, e que já foi devidamente assinalado por Ricardo Jorge²².

O *topos* literário da gesta dos descobrimentos, do espírito inquiridor, o valor da experiência tão bem traduzido pelo verso camoniano «vi claramente visto» (*Lusíadas*, V.18.1), materializando uma nova expressão da atitude renascentista, um saber de ‘experiência feito’, já acima referenciado, é uma linha de interpretação que encontrou eco na obra de Torga²³, quando de *Os Lusíadas* tece esta consideração:

“Tudo se encontra nesse prodigioso relato de insatisfação moderna a vencer as trevas da ignorância, a arredondar a concepção do mundo e a antever-lhe a harmonia futura. O homem é, finalmente, não mais um adorador limitado, mas um interrogador ilimitado. Duvida, congemina, verifica. [...] A ciência do passado, aceite sem discussão, à sombra da autoridade, é posta agora em causa, em nome da observação directa dos fenómenos.”

Notas

- 1 - Vide Duarte Pacheco Pereira, *Princípio do Esmeraldo de situ orbis* [manuscrito], feito e composto por Duarte Pacheco, cauleiro da caça del rey Dom João o Segundo de Portugal... [depois de 1750]. – II, 80 f., enc.; 31 cm; Onésimo T. Almeida, «Sobre a revolução da experiência no Portugal do século XVI: na pista do conceito de “Experiência a Madre das Cousas”», in *Actas do Quinto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Oxford-Coimbra, 1998, pp. 1617-1625 (adaptado), disponível no acesso <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e34.html> (consultado em 2012.09.24); Jorge Borges de Macedo (1987), «Para o estudo da mentalidade portuguesa no século XVI – Uma ideologia de Cortesão», Revista ICALP, vol. 7 e 8, Março-Junho, 73-106, disponível no acesso <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/mentalidade.pdf> (consultado em 2012.09.21).
- 2 - A. J. Andrade de Gouveia, *Garcia d’Orta e Amato Lusitano na Ciência do seu Tempo*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, (Biblioteca Breve, Vol. 102), 1985, p. 7.
- 3 - Para mais pormenores, vide António Manuel Lopes Andrade, «A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e de Duarte Gomes», *Cadernos de Estudos Sefardistas*, n.os 10-11, 2011, pp. 87-130.
- 4 - AMATO LUSITANO, INDEX DIOSCORIDIS. | En candide Lector. | HISTORIALES DI- | oscoridis campi, Exegemataque sim- | plicium, atque eorundem Collationes | cum his quae in officinis habentur, ne | dum medicis et Myropolio= | rum Sepalsariis, sed Bona= | rum literarum studio | sissimis perquam | necessariis | opus. | IOANNE RODERICO CASTE | li albi Lusitano autore. | EXCVDEBAT ANTERPIAE VI- | dua Martini Caesaris. M.D.XXXVI.
- 5 - AMATO LUSITANO, IN DIOSCORIDIS | ANAZARBE DE MEDICA | MATERIA LIBROS QVINQUE | ENARRATIONES ERVDITISSIMAE | DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI | AC PHILOSOPHI CELEBERRIMI, | quibus non solum Officinarum Sepalsia- | riis, sed bonarum etiam literarum stu- | diis diosid utilitas adfertur, quum pas- | sim simplicia Graece, Latine, | Italice, Hispanice, Germa- | nice, & Gallice pro- | ponantur. | Cum Priuilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium. | VENETIIS. MD LIII. | [Venetij apud Gualterum Scotum | M.D.LIII.]
- 6 - Vide António Manuel Lopes Andrade, *op. cit.*, pp. 110-111.
- 7 - Cf. João José Alves Dias, *Iniciação à Bibliofilia*, Pró-Associação Portuguesa de Alfarrabistas, Lisboa, 1994, pp. 18-20.
- 8 - Sabor semelhante ao da casca da romã.
- 9 - Arbusto espinhoso.
- 10 - O mesmo que catapereiro, isto é, pereira silvestre em que se enxertam pereiras cultivadas.
- 11 - Termo médico identificado por Antonio de Nebrija, *Dictionarium medicum*, introducción, edición y glosario de Avelina Carrera de la Red, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2001, pp. 228-229: parece ser um termo de origem árabe; em Andrés Laguna, aparece a forma *darsisaban* como sinónimo de *aspalathus*; em Avicena encontra-se uma descrição desta planta (*Canon* II, Tract. II, Cap. CCXI).
- 12 - O cronista Fernão Lopes de Castanheda faz-lhe referência em *Ho terceiro livro da historia do descobrimento e conquista da Índia polos Portugueses*, publicado em Coimbra, em 1552: capítulo LXIII, página 218. Diz ele, neste sítio, que na Índia lhe chamam «calambuco, que val na Índia a peso dourado».
- 13 - Casca aromática da árvore do incenso.
- 14 - Conhecida também por alfarrobeira e figueira-de-pitágoras.
- 15 - O mesmo que lacre.
- 16 - Cada uma das estrelas que formam a constelação das Plêiades.
- 17 - Trata-se de uma espécie de oliveira brava.
- 18 - Cf. *A tradição clássica na literatura portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1982, p. 85.
- 19 - Cf. Juan Gil, «De la ciencia al mito», *Euphrosyne*, nova série, 27, 1999, p. 222.
- 20 - Cf. «A descoberta dos antigos no Renascimento: o caso particular da Geografia de Ptolomeu», *Euphrosyne*, nova série, 27, 1999, pp. 339-350.
- 21 - Luís de Sousa Rebelo, *op. cit.*, p. 93.
- 22 - Cf. Amato Lusitano: *comentos à sua vida, obra e época*, Lisboa, 1962.
- 23 - Miguel Torga, *Diário XV*, Coimbra, Edição do Autor, 1990, pp. 26-27.

** Esta colaboração é resultado da nossa participação no Projecto PTDC/CLE-LLI/101238/2008, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, assim intitulado: «Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano». Trata-se de um trabalho apoiado, ainda, no âmbito do Projecto Estratégico - Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH/FFB/UCP)** - 2011-2012*, com a referência *PEst-OE/FIL/UIO683/2011.

* Universidade Católica Portuguesa – Braga

As filhas de Pirra em Amato Lusitano, um caso de embriotomia (VI Centúria, Cura LI)

Maria do Sameiro Barroso*

Um caso em que a embriotomia foi levada a cabo com sucesso, seguindo os passos descritos, na Antiguidade, por Hipócrates, Celso e Sorano de Éfeso, atualiza a prática desta técnica cirúrgica no século XVI. Uma referência à tradição mitológica convoca a frágil nudez dos instintos e pulsões vitais, satirizadas pelo poeta latino, Juvenal. Salvas do dilúvio que isolou Pirra e Deucalião no cume do Etna, as filhas de Pirra são mulheres que enfrentam situações obstétricas adversas que as práticas médicas do seu tempo ajudam a sobreviver.

A jovem Aloísia, mulher de um capitão de navios dalmata, numa gravidez de termo, depara-se com um parto difícil. Após dois dias de cruciantes dores, as parteiras decidiram entregar o caso a um médico, como era hábito desde a medicina greco-romana. Amato começou por lhe administrar vinho de Creta com croco, cinamomo, súcino, drogas com efeito emenagogo e mirra, utilizada desde a Antiguidade, pelo seu efeito anti-séptico, alternando com caldo de capão, tomado no intervalo, para restabelecer as forças.

No terceiro dia, juntou à bebida anterior crisocola e fomentação de sabina, poejo, orégão, calaminta, néveda, lírio-roxo, díctamo e artemísia. Heléboro, castóreo, potentes estimulantes da contractilidade do músculo liso, juntamente com piretro, pimenta e condísio dos árabes, foram administrados como esternutatórios, que se acreditava ajudar à expulsão do feto.

Após o terceiro dia, o feto morto começou a deitar fora um braço de aspecto enegrecido que não foi possível fazer regressar à cavidade uterina. Nessa altura, um hábil cirurgião cortou o braço do feto e, introduzindo a mão, não untada por qualquer óleo, conseguiu extraí-lo. Se não tivesse sido assim, teria sido necessário recorrer à ajuda de um instrumento cirúrgico ali presente (um espéculo, instrumento de observação). As secundinas, aderentes ao útero, foram retiradas, tendo o cirurgião introduzido a mão esquerda, untada com óleo de amêndoa, descolando-a cuidadosamente para não provocar a inversão uterina. A situação foi resolvida, segundo Amato “não sem grande dano de todo o corpo” e remata com um verso do poeta satírico latino, Juvenal: *Et maribus nudas ostendi Pyrrha puellas*

(Pirra apresentou as raparigas nuas aos maridos). Para Juvenal, a nudez era sinónimo de vício¹. O poeta reportara-se a ao episódio de Pirra e Deucalião, narrado por Ovídio. Isolados pelo dilúvio, voltam a povoar a terra lançando pedras atrás de si, nascendo homens das pedras atiradas por Deucalião e mulheres das pedras atiradas por Pirra².

No comentário, Amato esclarece que a posição cefálica é o factor que condiciona o decurso de um parto normal e que, se o feto estiver noutra posição, “tu, médico sabedor, procurarás que as parteiras tirem o feto com o maior engenho e habilidade, pela forma natural”, ficando implícita a execução de manobras de versão podálica. Ensina também que, no de gravidez gemelar, caso um dos fetos se encontre morto, aparecerá em primeiro lugar. Quanto à posição dos gémeos na cavidade uterina, recomenda que se recorra aos modernos livros de anatomia, com gravuras de admirável desenho”³.

A embriotomia é uma intervenção cirúrgica, destinada a retirar uma criança morta de uma mãe viva. Não há notícia de que esta intervenção tenha feito parte das práticas médicas antigas, nomeadamente, na Suméria, Mesopotâmia, Assíria, Babilónia. Os papiros médicos egípcios também não descrevem intervenções cirúrgicas obstétricas⁴. É praticada nas medicinas populares e, nas culturas antigas, há registos de que tenha sido praticada na medicina indiana. De acordo com um antigo conceito, descrito no Satapatha, quando o feto estava em condições de nascer, saída do útero por si, no caso de a mulher morrer, o feto era retirado; no caso de o feto já estar morto, era cuidadosamente removido pelo canal vaginal⁵.

Na Europa, a embriotomia começou a ser praticada pelos médicos da Escola de Hipócrates (séc. IV a. C.), foi descrita no *Corpus Hippocraticum*, no livro, *De excisione fetus*⁶. No livro *De natura pueri*, figura a primeira descrição de um parto normal. De acordo com as crenças de então, era o feto que, quando estava pronto para nascer, dava início ao processo, adoptando a posição cefálica e rompendo as membranas com os pés ou com as mãos, forçando a sua passagem pelo canal vaginal⁷.

O parto era assistido pelas parteiras; em caso de parto difícil, era chamado um médico. Uma posição transversa ou a morte fetal podiam ser diagnosticadas e dava-se início à remoção do feto. A cabeça da parturiente era coberta por um pano branco para que ela não visse o que se passava e não entrasse em pânico. Então, o médico tentava extrair o feto, na posição transversa, agarrando a mão que surgia, cortando o braço pela clavícula e colocando-o na posição cefálica e puxando-o para fora. Quando não era possível, o médico tinha que a forçar, procedendo à *embryoulkía* (embriotomia), com manobras de tracção e desmembramento do feto com a ajuda de instrumentos para perfurar a cabeça, para a fazer colapsar e ganchos para ajudar à sua extracção. O embriótomos, *πίδστρον*, instrumento semelhante a uma tesoura, era utilizado para esmagar a cabeça do feto. Eram utilizadas facas para cortar os membros.

Um feto morto era facilmente reconhecido quando uma mão aparecia primeiro. Segundo Aurelius Cornelius Celsus (sé. I d. C.), dictano de Creta e óleo de castor fervidos em vinho de Quios eram administrados no caso de o feto ainda estar vivo⁸.

Para ajudar a expulsar um feto morto, Celso recomendou o uso de casca de romã dissolvida em água (*De medicina* 5, 21)⁹.

No livro, *De medicina* (VII, 29), Celso dá as instruções a seguir em caso de morte fetal pouco antes do início do trabalho de parto, nesta intervenção que considera de alto risco. Um dos problemas que identificou foi a ausência de dilatação do colo uterino. Outro avanço registado foi a correcção da posição fetal para a posição cefálica ou pélvica, mais fáceis de manejar. Celso é o primeiro a descrever a decapitação do feto, quando se encontra em posição oblíqua e a mão do médico não o consegue trazer para a apresentação cefálica ou pélvica, devendo a cabeça ser retirada com a ajuda de um gancho. Quando o resto do corpo não sai facilmente, o feto deve ser desmembrado, antes de ser retirado¹⁰.

Esta técnica foi aperfeiçoada por Sorano de Éfeso no séc. II d. C., tendo integrado os conhecimentos de todos os médicos que se dedicaram à Obstetrícia que o precederam, nomeadamente, Herófilo, Diócles de Caristo e Demétrio de Herofília¹¹.

Sorano estabeleceu as dificuldades do parto, devidas a problemas maternos e fetais e preconizou os métodos de tratamento, tendo aperfeiçoado as manobras de versão podálica. As apresentações cefálica e pélvica não apresentavam dificuldades, a menos que o feto fosse demasiado grande, hidrocéfalo ou no caso de monstros e gémeos. Também refere as dificuldades

provocadas por um feto morto edemaciado. Os seus desenhos do feto *in útero* perderam-se, mas foram recuperados em edições posteriores dos seus livros (Fig.1).



Figura 1- Instrumentos de cirurgia obstétrica e ginecológica: 1 e 2- Curetas. 3 e 4- Sondas uterinas. 5- Sonda de bronze. 6- Fragmento de cranioclasto. 8- Gancho de embriotomia. 9- Embriótomos. 10- Pequeno gancho de embriotomia (Paul Diepgen, *Op. cit.*, p. 262).

Sorano descreve todas as manobras destinadas a trazer o feto para uma posição mais fácil de extrair e refere todos os tipos de cortes e incisões, destinadas a fazer colapsar a cabeça e drenar os líquidos fetais (sangue e conteúdo intestinal) para facilitar a sua remoção. São mencionados ganchos, embriótomos e cranioclastos. Os instrumentos cirúrgicos deste período que chegaram até nós comprovam a alta tecnologia então utilizada (Fig. 2).



Figura 2- Posições fetais segundo a tradição dos manuscritos de Sorano de Éfeso (Heinz Schott (Org.), *Crónica de la Medicina (Die Kronik der Medizin)*, II vol., Plaza & Janes Editores, S.A., Barcelona, 1995, vol. I, p. 56).

Segundo Bucheim, a intervenção descrita não difere muito da praticada no seu tempo (1937), exceptuando o uso de instrumentos cirúrgicos mais modernos¹².

No tempo de Amato, os estudos anatómicos dos órgãos genitais femininos distanciam-se cada vez mais do conhecimento medieval anterior (Fig. 3).

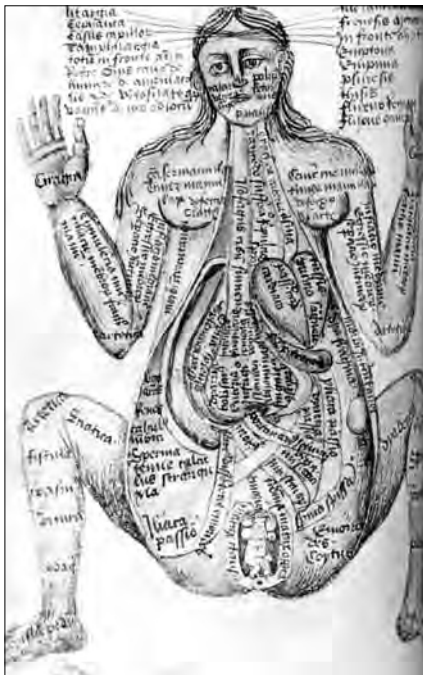


Figura 3 - Mulher grávida, desenhada num texto de anatomia do século XV, Pseudo Galen, WL, Western MS 290 (Medicine Man, The Forgotten Museum of Henry Wellcome, Ken Arnold and Danielle Olsen (ed.), London, The British Museum Press, 2011 (reprint) (2003).

Em 1522, Jacobeus Berengarius de Capri (c.1460-1530) escreveu *Isagoge Brevis*¹³ e outros estudos anatómicos se lhe seguiram, descrevendo a anatomia feminina de formacada vez mais precisa, tal como Amato alude, nesta centúria. A obra de Sorano de Éfeso foi também revista a actualizada com novos desenhos.

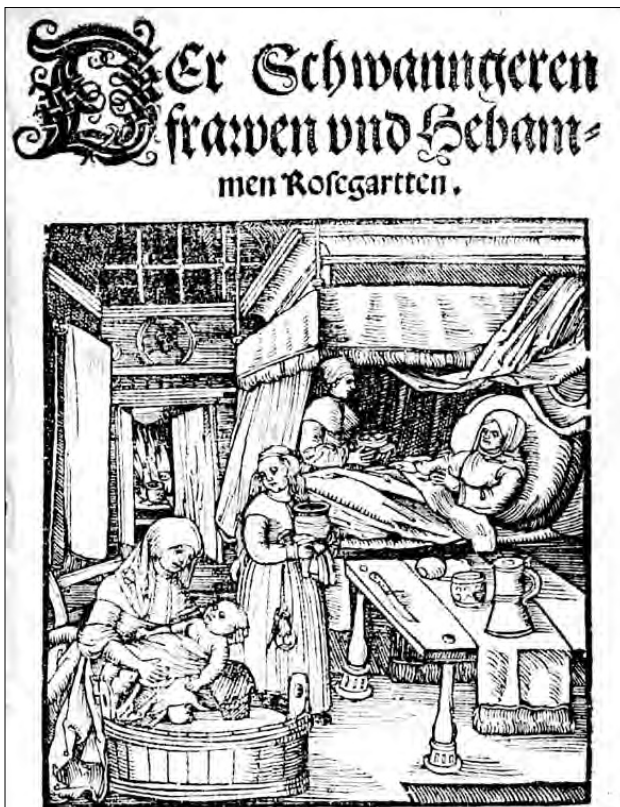


Figura 4 - Primeiro manual para parteiras dos tempos modernos

Em 1513, Eucharius Rösslin publicara a obra *Der schwangeren Frauen und Hebammen Rosgarten*, (Fig. 4) o primeiro manual para parteiras dos tempos modernos, contendo desenhos anatómicos, é um dos primeiros livros ilustrados. São descritas as posições fetais e os partos normais e os problemáticos, bem como o uso de medicamentos e cuidados neo-natais. O livro baseia-se na obra de Sorano de Éfeso, teve inúmeras edições até ao século XVIII e foi traduzido para latim por Eucharius Rösslin, o Jovem, filho de Eucharius, tendo-o intitulado, *De partu hominis*.

A obra é constituída por treze capítulos e vinte e cinco ilustrações que se iniciam com uma cadeira de partos e ilustram diversas posições fetais. O título Jardim de Rosas indica que foram escolhidos os melhores textos sobre o assunto. Numa parte em verso da Introdução, pode ler-se:

A parteira aqui há-de encontrar
Toda a forma de tratar
Neste livrinho dou-lhe a compreensão
De tudo o que deve estar á mão
Nele encontrará instrução
Do que se passa no nascimento humano
Quer seja natural ou não. (p. 4). (Fig. 5).

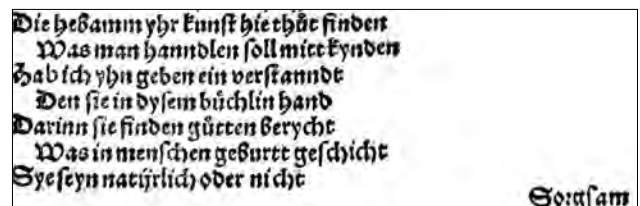


Figura 5- Excerto do poema da abertura do livro de Eucarius Rösslin.

Neste livro, uma cadeira obstétrica e as posições do feto no útero são abundantemente representadas (Fig. 6 a 11).

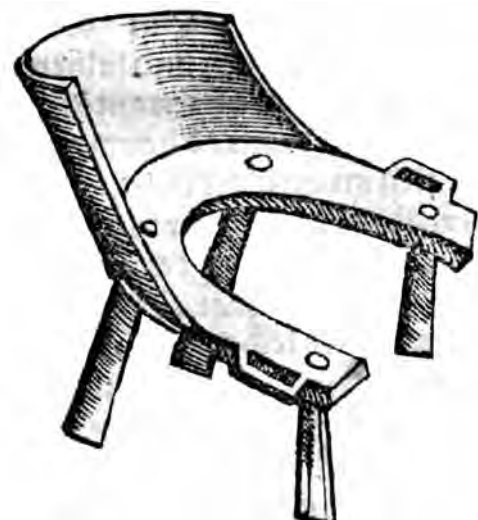


Figura 6 – Cadeira obstétrica (do livro de Eucarius Rösslin).



Figura 7 – Posições cefálica e pélvica (Eucarius Rösslin).

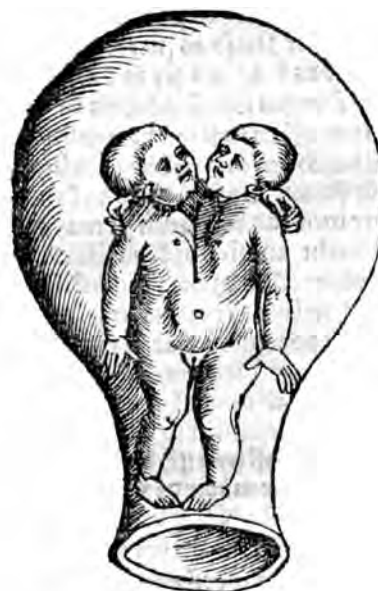


Figura 10 - Gémeos siameses (Eucarius Rösslin).



Figura 8 – Posição cefálica alta (Eucarius Rösslin).

Der Frauen.



Figura 11- Gravidez gemelar (Eucarius Rösslin).



Figura 9 - Posição transversa (Eucarius Rösslin).

No tempo de Amato, há também a referir a introdução de novas drogas, vindas da Índia, descritas por Garcia de Orta. Avanços ao nível dos instrumentos cirúrgicos surgiram no final do século.

Wilhelm Fabricius Hildanus (1560-1634) é considerado o pai da cirurgia alemã, pois foi o primeiro cirurgião a praticar a cirurgia científica. Pertenceu à escola iatromecânica e é autor de vinte livros científicos. A obra, *Observationum et Curationum Chirurgicarum Centuriae*, publicado postumamente, em 1641, cons-

titui a melhor colecção de registo de casos do século e dá uma ideia precisa em relação à sua prática cirúrgica (Fig. 12).



Figura 12 – Capa do livro de Hildanus.

Era casado com Marie Colinet, uma hábil parteira e cirurgiã suíça. O casal trabalhava em conjunto. Hildanus lamentava o baixo nível de conhecimentos das parteiras (Fig. 13).



Figura 13- Mulher com parteira (Eucarius Rösslin).

A manobra obstétrica mais frequente do tempo era a extracção de um feto morto, intervenção que causava alta morbidade e mortalidade. As causas mais comuns eram o atraso na intervenção, muitas vezes realizada dias após a morte fetal (este período podia durar até três meses) e as hemorragias e infecções, provocadas pela manobra ou pela extracção da placenta¹⁴.

Na sua obra, Hildanus, refere vários casos de embriotomia levados a cabo com sucesso por ele e por sua Mulher, Marie Colinet, após realização de manobras de versão podálica (CXVI, CXVII, CXVIII). Segue-se a descrição da casos mais complicados, nos quais a criança já estava morta há algum tempo e em putrefacção. Um dos casos terminou com a morte da mãe e da criança (CXXIII). Noutros casos, foi necessário recorrer ao desmembramento fetal, tendo a mãe sobrevivido (CXIX, CXX).

Por último, referindo ter praticado esta intervenção mais de quarenta vezes e sua mulher, Marie Colinet, mais de trinta, considerou-a altamente perigosa e referiu ter algum cuidado em não dar grandes informações sobre a técnica utilizada pelo perigo de vir a ser praticada por indivíduos pouco sabedores, tendo, no entanto, aconselhado a rápida actuação antes que o canal cervical se encerrasse por edema do feto após a sua morte. Na tradução alemã da sua obra, publicada em 1652, foram reproduzidos desenhos de instrumentos utilizados para dilatar o cérvix e extrair o feto (Fig. 14)¹⁵.



Figura 14- Instrumentos obstétricos utilizados por Hildanus.

Hildanus desaconselhou o uso de instrumentos afiados para evitar a perfuração do útero e chamado a atenção para o risco de ruptura uterina provocado também pela ingestão excessiva de drogas que aumentavam a contração do útero (CXXIV e CXXV)¹⁶.

Hildanus foi ainda o primeiro a desenvolver a ventosa obstétrica que Ambroise Paré aperfeiçoou em 1655, procurando manter vivas as abaladas filhas de Pirra¹⁷.

Notas

- 1 - Juvenal, *The sixteen Satires* (Satire I, vv. 87-88), p. 69.
- 2 - Ovídio, *Metamorfoses*, Tradução de Paulo Farmhouse Alberto, Cotovia, Lisboa, 2007 (Livro I, pp. 411-413), p. 47.
- 3 - Amati Lusitani, *Curationum medicinalium centuriae duae, quinta et sexta*, Lyon: Gulielmum Rouilium, 1576, pp. 408-410.
- (Lusitano, Amato (João Rodrigues de Castelo Branco), Cura LXIII, I Centúria, *Centúrias de Curas Mediciniais*, vol. II, Prefácio e Tradução Firmino Crespo, Lisboa, Celom, 2010, Vol. II, pp. 256-257).
- 4 - H. Buess, *Actas Ciba*, nº 24, Lisboa, 1953, p. 992.
- 5 - Mridula Saha, *History of Indian Medicine based on Vedic Literature: Sataphatha Brahmana*, The Asiatic Society, Calcutta, 1999, p. 41. 6 - Charlotte Schubert, Ulrich Huttner, *Frauenmedizin in der Antike*, Greek-Latin/German, Artemis & Winkler Verlag, Düsseldorf, 1999, Artemis & Winkler Verlag, Düsseldorf, 1999, pp. 370-373.
- 7 - G. E. R. Lloyd, *Hippocratic Writings*, translated by J. Chadwick and W. N. Mann, I. M. Lonie, E. T. Wittington, Penguin Books, London, 1983, *The Nature of The Child*, § 30, pp. 341-344.
- 8 - Celsus, *De Medicina*, W.G. Spensor Transl., Loeb Classical Library, III vol. 1977, II vol. p. 65.
- 9 - Celsus, *De Medicina*, *idem*, p. 49.

- 10 - Celsus, *De Medicina*, III vol, pp. 454-461.
- 11 - Owsei Temkin Soranus, *Soranus Gynecology*, The John Hopkins Press, Baltimore, 1956, p. 175.
- 12 - *Buchheim* (zit. P. 262), *apud* Paul Diepgen, *Die Frauenheilkunde der Alten Welt*, Verlag von J. F. Bergmann, München, 1937, p. 272.
- 13 - Jacobus Berengarius de Capri, *Isagoge brevis...in anatomiam humani corporis*, B. Hectoris, Bologna, 1523.
- 14 - Ellis W. P. Jones, The Life and Works of Guilielmus Fabricius Hildanus (1560-1634) II, *Medical History*, July, 4 (3), 1960, pp. 196-209.
- 15 - Gilhelmii Fabricii von Hilden, *Deß weitberühmten Guilielmii Fabricii Hildani...Wund-Artzney*, tradução Latim/Alemão Friedrich Greiff, Franckfurth am Mayn: Beyer, 1652, edição electronic Düsseldorf: Universität-und Landesbibliothek, 2009, p. 320.
- 16 - Guillaume Fabri de Hilden, *Observations Chirurgiques*, Pierre Chouët, Geneve, 1669, pp. 480-490.
- 17 - Michael J. O'Dowd & Elliot E. Philipp, *The History of Obstetrics & Gynecology*, Foreword by J. J. Sciarra, The Partenon Publishing Group, London/New York, 2000, p. 149.

*Médica, escritora - investigadora

Tumor da mama em Amato Lusitano - da semiologia à terapêutica

Gabriela Valadas, Daniel Cartucho***

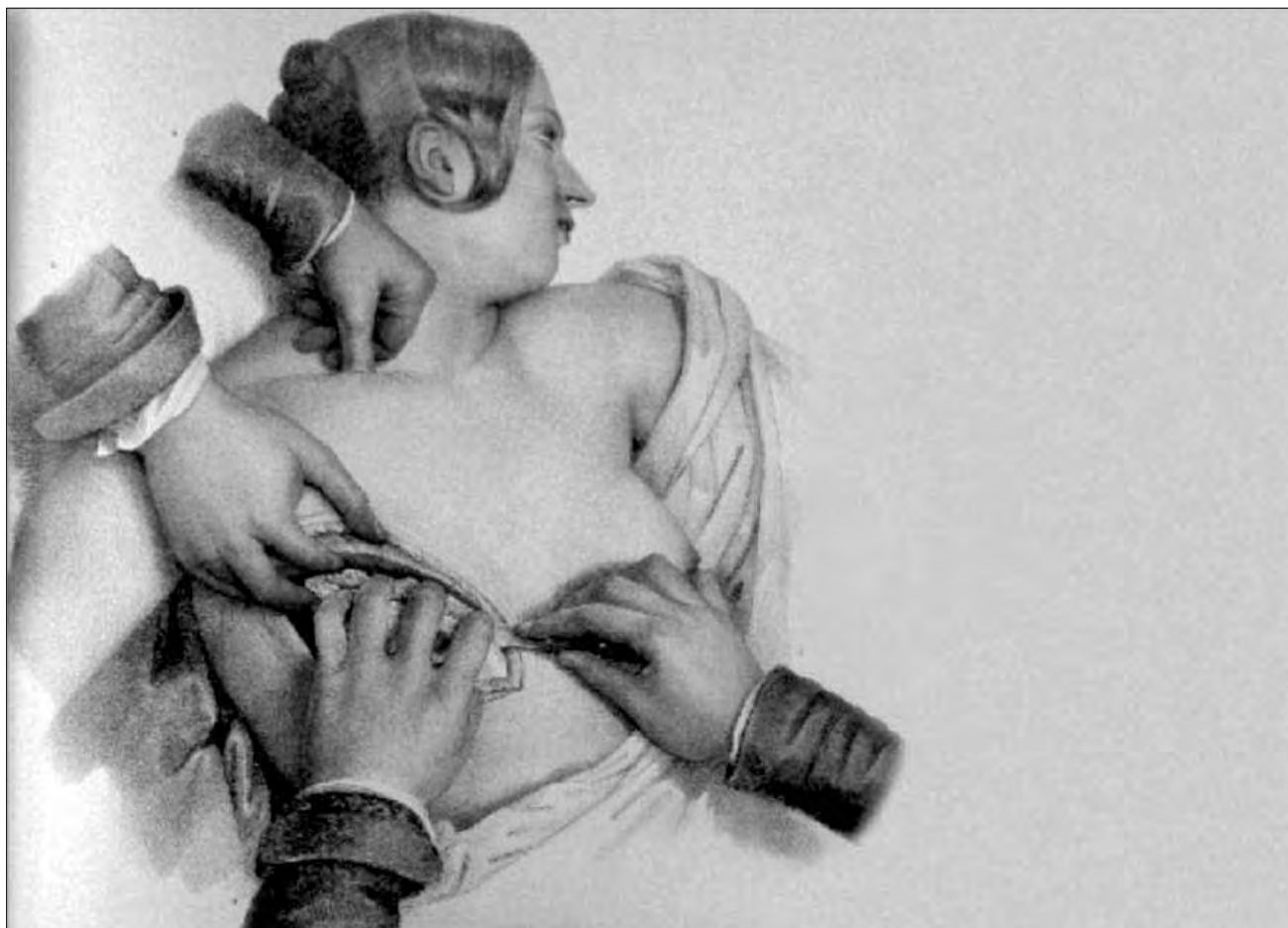


Figura 1. Terapêutica cirúrgica com mastectomia.

Introdução

Assiste-se actualmente a um debate acerca dos elementos históricos normalmente referenciados com o tumor da mama. Patologia da maior actualidade, é o tumor mais frequente na mulher a nível mundial. Por tudo o mundo existem cerca de 1.35 milhões de novos casos de tumor da mama todos os anos e acredita-se que existem cerca de 4.4 milhões de mulheres vivendo com tumor da mama ^{1,2}. Em Portugal, na mulher, é responsável por 30,4% dos tumores malignos. Isto é, entre nós, cerca de 1 em cada 3 novos casos de tumor na mulher localiza-se na mama ³.

_*

Na pintura do Renascimento a deformidades anatómicas nas pinturas onde o detalhe da forma da mama e sua lesão, bem como da axila alterada, introduzem deformações que de acordo com o conhecimento actual são compatíveis em certos casos, com tumor da mama presente nas modelos⁵. Mas também aqui a contenção deve ser a regra já que das múltiplas lesões referenciadas leva, muito justamente, face à história natural da evolução da doença das modelos, um autor a designar que a ser assim estaríamos perante “an epidemic of breast cancer among models of famous artists” ⁶.

AMATO LUSITANO E TUMOR DA MAMA

É importante introduzir neste debate fontes históricas normalmente não referenciadas. Também neste campo, Amato Lusitano é de grande riqueza e fornece-nos uma notável perspectiva desta patologia no século XVI.

Amato Lusitano, (Castelo Branco, 1511 – Thessalonica, 1568) nas suas Centúrias, colectâneas de casos clínicos, descreve vários casos de patologia da mama, Quadro I. De um total de nove casos clínicos referenciados, pensamos que em três destes estamos perante a descrição de casos de tumor da mama. Num destes casos, pela descrição da evolução com o detalhe do comportamento local e sistémico da lesão, bem como do espaço temporal, cerca de dois anos do seu aparecimento até à morte da doente, descreve aquela que é a evolução natural da patologia, na ausência de medidas terapêuticas eficazes (Livro I, Cura 21). Apresenta-nos outros dois casos clínicos de tumor da mama com elementos de semiologia (Livro VIII. Cura 25) e aspectos da técnica cirúrgica da época (Livro III, Cura 32)⁷.

CASO CLÍNICO I

HISTÓRIA NATURAL DE UM TUMOR MALIGNO.

LIVRO I, CURA 31. *De uma chaga cancerosa maligna, dolorosa, que atacava a mama*”

Na evolução de um tumor da mama nos estádios mais avançados a lesão torna-se ulcerada e com um grande componente doloroso. Amato Lusitano nesta centúria caracteriza a natureza da mulher – com tipologia da época – e a lesão que se apresenta já num estágio avançado:

“Mulher, 30 anos, natureza muito biliosa (...) chaga cancerosa maligna, dolorosa, que atacava a mama. Mandeí reduzir o sangue da veia safena (...) Durante a minha ausência alcançou a saúde”.

Quadro I. Curas em Amato Lusitano com patologia mamária

Quadro I. Curas em Amato Lusitano com patologia mamária
Livro I Cura 21. Tumor maligno.
Livro I, Cura 47 Supuração da mama, abscesso/mastite aleitamento
Livro II, Cura 21 Menstruo pelas mamas.
Livro III, Cura 32. Tumor da mama.
Livro IV. Cura 92. Puérpera com pouco leite
Livro V, 31. Cura “Papilas” mamilares invertidas
Livro VI. Cura 38. Mamas com gretas
Livro VII. Cura 19. Dor em volta das mamas
Livro VIII. Cura 25. De carcinoma que ataca a mama e acelera a morte

Face à terapêutica não local, com a sangria, algum efeito terá sido atingido na sintomatologia, mas a doença progrediu. Podemos verificar que se estendia agora a toda a mama: “Quando voltei a vê-la, (...) sentia uma certa dureza na mama esquerda”. A metodologia de observação seguida pela palpação que hoje se mantém, dá-nos a evolução da sua avaliação onde ficou claro que, agora, se estaria perante um tumor:

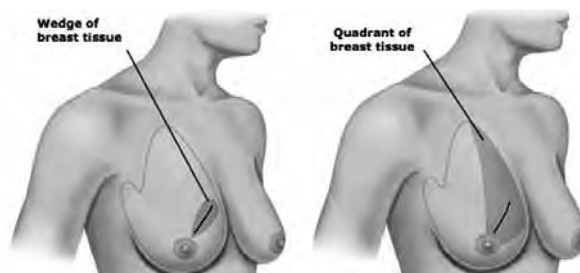
“Quando a observei, tanto de vista, como pelo tacto, julguei que era doença má (...) Começamos, portanto, o ataque à doença, a ver se seria melhor usar da cirurgia. Mas (...) ela não acedeu”.

Não se faz referencia à axila onde nesta fase se poderia verificar eventuais adenopatias. Com o seu diagnóstico actual propõe uma conduta terapêutica que passaria pela cirurgia mas, como verificamos, a doente não dá o que hoje se designaria pelo consentimento informado. Propõe então uma série de remédios que foram utilizados durante meses: “Os remédios eram (...) De tudo isto nos servimos durante oito longos meses”.

Ao longo desses meses do tratamento proposto verificamos que a doença progredia. A lesão ulcerada que depois de envolver toda a mama tinha:

“formado pus (...) Depois da abertura, a chaga tornou-se mais maligna de dia para dia. Esta chaga era do género cancro (...) As dores acompanhavam sempre esta chaga (...) Rebentaram de novo as glândulas do pescoço, noutros pontos e na mama direita (...) derrubadas as forças (...) veio a morrer passados dois anos após o começo da doença”.

Este “rebentaram de novo” pode levar-nos a presumir que após a sangria efectuada, ou outra acção terapêutica, se tenha verificado alguma regressão parcial nesta progressão da disseminação linfática loco-regional que nos é apresentada. O desfecho que se antecipara na introdução do caso clínico, com a evolução apresentada, ocorre dois anos após o início da doença como explicitamente nos é dito. Tal como então esta é hoje a evolução natural da doença na ausência de terapêutica apropriada.



CASO CLINICO II

ELEMENTOS DE SEMIOLOGIA

LIVRO VIII. CURA 25. De carcinoma que ataca a mama e acelera a morte

Sabe-se hoje que a influência do meio ambiente é um dos factores mais importantes na origem da carcinogénese. Amato Lusitano tem consciência deste facto e nesta cura deixa bem expresso:

“Uma mulher de Larissa, cidade não muito distante de Tessalónica, onde Hipócrates exerceu a arte médica durante muito tempo e de que frequentemente faz menção, como cidade doentia por causa das péssimas águas que tem e da atmosfera nebulosa, caliginosa e pestífera em virtude das lagoas (pântanos) que a cercam, veio visitar-me”. É depois preciso na sua descrição: “Sofria do cancro da mama esquerda donde escorria, da papila, um pus meio ensanguentado. Pelo seu aspecto logo diagnosticámos que iria morrer dentro em breve e tanto mais depressa quanto mais breve tiver interceptado o fluxo, tal como acontecia a outra de que HIPÓCRATES escreveu, no livro 7.º de Morb. Vulg., deste modo: A uma mulher, em Abdera, formou-se-lhe um carcinoma em volta do peito. Era tal que o pus lhe corria ensanguentado pela papila. Estancado, porem, o corrimento, morreu”.

Verificamos que o corrimento mamilar hemático no contexto do tumor referenciado era factor do prognóstico apresentado.

Da mesma maneira quando descreve a mulher reporta-se a um elemento importante: “Era de temperamento atrabiliário, de cerca de quarenta anos, mas já destituída de menstruação”. De facto a presença ou ausência de menstruação é dos elementos semiológicos importantes nesta patologia.

CASO CLINICO III

TÉCNICAS CIRÚRGICAS

LIVRO III, CURA 32. Tumor da mama.

Técnicas cirúrgicas

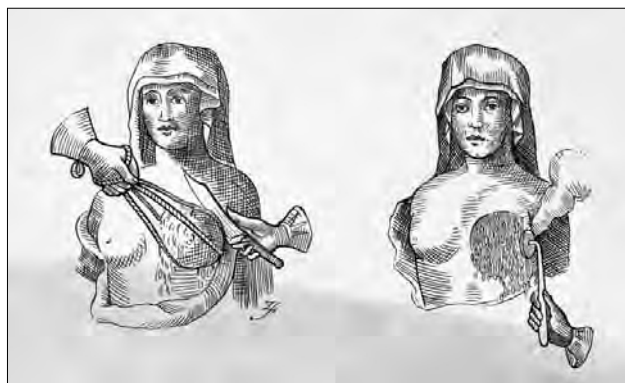
Este caso clínico trata-se de uma “mulher de 30 anos que começa a sentir um prurido na papila da mama direita, juntamente sofria de picadas lancinantes. A papila apresentava-se um tanto mais espessa. Acompanhava-se de febre de vez em quando. Ao vê-la,(...) era doença gravíssima e pernicioso, de que se seguiria morte certa a não ser que fosse curada por mão de Chiron e ESCULÁPIO”. Neste ponto Amato Lu-

sitano inicia uma reflexão onde se expressa a preocupação de actuar sistémicamente, sem proceder a uma acção directa na lesão em si.

“Sentindo-nos impotentes contra uma atroz doença, que era sem dúvida um cancro... Lembremos do que disse HIPOCRATES, livro 6º dos Aforismos:”todos os cancros ocultos o melhor é não os tratar. Os tratados levam depressa a morte, os não tratados duram mais longo tempo”. Isto deve entender-se a respeito de operação na mama ou de aplicação de remédios tópicos sobre eles. Todo nosso intento se orientava no sentido de demorar o mais possível o cancro e não se desenvolver mais”.

Apresenta-se mesmo uma maneira para preservar a lesão a esta tendência de poder ser alvo de uma conduta terapêutica local:

“Aconselhei que colocasse uma lâmina de chumbo muito bem adaptada à mamila e que não permitisse qualquer outro tipo de remédio no sítio lesado”.



Naturalmente tratando-se de um tumor maligno a lesão progredia. Também neste caso clínico apresentado verificamos uma detalhada descrição da evolução da doença:

“passados dois anos venho a observar que ela, em vez do pequeno tumor, sofria de uma ulceração cancerosa, de grande tamanho, cheio de muitas cavernas, de aspecto tétrico, rebordos espessos e à maneira de montículos”.

Na continuação verificamos a referencia ao conceito da metastização: “tinha este cancro raízes de modo implantadas que era de crer tivesse ocupado os pontos mais íntimos do corpo. Chamo raízes de cancro, segundo GALENO, às veias repletas de sangue negro (...) e que se distende pelas regiões circundantes, muito embora o cancro até estas raízes as reclame como suas próprias”.

Da mesma maneira é referenciado o conceito de cuidados paliativos: “se nada mais fizermos, limpe-mos ao menos o pus, (...) para que não se venha naturalmente a fazer apodrecer ou irritar a parte sofredora (...) costumam os autores de medicina mais rudimentar chamar paliativo”.

E face a um cenário tão desfavorável Amato Lusitano discursa acerca do recurso a uma intervenção cirúrgica. Seleciona os casos mais favoráveis para a sua utilização apropriada que verificamos serem nas formas iniciais da doença, com lesões pequenas:

“Este tumor canceroso, no seu inicio, (...) se podia chamar cirro (schirrus), deveria ser arrancado radicalmente por operação mamal, como AVICENA entre outros claramente recomenda. Nós já vimos (eram ainda mais pequenos carcinomas que, como disse, mais mereciam o nome de cirros) extraí-los habilmente das mamas e de outros órgãos, à navalha (...) Depois disto eram queimadas muito bem as raízes do cancro com ferro candente (...) A uma mulher de Veneza por causa dum cancro foi-lhe cortada e arrancada inteiramente a mama direita e depois viveu optimamente. Em tudo o que diz respeito ao cancro, GALENO deixou escrito que muitas vezes viu nas mamas um tumor, muito semelhante ao animal caranguejo, doença que ele curou, no seu inicio, com remédios de expulsar a atrabile. Mas logo que o referido tumor se desenvolve e toma grande volume, não pode curar-se sem a cirurgia.

Na continuação transmite o seu aconselhamento ponderado onde se expõe o conceito da radicalidade possível na intervenção cirúrgica. Isto é, para Amato Lusitano, a cirurgia seria um recurso para a terapêutica se a localização e extensão da lesão permitisse a sua remoção com margens de segurança:

“Eu aconselharia que os cancros, pequenos e grandes, ou não se devem irritar de modo nenhum com remédios tópicos ou se devem arrancar a ferro radicalmente, contando que ocupem um sítio adequado à volta do qual se possa devidamente executar um trabalho manual e principalmente afastando das muitas artérias e outros pequenos vasos”.

COMENTÁRIO

Verificamos que as descrições referenciadas de Amato Lusitano no século XVI se reportam a tumores malignos no nosso actual conceito. Nessas descrições apresentam-se e valorizam-se elementos de

semiologia e evolução natural da patologia que se mantêm actuais face à medicina do presente, já que têm a ver com a natureza das coisas.

Como comentário final assinala-se a curiosa síntese que Amato Lusitano faz da adequação do acto cirúrgico que, à luz dos nossos conceitos, se mantêm com total premência. A cirurgia só deve ter lugar se poder ser executada com radicalidade sob a totalidade da lesão, queimando “as raízes” e, por outro lado, se poder ser realizada com este objectivo de não deixar lesão residual, com margens seguras, se não existirem estruturas periféricas, nomeadamente vasculares, que a impeçam.

Bibliografia:

- 1 - Jemal A, Siegel R, Xu J, Ward E. Cancer Statistics, 2010. CA Cancer J. Clin. 2010;60:277–300.
- 2 - Breast cancer in developing countries. Editorial. Lancet 2009; 9701 (374);p 1567
- 3 - Valadas G. Tumor da mama modelo experimental de gânglio Sentinela. Tese mestrado Coimbra 2010
- 4 - Olson JS. Bathsheba's Breast: Women, Cancer & History. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2002.
- 5 - Valadas G, Cardoso N, Bastos F, Aleixo F, Cartucho D. O Tumor da Mama e a História - Análise de Pintura do Renascimento com aparentes tumores da mama. Comunicação ao Congresso Senologia 2011.
- 6 - Gross A. An epidemic of breast cancer among models of famous artists. Breast Cancer Research and Treatment 84: 293, 2004.
- 7 - Lusitano A. Curationum Medicinalium Centuria Septem (1556) In Amato Lusitano Centúrias de Curas medicinais. Ed. Firmino Crespo. Univ. Nova Lisboa, 1980

* Médico cirurgião. Investigador

** Médica Cirurgiã. Investigadora

Alguns factores que contribuíram para o desenvolvimento da Medicina de Amato Lusitano

Isilda Teixeira Rodrigues *

Introdução

Ao longo do Século XVI, assistiu-se na Europa a um alargamento multifacetado do panorama geral do conhecimento. Foram inúmeros os factores que contribuíram para este fenómeno.

Em primeiro lugar, recordemos que, em meados do Século XV, se regista a invenção da imprensa pelo alemão Gutenberg (1397-1468): o tempo torna-se subitamente telescópico, com a possibilidade de se instalarem lado a lado, na mesma prateleira da mesma biblioteca, as obras do grande autor Clássico, do Padre da Igreja, do enciclopedista medieval, do relato fantástico de mundos bizarros de autor anónimo, ou do último exemplar de narrativa de viagens. E todo este conhecimento, pela primeira vez conglomerado, circula por muito mais leitores, muito mais depressa¹.

Em segundo lugar, não esqueçamos que a descoberta da América, pelo cartógrafo genovês Cristóvão Colombo (1436?-1504), em 1492 revolucionou a concepção europeia da Terra: afinal existiam continentes inteiros que nunca tinham sido antes referidos, nem nos mapas, nem nas lendas, sugerindo que a face do planeta deveria ser, na realidade, muito mais complexa do que o que sugeriam, tanto as propostas Clássicas, como as referências confusas do período medieval.

Em terceiro lugar, relembremos que a definição, em 1497, de uma rota marítima para a Índia pelo almirante português Vasco da Gama (1469-1524), abriu o caminho para todo um esforço de desenvolvimento económico, tecnológico e de exploração dos mares e civilizações orientais, sem precedentes na história europeia.

Desta conjugação resultou, necessariamente, uma profunda mudança intelectual e social, especialmente propícia para o cultivo das ciências, e em consequência para o desenvolvimento da Medicina (Rodrigues, 2005).

Neste texto pretendemos apontar alguns dos principais acontecimentos que contribuíram para o desenvolvimento da Medicina de Amato Lusitano (1511-1568), no Século XVI. O interesse em torno da vida e obra deste médico português reacendeu-se recente-

mente na literatura internacional, entre outras, com as publicações Front, D. The expurgation of medical books in sixteenth-century, *Bulletin of the History of Medicine*, 75 (2) : 290-296, 2001 e Bacic, Jurica; Vilovic, Katarina e Baronica, Koraljka Bacic, The gynaecological-obstetrical practice of the renaissance physician Amatus Lusitanus (Dubrovnik, 1555-1557), *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology*, 104, 180-185, 2002. Este texto integra o congresso das Comemorações do V Centenário do seu nascimento.

Alguns factores que contribuíram para o desenvolvimento da Medicina de Amato Lusitano

Na Europa, o tempo compreendido entre meados do Século XV e finais do Século XVI marca o chamado *período renascentista*, ou *Renascimento*. Esta etapa civilizacional aparece marcada por uma série de características políticas, económicas, sociais e intelectuais que presidem a uma renovação cultural profunda que, logicamente, influi intimamente no conhecimento científico (Huizinga, 1984; Durant, 1981).

Para compreendermos a génese dos factores-chaves que desencadearam o Renascimento europeu, temos que atender aos acontecimentos fora de portas que despoletaram os primeiros andamentos da mudança.

A tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453, fez com que muitos intelectuais do Oriente emigrassem para a península Itálica, levando consigo uma série de manuscritos antigos, estimulando o estudo da língua grega e dos autores Clássicos. Alguns destes manuscritos constituíram uma novidade para o homem ocidental, que, provavelmente, se encontrava já algo enfasiado pela repetição, sem inovações sensíveis, da filosofia escolástica (Puerto, 1991), emanadas das aulas universitárias medievais. Estas novas fontes provocaram o aumento, entre os europeus, da convicção de que o conhecimento filosófico e científico Clássico apresentaria lacunas e aspectos discutíveis,

além de, muito provavelmente, ter sofrido adulterações resultantes do contacto com a cristianização e a islamização. Sendo assim, estes novos livros, a que os estudiosos europeus tinham agora acesso, iriam finalmente possibilitar um conhecimento directo dos Clássicos, sem intervenção de tradutores, comentadores, e mesmo de simples copistas (Wear, 1985).

Por outro lado, o já mencionado aparecimento da imprensa desempenhou, também, um papel fulcral na expansão cultural, aumentando a acessibilidade dos textos e facilitando um intercâmbio mais rápido de informação e discussão científicas. Em associação directa com este primeiro factor, começaram a surgir obras, não apenas em grego e Latim, mas também em tradução para as línguas vernáculas, contribuindo para a expansão e difusão da cultura, dentro e fora dos países de publicação original, chegando por esta via a públicos novos, tradicionalmente menos instruídos. Importa referir que, entre 1450 e 1500, saíram das gráficas europeias cerca de 8 milhões de livros, o que superava, em muito, todas as obras copiadas até à época (Puerto, 1991).

Este período de grande desenvolvimento intelectual deve ser enquadrado no seu contexto político e socioeconómico. As relações feudais, próprias da Idade Média, de carácter isolacionista e de agregação vaga, começam a desmoronar-se. Sobre as ruínas do modelo antigo de organização social e hierárquica, edificam-se novas visões políticas, que impõem às sociedades afectadas modos de vida diferentes, bem como necessidades intelectuais e tecnológicas distintas e inovadoras. No lugar da dispersão política feudal, do período medieval, surge agora a centralização dinástica dos reinos fortes, como Portugal, Leão e Castela (Espanha), França, ou Inglaterra. Estes foram os primeiros países europeus que, fortemente agregados em torno de dinastias poderosas, começaram a expansão colonial fora das suas fronteiras: primeiro Portugal e Espanha, que repartiram o mundo em 1494¹; e logo a seguir os Países Baixos e a França, juntando-se-lhes finalmente a Inglaterra. Entre si, estes países começaram a disputar o xadrez colonial dos grandes impérios, do ponto de vista comercial, territorial, e, inescapavelmente, também cultural (Wear, 1985; Elton, 1982).

Ao mesmo tempo, começou a florescer nas cidades uma nova burguesia urbana, mercantil e artesã, que a prazo se tornou capaz de suplantar o poder feudal. Alguns desses burgueses tornaram-se autênticos príncipes mercadores, como os Médicis de Florença ou a casa de Orange, em Amsterdão. Actuando como mecenas, estes novos núcleos de poder incentivaram

o aparecimento de estudiosos e artistas independentes do antigo domínio do clero, o que lhes permitia trabalharem com mais liberdade intelectual e, não raramente, melhores condições logísticas e instrumentais.

Simultânea e similarmente, a descoberta do Novo Mundo obrigou a um vasto esforço científico e tecnológico, nas áreas da astronomia e da cartografia, e ao mesmo tempo provocou alterações substanciais nas condições de vida dos europeus. As relações comerciais internas e internacionais dos países da Europa mudaram e, com elas, mudaram também as concepções acerca do homem e do mundo. Com as navegações, iniciadas pelos portugueses no final do Século XIV, a teoria grega da esfericidade da Terra tornou-se paulatinamente consensual. As viagens de exploração marítima, no seu inevitável encontro com novos lugares, seres, gentes e costumes, alargaram o horizonte europeu. Os Descobrimentos contribuíram para o aumento considerável dos conhecimentos em várias áreas. E, a partir daí, esses, conhecimentos eram obtidos por experiência directa, o que originou uma literatura de viagens e uma literatura científica estreitamente associadas. Os livros de viagens, os roteiros dos pilotos, os diários dos navegadores encarregues de redigir a crónica de cada expedição, e toda a outra produção oral e escrita ligada às navegações, fornecem inúmeras informações sobre botânica, zoologia, mineralogia, bem como descrições geográficas das costas, ilhas e mares que iam sendo descobertos (Rodrigues, 2005; Amador e Contencas, 2001). Neste domínio, os roteiros dos pilotos portugueses cativaram, na época, a atenção de toda a Europa virada para a expansão marítima, pela riqueza de informações sobre os périclos por terras e mares desconhecidos que aí podiam encontrar-se e, seguidamente, utilizar-se como manancial de informações para preparação de novas expedições (Wear, 1985).

As modificações políticas, económicas e geográficas registadas no Renascimento desencadearam, na Europa, um aumento sensível dos recursos materiais e contribuíram até para uma distribuição mais homogênea da riqueza. Esta situação criou, por seu turno, melhores condições para o trabalho intelectual, que pôde assim estender-se a círculos sociais mais amplos, ultrapassando os limites característicos da Idade Média (Wear, 1985).

Convém ainda referir que o Renascimento foi a época em que se assistiu ao culminar de um longo processo, iniciado por volta do Século X, por influência das invasões árabes, que consistiu primeiramente

na redescoberta, depois na tradução do Árabe para o Latim, e finalmente na assimilação académica, dos escritos eruditos e científicos da Antiguidade Clássica. Este fenómeno, juntamente com o florescimento da vida urbana nas cidades-estados, trouxe certamente novos horizontes e novas pistas para o desenvolvimento do intelecto europeu (Butterfield, 1991).

Um outro factor de mudança, com grande influência no quadro renascentista, prende-se com a expulsão dos judeus, de Espanha e de Portugal, nos finais do Século XV, que foi responsável pelo afluxo, a Itália e, logo de seguida, a todo o Norte e Oriente da Europa, de intelectuais de formação hebraica, de grande craveira, que trouxeram consigo a sua sabedoria, o seu pensamento próprio e ainda a riqueza da mística judaica, corporizada particularmente na Cabalaⁱⁱ. O filósofo italiano Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) elaborou uma versão cristã da Cabala, tendo sido ajudado nesse trabalho por judeus espanhóis. E esta é uma fonte de visões, ideias e sistemas de explicação dos fenómenos que vai permear significativamente a ciência renascentista, incluindo, necessariamente, o entendimento e a prática da Medicina (Laszlo, 1997).

Amato Lusitano, participou activamente neste agitado do conhecimento europeu. Como todos os que vivem em épocas críticas, nas quais se questionam tradições e se geram novas concepções da humanidade e do mundo, deixou-nos o legado de uma alma inquieta, curiosa, ávida de saber e de aperfeiçoamento. A sua bagagem intelectual, e o seu conhecimento de causa são tão sólidos que aparece, com frequência, não só a desdizer frontalmente os Clássicos, como também a terçar armas, de igual para igual, com colegas contemporâneos igualmente proeminentes e venerados como, por exemplo, André Vesálio, o anatomista de Pádua que a história registou como a figura axial no destronamento da Medicina galénica.

Constatámos que os seus comentários e interpretações, embora influenciados pela mentalidade filosófica e científica vigente na Europa de então, são notáveis. Ao longo das Centúrias constatamos que predominam as referências feitas a Galeno e Hipócrates, que são normalmente os pontos de partida para a apresentação dos casos clínicos, bem como para a natureza da terapêutica a aplicar. Segue-se Avicena, que Amato considera “varão doutíssimo” e que, na sua opinião deve colocar-se logo a seguir a Galeno. Apresenta com frequência alguns contemporâneos, como Monardes, André Vesálio, André Laguna, ou o anatomista Giambattista Canano. Ia acompanhando o trabalho de outros colegas da época (Rodrigues, 2005).

Conclusões

Ainda que na sua obra domine o espírito de inquérito e observação empíricos, o seu ângulo de abordagem, Amato Lusitano foi, necessariamente, afectado pelas contradições do seu tempo: por um lado, estava formado dentro do quadro de pensamento das autoridades antigas, como Galeno e Hipócrates ou a tradição escolástica; mas, por outro lado, atraía-o a “nova ciência”, com a sua atitude objectiva, criativa, criadora e livre, voltada para a natureza e para o homem – acrescentando que, com frequência, as suas próprias observações o levaram a desmentir os Clássicos.

Consideramos, por tudo o que acabámos de dizer, que Amato Lusitano e as suas obras foram referências da medicina de quinhentos.

Notas

i - O *Tratado de Tordesilhas*, assinado em Tordesilhas, em 7 de Junho de 1494, entre os Reis Católicos e D. João II, repartiu o domínio do Novo Mundo pelas coroas espanhola e portuguesa.

ii - O incremento da Imprensa renovou, ampliou e expandiu extraordinariamente os textos médicos em todo Mundo. Celebriaram-se algumas casas editoras do século XV e XVI, entre outras, a dos Giunti, a dos Albi, a de Conrado Sweynheym, a de Arnaldo Pannarts, a de Speyer e Jenson, de Veneza, a dos Plantin da Bélgica, as de João Mentelin de Estrasburgo, a Carton, inglesa, a Stephanus e Calinaeus, parisienses, a Oporinus de Basileira, a Elzevir de Leida. Entre as que funcionavam em Portugal destacamos a do alemão Valentim Fernandes, a do francês Germão Galhardo e dos portugueses António de Mariz e dos Barreiras.

iii - A Cabala é um sistema teosófico nascido em Espanha, na Idade Média, baseado na doutrina dos dez Sefirot, ou nomes de deus, e numa combinação das vinte e duas letras do alfabeto hebreu. O Zohar, escrito por volta de 1275, é um dos textos fundamentais desta escola de mística ocultista. Para mais informações consultar as obras:

Potocki, Jan, *The Manuscript Found In Saragossa*, England: Pinguin Classics, 1995, pp 100-168
Berenson – Perkins, J., *A Cabala Explicada*, Lisboa: Livros e Livros, 2002
Scholem, G. A., *Cabala E A Mística Judaica*, Lisboa: Tradição, 2000

Referências Bibliográficas

Amador, Filomena e Contencas, Paula, *História da Biologia e da Geologia*, Lisboa: Universidade Aberta, 2001.
Bacic, Jurica; Vilovic, Katarina e Baronica, Koraljka Bacic, The gynaecological-obstetrical practice of the renaissance physician Amatus Lusitanus (Dubrovnik, 1555-1557), *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology*, 104, 180-185, 2002.
Butterfield, H., *As origens da Ciência Moderna*, Lisboa: Edições 70, 1991.
Durant, Will, *The Renaissance – A History of Civilization in Italy from 1304-1576*, New York: Simon & Schuster, 1981.
Elton, G. R., *A Europa Durante a Reforma 1517-1559*, Lisboa: Editorial Presença, 1982.
Front, D. The expurgation of medical books in sixteenth-century, *Bulletin of the History of Medicine*, 75 (2) : 290-296, 2001.
Huizinga, Johan, *O declínio Da Idade Média*, Viseu: Tipografia Guerra, 1984.
Index Dioscorides, ioanne Roderico Casteli Albi Lusitano autore, Antuérpia, 1536.
Laszlo, Pierre, *O que é a Alquimia*, Lisboa: Terramar, 1997.
Lusitano, Amato, *Centúrias de Curas Medicinais*, Tradução de Firmino Crespo, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1980.
Puerto, F., *História De La Ciencia y De La Tecnica. El Renacimiento*, 11, Madrid: Ediciones Akal, S. A, 1991, pp. 7-54
Rodrigues, Isilda. *Amato Lusitano e as problemáticas sexuais – Algumas contribuições para uma nova perspectiva de análise das Centúrias de Curas Medicinais*. Tese de Doutoramento – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real. 2005.
Wear, Andrew, *The Western medical Tradition 800 BC to AD 1800*, Cambridge: University Press, 1985.

* Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência

A atitude Científica em Amato Lusitano

*Albano Mendes de Matos**

Com uma vivência recheada de acontecimentos notáveis, João Rodrigues, João Rodrigues de Castelo Branco ou Amato Lusitano (Castelo Branco, 1511 – Salónica, 1568), ilustre albicastrense, de ascendência judaica, cristão-novo baptizado em 1511, formado, aos 18 anos, em Medicina pela Universidade de Salamanca, após ter per-corrido o país a exercer a profissão, em virtude do édito da expulsão dos judeus, sai para diversos locais da Europa, como Antuérpia, Pisa, Pádua, Ferrara, Ancona, Veneza, Pesaro, Ragusa (Dubrovnik), Salónica, Istambul, etc., onde se dedica ao exercício da Medicina e, em permanência, à investigação, convivendo com médicos, farmacêuticos, herbanários e mercadores.

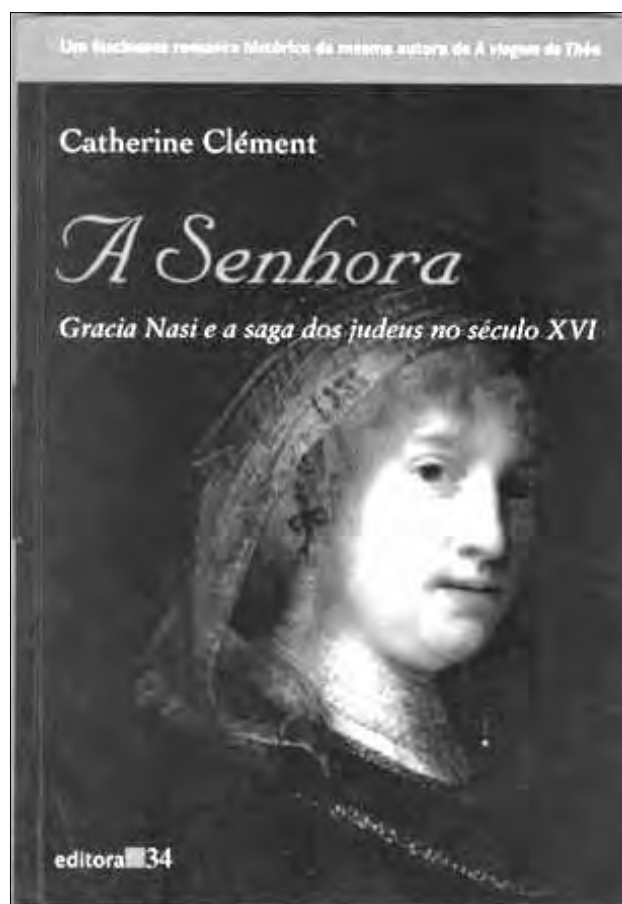
Para se libertarem das garras inquisitoriais e perante as expulsões determinadas pelos reis de Espanha (Édito de 31 de Março de 1492) e de Portugal (Édito de 5 de Dezembro de 1496), os judeus e seus descendentes procuraram lugares em que se sentissem em segurança.

Assim aconteceu com os judeus e alguns cristãos-novos que estavam em Portugal, bem como com Amato Lusitano, em boa hora, pode dizer-se, porque estudando e contactando com outros mestres, aumentou os seus conhecimentos filosóficos, linguísticos e medicinais.

Amato acompanhou diversas famílias perseguidas pela Inquisição, as quais agraciava com os seus préstimos, percorrendo diversos locais da Europa, especialmente depois da entronização do Papa Paulo IV, o Papa da Contra-Reforma, que aumentou a intensidade da perseguição aos judeus, em que Amato se refugiou no Império Otomano, primeiro em Ragusa e, depois, em Salónica.

Catherine Clément, autora de romances históricos, também descendente de pais judeus, na sua obra *A Senhora*, refere a personagem Amato Lusitano ou apenas Lusitano, como uma importante personalidade médica. Amato Lusitano acompanha, na fuga à Inquisição, a família de Beatriz de Luna, depois Beatriz Mendes, cuja família que se refugiara em Portugal, por força do édito de expulsão espanhola, e de Portugal para o leste da Europa, devido à expulsão editada por D. Manuel I. O sobrinho de Beatriz de Luna, Josef Nasci, amigo de diáspora, refere, em relação a Amato:

“... grande médico o querido Amato Lusitano, nosso médico, que por sua bon-dade e paciência, terá merecido o apodo de *Angélicus*.”



De extrema bondade e raro sentido de amor pelo próximo, com risco de cair nas malhas da Inquisição, que lhe seguia o rasto, tendo desaparecido, em Veneza, a senhora Beatriz de Luna, Amato, com os perigos que corria, “encheu-se de coragem e foi à procura da senhora desaparecida”, diz Josef Nasci, seu companheiro de fuga.

A Josef Nasci, Amato dedica a Quinta Centúria de Curas Medicinais, como prova da amizade que os ligava.

Em 1559, instalou-se em Salónica, para se libertar das teias da Inquisição, insti-tuição que lhe seguia os passos: “fugiu para o Grão Turco”, diz o *Códice* 1506, na documentação da Inquisição.

Amato Lusitano, personalidade do Renascimento, com um pé na Escolástica, do mundo medieval, passivo e simbólico, e outro na ciência nascente, de que é mentor importante, não descurou o melhor do saber em que fora instruído, mas antes aproveitou os mais importantes conhecimentos para os integrar na nova arte médica, porque a ciência, como cultura, é cumulativa, mas não eterna, iniciando novos procedimentos clínicos, sob clarividentes actos médicos imbuídos de natural Humanismo.

No exílio, em Antuérpia, ampliou os seus conhecimentos de história natural e, em convívio com médicos, farmacêuticos, herbanários e mercadores, como foi referido, exímio estudioso, adquiriu vastos conhecimentos. Devido à sua reputação, como médico, foi prelector na Universidade e médico da corte, em Ferrara. Nesta cidade, dedicou-se a estudos anatómicos e clínicos. Em Roma, trata os Papas Paulo III e Júlio III, cardeais, gerais, nobres, como tratou soldados, marinheiros e prostitutas. Em Veneza e Florença, foi médico de nobres e de grandes senhores.

Amato Lusitano projectou-se na história da medicina como informado pelos valores da Renascença, que, em parte, ainda perduram. Valores humanos que se projectam na sua obra médica imbuída por uma ciência nascente. Quando sentiu a necessidade de ajustar o sentimento social com a necessidade de ser homem livre, saiu da sua terra, Portugal, mercê de preconceitos religiosos e de vinganças ancestrais, e encontra o outro que o aceita. Nessa fuga ou diáspora, numa notável teia de relações sociais e laborais, aceitando evidências e juízos e confiando nas palavras dos outros, em medicina, observa, experimenta, estuda, com dignidade, humanismo e sentido de honra, que o projectam para a notabilidade, como preclara figura da História Portuguesa e mesmo mundial.

Amato Lusitano, como cientista, observando escrupulosamente as doenças, estabeleceu uma certa ordem, com princípios significativos, entre as doenças, os medicamentos e a terapêutica, de modo a criar um corpo organizado, que, sistematizado, foi para além da teoria dos humores, tentando definir os sintomas próprios de cada doença e o que a caracteriza, numa aproximação prática, dando significado ao diagnóstico estabelecido, conducente à aplicação da terapêutica, para atingir o resultado desejado: a cura. Pode dizer-se que representou, neste campo, o melhor do seu tempo.

Amato, perante os factos que surgiam, pensava atentamente antes de agir, passando ou unindo o facto empírico ao pensamento racional, numa constante acção humana de descoberta, que o distinguia das

atitudes medievais, criando uma nova ordem, que explicita nos seus escritos médicos. Pode afirmar-se que a contribuição de Amato para a ciência médica encontra-se na encruzilhada ou na viragem do pensamento medieval para o pensamento científico, que ao tempo nascia.

Se, de um modo geral, o propósito da ciência é descrever o Mundo, numa linguagem ordenada, o propósito de Amato Lusitano, sensível e humano, era estudar racionalmente as doenças, com os seus sintomas, e descobrir, tendo em conta os saberes existentes comprovados, os remédios ou as práticas para sarar as doenças, para bem do semelhante, do outro, no presente e para o futuro, numa aproximação ao conhecimento científico, segundo uma minuciosa e objectiva observação dos factos. Amato tentou compreender as relações entre as doenças, o agente que as provoca, o ambiente, os produtos e práticas que as eliminam, traçando a história de cada caso, porque cada doença é uma doença em si, segundo elementos lógicos e intuitivos, numa posição que pode considerar-se científica, seguindo o princípio da máxima segurança possível, apesar das incertezas da evolução das doenças.

Amato Lusitano não se limitou apenas à acção médica geral, dominou, também a cirurgia, praticando trepanações, toractomias, drenagens de hidrocelos, consoante os pacientes que lhe surgiam, mesmo respeitando algumas práticas antigas, com as quais não concordava. Os seus conselhos sobre os locais, no corpo, para praticar sangrias ficaram célebres. Inventou uma prótese para as fendas palatinas, com bons resultados. Famosa foi a sua descoberta e as descrições sobre as válvulas das veias venosas, bem como, a sua douta opinião, ou descoberta, sobre o sentido único da circulação do sangue, porque as válvulas impossibilitam a inversão.

Pode dizer-se que foi o primeiro a estudar cientificamente as plantas interessantes para a farmacopeia, fitoterapia, e botânica médica, como demonstrou nas curas descritas nas Centúrias, como foi exímio no tratamento de doenças com produtos de origem animal, verificando-se, nas três primeiras Centúrias, que, em 300 curas, 233 foram utilizados produtos ou remédios de origem animal.

Foi pioneiro na abordagem médica sobre a sexologia, descrevendo os órgãos genitais femininos e masculinos, suas doenças, bem como no estudo da reprodução, da gravidez, do aborto e do parto.

Em certos aspectos, especialmente na evolução da doença para a sua cura, Amato acredita na numerologia, teoria medieval não científica da Idade Média, ou seja, no poder dos números como entidades abs-

tractas, em que a doença tem um espaço de tempo de terapêutica. Em relação aos dias, Amato aceita o dia 7 (sétimo dia), número da realização completa, que representa a totalidade do Universo em movimento, como dia influente, harmónico e crítico, porque, compreendendo o corpo 4 elementos e a alma 3, a soma é 7. Depois do 7º dia, o mais influente nas curas é o dia 14. Considera Amato, por observação pessoal de certas curas, também, o 6º dia como dia crítico.

Por exemplo, em relação a doenças leves (dores, inflamações): sangria ao 3º dia, ao 7º suores e arrepios que conduzem à cura.

No sentido moderno da palavra, Amato Lusitano pode ser considerado um dos primeiros cientistas do Renascimento. Liberto de alguns preconceitos, curioso, paciente, objectivo e imparcial, anotava minuciosamente, nos seus papéis, tudo o que observava, de modo sagaz e inteligente, no sentido de praticar uma acção médica o mais adequada possível às doenças, sem tomar em consideração as opiniões não comprovadas dos sábios antigos ou contemporâneos, tentando uma acumulação de saberes, que considerava verdadeiros, num caminhar para o futuro, numa acção humana, em processo de aprendizagem constante, necessário ao pulsar da vida de um verdadeiro mestre, que interiorizava reais valores humanos.

O trabalho consciente e a verdade profissional, esta não como dogma, mas como processo cultural, eram os estímulos da sua vida, com tolerância, baseada no respeito, independência de observação e de pensamento, que o condicionaram ao reconhecimento da dignidade pública.

Com uma intensa actividade profissional e científica, como exemplificam as suas obras, com especial relevo para os sete volumes das «Centúrias», escritas durante 20 anos, modelos de humanismo renascentista, documentos que encerram magistral saber, como registos de actividades médicas variadas, envolvendo a história clínica, a sintomatologia, o diagnóstico, os remédios e as terapêuticas.

Para além dos actos médicos, as Centúrias são um repositório de observações que permitem conhecer o mundo do século XVI, como, ritmos humanos do quotidiano, hábitos alimentares, querelas e tensões políticas, etc. Nesta avultada obra, são por-menorizadas as histórias clínicas de setecentas doenças, por vezes, com interpretações baseadas em interpretação própria e na medicina de Hipócrates e de Galeno, com estudos sobre a evolução em relação às terapêuticas utilizadas, sempre com uma observação directa e independente, sob uma rigorosa preocupação com a verdade, sistematizando cada caso com descrição precisa da

doença, o nome, o sexo e a idade do paciente, a evolução do estado do doente em relação ao tratamento prescrito.

Como médico prudente e estudioso, pondera cuidadosamente a prescrição, consoante a natureza do doente, o local, a idade e o tempo, e a variação dos remédios, em presença da evolução da doença, numa atitude puramente científica. Superando o senso comum, a magia, o milagre e os espíritos malignos, sem esquecer o melhor do saber Escolástico, Amato avalia, compara ou experimenta, para verificar se as verdades correspondem às realidades, com objectividade, de modo a que a aplicação dos medi-camentos tenham os efeitos desejados – a cura dos doentes.

Numa Primavera, refere Catherine Clément, em *A Senhora*, que a cidade de Ferrara foi invadida pela peste, com “antrazes, vômitos de sangue e borbulhas puru-lentas”. Um padre disse que viu um cometa, sinal de peste, peste sempre vista como obra dos judeus. Os cristãos deixaram de comer aves de capoeira, leitões e animais ribeirinhos. Aos doentes de peste, foi recomendado que bebessem a própria urina, misturada com sal. Talismãs e amuletos passavam dos mortos para os vivos. Os padres católicos, vendo as doenças como obra demoníaca, faziam procissões sacramentais e anunciavam o fim do mundo, corrompido pela Reforma de Lutero. Mas nada impedia que houvesse mortos.



Amato Lusitano, médico experiente, dizia que tudo isso era fantasia, porque a causa da doença estava nas águas apodrecidas. De nada serviam sacramentos, pro-cissões, talismãs ou amuletos, bastava não beber a água estagnada dos poços.

Um padre, brandindo um crucifixo, clamava que foram os judeus que envenenaram a água.

Perante tal facto, a família de Beatriz de Luna, os Nasci e o “bom médico judeu”, Amato, abandonaram Ferrara.

Amato afasta-se dos autores que consideravam, no campo da magia natural, forças demoníacas como agentes patológicos; corpos agiam sobre corpos por efeitos invisíveis, e, numa atitude científica afasta-se dessas crenças. Por exemplo:

Na *Cura XXXIV da Primeira Centúria, da mulher em transtornos de melancolia*, que Amato tratava, alguns assistentes disseram que a mulher estava atormentada por espírito mau e que chamassem frades para o expulsar, Amato desistiu da cura, porque não aceitava tal congeminção, puramente medieval.

Outra evidência da atitude científica em Amato Lusitano está registada na *Cura XXXIX* da mesma *Centúria*, em que uma mulher adoece depois de ingerir cogumelos, ficando sem juízo. Enquanto os vizinhos discutem qual dos cogumelos continha o espírito maligno, que provocara o mal, Amato receita, de imediato, um purgante para que o produto tóxico, contido nos cogumelos, fosse expulso do estômago da mulher.

Amato Lusitano morre em Salónica, vítima de uma epidemia de peste, como foi referido. Como cientista insigne, Amato afirmou o seu nome na Europa, conviveu com figuras ilustres, sendo algumas vezes motivo de inveja e perfídia. Participou activamente no novo conhecimento europeu que começou em fins do século XV, que levou ao Movimento Renascentista. Homem de ciência, com novas concepções de humanidade e do Mundo, deixou um legado de conhecimentos de um ser curioso, ávido pelo saber e de aperfeiçoamento, sempre em prol do bem-estar do seu semelhante. Max Solomon diz que Amato foi “o Homem que representou a Medicina do século XVI, como erudito, anatomista e clínico”.

Concluindo, enumeram-se alguns pontos importantes da obra de Amato:

- Fixando-se em locais privilegiados, Amato, com atitudes inovadoras, aperfeiçoa os seus conhecimentos filosóficos e científicos, em prol do progresso do conhecimento relativo ao homem, sempre respeitando o culto da verdade, para além das ideias místicas e mágicas, concorrendo para o avanço científico dos conhecimentos da medicina.

- Foi um crítico dos erros que observava, utilizando novas metodologias conducentes à revolução científica que começava na direcção da ciência médica moderna.

- De cada caso médico que lhe surgia, fazia assunto para investigações e experiências.

- Recorre à sangria, em lugares do corpo apropriados, e à cirurgia.

- Pretende determinar as causas das doenças utilizando disseções e observações anatómicas nos tecidos onde se verifica a doença.

- Descobre válvulas nas veias e que o sangue circulava num único sentido.

- Utilizou nas aplicações médicas os saberes da anatomia, contribuindo para o seu progresso.

- Utiliza métodos de análise como nos aspectos da urina e cor do sangue.

- Usa uma série de mezinhas e remédios a partir de plantas o que prova o conhecimento da fitoterapia, com formulários próprios, alargando o estudo, caracterização e classificação das espécies botânicas medicinais, como o primeiro a estudar a botânica peninsular.

Enfim! Amato Lusitano foi um grande português e um notável homem de ciência!

Bibliografia

A Senhora, Catherine Clément, Público, Lisboa, 2006.
CARVALHO, António Maria Romeiro de, O Número e a superstição nas Centúrias de Amato Lusitano, Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XXI, Castelo Branco, 2010.
Introdução à Atitude Científica, J. Bronowski, Livros Horizonte, Lisboa, s/data.
João Rodrigues da Castelo Branco, Amato Lusitano, Judeu Português, médico e Escritor - Vidas Lusófonas - Amato Lusitano.
RODRIGUES, Isilda Teixeira, Amato Lusitano e os problemas sexuais – Algumas contribuições para uma perspectiva de análise das Centúrias de Curas Medicinas, Revista Lusófona de Ciências das Religiões – Ano VI, Lisboa, 2007.

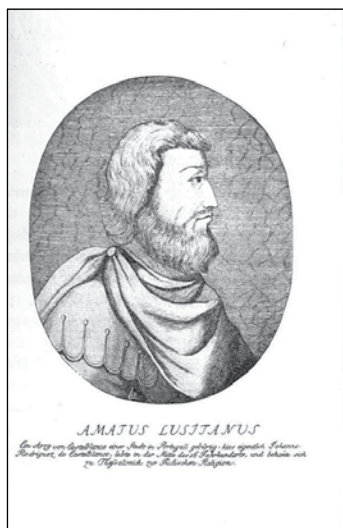
* Investigador de temas antropológicos

Amato Lusitano e alguns dos seus contemporâneos

Lurdes Cardoso

João Rodrigues de Castelo Branco, mais conhecido por Amato Lusitano, médico renascentista e grande humanista, nasceu em 1511, na cidade portuguesa de Castelo Branco; e morreu em 1568, vítima de peste, quando contra ela combatia, na cidade macedónica otomana de Tessalonica (hoje Salonica), então sob o domínio do sultão de Constantinopla, Salomão - o Magnífico (1520-1566), como consta do Epitáfio (citado por J. Alves Dias, 2011) do seu primo, o poeta Diogo Pires (1517-1599):

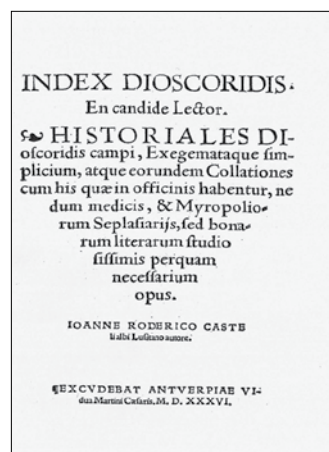
“Aquele que tantas vezes retinha a vida fugitiva num corpo doente ou voltava a chamá-la das águas do Letes, Querido, por isso, igualmente dos povos e dos grandes reis, aqui jaz; esta foi a terra que Amato pisou, ao morrer. Portugal o berço, na terra dos Macedónios o sepulcro. Como se encontra longe do solo pátrio a sepultura! Mas quando o dia supremo e a hora fatal se aproximam, em toda a parte há um caminho em declive para a Estige e para os Manes.”



João Rodrigues concluiu o Curso de Medicina, na Universidade de Salamanca, em 1533. Viveu e exerceu a sua profissão em Portugal (1553/4) mas, por razões de intolerância à sua religião judaica, foi obrigado a abandonar o país e a viver, de 1534 a 1541, em Antuérpia.

Nesta próspera cidade da Europa, onde todos os dias chegavam judeus, publicou o seu primeiro traba-

lho, *Índex Dioscoridis*, em 1536; este livro, um índice da obra de Dioscórides, correu o mundo erudito europeu da época e abriu-lhe as portas em vários países nos quais desenvolveu uma importante carreira nos domínios da investigação e da medicina; no referido livro, podemos ver o seu nome *Joanne Roderico Castell Albi Lusitano Auctore*, seguido dos da terra natal e do país de origem, evidenciando os laços afectivos ao lugar da infância.



Foi professor, em 1541, a convite do duque d'Este, Hércules II, para ensinar no *Studium Generale* de Ferrara, uma das mais prestigiadas universidades de Itália.

Em 1546, começou a escrever a primeira das *Sete Centúrias das Curas Mediciniais* (*Curationum Medicinalium Centuriae Septem*), obra de elevado valor científico; nesta, o nome de *Amatus Lusitanus* passou a ser usado como expressão de amor ao seu país de origem, a Lusitânia.

Entre 1547 e 1555, viveu em Ancona onde terminou a primeira Centúria dedicada a Cosme de Médicis, príncipe da Toscana e recolheu elementos para os comentários à obra de Dioscórides (que, desde o século I, tinha constituído o guia da Medicina) reunidos no seu trabalho *In Dioscoridis Anazarbei de Medica Materia libros quinque Enarrationes eruditissimae* publicado, em 1553, na cidade de Veneza; neste, as anotações de Amato Lusitano contribuíram para um melhor conhecimento das virtudes terapêuticas das plantas aí referidas e, por outro lado, revelou estar muito aten-

to quer aos métodos de curar quer aos medicamentos que chegavam à Europa provenientes do Ocidente e do Oriente, por mar e por terra.



Numa breve análise da obra *Centúrias*, não se pode deixar de referir que Amato Lusitano ficou famoso pela sua descrição das válvulas da veia ázigos em desacordo com as ideias de A. Vesálio (1514-1564), o anatómico germânico que ele designa por *insignis anatomicus*, na Centúria I, por exemplo.

Com efeito, Amato Lusitano, nos seus *Comentários* à Cura LIX, escreve:

“Vesálio de Bruxelas, ilustre anatomista e médico do imperador CARLOS V (...), pelo que é bom saber-se que o seu raciocínio peca totalmente, visto que a veia sem par não mais reenvia à veia cava o sangue que dela recebe. (...) Estamos certificados pelas disseções de corpos (ex corporum dissectionibus certi sumus). (...) Com efeito, no ano de 1547, em Ferrara, fizemos dissecar doze corpos humanos e de animais e vimos que em todos assim sucedera, estando presente grande assembleia de doutores quando também aí observava João Baptista Canano, admirável anatomista.”

Contudo Amato Lusitano desculpa-o, como pode ver-se nos *Comentários* à Cura LII:

“Vesálio calou nas suas primeiras tábuas a veia, por nós citada, que irrompe dum e outro lado entre a axilar e a cefálica talvez porque ainda não tivera conhecimento dela quando publicou a discussão sobre a pleurite mas descreveu-a depois naquele seu admirável e laboriosíssimo livro em que, de certo modo, se retratou de tal opinião.”

Castiglioni, na *Storia della Medicina* (Milão, 1936), refere que “Amato Lusitano, judeu português, descobriu, em 1547, as válvulas na veia ázigos, cuja existên-

cia foi negada por Vesálio e Falópio”.

G. Falópio (1523-1563), discípulo de Vesálio e seu sucessor na cátedra de anatomia na universidade de Pádua, cujo nome ficou ligado ao canal do nervo facial - *aqueducto de Falópio* - e ao do oviducto - *trompa de Falópio* - considerava Amato Lusitano bastante erudito mas mostrou-se céptico quanto à existência das válvulas venosas.

Também B. Eustáquio (1510-1574) que ensinou anatomia em Roma, tendo ficado ligado ao conhecimento do ouvido (incluindo o canal que agora tem o seu nome *Trompa de Eustáquio*), tratou o Papa Paulo III, em colaboração com Amato Lusitano, rejeita a atribuição de válvulas à veia ázigos no *Opuscula anatomica* (1564).

Todavia Amato Lusitano nos *Comentários* à Cura I, referindo-se às más traduções das obras de Avicena escreve:

“Se devêssemos entregar esse trabalho a alguém, na Itália, poderia sê-lo, agora e muito bem, a BARTOLOMEU EUSTÁQUIO, muito culto, conhecedor de várias línguas e médico habilíssimo do mui ilustre Duque de Urbino.”

Outros historiadores contestam o extraordinário mérito do descobrimento das válvulas da veia ázigos a Amato Lusitano, como ficou registado na Centúria I, em 1547, para o atribuir a João Baptista Canano (1515-1579), anatómico italiano que foi assistente de Amato Lusitano, em Ferrara, ao qual atribuiu os maiores elogios, tais como *amicorum omnium optimus* (Cura XXIX) “e homem de grandes esperanças que, na disseção de corpos humanos, é considerado outro Vesálio” (Cura XXI).

Tal mérito é, porém, atribuído a Fabrício de Acquapendente (1537-1619), vinte e sete anos depois, em 1574.

Na época quinhentista, admitia-se um movimento contínuo, circular e uniforme do coração; só em 1628, já em pleno século XVII, W. Harvey (1578-1657), discípulo de anatomia de Fabrício de Acquapendente, na Universidade de Pádua, revolucionou a fisiologia da circulação sanguínea ao compreender a disposição das válvulas venosas que permitem a passagem do sangue em direcção ao coração e não em sentido contrário.

Para Laboulbène, em 1886, num estudo sobre anatomistas renascentistas, *La Renaissance Anatomique*, entre alguns dos sábios estrangeiros atraídos pelo progresso científico de Itália estão Vesálio, Amato Lusitano e Harvey.

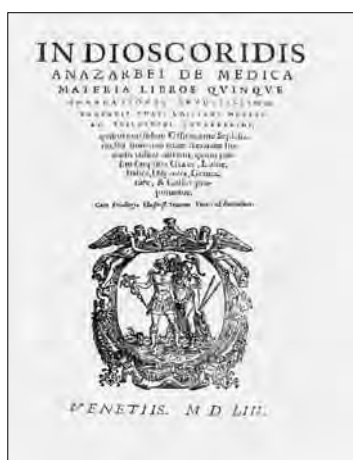
Por sua vez, Amato Lusitano está entre os comentadores de *Dioscórides* (século I/40-90), médico grego, nascido em Anazarbus (hoje Turquia), que esteve ao

serviço de Roma e dos exércitos de Tibério e de Nero, tendo, assim, oportunidade de estudar um grande número de espécies características das regiões por onde então se deslocou.

Em particular, da sua obra *De Materia Medica*, impressa pela primeira vez em Cole (1478), seguida da versão grega (Veneza, 1499), já libertada das influências da magia e da superstição, na qual reúne todo o saber fitoterapêutico da época, tendo as suas ideias dominado até à época do Renascimento. Nela são descritas cerca de 600 plantas (de acordo com as suas propriedades) e, por outro lado, reconhecidos grupos naturais (como o das Labiadas e o das Umbelíferas) bem como cerca de 90 minerais e de 30 produtos de origem animal; de cada uma das espécies estudadas, apresenta um desenho e indica as respectivas virtudes terapêuticas observadas e testadas clinicamente através da sua acção no corpo humano.

Já fizemos referência aos Comentários à obra de Dioscórides, feitos por Amato Lusitano *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque Enarrationes eruditissimae*.

Outro comentador à obra de Dioscórides, P. Mattioli (1500-1577), natural de Siena, que escreveu *Discursos sobre os livros de Materia Medica* (Brescia, 1544), mereceu elogios de Amato Lusitano que também lhe assinalou alguns erros científicos o que levou Mattioli a publicar o opúsculo *Apologia adversus Amathum Lusitanum, cum censura in ejusdem enarrationes* (Veneza, 1558), escrevendo *Amathum* com *h* para significar *sem ciência* e denunciando-o como hebreu o que não foi inofensivo nem insignificante naqueles tempos de perigo inquisitorial representado pela subida ao trono pontifício de Paulo IV (1555-1559), o Papa da Contra-reforma.



Outro comentador de Dioscórides, A. Laguna (1499-1563), condiscípulo de Amato Lusitano na Universidade espanhola de Salamanca e referido por ele como

doctissimus condiscipulos noster (Centúria I, Cura III) que, em colaboração com Amato Lusitano tratou o Papa Paulo III, publicou *Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la materia medicinal y de los venenos mortífero*, a sua obra mais importante.

De facto Amato Lusitano critica alguns dos seus contemporâneos quando julga que o deve fazer mas a dignidade do seu carácter e a verticalidade das suas atitudes fazem parte do seu quotidiano e, tal como consta do seu *Juramento*, revela-se possuidor de uma elevada formação ética:

“Juro perante Deus imortal e pelos seus dez santíssimos mandamentos, dados no Monte Sinai ao Povo Hebreu, por intermédio de Moisés, após o cativeiro no Egípto que, nestas minhas curas, tive sempre e fundamentalmente a preocupação de que a pura verdade das cousas chegasse ao conhecimento dos vindouros.

Nada inventei, nada acrescentei ou alterei por motivos ornamentais mas procurei ser útil de facto aos mortais. Não louvei nem censurei ninguém ou fui indulgente com quem quer que fosse, por motivo de amizades particulares.

Sempre em tudo exigi a verdade e se errei, que caia sobre mim a ira de Senhor e de Rafael seu Ministro e nada me seja proveitoso na profissão médica.

Igualmente, não fui cobiçoso dos honorários, que se costumam dar aos médicos; também fui sempre parcimonioso no pedir, tendo tratado muita gente com mediana recompensa e muita outra gratuitamente; muitas vezes rejeitei, firmemente, grandes salários, tendo sempre mais em vista que os doentes, por intervenção do meu trabalho e dedicação, recuperassem a saúde perdida do que tornar-me mais rico pela sua liberalidade e dinheiro. Para tratar os doentes, jamais cuidei de saber se eram hebreus, cristãos ou sequazes da lei maometana.

Não corri atrás de honras e prestígio e, com igual cuidado, tratei dos pobres e dos nascidos em nobreza.

Nunca prolonguei a doença e disse sempre nos diagnósticos aquilo que sentia.

A nenhum farmacêutico favoreci mais do que era justo, a não ser quando nalgum reconhecia, porventura, mais perícia no saber do ofício e maior bondade de ânimo porque então o preferia aos demais.

Ao receitar sempre atendi às possibilidades pecuniárias do doente, usando de relativa moderação nos medicamentos prescritos.

A ninguém revelei segredos que me tenham sido confiados.

Nunca receitei poções mortíferas.

Com a minha cooperação, nenhuma mulher praticou aborto.

“Amato Lusitano, homo europeus: Expoente Cimeiro da Cultura Europeia Judaico-Cristã no século XVI

*Aires Gameiro**

Cultura judeo-cristã europeia:

Racionalidade e transcendência

A partir de um conceito de identidade da cultura judeo-cristã europeia, podem ser identificados alguns aspectos, raízes e camadas dessa cultura mais em evidência na vida e obra de Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco, 1511-1568).

A cultura europeia foi-se plasmando em sucessivas camadas e adquirindo organização e hierarquia de valores com identidade inconfundível. Umas mais ténues e antigas como as camadas culturais celtas, orientais, norte-africanas; outras de racionalidade mais vigorosa como a judaica e a grega, hierarquizadas e aglutinadas pelas crenças cristãs e valores do Antigo e do Novo Testamento, em calda cultural do mundo latino-romano. Como disse Bento XVI aos deputados do Bundestag em Berlim no dia 22 de Setembro de 2011: A cultura e identidade da Europa «nasceu do encontro entre Jerusalém, Atenas e Roma, do encontro entre a fé no Deus de Israel, a razão filosófica dos Gregos e o pensamento jurídico e organizativo de Roma».

Na Idade Média a cultura da Europa assimilou alguns contributos da filosofia grega, “arabizados” por alguns escritores de tradição árabe. Nos séculos XV e XVI a cultura europeia foi enriquecida pelo espírito das descobertas; integrou enxertos e contributos e numerosos conteúdos explorados e aportados de fora da Europa que Amato soube integrar na sua phar-macopeia. Foi este o caldo de cultura europeia em que Amato Lusitano se moveu, se apropriou e enriqueceu com o seu humanismo éticos

Enriquecimentos da modernidade e desvios

Posteriormente toda cultura europeia veio a integrar o processo enriquecedor dos contributos da racionalidade científica deu-se um enriquecimento infindo da cultura europeia; e pelos aspectos corrosivos dos racionalismos ideológicos positivistas de conflito hostile iniciou-se a tentativa ateia de uma Europa em conflito religioso cultural em processo contínuo, votado ao fracasso. O ideológico a-racional tarda em dar

lugar decisivo à racionalidade científica e à hierarquização de valores que reduza essa cultura de conflito hostile. Alguns aspectos da cultura na Europa nos últimos duzentos anos podem ser vistos como traição aos valores éticos de Amato Lusitano.

Três desvios pós- Amato Lusitano na cultura europeia

- Racionalismo positivista: os valores e crenças transcendentais são rejeitadas como irracionais, ou subordinados ao processo experimental, empurrados para a esfera privada e hostilizados em conflito permanente;
- O “nacional-socialismo” (nazismo) que rejeita a cultura judaico-cristã (nazismo) com regresso à “barbarie germânica” (R. Baumgartner cit. Por J. Ratzinger, 1979, 2011);
- Ideologia marxista em que há um regresso a uma “fé/esperança” messiânica pré-judaico-cristã, a um messias sem Deus, o proletariado. Deposita esperança ideológica baseada na razão positivista e “cientismo ateu” e na supressão total da cultura cristã.
- Alguns aspectos da cultura na Europa nos últimos duzentos anos, desde 1789, podem ser vistos como traição aos valores ético-humanistas de Amato Lusitano.
- Em Resumo (cf Frederick Wilhelm Bracht 1979 cit. J. Ratzinger, 1979 e 2011):
- Na cultura que Amato Lusitano viveu e defendeu: o Summum Bonum é Deus
- Na cultura tentada em 1789: o Summum Bonum é a nação;
- Na cultura tentada nas revoluções de 1848 (em especial a marxista): o Summum Bonum é o proletariado e a revolução mundial.

Amato Lusitano homo europeus

Os traços fundamentais da cultura judeo-cristã europeia na sua fase do período áureo das descobertas estão presentes na vida e obra de Amato Lusitano. O sua cultura abrangia as dimensões da geografia, lín-

guas, filosofia, botânica, medicina, religiões, conflitos ideológicos, valores éticos e morais. Amato Lusitano moveu-se e promoveu a cultura europeia como verdadeiro Homo europeus e grande humanista.

1 Pelas áreas geográficas europeias percorridas

Moveu-se em variadíssimos espaços geográficos desde que nasceu em Castelo Branco em 1511, viveu, estudou e trabalhou. Percorreu os espaços geográficos europeus mais significativos do século XVI: Portugal, Espanha, Países Baixos, Itália, Balcãs, Grécia/Turquia. Neste peregrinar Amato vivenciou quase todas as subculturas da grande Europa do seu tempo desde a lusitana, espanhola, flamenga, latina-italiana, balcânica, grega até às portas da turca e árabe. Em Portugal Amato percorreu algumas cidades de Évora, Estremoz, Santarém, Guarda tendo exercido clínica algum tempo em Lisboa.

1511 – Nasce em Castelo Branco João Rodrigues.
1533 – João Rodrigues de Castelo Branco, conclui o Curso de Medicina, na Universidade de Salamanca.
1533/1534 – Vive e exerce em Lisboa Parte para Antuérpia.
1534/1541 – Vive em Antuérpia
1536 – Publica o seu primeiro livro o «Index Dioscoridis».
1541/1547 – É professor na Universidade de Ferrara. Encontra João Baptista Canano.
1541 – Inicia a escrita da 1.^a Centúria.
1547/1555 – Passa a viver em Ancona, território dos Estados do Papa
1555/1556 – Muda-se para Pesaro, mas durante pouco tempo.
1556/1558 – Vive em Ragusa, hoje Dubrovnik
1556 – Escreve a 6.^a Centúria (Ragusina).
1558/1568 – Vive em Tessalónica, hoje Salónica
1561 – Escreve a 7.^a e última Centúria.
1568 – Morre em Tessalónica, de peste.

Haveria ainda que referir as áreas geográfica que não percorreu mas de que fala por contactos e informações indirectas, principalmente das terras das descobertas

2 Pelas línguas europeias faladas e escritas

Amato Lusitano viveu sucessivamente em Castelo Branco, Salamanca, Lisboa, Antuérpia, Ferrara, Ancona, Pesaro, Ragusa (Devrovnik) Tessalónica (Salónica).

Em relação à cultura latina bastará recordar que

toda a sua obra foi escrita em latim, mas foram os médicos e autores gregos e latinos que lhe servem de referência nos conhecimentos e nos termos, e ainda os árabes intermediários desses conhecimentos, como Avicena. As raízes da cultura grega, hebraica, árabe e egípcia da medicina experimental eram dimensão integrante quer da cultura europeia quer da que ele cultivou e divulgou. No *Index Dioscóridis* (1536) e nas *Centúrias de curas medicinais* mostra dominar a língua grega, latina, hebraica, árabe, além do português, espanhol, francês, italiano e alemão (e flamengo?).

3 Pelos conhecimentos exímios de arte médica em vigor na Europa

Mas não se limitava às línguas; movia-se nos respectivos conhecimentos e de forma excelente nos conhecimentos e técnicas de medicina vigentes em cada um desses espaços geográficos. Exímio na medicina, farmacopeia ...

O campo mais significativo dos seus conhecimentos e valores situa-se na medicina e técnicas medicinais de toda a Europa do seu tempo, em especial as gregas, latinas, árabes e egípcias.

4 Pela variedade e nível dos seus relacionamentos culturais europeus

Os personagens das suas relações são oriundos de todos espaços europeus em que se moveu: académicos, médicos, políticos, homens de Igreja, das sinagogas, do mundo muçulmano... Desde uma das mais prestigiadas universidades da Igreja, Salamanca...à de Ferrara... Amato Lusitano manteve contactos muito significativos e notáveis no ensino e prática médica a todos os níveis culturais, de ricos e pobres, nobres e poderes políticos da Europa de Quinhentos. Moveu-se igualmente no caldo da diáspora judaica europeia e em interações continuas com o mundo cristão católico e protestante emergente. Sofreu o impacto da Inquisição Portuguesa, Espanhola...

Ao nível profissional dos tratados relacionou-se com a nata de médicos famosos do passado como Galeno, Hipócrates, Dioscorides, Avicena, Averrois. E com muitos outros seus contemporâneos. A sua preocupação era buscar personalidades da sua confiança, do mundo judaico, católico, de príncipes e papas; e por fim de poderes muçulmanos, na pessoa do Sultão de Constantinopla.

São numerosos os contactos e relacionamentos de primeiro plano com personagens dos espaços europeus em que se moveu: académicos, médicos, políticos, homens de Igreja, das sinagogas, do mundo muçulmano. Alguns exemplos:

- Amigos judeus Beatriz Luna e Josef Nasin, que terá conhecido em Antuérpia Cosme de Médicis a quem dedica a primeira Centúria;
- D. Jacoba dei Monti, irmã do Papa Júlio III que tratou em Ancona e de que descreve o tratamento na Cura I da II Centúria;
- D. Afonso de Lencastre comendador-mor de Portugal a quem dedica a III Centúria em que diz que o tratou
- O Papa Júlio III; Duque de Ferrara, Afonso de Este; João Canano
- Ambrósio Nicandro e António Barberini cuja carta do primeiro ao segundo serve de dedicatória introdutória à IV centúria;
- D. José de Nassin, hebreu nascido em Portugal, banqueiro; a quem dedica a V Centúria e descreve como foi roubado em Ancona pelo comissários do Papa Paulo IV e como conseguiu re-haver esta centúria já quase acabada. A VI e VII centúrias são também dedicadas a ilustres personagens hebreus de Ragusa e Salónica.

5 Pelos conflitos religiosos e perseguições que suportou

Durante as suas deslocações pela Diáspora judaica viveu experiências, experimentou encruzilhadas e conflitos de religião e das culturas das mais variadas. As duas expulsões dos judeus: a dos Reis Católicos em 1492 e a de D. Manuel I em 1497² foram pano de fundo adverso, e terão preparado o terreno em que, passados cerca de 40 anos, iria ter ocasião de ser acolhido na Europa para saciar a sua curiosidade científica e aproveitar experiências para a sua prática médica. Viveu com efeito e sofreu os condicionalismos das armadilhas traiçoeiras e politicamente promíscuas da Inquisição. E por ser profundamente religioso e crente da fé judaica monoteísta, grande parte da sua vida foi um fugir contínuo às perseguições religiosas logo a seguir ao seu curso de medicina; refugiou-se junto de espaços do mundo protestante e judaico, católico e turco: Antuérpia, Ferrara (Itália) onde foi Professor de Anatomia e escreveu a primeira *Centúria* que dedicou a Cosme de Médici, Roma onde foi médico de Júlio III. Dali “fugiu” para Ancona, Pesaro. A mudança do Papa e a perseguição dos judeus levou a refugiar-se em Ragusa (Duvrovnik), na Dalmácia; e logo em Tessalónica sob a protecção do Sultão, onde veio a falecer em 1568 e a escrever o testamento do seu juramento ético. Na sua vida antecipou as perseguições aos judeus nos séculos futuros nomeadamente as mais trágicas do século XX.

6 Pela sua fé judaica e respeito das outras crenças

Podemos dizer que Amato Lusitano foi um crente de fé judaica que passou por uma inserção de conveniência na religião cristã católica. No seu juramento ético afirma a sua fé em Deus, na sua revelação; declara a própria integridade religiosa e moral. Inicia o seu juramento com um acto de fé hebraica como que a dar o mote da motivação espiritual e religiosa da sua clínica:

“Juro perante Deus imortal e pelos seus dez santíssimos sacramentos [mandamentos], dados no Monte Sinai ao Povo Hebreu, por intermédio de Moisés, após o cativo no Egito...”.

A segunda parte da frase não está no texto latino da edição facsimile do juramento que diz (grafia actual) em tom de praga contra si mesmo:

“Juro Deu immortale, me nihil prius aut antiquius in ijs meis curationibus duxisse, qua ut illibata rerum fides posteris traderet; nihil finxisse nihil addidisse, aut commutasse ornamenti gratia [...] Si fallo, Deum & Raphaelm eius ministrum semper iratum habeam, nec quicquam in arte medica mihi ad votum succedat...”

Ou seja, “Juro por Deus imortal que nem antes nem depois nas minhas curas fiz alguma coisa que não fosse para transmitir a fé ilibada das coisas aos vindouros, nem fingi ou acrescentei ou mudei por gosto pessoal... Se não é verdade, que Deus e Rafael seu ministro se irem contra mim, e ninguém confie na minha arte médica”.

Esta última parte é como que uma praga contra si mesmo: “se minto que atraia sempre a ira de Deus e de Rafael o seu ministro e que nada na arte médica me corra segundo o meu desejo”.

De facto Amato Lusitano abraça os valores mais característicos da cultura europeia do seu tempo; abrange um leque e uma hierarquia dos valores de crença pessoal em Deus, de respeito e defesa da liberdade religiosa e dos valores morais e éticos mais significativos do século XVI.

7 Pelos princípios de bioética que viveu e defendeu

De entre muitos dos seus valores ético-morais, sempre actuais, sobressaem os valores religiosos de respeito pelas crenças dos seus clientes, como deixou no seu Juramento:

“Sempre tratei os meus doentes com igual cuidado, quer fossem pobres ou nascidos em nobreza, sem procurar saber se eram hebreus, cristãos ou sequazes da lei maometana”.

Os valores morais e éticos que ajudou a estruturar, a que aderiu com coerência e integridade pessoal fazem dele um modelo de ética pessoal e social para o nosso tempo. É certo que ainda não se utilizava o termo mas é um modelo da substância da bioética mais genuína.

O seu juramento médico, redigido em latim em Tessalónica no ano 5319 da era do mundo e 1559 da nossa, marcam até hoje um dos núcleos mais significativo da cultura judeo-cristã europeia e da ética médica.

Ao repassar alguns dos princípios éticos e morais da sua prática clínica inclinamo-nos a reconhecer a sua personalidade de “Justo”, no melhor sentido hebraico da Bíblia, e no sentido cristão, um “Santo”. Vejamos alguns pontos dos seus valores existenciais.

Declara que não usa a sua profissão para explorar os clientes nem os discrimina; trata doentes ricos e pobres sem olhar à religião e cultura: “Sempre tratei os meus doentes com igual cuidado, quer fossem pobres ou nascidos em nobreza”. E ao receitar teve em conta as possibilidades dos doentes.

Como homem de *consciência íntegra*: não se deixou corromper pelo dinheiro; não abusou de favores aos farmacêuticos. E especifica: “Nunca divulguei o segredo a mim confiado”.

Um exemplo da cultura europeia do seu tempo, e válida ainda hoje a nível ético, é afirmado em três práticas que contrariam três das maiores feridas éticas da Europa actual: a eutanásia, a onda abortiva e a exploração da dignidade das mulheres, crianças ou adultas:

“Nunca a ninguém propinei poção venenosa”;

“Com a minha intervenção nunca foi provocado o aborto”;

“Nas minhas consultas e visitas médicas femininas nunca pratiquei a menor torpeza”.

A dimensão cultural ético-religiosa presente no seu juramento ético continua válida e talvez a que tem sido mais desrespeitada nos últimos dois séculos da história europeia.

Só é de augurar que os 500 anos do seu nascimento marque também a diferença no respeito da cultura mais genuína europeia. Muita da sua sabedoria e saber são intemporais.

Conclusões

1 - Amato Lusitano, judeu nascido em Castelo Branco, perseguido, m defensor acérrimo da dignidade de cada pessoa humana, tornou-se um *homo europeus*, um representante da cultura europeia mais genuína.

2 - Amato Lusitano viveu, se formou médico em Salamanca, e praticou medicina em Portugal, Antuér-

pia, Ferrara, Ancona, Ragusa (Devrovnik) e Salónica no domínio otomano turco em caldo de cultura europeia que *enriqueceu com o seu humanismo ético e a sua competência médica exímia*

3 - Por ser judeu e perseguido, peregrinou por Portugal, Espanha, Países Baixos, Itália, Balcãs, Grécia/Turquia em Salónica; e por ser médico de competência superior falava latim, grego, hebraico, português, castelhano, alemão, inglês, italiano.

4 Por ser médico de grande competência e metódico escreveu as *sete Centúrias de Curas Medicinais*, (casos clínicos) em latim.

5 *E por ser de vida e prática médica íntegra viveu os princípios éticos na sua profissão e deixou-nos o testamento do seu Juramento ético* que inicia com um acto de fé hebraica como que a dar o mote da motivação espiritual e religiosa da sua vida e clínica

6 É exemplo da cultura europeia do seu tempo, válida hoje a nível ético, pelas três práticas que contrariam três das maiores feridas éticas da Europa actual: “a eutanásia, a onda abortiva e a exploração da dignidade das mulheres, crianças ou adultas.

“Nunca a ninguém propicie poção venenosa”;

“Com a minha intervenção nunca foi provocado o aborto”;

“Nas minhas consultas e visitas médicas femininas nunca pratiquei a menor torpeza”.

Muita da sua sabedoria e saberes são intemporais.

Biobibliografia sumária

Ver os sites:
http://www.historiadamedicina.ubi.pt/i_biografia.html (3.11.11);
(Cf www.vidaslusofonas.pt/asvidas.htm)
e o I e II volume das Centúrias de Curas Medicinais

Notas

1 - Cf. Aires GAMEIRO, “A assistência no quadro da Separação: o confronto dos paradigmas do cientismo e os do religioso (Ensaio sobre a cultura-conflito hostil entrópica)” in *Actas Congresso Internacional Religião, Sociedade e Estado: 100 Anos de Separação*. Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) Universidade Católica Portuguesa, 13 a 16 de Abril de 2011. Dia 4, às 15h00 – 5.º Painel – Balanço historiográfico da relação Igrejas – República: Assistência e ensino no quadro da Separação (no prelo).

2 - DAMIÃO DE GOES, *Chronica d’El-Rei D. Manuel vol. I* Biblioteca de Clássicos Portugueses, (volume LIX) Lisboa 1907, p. 55-57 in Aires GAMEIRO, “O Padre Vieira Defensor da Ascendência judaica de S. João de Deus” *Actas do Congresso Internacional do 3º Centenário do Padre António Vieira, Lisboa, 20-23 Nov 1997* (prelo) e in Aires GAMEIRO, OH, *Tempo e originalidade Assistencial de S. João de Deus*, Ed. Hospitalidade e Rei dos Livros, Lisboa, 1997, pp. 393-410.

* Doutor. Investigador do Instituto de Psicologia Cognitiva e Desenvolvimento Vocacional, Faculdade Psicologia e Ciências da Educação – Universidade de Coimbra (IPCDV da FPCE, UC; Investigador Colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20, UC, e do CLEPUL).

O Judaísmo Humanista em Amato Lusitano

João Maria Nabais*

Judaísmo

“O Senhor disse a Abraão: Deixa a tua terra, a tua família a casa do teu pai e vai para a terra que Eu te anunciar. Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E todas as famílias da terra serão em ti abençoadas”

(Genesis 12,1-3)

Entende-se por Judaísmo, o fenómeno religioso tal como se nos afigura a História do povo judeu, origem duma filosofia de vida com a sua cultura intrinsecamente peculiar que faz da diferença um meio de luta e sobrevivência. Para se compreender o Judaísmo e a sua religião, é necessário rever a longa presença identitária da civilização semita, com mais de 4000 anos de história, em direcção à Terra de Israel¹. O nome bíblico mais antigo é “terra de Canaã” (Gn 11.31), conhecida em hebraico como Eretz Israel, sagrada para o povo judeu desde os tempos primordiais. De acordo com a Tora (livro da lei hebraica), a Terra de Israel foi prometida aos três patriarcas² do povo judeu, por Deus, como a sua pátria; possivelmente no início do segundo milénio a.C.. A partir do século X a.C. uma série de reinos e estados judaicos estabeleceram um controlo intermitente sobre a região que durou cerca de cento e cinquenta anos para o Reino de Israel, a norte, até à sua tomada pelos assírios em 722 a.C. e, quatro séculos para o Reino de Judá, até à sua conquista por Nabucodonosor em 586 a.C. e, consequente destruição do Templo de Salomão (onde estava guardada a Arca da Aliança, símbolo da vivência do próprio Deus entre os homens) pelos babilónicos. Em 537 a.C. terminado o exílio no Egipto, sob o domínio persa os judeus readquirem a liberdade religiosa e alguma autonomia política. Em 332 a.C. a Palestina é conquistada por Alexandre Magno, dando início aos Períodos Helenístico e Romano (333 a.C.-70 d.C.). Em 140 a.C. a revolta dos Macabeus levou ao estabelecimento do Reino Hasmoneu de Israel, cuja existência enquanto reino indepen-

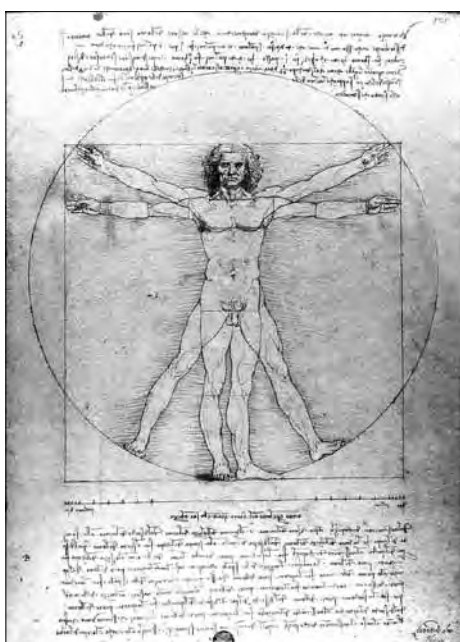
dente durou 77 anos, até à conquista de Jerusalém em 63 a.C., por Pompeu, o Grande (106-48 a.C.), passando a fazer parte do Império Romano.

Pode-se compreender assim, a contínua frustração e anseios de emancipação do povo judeu e, também a concepção messiânica do reino. Confrontados com a contínua invasão e ocupação da sua Terra Prometida, pelos vários povos conquistadores, assírios, babilónicos, persas, gregos, selêucida e romanos, os judeus procuraram a todo o custo, conservar os seus valores religiosos, culturais e étnicos. O monoteísmo é outro elemento essencial do Judaísmo, expresso através da fé no criador único e da rejeição completa do politeísmo e da idolatria. Deus tem os atributos de transcendência, onipotência e presciência. Aos homens é exigida a santidade através da prática de boas obras e atitudes, do dever de justiça e da observação contínua dos mandamentos. A consciência de que Israel era a nação escolhida por Deus, verifica-se nos escritos rabínicos que apresentam esta eleição como sendo mérito de Abraão e dos Patriarcas. Esta consciência de Povo Eleito levou o judaísmo a fechar-se sobre si mesmo e a viver em função do seu próprio nacionalismo. Devido a isto perdeu-se a consciência do carácter universal da judaísmo³ discrimina o gentio - todo aquele herege ou bárbaro - sinónimo de pecador que segue uma religião pagã, em oposição ao judeu que, só por isso, é justo. Também por aqui se percebe a rejeição da mensagem do Cristianismo. No judaísmo, a Tora abrange, além do Pentateuco, a totalidade das tradições escritas e orais que lhe foram acrescentadas pelo correr dos séculos mais os ensinamentos rabínicos. O lugar privilegiado de culto é o templo; este destina-se à oração, à leitura e comentário das escrituras.

Renascimento e Humanismo

O tempo largo que medeia entre os séculos XIV a XVI, o Ocidente vive um período de grandes transformações, sobretudo a nível intelectual, científico e espiritual, pois está para breve uma nova visão do mundo e do próprio homem. Os pensadores da Renascença

numa tentativa de redescobrir o passado e de retorno às origens há muito esquecidas, vão em busca dos segredos e escritos dos Antigos, muitos deles autênticas raridades (como os Pergaminhos do Mar Morto⁴, descobertos em 1947) ou, através da pesquisa sistemática de documentos, livros e manuscritos a maioria abandonados à sua sorte, dispersos pelas bibliotecas e arquivos das igrejas e mosteiros pela Europa fora, durante um período temporal de mais de mil anos que se alarga desde os filósofos da Escola de Alexandria, com nomes como Anaxarco e Hipátia, indo até ao surgimento das novas Universidades durante os séculos XIV e XV e de escritores que vão privilegiar a escrita vernácula nas suas obras como Dante, Petrarca e Boccaccio, na Itália do Quattrocento.



A palavra Renascimento é atribuída ao tratadista Giorgio Vasari que a emprega pela primeira vez em 1550, para comentar o contexto artístico do seu tempo. Segundo ele assistia-se a uma *rinasciata* da Arte. Não é fácil estabelecer cientificamente os limites para um movimento intelectual e artístico como o Renascimento que cronologicamente tem a sua origem no pensamento medieval mas agora em contraposição à incensação do sofrimento em vida, como chave para a felicidade limite num mundo eterno divino, anunciada pelos livros cristãos desse mesmo período. A partir dos séculos XIV-XV, a sociedade europeia é desperta para um amplo movimento de renovação cultural, o Renascimento⁵, assente na redescoberta e reinterpretção da tradição e cultura clássica greco-romana, através da Arquitectura, Pintura, Música, Literatura, História, Matemática, Astronomia e ainda formas tão importantes para a estruturação social, como a Filosofia e a Política

que coincide com o início das grandes viagens de descoberta e exploração marítima. Com o século XV a Europa põe-se em movimento, agitada por diversos avanços e convulsões sociais, diferentes na essência, mas que apontam para um novo tempo histórico - a Idade Moderna, como são, o Humanismo, o Renascimento, a Imprensa e a saga dos Descobrimentos que vão ajudar a implantar o *Reino dos Homens aqui* na Terra. No que toca às Letras, de princípio com Petrarca e Boccaccio, este movimento vai tomar a designação de Humanismo Renascentista. Sob o impulso destas novas influências, as *divinae litterae* deram lugar à *humanae litterae*, de onde derivou o termo Humanismo. No entanto há várias interpretações de Humanismo, mas sempre reconhece o homem como primaz, detentor dum espírito nobre e sublime.

Muitas vezes confunde-se Renascimento e Humanismo. O Humanismo⁶, de modo geral, constitui e perfaz historicamente toda a primeira fase do Renascimento, o designado primeiro Renascimento. Já a primeira manifestação do Renascimento respeita precisamente a reivindicação da dignidade da *humanitas* e o primado do Homem na cidade terrena com a descoberta dos valores essenciais que o afectam e há muito o preocupam. No entanto, o assalto e saque de Roma em 1527 pelas tropas luteranas amotinadas do Imperador Carlos V, constitui um duro revés contra a essência do Humanismo. Em 1536 morre o príncipe dos humanistas, Erasmo de Roterdão defensor do pensamento inerente ao Humanismo cristão. Se associarmos a uma nova mentalidade saída do Concílio de Trento (1545-1563) que dá origem à Contra-Reforma, preconizando uma renovada concepção restritiva de mentalidades em defesa do cristianismo, como que um regresso à sua génese que coincide *grosso modo* com o termo do primeiro renascimento ou do Humanismo propriamente dito.



O segundo Renascimento, para o pior e melhor, ganha a sua autonomia, ao adoptar as novas concepções revolucionárias do heliocentrismo de Nicolau Copérnico, do pensamento panteísta de Giordano Bruno,

a coragem reivindicativa de Giovanni Campanella, as descobertas científicas de Galileu Galilei, entre muitos outros avanços da nova ciência preconizados por homens imbuídos de um novo pensamento filosófico, científico, religioso e cultural que querem cortar de vez com a tradição escolástica medieval. Não houve um humanismo mas vários humanismos e sobretudo humanistas. Mais arcaico é o termo *humanista* (*umanisti*) que aparece na Itália, no fim do século XV. O primeiro a referir-se dessa forma na língua portuguesa foi João de Barros no Espelho de Casados, publicado em 1540. A palavra Humanismo foi empregue pela primeira vez, nos princípios do séc. XIX, pelos intelectuais alemães para definir a teoria das ciências da educação, na qual se dá competência aos estudos clássicos.

No século passado foram muitos os contributos da historiografia e da filologia, no que concerne à história do Humanismo, desde os estudiosos que vêm no Renascimento o início duma ruptura em relação ao pensamento medieval, até os mais isentos que optam por uma continuidade culturalmente diferenciada. A noção de Humanismo assim como de Renascimento ficaram definidos pela historiografia positivista de Oitocentos, com intelectuais como George Voight, Jules Michelet, Jacob Burckhardt, inspiradores de novas linhas de pensamento de acordo com grupos conceptuais emergentes. O conceito de povos⁸ aproxima-se do que entendemos hoje por civilização. Já Eugenio Garin, filósofo e historiador italiano do século XX, revolucionou o pensamento filosófico, com novas abordagens sobre o Humanismo e a história cultural da Renascença. O Humanismo com antecedentes na Grécia Antiga está no cerne de períodos de grande avanço no mundo Ocidental, como o Renascimento e o Iluminismo. A palavra humanismo deriva do latim *humanus*, que significa “humano”. Podemos definir brevemente um humanista como alguém cuja visão espiritual do mundo confere grande importância, à vida e ao valor do ser humano. O conhecimento torna o homem mais humano pelo que lhe revela sobre a sua natureza e condição. Paralelamente a esta dimensão, está em curso um debate filosófico, teológico, científico e literário que atinge os círculos intelectuais, as universidades e os centros de cultura de toda a Europa; são exemplos de grandes vultos desse tempo: Erasmo, Rabelais, Montaigne, etc., tendo como antecedentes Nicolau de Cusa, Pico de Mirandola. O homem passa a ser o personagem principal, a medida de todas as coisas, o motivo central do seu interesse e com isso vai orientar o seu destino com a ajuda do pensamento, imaginação e confiança no arrojo e labor da obra nova que está paulatinamente construindo, reinventando-se a si próprio.

Em Portugal

“... É necessário unir a Medicina à Filosofia e a Filosofia à Medicina, porque o Médico Filósofo é igual aos deuses ...”

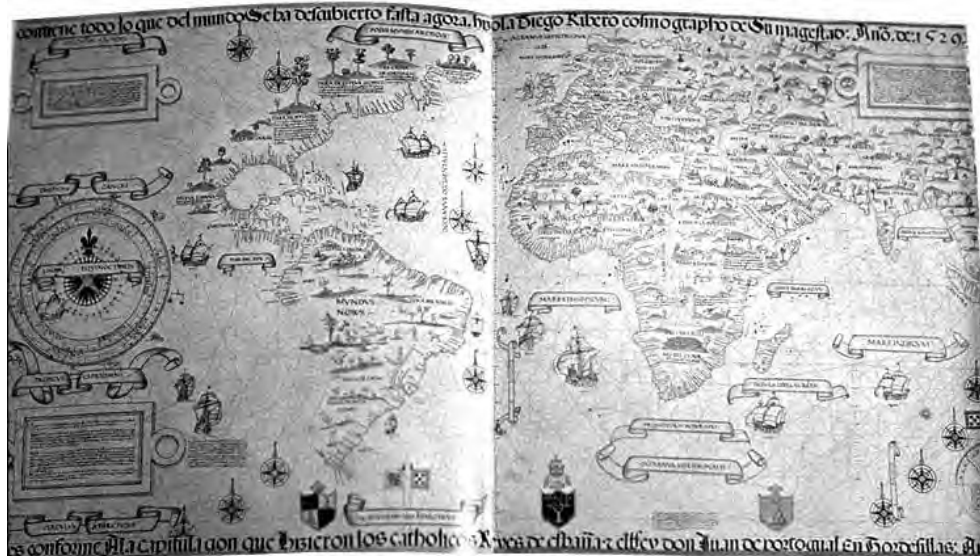
Hipócrates (*Sobre a Decência*)

O contributo dos judeus portugueses para a história de Portugal e o seu papel num Mundo novo até aí desconhecido é manifestamente enorme. Por um ou outro motivo, a sua contribuição para o incremento da ciência náutica desde o tempo inaugural dos descobrimentos, há mais de quinhentos anos, vai implicar o avanço decisivo para o início da globalização tal como hoje a entendemos e ajudar ao incremento futuro, irreversível da economia mundial. O papel preponderante dos sefarditas na medicina e em muitas outras áreas, o exemplo da imprensa, é por todos reconhecido. O século XVI considerado por muitos historiadores, o século de ouro português⁹, é um tempo de antinomias e extremos no nosso país. Entre outros motivos, acontece a epopeia dos Descobrimentos e Conquistas, com o incremento do conhecimento científico necessário à prática da navegação em alto-mar, um acto maior nos destinos do Ocidente e no futuro global do mundo tal como hoje o conhecemos¹⁰. Igualmente, temos a presença de um número impressionante de personalidades, em várias áreas do conhecimento que se projectam indelevelmente além fronteiras (situação ímpar na nossa já longa história de quase 900 anos), a começar pela Íncिता Geração que Luís de Camões tão bem caracteriza e, muito em especial, a medicina judaica portuguesa ou de ascendência semita, como são os cristãos novos que se consegue projectar ainda nos séculos seguintes. Se não houvesse outras razões, estas duas seriam mais que suficientes. A eles se deve a emergência e a consolidação dum pensamento de patriotismo e de nação, em que o uso comum na escrita da língua portuguesa se acentua ao longo de todo o século XVI. O século de ouro português contém por certo, a nossa mais rica elite de médicos e filósofos, de heróis a navegadores, de cosmógrafos e pilotos, de escritores a poetas, de santos e apóstolos, de soldados e aventureiros que podem rivalizar com qualquer outra nação de qualquer tempo da História. Quem parte ao encontro do novíssimo ambiente cultural, além-fronteiras, em cidades como Salamanca, Bolonha, Paris ou Pádua torna-se um porta-voz das novas correntes de pensamento no nosso país. Damião de Góis foi certamente o caso mais expressivo, mas há que recordar nomes importantes como Jerónimo Osório, André de Resende, e os médicos de Quinhentos, António Álvares, Luís de Lemos, António Luís, Leão Hebreu, Garcia Lopes, Garcia de Orta, Pedro Nunes, Amato Lusitano, Cristóvão da Costa, Francisco Sanches, Jerónimo de Miranda, Rodrigo de Castro, Henrique Jorge Henri-

ques, paradoxalmente, quase todos estão catalogados no *Inventario de la Ciencia Española*, de Menendez Pelayo, apesar de serem dos grandes valores intelectuais da ciência portuguesa, situação que infelizmente se reporta por não ser única. Entre muitos outros, também estão Pedro Nunes, Sá de Miranda (regressado de Itália vai recriar uma nova estética, ao introduzir o soneto, a canção, a sextina, os versos de dez sílabas e divulgar a poesia de Petrarca) e o próprio Camões. A partir do momento em que o livro impresso, em letra de forma, ultrapassa as fronteiras, os mais importantes humanistas italianos começam a ser lidos e conhecidos por cá. O reinado de D. João III marca o apogeu do Humanismo em Portugal, mas assinala igualmente, o seu declínio, já que a alma desta mudança vai levar a profundas tensões contra um ambiente de intolerância religiosa e de cerceamento das liberdades de pensamento.

O Concílio de Trento e a Contra-Reforma vieram a

diversidade e a diferença existentes em cada indivíduo. Talvez por isso, não nos podemos esquecer de figuras precursoras eminentes em Portugal, como são: Santo António, Pedro Hispano ou Papa João XXI, D. Dinis, D. Pedro, o Infante das Sete Partidas, D. Duarte, D. Afonso V, etc.. Com eles o país irá dar os primeiros passos no sentido do Humanismo. Portugal tem na sua história vários exemplos de grandes humanistas: Diogo Pires, distinto poeta eborense; Salomão Usque (ou Duarte Gomes), André de Resende, Diogo de Teive, Manuel Álvares, António Ferreira, Diogo de Gouveia e os sobrinhos António e André de Gouveia que a convite de D. João III dirigiu o Real Colégio das Artes e Humanidades, em Coimbra e muitos outros, até hoje sujeitos a alguma deslembração. Todos eles apontam para o homem moderno - através dos avanços da ciência e da técnica que passam a ser extensões de si mesmo, que vai alargar a sua visão e a capacidade de ir



marcar definitivamente a cultura portuguesa a partir de meados do século XVI, impondo parâmetros e regras restritas à actividade cultural, que passa a alinhar com as normas da Igreja Católica. O século XVI vê surgir o Tribunal do Santo Ofício ou mais comumente a Inquisição que aqui será instituída em 1536. A Contra-Reforma¹¹ ou reforma católica irrompe em contraponto ao surgimento da intolerância religiosa – em particular com o protestantismo de Lutero e o radicalismo de Calvino, que vai alastrar e devastar a Europa até meados do século XVII.

O Humanismo em Amato¹²

Um dos princípios básicos da Filosofia Humanista é que cada ser humano tem algo de único e valioso que o enobrece dos demais e que deve ser valorizado. O verdadeiro Humanista é alguém tolerante, que realça a

mais longe para um melhor conhecimento da natureza e logo optar por uma distinta mas decisiva compreensão do universo. O que o novo homem vê e faz, alterará de forma definitiva o destino da humanidade. Em 1510, nasce em Lisboa, Beatriz de Luna, de nome judaico Grácia Nasci, notável argentária e protectora dos judeus que vai seguir a sua diáspora no exílio, uma errância semelhante à de Amato. É uma das raríssimas mulheres a conseguir sair do anonimato e a caminhar na galeria dos notáveis numa sociedade até agora dominada pelos homens. Amato, a par de Garcia de Orta e Francisco Sanches são justamente considerados os máximos expoentes da Renascença Médica, em Portugal¹³. Apesar disso são obrigados ao desterro involuntário, pela sua qualidade de gente da nação, pois a questão judaica começa a ser um problema social candente no plano político-religioso e económico, a partir da década

da de trinta de quinhentos, logo após a imposição, em 1536, da Inquisição em Portugal, no reinado de D. João III. Mesmo assim vão continuar a desenvolver nos vários lugares e países de acolhimento um papel decisivo no humanismo, pela sua arte, cultura, cosmopolitismo e sempre que possível na ajuda aos conterrâneos mais desfavorecidos, apesar da sentida frustração e tristeza pela lonjura da pátria. Amato Lusitano (1511-1568) como todo o verdadeiro humanista é versado no conhecimento das línguas eruditas: latim, grego, hebraico e árabe. Poliglota emérito das línguas vivas: castelhano, francês, italiano, alemão, inglês, turco além do português que lhe permite uma forte preparação e um franco domínio da história e da cultura tanto dos antigos como do seu tempo que vão servir de alicerce para uma obra rica de amadurecimento intelectual. Amato sempre corajoso e determinado naquilo que se propõe a si próprio, ao optar por uma vida solitária de caminhar, sem tempo ou vontade para construir uma família tradicional, é o paradigma de um profundo humanismo literário e médico.

1 De materia medica de Dioscórides¹⁵, publicado em Antuérpia, em 1536. O segundo livro de comentários ao mesmo tratado, *In Dioscoridis anazarbei de materia medica*, sai do prelo, em 1553, na cidade de Veneza capital da Sereníssima República.

As *Centuriae Medicinalis* (Centúrias de Curas Médicas,



publicadas de 1551 a 61) é a maior e mais célebre obra de Amato dividida em sete volumes, um legado maior, valioso repositório de observações médico-cirúrgicas de casos clínicos, terapêuticas e conselhos médicos reveladores da Arte Médica, do século XVI, em Portugal e na Europa. Vive uma vida intensa de ciência, sendo um dos mais ilustres representantes da medicina do século XVI, o século do advento da ciência moderna.

Amato Lusitano, tal como o poeta humanista Diogo Pires, a filantropa Grácia Nasi e muitos mais, acabam os seus atribulados dias nos territórios do Sultão da Turquia¹⁶.

Amato (verdadeiro homem da Renascença, clínico erudito, investigador, cirurgião, urologista, anatomista -

observou pela primeira vez as válvulas da veia Ázigos, o que vai ajudar ao estudo da circulação do sangue -, foi o primeiro a analisar cientificamente a botânica peninsular), como muitos outros médicos coevos cultivam, em simultâneo com a medicina, a filosofia, a história natural, a cosmografia, matemática, astrologia, a ciência náutica, numa ânsia sem precedentes de saber e conhecimento. O sociólogo e pensador Alain Touraine descreve os diferentes elementos filosófico-políticos que vão abrir as portas à modernidade e nela se integram, como uma revolução do homem esclarecido tal como Amato Lusitano se inscreve, contra a tradição, a sacralização da sociedade e a submissão à lei natural da razão.

Notas

1 - Ainda em 1996, se recordaram os três mil anos da fundação de Jerusalém quando David a conquistou e fez dela a capital do Reino Unido de Israel e Judá (c. 1000 a.C.), evidenciadas por recentes escavações arqueológicas que dão crédito à narrativa bíblica. Hoje, continua a ser o centro espiritual e temporal da nação judaica.

2 - Os patriarcas (em hebraico, אבות, pais) é o nome dado a Abraão, Isaac e Jacob, as três grandes personalidades que teriam sido ancestrais dos judeus e fundadores do judaísmo. O período em que viveram é conhecido como período patriarcal.

3 - Para além da convicção numa divindade única e indivisível, o judaísmo inclui um a série de preceitos éticos e morais que abrange todos os aspectos da vida do dia-a-dia, desde a higiene, o comportamento individual e social, à justiça e igualdade perante Deus e a lei.

4 - São textos religiosos descobertos entre 1947 e 1956 na região de Khirbet Qumran, nas margens do Mar Morto e compõem a versão mais antiga da Bíblia conhecida.

5 - O Renascimento é um período de renovação científica, literária e artística, iniciado no séc. XIV, nas ricas e poderosas cidades-estados do norte de Itália, como Florença, Roma, Veneza e Milão mas continuado através dos séculos XV-XVI e que no plano estético, tem por fundamento a reprodução dos modelos da Antiguidade clássica greco-romana.

6 - Movimento que se produziu no Renascimento por reacção contra a escolástica e por um regresso às letras, às artes e ao pensamento dos antigos.

7 - A noção de renascimento, tal como hoje se entende, surge a partir 1867 com o livro de Jacob Burckhardt, *A Cultura do Renascimento na Itália* onde ele aí define, ser uma época de descoberta do homem e do mundo.

8 - Também Antero de Quental no seu texto *Causas da decadência dos povos peninsulares, nos últimos três séculos*, a palavra povos pode ser bem substituída, sem alterar o conceito discursivo por *civilização*. Para este Antero refere duas razões primordiais, o Catolicismo e as Inquisições Ibéricas. A Inquisição foi por cá, paradoxalmente, implementada no Século de Ouro português de Quinhentos.

9 - Designação dada durante uma época muito específica do Renascimento português que não se tornará a repetir em toda a nossa história; para alguns apenas um mito para alimentar a identidade do nosso imaginário cultural nos últimos quinhentos anos.

10 - Um exemplo significativo é Thomas More (um dos maiores construtores do humanismo, essa outra cultura do renascimento) que na sua obra *Utopia* (1516), escolhe para narrador dos utopianos e das suas qualidades, um marinheiro português de nome Rafael.

11 - A Contra-Reforma é um movimento religioso, intelectual e político, de combate aos efeitos da Reforma protestante, levado a cabo pela Igreja Católica, a partir de meados do século XVI e continuado até à primeira metade do século seguinte.

12 - A partir do século XV, o patronímico Amato começa a ser frequente entre judeus de algumas comunas como é o caso de Castelo Branco. Garcia de Orta a ele se refere *Nos Coloquios dos simples e drogas he cousas medicinais da Índia*, como "Amato Lusitano" no Colóquio Décimo Quinto da Canela, possivelmente terá sido o primeiro autor de língua portuguesa a usar a forma Amato, hoje normalmente empregue pela tradição literária e historiográfica.

13 - O Renascimento médico europeu vai ter como principais expoentes: Paracelso (1493-1541), Andreas Vesálio (1514-1564), Ambroise Paré (1517-1590), William Harvey (1578-1657).

14 - Os seus comentários inscrevem-se no chamado movimento humanista, de regresso à pureza da matriz dos textos da Antiguidade Clássica, de que o tratado de Dioscórides é paradigma.

15 - Pedânio Dioscórides (circa 40-90 d.C.) foi um autor greco-romano, considerado o fundador da farmacognosia (estudo científico das drogas aplicadas nos medicamentos, sua origem, composição química, aplicação, etc.) através da sua obra *De materia medica*, a principal fonte de informação sobre drogas medicinais desde o século I até à Idade Moderna.

16 - O Império Otomano torna-se uma das regiões de melhor e maior acolhimento, aos judeus sefarditas exilados desde a sua expulsão de Espanha em 1492 e de Portugal em 1497. Salónica onde Amato viveu os últimos nove anos, é um centro primacial para os novos imigrantes.

* Médico pediatra, poeta, ensaista, investigador.

Cinco médicos Beirões e a conversão forçada

Maria Antonieta Garcia*

A fama dos médicos judeus, na Beira, vinha de longe. Na Covilhã, a Mestre Goleima Guedelha, cirurgião do Infante D. Henrique, foram concedidos favores, por D. Afonso V: à permissão para andar em besta muar de sela e freio, o mesmo monarca soma a licença para exercer cirurgia, apesar de ter impedido, anteriormente, que físicos ou cirurgiões judeus pudessem praticar tais ciências. O cirurgião Mestre Judas, em 1471, recebe idênticos privilégios¹. Eram médicos próximos de nobres a quem tratavam da saúde e que eram contemplados com benesses. É certo que os privilégios podiam sempre ser alterados, que o prazo de validade das deliberações reais era incerto e, no quotidiano, ao judeu restava procurar a estabilidade possível, num mundo que sabia instável.

Mas também se presumem as vantagens que advinham para o médico judeu e para o doente, do sucesso duma cura. O médico garantia a segurança de sua vida e a qualidade da vida do paciente. Discípulos de Hipócrates perseguiam a perfeição, porque o insucesso de um tratamento podia significar o semear de ódios que, em terra alheia, deveriam evitar a todo o custo...

Também José Vizinho², o físico e astrólogo de D. João II, tem raízes na Covilhã, andou por Castelo Branco, curou pela Beira. Autor das *Tábuas de declinação solar para o Regimento do astrolábio*, e da tradução do hebraico para latim do *Almanach Perpetuum* de Abraão Zacuto, para validar o seu astrolábio deslocou-se, em 1485, à Guiné, para aí “medir a altura do sol”. Membro do conselho de cosmógrafos contribuiu para o sucesso de navegadores, como Bartolomeu Dias, que viria a dobrar o cabo das Tormentas.

Mestre Abraão Abenassel, em finais do século XV, mora na Covilhã, e recebe “autorização para exercer a arte da física, a pedido do concelho, fidalgos da casa real e alcaide; sabe fazer medicamentos e cura muitos doentes, embora não seja letrado”³.

Em meninos, a todos tinham ensinado que um judeu deve estar sempre pronto para partir! Frequentavam, desde os 6 anos, as escolas, aprendiam com os rabinos a doutrina e a história do povo, em hebraico, a língua sagrada. São os mestres, os guias espirituais

da comunidade que, embora não tenham uma comunicação privilegiada com Deus, interpretam, debatem, explicam a sagração da vida e do tempo pelo povo escolhido.



O desejo de pacificação do reino, o anseio de possuir a coroa peninsular e de satisfazer as exigências dos Reis Católicos, para contrair matrimónio com D. Isabel, justificaram a publicação do Editto de expulsão, por D. Manuel, em 1496. O monarca sabe, porém, que o saber e o poder económico judaicos são imprescindíveis para a prossecução das viagens marítimas. Concede, por isso, em 1497:

“Dom Manuell per graça de Deus rey de Portugall e dos Alguarves daaquem e daalem mar em Afryca senhor de Guynee.

A quamtos esta nosa carta virem fazemos saber que semtyndo nos por serviço de Deus e nosso e bem e acrecemtando de nosa samta fee catolica e assy por fazermos merce aos judeus que sam comvertydos e se converte-rem e tornarem a dita nosa samta fee catolica nos praz de lhe outorguarmos estas cousas que se ao diamte seguem.

Prymeiramente nos praz da feitura desta nosa carta a vinte annos prymeiros seguintes se nam tyre emqueryçam contra elles pera livremente e sem receo poderem viver porque em este tempo espidiram os abitros acostumados e seram confirmados em a dita nosa samta fee. (...) E asy nos praz que se nam posa fazer ordenaçam nova sobre elles como sobre gemte destimta pois que sam convertidos a nosa samta fee.

E asy mesmo nos praz que hos fyssycos e solorgiae que sam com(vertidos e) se converterem e nam souberem latim posam ter livros d'artes em abrayco. E isto s'emtemdera nos que aguora sam solorgyães e fysycos amtes de serem com(vertidos e se) tornarem christãos e noutros nenhuuns nam.

E asy mesmo nos praz de perdoarmos todollos erros e crymes que hatte'quy tenham fectos a todos aquelles que agu(ora se conver)terem e fycarem christãos e isto nam emtemdera em os que depois vierem de fora a serem christãos.”⁴

O prazo de vinte anos será alargado até 1534. Além disso, reduz a possibilidade de saída:

“E de tres portos de seu Regno que lhe pera isto tinha assinados, lhe vedou hos dous, e mandou que todos se viessem embarcar a Lisboa, dandolhes hos estaos pera nelles agasalharem, onde se ajuntaran mais de vinte mil almas, e com estas delôguas se lhes passou ho tempo que lhe el Rei limitou pera sua saída, pelo que ficauam todos captivos”⁵.

Obriga ao batismo, os que ficam voluntaria ou involuntariamente. Tenta apagar a diferença, mesmo com conversão forçada⁶ (em muitos casos). A maioria permanece em Portugal, onde, oficialmente deixara de haver hereges.

Recrudescem, então, os ódios contra aqueles que, com a igualdade legal, podiam miscegenar-se, sair das judiarias, disputar cargos, profissões, direitos, até então, reservados aos cristãos. Nos *pogroms* de 1504 e 1506 é legível o sentimento antijudaico que ignora o alvará de D. Manuel I em que afirma desejar que os judeus devam ser bem tratados.

O monarca percebe a ineficácia da lei; entretanto, os bens das comunidades e das sinagogas revertiram para o Rei que as vende e doa. Os judeus que partem desfazem-se de seus bens imóveis, vendem-nos ao desbarato...

Como sói acontecer, a reação à conversão forçada, para os que ficaram, não foi igual.

Cinco médicos beirões revelam opções por diferentes itinerários religiosos.

Dies Irae

Vive-se, então, em Portugal, um tempo de verdade única, intolerante. Um país que se empenhara nas Descobertas, paradoxalmente muralhava o pensamento no interior. Construtor de um Império “... onde o sol nasce e se põe”⁷ (Camões), tinha acumulado “... tantos tesouros para ficar tão pobre”⁸ (Antero de Quental).

A perseguição tinha, a partir da instalação da Inquisição, em 1536, um alvo preferencial: os marranos, ou seja, “os judeus que foram tornados cristãos à força, mas continuavam a seguir ocultamente os ritos da lei velha”⁹.

Segundo Elias Lipiner, o vocábulo marrano tem como étimo *mar - anús* (baptizados à força) ou Mumar anús (convertido à força).¹⁰

Garcia de Resende definia: “(...) são marranos, os que marram/ nossa fé, mui infieis/ batizados/ que na lei velha se amarram/ dos negros Abravaneis/ doutrinados”¹¹.

Mas foi o significado presente em Frei Francisco de Torrejoncillo que prevaleceu; em *Centinella contra os judeos*, explica: “(...) por afronta (...) era chamarem-lhes marranos (...) que em Espanhol quer dizer porcos (...): porque entre os marranos, ou marrões, quando grunhem, e se queixa algum deles, todos mais aco-dem a seu grunhido, como assim são os judeus.”¹²

A conotação pejorativa validou o vocábulo como estigma. Práticas e cerimônias judaicas eram clandestinas; e, ainda que ocultassem, como podiam, a crença que professavam, havia indícios que não escapavam a observadores atentos. Por que os consideravam culpados?



Lembramos António José da Silva, o judeu, autor do teatro de bonifrates, quando Saramago, personagem de *Anfitrião*, questiona:

*Que delito fiz eu para que sinta
O peso desta aspérrima cadeia
Nos horrores de um cárcere penoso,
Em cuja triste, lóbrega morada,
Habita a confusão e o susto mora?
Mas se acaso, tirana, estrela ímpia
É culpa o não ter culpa, eu culpa tenho
Mas se a culpa que tenho não é culpa
Para que me usurpais com impiedade
O crédito, a esposa e a liberdade?*

Na verdade, a partilha de valores religiosos confere às pessoas informação sobre o que são, gera uma representação ideal de grupo de pertença, uma tradição. Tiveram/ têm o poder de re-ligação, entre homens e mulheres que partilham fés e condutas diferentes da maioria.

Itinerários religiosos

A herança cultural judaica, após o Édito de expulsão e instalação da Inquisição foi ocultada e aprendiam, como forma de sobrevivência¹³, os rudimentos do catolicismo.

Neste contexto, o sincretismo era inevitável. Todavia, alguns diziam-se e sentiam-se voluntariamente judeus... e a vontade individual participa na construção da identidade.

Estudos efectuados sobre este grupo socio-religioso revela-o detentor duma identidade cultural específica, ainda que diversificada. Os traços identificadores mais evidentes incluem a vivência num universo marginal, uma história de perseguição (com queimados, excomungados, reconciliados); eram seguidores de um *corpus* doutrinário não coincidente com nenhum *corpus* religioso institucional.

Porém, a panóplia de opções individuais a partir da conversão forçada integra desde a adesão convicta ao catolicismo, à preferência pelo exílio onde retomam a prática da lei de Moisés de forma mais ou menos ortodoxa, ou a abandonam; há ainda os que continuaram a judaizar clandestinamente, com graus de adesão e de conhecimento diversos da doutrina religiosa, simulando ser católicos no exterior; somam-se os deístas, os céticos e agnósticos desencantados.

Faltando uma instituição reguladora da prática religiosa, processou-se uma diáspora ideológica, uma dispersão das crenças. Mas mantiveram marcas identificadoras: a par do registo dos testemunhos dos acusados, que afirmam crer e observar a Lei de Moisés para a salvação da alma, a criação de mártires¹⁴, com os condenados à fogueira nos autos da fé, salvaguar-

daram uma cosmovisão essencial, renovaram a sua verdade, recriaram uma terra interior. E o Santo Ofício ajudou a nutrir¹⁵ as diferenças, a promover a construção de margens entre as fés.

O receio da contaminação de um interiorismo religioso, em situação de clandestinidade, dominou as ortodoxias, em Sefarad e no exílio. Os marranos eram pessoas desenraizadas, fruíram a liberdade; confrontadas, posteriormente, com o controlo rabínico, algumas aceitaram-no; para outras, o preço da reeducação, da obediência, da terapia para ascender ao povo eleito foi insustentável e mantiveram a sua autarcia judaica¹⁶.

A análise do percurso de cinco médicos beirões que escolhemos exemplifica diversas formas de responder à conversão forçada.

Os médicos

Jayme Landmann, em 1993, afirma que “... a medicina sempre foi uma profissão favorita entre os judeus”. Acrescenta: “... cerca de 25% dos Prémios Nobel de Medicina pertencem aos judeus, que não representam sequer 1% da população mundial”¹⁷.

Diga-se, porém, com Gugenheim que «...le judaïsme ne se laisse pas confiner dans le domaine strictement religieux et moral, qu’il dépasse infiniment les limites de ce que l’on est convenu d’appeler une «religion», mais qu’il embrasse tous les domaines de l’activité humaine»¹⁸.

Todavia, a preferência pela Medicina, segundo J. Landmann, adviria da importância que o judeu atribui à vida e à saúde.

Na verdade, em termos doutrinários, a salvação de uma vida humana, justifica a violação de 610 dos 613 mandamentos¹⁹ religiosos codificados por Maimónides, o célebre médico de Córdoba do século XIII.

E se, durante a Idade Média, a Beira foi alfobre rico de médicos judeus, também após a conversão, a instauração da Inquisição, e apesar dela, muitos se tornam célebres.

Um exercício muito cuidadoso e em alguns casos de maior saber por parte de cristãos-novos, cujas redes familiares, espalhadas por todo o mundo, permitiam o acesso/intercâmbio a conhecimentos científicos e a técnicas mais avançadas, favoreciam a fama, mesmo se a prática médica dos cristãos-novos andasse envolvida por uma enorme desconfiança. Que saberes possuíam? Que pactos indiciavam? Deuses ou demónios, estes clínicos?

Em Portugal, circulava um escrito dos *males que fazem aos cristão velhos*. No capítulo 4º, lê-se:

*“As sinagogas dos judeus escreveram aos de Portugal que se fizessem cristãos e fizessem seus filhos clérigos e frades e perturbassem a paz da Igreja e os fizessem juristas e médicos para assim roubarem as fazendas e matarem a seu salvo, e aprendessem todos os ofícios com que pudessem ficar senhores das fazendas...”*²⁰

Completam estas acusações o Cap. 9º que refere “... o grande número de físicos surgidos e boticários que foram presos pella Santa Inquisição, e outros que fogirão, e outros muitos que confessarão por sua culpa terem mortos muitos christãos velhos por medicina”. Seguem-se 51 nomes; a lista inclui dois médicos beirões que seleccionámos para a abordagem da reação à conversão forçada:

“N.º 16 – O físico Amato Lusitano, de Castel Branco, fugio para o grão Turco.

N.º 18 - O físico António Vaz, da Guarda, foi preso e sambenitado, e fugio com o sambenito sem mais aparcer.”

Acrescentaremos os casos de Simão Morão Pinheiro, Elie de Montalto e de António Ribeiro Sanches.

I - Amato Lusitano tem via-sacra conhecida: nascido em 1511, médico, por Salamanca, concluído o curso, deixa *Castellum album mihi propria patria*”, parte para Lisboa. Em 1533, foge do país; instala-se em Antuérpia, Ferrara, Ancona, Ragusa, Salónica. Esteve à cabeceira de grandes intelectuais, foi físico de embaixadores, de sefarditas de renome, de cardeais e do Papa Júlio III. Em Antuérpia, Amato Lusitano é médico de Gracia Nasi da família Mendes. (Na V Centúria refere o doce de rosas com que curou Diogo Mendes). Na VI Centúria inclui o Juramento de Hipócrates escrito em Salónica, em 1559, e registado com a data hebraica de 5319, proclamando a fé judaica.

Outros portugueses andam pela cidade holandesa: Diogo Pires médico também, Martin Lopes de Vilanova, tio de Montaigne; Damião de Góis, cônsul português; Albert Durer o grande artista alemão...

D. Carlos V reanimará a Inquisição; a impressão de obras de propaganda da Reforma faz temer o rei. Mas Ferrara, a corte do Duque Hércules II, da casa d’Este acolhia a nação hebraica lusitana e espanhola. O clima era de tolerância. A casa d’ Este acreditava nos benefícios que podia obter do comércio com os portugueses.

Em Ferrara vivia, então, Duarte Gomes, aliás, David Zaboca, médico por Salamanca, poeta e tradutor de Petrarca. A tradição cultural da cidade era conhecida, Isabella d’Este, filha de Hércules I, era mecenas da

cultura e da atividade livreira. Outra mulher notável, na cidade, era Dona Benvenida Abravanel, ligada ao mecenato cultural. Dona Benvenida, após a morte do marido, toma em mãos os negócios. Pagava o resgate de marranos, apoiava os correligionários. A estada em Ferrara marca, por certo, Amato Lusitano; então, em casa de Gracia Nasi, contacta com rabinos ilustres, estudiosos e mecenas judaicos. Mas em Ferrara, o Cardeal Caraffa, mais tarde Papa Paulo IV reorganiza a Inquisição, na sequência da Contra-Reforma.

Em 1547, transfere-se para Ancona, segue-se Pesaro, Ragusa... terras a espaços permitidas para a sua condição de judeu. Como disse Ricardo Jorge, o ferrete judaico obriga-o a calçar as sandálias do judeu errante.

A fuga era a salvação; percorre vários países europeus; na Turquia, publica algumas das 7 Centúrias. Morre em Salónica, durante uma epidemia de peste, contagiado por aqueles que curava.

Clínicos menos inspirados encontrarão nos relatos de Amato, a ciência, o saber, a reflexão... num tempo em que se travestiam de médico, barbeiros, sangradores, alveitares, benzedores, feiticeiras...

Pioneiro no domínio da epidemiologia, uma área temível de muitos tempos, alguns autores fizeram-no personagem de narrativas.

Catherine Clément, por exemplo, no cenário de Ferrara, mostra-o médico sábio. Perante o número excessivo de doentes com queixas idênticas, o clínico aconselha a população a não beber água dos poços; o que outros diagnosticavam como peste devia-se, segundo Amato, à ingestão de água. Explicava quem sabia e investigava: Quem diz peste diz língua enegrecida ou antrazes, com vômitos de sangue. (...) Examinei bem os cadáveres e não vi nada disso! São fluxos do ventre, febres malignas, simples bolhas purulentas. Ergo, não é peste. Nem por isso se morre menos.

Em Ferrara, cumpria-se o ditado In Peste Vénus pestem provocat. As pessoas amavam-se furiosamente, contagiavam-se. Mas se Amato Lusitano alertava: Não bebam água dos poços!, a acusação de gentes da terra não se faz esperar: os judeus tinham-na envenenado.

Amato deixou de ser marrano? Manteve, por certo, uma relação menos ritualizada com a religião, mas era judeu.

Os marranos foram, afinal, os precursores de uma vivência judaica fora dos quadros e da disciplina comunitária e das normas espirituais do Judaísmo tradicional.

Desempenharam um papel de primeiro plano no comércio internacional, organizaram a convivência cultural com dois mundos. Representam o mais alto nível dos valores culturais e estéticos e morais das elites europeias – e mantiveram-se fiéis ao judaísmo.

II - Elie de Montalto: o neófito

Entre os judeus portugueses que alcançaram fama internacional, lembramos Elie de Montalto, nascido também em Castelo Branco, em 1567. Pertencia à família Luna de Montalto; terceiro filho de Antônio Aires, boticário, e de Catarina Aires, casados em 1563, foi batizado na Igreja de Santa Maria a 6 de Outubro de 1567. Era neto materno de Filipe Rodrigues – irmão de João Rodrigues, o Amato Lusitano de quem era sobrinho neto – e de Brízida Gomes.

A família do lado paterno usava os sobrenomes de Luna e Montalto. Estudou Filosofia e Medicina em Salamanca. Filipe Rodrigues, nome de batismo, casou com Jerónima Fonseca que, no exílio, adotará o nome de Raquel da Fonseca; era filha de Lopo da Fonseca, físico da Rainha D. Catarina e neta de Manuel da Fonseca, também médico.

Filipe Rodrigues muda também o patronímico Filipe em Philotheus; na conversão ao Judaísmo ortodoxo, juntou-lhe Elias e Montalto. Ficou assim Philotheus Eliau Montalto. Teve cinco filhos, entre eles, Moisés Montalto médico famoso na Polónia. Parte da família foi perseguida pela Inquisição.

Em 1606, Elie de Montalto está em Paris, e é chamado para curar a aia e irmã de leite da Rainha Maria de Medicis, Leonora Galigai; esta italiana e o marido Concino Concini dominavam a vida da Corte. Leonora adoecera e o Mestre de Perfumes do Rei e da Rainha, o português Manuel Mendes (nascido em 1553), certamente cristão-novo, recomenda-lhe dois médicos: Francisco Alvares, marido de sua sobrinha e Filipe de Montalto.

Francisco Alvares não consegue curar Leonora. Por isso, quando Montalto passa por Paris, consulta-o. O médico verifica que a doente é hipersensível, ansiosa e depressiva. Prescreve-lhe uma dieta, calma, solidão, distanciamento do marido durante mais de um mês, remédios simples, orações e esmolas. As melhoras foram reais. Reconhecida, tenta reter Elie de Montalto em Paris. Maria de Médicis, Leonora e o marido, Concini, não conseguem autorização do rei Henrique IV; consentia os cristãos-novos no reino, mas os judeus praticantes não podiam permanecer em Paris. Em 1607, Elie de Montalto abandona a França por ser judeu; Maria de Médicis recomenda-o ao Grão Duque da Toscana, Fernando I de Médicis.

Em 1609, o nome de Elie de Montalto soa na Inquisição de Lisboa. Um cunhado médico, Tomás da Fonseca²², fora preso; em seu poder fora encontrada uma carta que mostrava as ligações entre ambos e as ocupações religiosas judaicas. Confessará tudo, sob

tortura e é reconciliado no auto da fé de 31 de Julho de 1611. Não é esta, de resto, a única carta de Elie apelando para a reconversão ao Judaísmo de familiares.

Depois de Florença, desloca-se para Veneza onde se dedica aos estudos judaicos. Converte-se num dos mais ardorosos praticantes da lei de Moisés.

Após a morte de Henrique IV, Maria de Médicis, rainha regente, solicita-lhe que regresse a França. Desejava os seus serviços médicos. Elie de Montalto responde que *desejava poder praticar livremente a religião judaica*, *que tinha recusado grandes ofertas que lhe haviam feito em Bolonha, Pisa... e a Primeira Cátedra de Pádua*. Maria de Médicis obterá do Papa Paulo V (Roma 1552 - Roma 1621), uma autorização para ter ao serviço, um médico judeu.

Elie de Montalto pode, assim, praticar o Judaísmo na Corte francesa.

Acompanhado pela esposa, filhos e pelo *shohet* Saul Levi Morteira²³, chega a Paris, em 1612.

Entre 1613 e 1615, Elie de Montalto desenvolve uma atividade religiosa relevante; cria uma escola de Estudos Hebraicos e muitos são os marranos que se reconvertem ao Judaísmo.

No final de 1615, a Corte partiu para Bordeaux, para o casamento de Luís XIII com Ana de Áustria, filha de Filipe III de Espanha. Montalto acompanha a rainha regente. Faleceu no regresso, a 19 de Fevereiro, em Tours.

Por ordem de Maria de Médicis, o corpo de Montalto é embalsamado e levado para Amsterdão por José de Luna, parente do falecido, e por Saúl Levi Morteira. É enterrado no cemitério de Oudekerk, comprado, na altura, pela comunidade judaica.

Sob a proteção de Maria de Médicis teve tempo e dinheiro para escrever a sua principal obra médica *“Archipathologia : in qua internarum capititis affectionem, essentia causae signa, praesagia, & curatio accuratissima indagine edisseruntur”*, obra pioneira, no domínio das doenças mentais. A obra é publicada em 1614 em latim, e dedicada a Maria de Médicis.

A obra adquiriu fama na Europa; todavia, em Portugal não há quaisquer exemplares. A Montalto, os inimigos não perdoaram o seu proselitismo judaico. Citado por médicos nacionais e estrangeiros, no âmbito da Psiquiatria, mantém-se um ilustre desconhecido, para a maioria das pessoas do país que o viu nascer.

Ao contrário de outros médicos que se exilaram, mas não abraçaram a religião judaica institucional, Montalto instruiu-se na doutrina da lei de Moisés e tornou-se neófito fervoroso.

III - Antônio Vaz: preso, condenado e desaparecido

Como os anteriores, este médico pertencia a família suspeita da Guarda. Entrou nos cárceres da Inquisição acusado de judaizar; a mulher, Luísa Antónia, conheceu igual sorte; de Luís Vaz, irmão de Antônio Vaz, os inquisidores reuniam, em 1582, depoimentos suficientes para que o Promotor decidisse passar mandato de prisão. O criptojudaísmo confirmava-se, era uma religião familiar. Adquirido o uso da razão, os diferentes membros eram iniciados em práticas possíveis da Lei de Moisés. Havia, porém, comportamentos desviantes, relativamente à ortodoxia todopoderosa; as denúncias surgiam, ora para salvação das almas, ora como catarse de invejas e iras acumuladas no quotidiano.

Antônio Vaz, médico na Guarda, esqueceu o cumprimento das vulgatas permitidas.

No texto sobre Antônio Vaz e no depoimento de Luísa Antónia que constam no Caderno do Promotor, são as orações e o registo de testemunhos de judaísmo que despertam curiosidade. Nem uma referência a enfermidades, a curas, a insucessos. As denúncias privilegiam messianismo do físico da Guarda... uma utopia tão irmã do sebastianismo que grassava na sociedade portuguesa, após Alcácer Quibir.

Antônio Vaz, físico da Guarda, Luísa Antónia diziam/ cantavam/ acreditavam na profecia. Antônio Vaz esteve à beira da fogueira. O inquisidor Sebastião Vaz notifica-o: "... como ele por suas culpas estava relaxado ao braço secular que portanto dispusesse de sua alma e olhasse o que cumpria a sua consciência e se confessasse e encomendasse a nós para que o endereçasse ao caminho da verdade e tirasse a cegueira que tinha em seu entendimento". A fogueira esperava-o. Sofrer tal martírio para quê? No 21 de Janeiro de 1583, com as mãos atadas, opta pela vida. Confessa o que os inquisidores querem ouvir, e sabe que não peca, quando afirma que "o Espírito Santo o alumia para se tirar da cegueira em que até agora andara". Palavras com segredo, estas de Antônio Vaz. Invocar o Espírito Santo não era idolatria. A agonia atenuou-se: "... foi mandado desatar e estando desatado... confessa os jejuns e a observância da Lei de Moisés". Simulou arrependimento, libertou-se do fogo. A pena é, todavia, severa: sambenito e cárcere... uma sanção que conduzia à miséria já que o sambenito despertava temores, distanciava solidariedades e culpava amigos.

Antônio Vaz foge, depois de sambenitado, como consta na lista. Mudou, por certo, de identidade, para poder viver não-se-sabe-onde e ter direito ao seu qui-

nhão de Sonho... Ser médico e livre, bem longe dos olhos inquisitoriais.

IV - Simão Morão Pinheiro: preso suportando o insustentável peso do sambenito

Na Beira, vive esta gente suspeita, a conhecer a agonia da incerteza, a errância como forma de sobrevivência.

Simão Morão Pinheiro é filho de Henrique Morão Pinheiro, advogado, e de Marquesa Mendes de Lucena, do Fundão; nasce na Covilhã, em 1618. Em 1635, estuda Medicina em Coimbra. Percorre, então, um caminho habitual dos estudantes da Beira: segue para Salamanca, mas terminará a formação na Universidade portuguesa. A Restauração da independência de Portugal, a 1 de Dezembro de 1640, fá-lo regressar ao país.

Entre 1649 e 1651 exerce Medicina na Covilhã. Não escapa, porém, ao Santo Ofício. Ainda se transfere para Lisboa e Almada, mas os inquisidores têm olhos e ouvidos imensos e Simão Pinheiro Morão conhecerá os cárceres, a tortura, juntamente com os irmãos. No Auto da Fé em 1668, verá mesmo queimar o pai. Parte para o Brasil e fixa-se no Recife, em Pernambuco. Sentenciado a usar o sambenito, sofre a desconfiança, o temor e o ódio, às vezes, dos habitantes da terra. Na verdade, o uso do hábito penitencial produzia a rejeição e provocava mais medo do que piedade. Ainda que pudesse desencadear solidariedade entre membros da comunidade o contacto era problemático por razões que se prendiam com a suspeição que o relacionamento sugeria, pelas cumplicidades que deixava presumir. Por essa razão, em 1675, Simão Pinheiro Morão apela ao Santo Ofício. O texto incluído no processo diz que este médico "...natural da vila da Covilhã e residente no Recife de Pernambuco, que ele foi reconciliado segunda vez por diminuto no Auto da fé que se celebrou em Lisboa, a 11 de Março de 1668, e em pena de suas culpas saiu com o hábito perpétuo e sem remissão; depois do que mandou S.A. que Deus guarde, promulgar lei que nenhum médico saído penitenciado em Auto da Fé, curasse no seu Reino. E vendo-se ele, suplicante, em miserável estado sem ter de que se sustentar e à sua família, se passou para o Recife de Pernambuco, aonde, sabendo os moradores daquele Estado do sucesso da sua prisão e a sentença do dito Tribunal do Santo Ofício, lhe começaram a fazer várias descortesias, tratando-o mal com assobios e afrontas públicas, chamando-lhe sambenitado e, em razão de trazer o hábito penitencial, se não querem curar com ele. Assim padece grandes necessidades, as quais se-

rão menos se V. Il.ma lhe fizer mercê dispensar com ele, mandando-lhe tirar o hábito...”²⁴

O apelo é atendido. Pouco tempo viverá sem ter de sentir a humilhação e distanciamento que o sambenito originava: falece em 1685.

Médico célebre oculta-se num anagrama – Romão Mosia Reinhipo – para divulgar a obra que titulou *Traçado das Bexigas e Sarampo*, impresso em Lisboa no ano de 1683.

Outra obra, *Queixas repetidas em ecos dos Arrecifes de Pernambuco contra os abusos médicos que nas suas capitâncias se observam tanto em dano das vidas de seus habitantes*, escrita em Pernambuco em 1677, no capítulo quinto descreve, pela primeira vez no Brasil, o transtorno da Mania.

Foi casado com Mécia Ribeiro de Azevedo; o filho, Henrique Morão Pinheiro, foi médico da câmara de D. João V e Cirurgião-Mor do Reino.

V – António Nunes Ribeiro Sanches: o médico das Luzes



Filho de Simão Nunes e de Ana Nunes Ribeiro, cristãos novos, penamacorenses, como os avós, pertencia àquele conjunto de pessoas que expiava um pecado original: o de ter nascido em família suspeita, alvo preferencial das perseguições inquisitoriais.

Na verdade, em 1715, o pai, Simão Nunes, apresentou-se na Casa de Audiência da Inquisição de Lisboa; mais tarde, foi a vez da mãe e outros parentes se seguiram: a família caíra nas malhas do Santo Ofício.

Como era a vida de Ribeiro Sanches? Ouçamo-lo:

“Aos doze anos sabia a língua latina e muito melhor a gramática: falava a castelhana, sabia a nossa história escrita nos Diálogos de Moriz e o que se contém na Cronologia Portuguesa de António Carvalho; declamava com aceitação em prosa e em verso castelhano (...) repreve esta educação que Bacon aconselhava e os PP JJ seguem”.

Ribeiro Sanches guarda outras lembranças da infância. Numa carta escrita em S. Petersburgo, em 1735, lemos:

“Da idade de 13 anos, saí da escola latina, e como a inclinação era para a leitura lia tudo o que encontrava, pedia livros emprestados a muitos, porque na casa aonde nasci não havia deles com abundância. Em casa de Francisco Taborda Nogueira, viu na biblioteca Josepho de Las guerras civis de Judea, em 8º, eu lhe pedi emprestado este livro. Me disse graciosamente este belo e facundo homem: meu Ribeirinho quereis ler as guerras da vossa nação? Ao que eu não respondi porque não sabia no que me falava”²⁵.

Que religião seguia, então, Ribeiro Sanches? Aprendera o catolicismo, por isso não percebe o significado de “guerras da vossa nação”.

Conta mais o médico penamacorense. Com a idade de treze anos, o pai manda-o para a Guarda; saberá, que o parente que o recebe “tinha estado na Inquisição e começou-me a dizer que havia cristãos novos e velhos, e que a origem em Portugal começara naquele tempo de 1505, pouco a pouco me fez conhecer que eu era cristão-novo, mas nunca me disse coisa alguma da Inquisição nem da Religião, dizia-me muitas vezes: filho, verdade e caridade, e basta para ser homem de bem”.

Confessa: “até à idade de 23 anos vivi, e tive todas as ideias perfeitamente adequadas à religião cristã”²⁶.

Entre 1712 e 1715, ainda na Guarda, conhece Martinho Mendonça de Pina e Proença, futuro secretário da Academia Real de História, natural da mesma cidade. Só aos dezasseis anos parte para Coimbra. Vai para Salamanca, no ano de 1720, e diz: “ali estudei Medicina e daquela Universidade tenho o meu grau nesta faculdade”.²⁷

Em Tomar, em casa de um parente do pai, “soube como procedia a Inquisição com os culpados e de que modo se procede com os cristãos novos; este era o melhor português e mais afeiçoado que conheci na nossa nação, mas tinha tal ódio à Inquisição que vinha furioso quando falava nela. Vossa mercê, pode considerar de meu génio que eu lhe fazia mil questões e que ele me respondia, mas portanto juro na verdade que jamais lhe ouvi falar palavra contra a nossa santa fé – fazia os atos de cristão e me fazia à noite rezar a Coroa de Nossa Senhora”...²⁸

Será em Lisboa, em casa de um tio médico que a fé católica começa a vacilar. “Ele e toda a sua família tinham estado na Inquisição duas vezes. Meu tio

primeiro me começou a dizer o que era a Inquisição; e sabia esta matéria de tal modo que só conheci um Letrado em Londres que o igualasse”. Reconhece Sanches que aprendera então a origem, bem como o enquadramento político, económico e jurídico do Santo Offício; depois, iniciou a aprendizagem do judaísmo; escreve: “comecei a ler o Pentateuco; mas ainda não estava determinado de deixar a minha crença; como eu sempre argumentava, meu tio teve medo de mim, e uma sua cunhada, mulher de um engenho sublime e agradável, me falou nas consequências da minha obstinação”. Quando vai para Salamanca, a confusão tinha-se instalado; a necessidade de se preparar para finalizar o curso, aliada à dúvida, impõe que relegue para segundo plano as questões religiosas; admitirá: “não me confessei naquele ano e assim passaram dois”²⁹. Reação compreensível: perante o labirinto interior, aceita-se a hesitação face a uma opção que envolvia ruturas com âncoras do ser, com pilares que estruturam o eu que se é. Abandono, ceticismo, confusão, indiferença foram, por certo, sentimentos que, então, abalaram Ribeiro Sanches.

Finalizado o curso, exerce clínica na Guarda e Benavente e volta para Lisboa; as vivências que referimos, ditas na primeira pessoa, revelaram o significado de ser cristão-novo em Portugal.

A identidade construía-se dia a dia, pelo indivíduo em interação com os pares, e com o Outro.

Em nota biográfica a pedido de Diogo Barbosa Machado deplora: “Tanto que um menino cristão-novo é capaz de brincar com os seus iguais logo começa a sentir a desgraça do seu nascimento, porque nas disputas que nascem dos brincos daquela idade já começa a ser insultado com o nome de judeu e de cristão-novo. Entra na escola e como é costume louvável que estes meninos vão não só nos dias de preceito mas ainda nos de trabalho à igreja com seu mestre a ouvir missa e a ajudar a elas, acompanhar o Santíssimo Sacramento, e outra mais procissões, o mesmo mestre, o clérigo ignorante, o irmão da confraria e, o pior, o mesmo pároco, já fazem distinção deste menino e daqueles que são cristãos velhos, porque estes são preferidos para ajudarem à missa, para levarem o castiçal ou vela branca ou tomar a vara do palio; esta preferência é bem notada daquele menino ou rapaz cristão-novo, agasta-se, peleja e chora contra os seus companheiros por se ver tratado com desprezo”.

Ora, sabemos que “Algumas crises que se produzem depois da socialização primária devem-se realmente ao conhecimento de que o mundo dos próprios pais não é o único mundo que existe, mas tem uma ubicação social muito específica, talvez até conotação pejorativa”.³⁰

Em família conhece-se filho de um deus, valoriza a linhagem a que pertence; fora do lar, enfrenta ameaças à realidade subjetiva que construíra da sua identidade; como salvaguardar o equilíbrio entre a realidade objetiva e a subjetiva?

Depois da infância, o processo agrava-se, porque “a cada passo observa que os cristãos velhos por trinta modos o insultam e desprezam; acrescenta: quanto mais vil é o nascimento e o ofício do cristão velho tanto mais insulta o cristão-novo porque como é honra passar a cristão velho quem insulta e despreza um de nação honra-se e distingue-se; por isso o carnicero, o mariola, o tambor e mesmo o algoz e o negro escravo são os primeiros que insultam e que dão a conhecer com infâmia um cristão-novo; os que têm melhor educação lá dão seus sinais de distinção, mas com maior decência: um quando fala com ele lhe diz uma meia palavra de cão; outro por gíria lhe chama judeu, outro põe a mão no nariz, outro antes que fale dá umas cutiladas de dedos pelos bigodes, a maior parte faz acenos que tem rabo. Este é o trato que tem da plebe um cristão-novo com os seus compatriotas, esta é a satisfação com que vive em sua Pátria e como ser desprezado incita vingança não vive mais que roído do ódio e do fingimento”.

Relações conflituosas que a intransigência religiosa ditava. Na verdade, “A propensão, para julgar outrem em função da sua pertença de grupo ou para formular um juízo global sobre um grupo humano, é tanto maior quanto se tenha a impressão de se estar empenhado num conflito de valores e de se estar num campo do bem contra o campo do mal”.³¹

Na sociedade portuguesa a maioria acreditava que os judeus eram os deicidas, por isso eram facilmente diabolizados, excluídos.

Crê Sanches, à maneira das Luzes, que a educação tornava os corações mais brandos. A plebe, governada pelo costume e pela paixão, ousava o insulto maior metamorfoseando pobreza em nobrezas. Todavia, ombreavam na injúria e na delação nobres, sacerdotes, médicos e criados e vizinhos, todos os grupos sociais...

Sanches sabia que o desprezo e ódio pelos da nação não oferecia fiéis à igreja, antes gerava mártires que alicerçavam o Judaísmo.

Na verdade, esquecer é difícil, mas num contexto de conversão forçada, pelo menos exteriormente tem de fingir-se uma rutura, uma crença, e a máscara, os eus ocultos, começam, às vezes a confundir-se com o rosto verdadeiro.

Excluídos dos cargos honrosos, a muitos restou o exílio; pergunta Sanches: “Como é possível que um Português, a quem o brio, e amor da honra é tão na-

tural, não aborreça então e deteste com tantas maldições quantas lhe sugerirá o seu ódio, as leis de sua pátria que o desnaturalizam dela? Comenta: o Estado perde um súbdito, e a Igreja perderá um fiel”.

Ora, “O indivíduo não nasce membro de uma sociedade: nasce com uma predisposição para a sociabilidade e chega a ser membro duma sociedade. Nasce não só numa estrutura social objetiva, mas também num mundo social objetivo”³².

António Ribeiro Sanches permanece em Portugal até ao ano de 1726; esteve depois na universidade de Pisa, deslocou-se para Montpellier, para Londres. É nesta cidade que, como refere, “por pecados meus e por miséria minha me circuncidei, do que me pesa (...); comecei a conhecer alguns defeitos da Lei que professava, já não podia sofrer os judeus (...); quanto mais vivia, mais aprendia as faltas que cometiam os judeus; umas vezes me arrependia, outras me imaginava que seguindo o que dizia a Bíblia e rejeitando o Talmude que me podia salvar, outras enfurecido falava e me imaginava como Deísta, enfim roído dos pensamentos da salvação e da condenação saí de Londres”.³³

Corria o ano de 1727. António Ribeiro Sanches vivia o debate de eus na busca de uma ética de coabitação, de compreensão, a incerteza, a insatisfação. Este é, a nosso ver, o percurso de Ribeiro Sanches, em que teias se entrecem e constroem uma identidade, a marrana, que se caracteriza por uma complexidade que augura o discurso da modernidade. Escreve Edgar Morin:

“Viver no duelo dos contrários, quer dizer, nem na duplicidade sem consciência nem no «justo meio», mas na medida e na desmedida; não na morna resignação, mas na esperança e no desespero, não num vago tédio ou num vago interesse perante a vida, mas no horror e no maravilhamento”.³⁴

Ribeiro Sanches vive num tempo de crença no homem, num momento que deifica a Razão, interroga a divindade ou restringe a sua intervenção, em que o ceticismo religioso toma conta de muitas cabeças...

A permanência na Europa, a passagem por Montpellier, por Leyde, cujas universidades frequentou, abriu horizontes. Em Leyde é discípulo de Boerhaave que o estimula a aceitar um convite para exercer Medicina na Rússia. Parte em 1731; assumirá o cargo de Médico do Senado da Cidade de Moscovo.

Em 1734, é transferido para o serviço de medicina do exército russo, instala-se em S. Petersburgo; nesta cidade é eleito membro da Academia de Ciências.

Em 1736, está na frente de batalha que opunha a Rússia e a Turquia.

No regresso é nomeado médico do corpo de cadetes de São Petersburgo, pela imperatriz Ana Ivanovna (1737).

Médico da Imperatriz Catarina da Rússia (1744), salvá-la-á de uma enfermidade grave. Lê-se nas memórias: “Estive vinte e sete dias entre a vida e a morte (...) mas devido aos cuidados do médico Sanches, português, voltei a mim”. (Catarina II, *Memórias*).

Em 1747, abandona a Rússia e fixa-se em Paris, onde se mantém até ao fim da vida; aí escreverá a maior parte da obra. *Foi colaborador da Encyclopédie ou dictionnaire Raisonné des Sciences et des Arts* de D'Alembert e Diderot, e da *Encyclopédie Méthodique*. A sua *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne* conhece 5 edições em francês, entre 1750 e 1778; a tradução inglesa data de 1751, a alemã de 1775.

Distingue-se como médico e como pedagogo; influencia a reforma do ensino do corpo de cadetes de S. Petersburgo, bem como a reforma da Universidade de Coimbra, conduzida por Pombal, através de *Cartas para a educação da Mocidade* (1760) e *Método para aprender e estudar medicina* (1763), sem esquecer o *Tratado sobre a conservação e saúde dos povos* (1776), obra inovadora pelo conceito pioneiro de saúde pública.

“Trata-se, portanto, de um intelectual cosmopolita, profundo conhecedor da realidade europeia, mas com uma ligação muito especial a Portugal e à Rússia, que com justiça poderiam considerar-se as suas duas pátrias”.³⁶

Paradigma das Luzes, “o núcleo mais relevante do seu pensamento era o que apontava para o fim dos privilégios e isenções da nobreza e do clero, em nome da igualdade de todos perante a lei, construindo a partir daí um país moderno, baseado no trabalho e na indústria, sendo de sublinhar também, a crítica contundente que faz aos nossos costumes, deitando por terra a imagem de brandura e acentuando a nossa impiedade e insociabilidade radicais”.³⁷

Ribeiro Sanches contesta os privilégios da nobreza e do clero que desconsideram o trabalho.

As leis de favorecimento dos eclesiásticos e as regalias dos nobres tinham a sua origem no poder de quem legislava, mas eram privilégios e imunidades que geravam muita desigualdade e injustiça e tinham efeitos desastrosos nos costumes e educação. Afirmam mais Sanches:

“Como dos privilégios dos fidalgos e da nobreza procedeu a escravidão, assim das imunidades eclesiásticas procedeu a intolerância civil”...

Exemplifica com Holanda, Rússia e Prússia onde não há discórdia por motivos religiosos, uma vez que existe a liberdade de praticar qualquer religião, Conclui: “Donde se vê que a diferença das religiões não é contrária à paz, nem à concórdia, nem à caridade que deve reinar no estado civil bem unido e bem governado.”³⁸

Acresce que em Portugal “o estado eclesiástico é o mais fácil de seguir, é o que custa menos a alcançar, é o que dá maiores conveniências”.

Por isso, ninguém escolhe o comércio, o estado militar nem as Artes Liberais. Muito poucos seguirão a Medicina, a Filosofia, as Matemáticas, as Humanidades, a Pintura, a Escultura, a Música, a Náutica, a Botânica, a Química...

Em carta a Joaquim Pedro de Abreu explica que não é possível aprender Medicina em Portugal “não só pela errada doutrina, mas também pelo bárbaro, e detestável método com que se aprende”. Aceita, porém, que há bons médicos a tratar doenças, com muitos anos de prática e que são supérfluos os estrangeiros para o ensino. Propõe que sejam os melhores, com mais talento, a deslocar-se e a aprender as ciências, nas melhores universidades da Europa. Defende a importância da Física Experimental, essencial para entender as obras de Boerhaave e dos discípulos. Garante que “só esta Medicina é a que deve ser ensinada em uma Universidade que não quiser ficar na barbaridade e ignorância que VM acha na de Coimbra”.

Considera a língua grega necessária a um médico e a um botânico, mas informa que na Europa o Professor de Medicina domina para além do Latim e Grego, o Francês e o Inglês.

“Que as Universidades como elas são é tempo perdido; que as ciências se haviam de ensinar pela prática; e que no fim as regras; o contrário do que se faz hoje, e daqui vem que saem falsos doutores empapelados, tão asnos como entraram, e com a adição que são soberbos, intolerantes, desprezadores, incapazes de se aplicar à prática do que queira Deus que tivessem aprendido”.³⁹

As Luzes deificavam o homem, a Razão. Havia esperança: “Qu’il est tout à espérer des Lumières; que nous sommes plus heureux dans ce siècle que dans les anciens.”⁴⁰

Lúcido, comenta Sanches: “o ponto é que haja uma meia dúzia de cabeças como a da Imperatriz Catarina II e de el-rei da Prússia”.

Não regressaria a Portugal, apesar de durante toda a vida ter refletido/colaborado nas reformas para melhorar o país que o não quis. Demasiado estrangeira-

do, chamou-lhe Vítor de Sá. O interesse pela Ciência, o saber enciclopedista (Medicina, Arquitetura e Humanidades...), o gosto pelos clássicos (nada do que é humano me é alheio), estrangeirado com o desejo de emendar o Reino cadaveroso da estupidez, Ribeiro Sanches percorreu um caminho religioso complexo: cristão, judeu, e deísta, cético..., habitado pela dúvida; na moderna aceção de Edgar Morin, foi marrano:

“O pensamento complexo é o estágio superior do marranismo com a preocupação de integrar pontos de vista diferentes e por vezes antagónicos, incluindo o ponto de vista da racionalidade, do misticismo, da fé.”

Sanches acreditou na ciência, na razão, no poder da educação, na ética do amor e da fraternidade.

Em síntese

Em época tensa, de debate de crenças e sentimentos da igreja católica e de outras confissões religiosas, foi inevitável a cisão entre países; uns permaneceram fiéis ao catolicismo, outros optaram pelo protestantismo.

Portugal e Espanha viviam na *Ilha da Purificação*, ou numa cidadela de ortodoxia, segundo o ângulo de quem vê. Na Universidade de Évora e nos Colégios de Coimbra e Lisboa triunfava a escolástica. Mas do lado de lá dos Pirinéus, não estavam, como D. Francisco Manuel de Melo, de *candeias às avessas*, com Descartes.⁴¹



Comemorações do V Centenário
do Nascimento de Amato Lusitano

Elementos para um inventário



Actividades desenvolvidas

Comissão Organizadora:

**António Lourenço Marques,
António Salvador,
Carlos Semedo,
Cristina Granada,
José Afonso,
José Miguel Santolaya,
José Preto Ribeiro,
Maria Adelaide Neto Salvador,
Maria de Lurdes Cardoso,
Maria de Lurdes Gouveia Costa Barata
Pedro Salvador.**

- 20/01/2011- Abertura das comemorações junto da estátua de Amato Lusitano, na Praça do Município, em Castelo Branco - Palavras de homenagem, leitura de poemas e de textos sobre as plantas de Amato Lusitano. Distribuída a publicação “Amato Lusitano e as Rosas”;
- 18/02/2011- Conferência “A história de Amato Lusitano na História de Portugal” pelo Professor Doutor Marinho dos Santos, da Universidade de Coimbra - Biblioteca Municipal de Castelo Branco;
- 18/02/2011- Concerto dedicado aos 500 Anos do nascimento de Amato Lusitano, pela Orquestra Sinfónica da ESART - Cine-Teatro Avenida;
- 17/03/2011 - Palestra pela Dra. Maria Adelaide Salvador, “Amato Lusitano - Cidadão do Mundo” - Escola Cidade de Castelo Branco;
- 21/03/2011- Conferência “O meu Amato Lusitano” pelo Professor Doutor Nuno Ferraz de Oliveira, da Universidade de Lisboa- Biblioteca Municipal de Castelo Branco;
- 31/03/2011 - Conferência “Amato Lusitano - O Homem e a Obra” pelo Dr. Lourenço Marques - Escola João Roiz de Castelo Branco;
- 07 a 29/05/2011 - Exposição “Horizontes de Amato Lusitano – “O Corpo do Coração”- Org: Dr. Pedro Salvador - Sala da Nora, Castelo Branco;
- 22/05/2011 - Concerto “Oriente-Occidente” dedicado a Amato Lusitano, Jordi Savall - Igreja de Sta. Maria do Castelo (onde está sepultada a mãe de Amato Lusitano);
- 10/06/2011- Mensagem do Presidente da República evocativa do V Centenário de Amato Lusitano;
- 08/10/2011- Em Busca de uma Cartografia topográfica “Amato Lusitano Espaços e Territórios” - *CulturaVibra*
- 17 a 18/10/2011- Congresso Internacional “A Memória e o

tempo” - Org. Arquitecto José Afonso - Biblioteca Municipal de Castelo Branco;

- 10 a 12/11/2011- Congresso “500 anos - Os saberes intemporais de Amato Lusitano” - Biblioteca Municipal de Castelo Branco;
- 10 a 12/11/2011- *Exposição Bibliográfica* - Org. Biblioteca Municipal de Castelo Branco e João Barroca;
- 10/11/2011 - Mostra culinária “Os sabores intemporais de Amato” - Dra. Lurdes Cardoso e Dr^a M.^a Adelaide Salvador;
- 20/03/2012 - Inauguração da estátua “Diáspora” da autoria de Machaco.

Publicações:

- *Amato Lusitano Judeu Errante* de Armando Moreno (Peça vicentina em 3 actos - Comemorações dos 500 anos do nascimento de Amato Lusitano, Prémio Marcelino Mesquita);
- *Amato Lusitano e as Rosas* - Textos de Maria Adelaide Neto Salvador, Ed. Câmara Municipal de Castelo Branco;
- *O Corpo do Coração - Horizontes de Amato Lusitano* - catálogo da Exposição - Dr. Pedro Salvador, Ed. C. Municipal Castelo Branco;
- *Amato Lusitano Cidadão de Castelo Branco*, de José Lopes Dias - Reedição da C. Municipal Castelo Branco;
- *Amato Lusitano nos Caminhos do Mundo - O Saber sem Fronteiras* - Caderno Especial do *Jornal do Fundão* de 10/11/2011;
- Catálogo da inauguração da estátua *Diáspora*, Ed. C. Municipal Castelo Branco;
- *Amado Amato* - antologia de poesia dedicada a Amato Lusitano, organizada por Prof. Dr^a M.^a de Lurdes Barata e Dr. Pedro Salvador, Ed. C. Municipal Castelo Branco;
- *Jardim Amato Lusitano* - de Dr^a M.^a Adelaide Salvador e Dr^a M.^a Lurdes Cardoso, Ed. C. Municipal Castelo Branco;
- *Ode a Amato Lusitano*, de António Salvador, Ed. C. Municipal Castelo Branco;

Amato fonte de inspiração:

- Concurso Literário e de Artes Plásticas “Amato Lusitano (1511-1568) – O Homem e a Obra” - Escolas de Castelo Branco - Biblioteca Municipal de Castelo Branco;
- Retrato de Amato pelo pintor Ribeiro Farinha
- Medalha Comemorativa - Aut. Tiago Marques
- Placas Evocativas - Aut. Deolinda Bastos

Palavras de abertura

António Lourenço Marques



Sessão de abertura das Comemorações

João Rodrigues de Castelo Branco, o médico que ficou celebrizado com o nome de Amato Lusitano, nasceu há cinco séculos, nesta cidade, num dia de 1511. E faleceu, depois de uma vida brilhante, sacrificado pela peste, num outro local bastante longínquo, na cidade de Salónica, no dia 21 de Janeiro de 1568, onde os seus restos mortais ficaram para sempre. A sua mãe sucumbira poucos meses antes, em 13 de Junho de 1567, mas ficou sepultada no solo natal, dentro da Igreja de Santa Maria do Castelo.

O quinto centenário do nascimento de Amato Lusitano, personalidade tão importante da nossa história, com relevo na cultura portuguesa e também na europeia, com particular destaque na história da medicina, é pois uma efeméride que não pode deixar de mobilizar as forças da cultura e da vida pública de modo a serem organizadas comemorações condignas. Este acto . começa a dar expressão

Estão previstos vários acontecimentos ao longo do ano para assinalar as múltiplas facetas que a vida e a obra de Amato Lusitano invocam. Será também uma oportunidade para mostrar, na óptica dos dias de hoje, o alcance da sua valiosíssima obra escrita em latim trazendo inclusive à estampa traduções levadas a efeito pela primeira vez.

Há dele um legado cultural denso, que atravessou o tempo e que permite ser a base de reflexões de carácter quer científico, nas múltiplas vertentes, quer literário ou artístico ou mesmo político. O seu exemplo constitui ainda um suporte fecundo para o diálogo intercultural e inter-religioso que se deve aprofundar. Explorar tal riqueza é um contributo ao nosso alcance para dar luz aos problemas com os quais o homem de hoje se confronta e que desafiam o próprio futuro.

Amato Lusitano, de ascendência judia, teve uma vida complexa e muito diversificada. Amou a pátria, que acabou por incorporar no próprio nome, mas teve de viver a maior parte do tempo longe dela devido à intolerância religiosa de então, violência humana que viria a sofrer também nas outras pátrias percorridas. Estudou em Salamanca, terá passado ainda por Sigüenza, e chegou a praticar medicina em Portugal, mas em 1534 já está em Antuérpia, cidade benéfica para os judeus, onde viveu sete anos. Aí deu azo às suas aspirações de engrandecer o conhecimento, ambição que a pátria limitava. Nesta cidade começou a escrever os seus livros. Em 1541, vai para Itália. Ferrara, Ancona, Veneza, Roma, Pesaro, Florença são as cidades que então conheceu. Nesta última, em 1551, publicou a primeira das Sete Centúrias de Curas Medicinais, obra monumental dedicada à medicina e que é também um retrato impressionante da vida e do quotidiano daquele tempo.

Mas o desprezo e o tormento que se abatia sobre os judeus obrigaram-no, em 1556, a refugiar-se em Ragusa (hoje Dubrovnik) já do outro lado do Adriático. E continuou a fugir. Acolheu-o por fim Salónica, na Turquia, em 1559, onde manteve intensa actividade clínica e científica. Aí chegou, porém, a peste, em 1568, e no posto de combate à doença, ao serviço dos outros, terminou a sua vida.

O luminoso exemplo deste médico, com uma obra escrita de valor altíssimo, deve pois ser mostrado e vivificado.

Espera-se que o programa das comemorações percorra as diversas áreas iluminadas por Amato Lusitano ou que invoquem esta figura: na medicina, propriamente dita, e na ética médica, mas também na literatura, na botânica, na astronomia, na arquitectura, na história da arte, no estudo da época, etc. Um particular colorido virá do realce dado aos valores praticados por Amato Lusitano: a tolerância a todos os níveis, o estudo das raízes e a abertura ao que era novo e diverso.

Conferências, debates, publicação de livros, exposições de diversa natureza, visitas guiadas, espectáculos musicais e actividades que atinjam públicos determinados serão as peças de um programa que se quer digno desta memória, ao mesmo tempo que produzam ensinamentos que iluminem o presente e transmitam mais suporte ao futuro.

Estudiosos de Amato Lusitano

I - Maximiano Lemos



Maximiano Augusto de Oliveira Lemos Júnior nasceu na Régua, em 1860, e faleceu em Vila Nova de Gaia, em 1923. Licenciado em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto, foi vice-reitor da Universidade do Porto, diretor da respetiva Faculdade de Medicina, proprietário da Cadeira de Medicina Legal e regente da cadeira de História da Medicina. Foi fundador e redator dos Arquivos de História da Medicina Portuguesa e foi também presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Porto e sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa e da Sociedade Alemã de História da Medicina, entre outras.

Tem uma obra vastíssima, em particular na história da medicina. Logo, em 1899, publicou a famosa “História da Medicina em Portugal (Doutrinas e Instituições)” que continua a ser uma obra única no seu género. “Atraído pelo valor dos insígnies médicos judeus”, nas palavras de Hernani Monteiro, publicou três magistrais biografias críticas, em 1907, a de Amato Lusitano, em 1909, a de Zacuto Lusitano, e em 1911, a de Ribeiro Sanches. Em 1913, publicou ainda “Amato Lusitano, Novas Investigações”, e em 1922, “Amato Lusitano. Correções e aditamentos”. Em 1913, deu também à estampa um importante e extenso estudo da história da medicina peninsular, dedicado à vida e à obra de André Laguna, um companheiro de Amato Lusitano, na

Universidade de Salamanca, carinhosamente recordado nas Centúrias de Curas Medicas.

Vale a pena também referir que, sendo Maximiano Lemos um grande admirador de Camilo Castelo Branco que havia frequentado os dois primeiros anos de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, onde obteve “um indulgente R” a Anatomia, como o próprio romancista confessou, publicou sobre ele um extensíssimo número de artigos, alguns dos quais reunidos no famoso “Camilo e os Médicos”. Outro escritor que mereceu a sua atenção foi Júlio Dinis, com o livro “Gomes Coelho e os médicos”. Também publicou trabalhos sobre Gil Vicente, Garcia de Rezende, Garret e Herculano. É de facto vastíssima a sua obra, chegando a dirigir inclusivamente a publicação de uma grande Enciclopédia, em 11 volumes, publicou traduções, compêndios escolares e numerosos artigos em jornais, periódicos literários, revistas científicas, etc.

Escreveu ainda composições literárias. Terminamos esta homenagem ao insígne estudioso de Amato Lusitano, com a leitura de um desses seus poemas:

“Eterno amor

Tenho-te amado e tenho-te cercado
Do que em mim há de afecto e de carinho,
Como a mãe livra o filho idolatrado
Da agrura e da aspereza do caminho.

Tenho-te amado e tenho-te rodeado
Do amor, que encerra um coração mesquinho,
Como a ave rodeia de cuidado
A sua companheira e o seu ninho.

E tu também o meu amor compensas
Com todo o teu amor, e quando pensas
No nosso sonho de ideais meiguices.

Dizes (e um negro véu tolda-te a face):
‘Que seria de ti, - se eu te faltasse?’
‘Que seria de mim, -se me fugisses?!’

António Lourenço Marques

Estudiosos de Amato Lusitano

II - Ricardo Jorge



Ricardo Jorge, nasceu no Porto em 1859 e faleceu, em Lisboa, em 1939.

Foi um ilustre médico, licenciado aos 21 anos, professor universitário, um escritor de renome, e um dos maiores higienistas portugueses, introduzindo a moderna estatística demográfica e criando o primeiro laboratório de microscopia e fisiologia, que assinalou a introdução das ciências experimentais na Universidade do Porto. Foi o grande mentor do Instituto Central de Higiene, que deu origem à Escola Nacional de Saúde Ricardo Jorge.

Foi lente proprietário da cadeira de Higiene e Medicina Legal da Escola

Médico-Cirúrgica do Porto, regente da Cadeira de Higiene da Escola Médico-

Cirúrgica de Lisboa, tendo chefiado inúmeras comissões e grupos de trabalho.

A ele se deve a grande reformado ensino médico em Portugal, a implementação de diversas leis que levaram à melhoria das condições higiénicas das populações, e o controlo do célebre surto de peste que se desencadeou no Porto, em 1899.

Teve uma longa e muito fecunda carreira de escritor, publicando uma obra vastíssima, onde não faltou a história da medicina e da literatura. Neste âmbito, publicou livros sobre El Greco, Francisco Rodrigues Lobo, Camilo Castelo Branco (este “seu cliente, amigo e admirador caloroso”), Ribeiro Sanches e Amato Lusitano, entre outros.

Sobre Amato Lusitano, médico pelo qual se interessava desde 1907, motivado pela biografia escrita por Maximiano Lemos, publicou, em 1914, “Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano”. Mas a biografia de Amato feita por Ricardo Jorge só foi editada postumamente, com o título *Amato Lusitano Comentos à sua vida, obra e época*.

Sobre a História da Medicina, escreveu, em 1925:

“O Agudo Carlyle dizia que afinal a *história* é a verdadeira poesia; sem jogo de paradoxo, com maior razão se poderá dizer, que afinal a história é a verdadeira ciência.

Toda a ciência é inconstituível e inerigível sem o alicerce histórico. É a história que presta a perspectiva ao quadro pintural dos nossos conhecimentos, ela quem lhes assegura a continuidade e a diretriz, quem nos diz donde vimos e nos guia para onde vamos. E mormente nesta nossa arte, sempre velha e sempre nova, aliando o timbre da mais alta antiguidade ao da mais fresca actualidade.”

(...)

“Aproveite-se essa lição permanente de ignorância e erro; não desdenhemos a Medicina de outrora porque ignorou e errou nem nos ensoberbecemos com a do presente que ignora e erra. Há verdades médicas imanescentes e eternas, vislumbradas pelo génio antigo, que os séculos revigoraram e o progresso moderno consagrou para todo o sempre. São o farol da nossa prática”.

António Lourenço Marques

Estudiosos de Amato Lusitano

III - José Lopes Dias



A nossa região vivia, ainda, em plena era agrária. Tanto o modo de vida das pessoas como a sua actividade eram ditadas por uma rede apertada de obrigações baseadas nos costumes, nas tradições e em normas estritas. Esta vivência “vigiada” pelas autoridades criava dependência social e económica que impunha crenças, códigos de conduta e hábitos de vida. A grande maioria da população era carente das comodidades mínimas de habitação, vestuário e alimentação. Procurava manter-se o culto do amo e do senhor tentando a continuidade de um certo feudalismo. Todo este ambiente cerceava o espírito de iniciativa, a mobilidade e a própria liberdade das pessoas.

Foi neste ambiente que, em 5 de Maio de 1900 em Vale de Lobos, hoje Senhora da Póvoa, nasceu José Lopes Dias também conhecido por José Lopes Dias Júnior filho de José Lopes Dias e de Carlota Leitão Barreiros Dias.

Cursou o ensino liceal em Castelo Branco e Coimbra terminando, nesta cidade, o curso de medicina em 1923.

Casou em 1926 com Maria do Carmo Pissarra Xavier.

Exerceu medicina em Penamacor até 1928, transferiu-se neste ano para Castelo Branco e foi admitido como médico do Hospital da Santa Casa da Misericórdia e nomeado Director Clínico, cargo que exerceu durante vários anos.

José Lopes Dias foi um homem apaixonado pelo ensino, educação, saúde, investigação, regionalismo e dedicou-se aos mais variados estudos sobre a ciência médica, a história da medicina e ainda a um memorialismo literário digno de nota, que não tenho tempo de enunciar, mas que os interessados podem consultar no Departamento de Extensão

Cultural da Biblioteca Municipal de Castelo Branco, edição publicada em 1990, em sua homenagem. Podemos, assim, integrar o pensamento de Lopes Dias no espírito da **Renasceça Portuguesa** ao lado de Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoais, João de Barros, Afonso Lopes Vieira, António Sérgio, Raúl Proença, António Correia de Oliveira, Augusto Casimiro, entre outros, pugnando para levar a cabo um programa de educação e cultura, com base eminentemente nacional.

Jaime Cortesão afirmava que “para fazer uma boa e bela obra pela educação era necessário não só o talento e o tato de um educador e dum artista mas uma grande vontade e força de inovação, capazes de vencer a pantanosa e rotineira indiferença geral”.

Lopes Dias possuía este talento, vontade e força de inovação e não ficou apenas pelas palavras, desenvolveu meios indispensáveis à concretização do seu pensamento criando:

O Infantário para prestar a assistência à criança e promover o ensino materno infantil à família;

O Jardim Escola pois sentia que o bem estar da criança só era alcançável através do desenvolvimento harmonioso do seu corpo, inteligência, actividade, criatividade e sensibilidade;

A Escola de Enfermagem em 1948, que hoje tem o seu nome, pois era necessário ensinar, educar e dispor de técnicos para a grande obra da promoção da saúde e da cura das doenças.

Promoveu o combate às endemias do Tracoma e Bócio. Relativamente a esta endemia tive o gosto de ser eu próprio a estudá-la e a propor a profilaxia, embora com o apoio do Delegado de Saúde que era Lopes Dias.

Em 1926 contribuiu para a organização do IV Congresso e Exposição Regional das Beiras que consagrou o movimento regionalista, iniciado anos antes e que o nosso homenageado serviu com a maior dedicação.

Os princípios defendidos e praticados por Lopes Dias são actualmente considerados alicerces indiscutíveis do desenvolvimento dustentado.

Personalidade de trato fino com certo fascínio, espírito arguto e possuído do inquebrantável desejo de desenvolver a sua região, soube imprimir a toda a sua obra um cunho sócio-cultural e sentia bem que o amanhã se constroi hoje.

Fernando Dias de Carvalho

Estudiosos de Amato Lusitano

IV - Firmino Crespo



No V Centenário do Nascimento de Amato Lusitano, João Rodrigues de Castelo Branco, de entre as inúmeras iniciativas levadas a efeito pela Comissão Organizadora das Comemorações, em boa hora decidiu realizar este Congresso, intitulado “500 anos – Os Saberes Intemporais de Amato Lusitano”, permitindo, no acto inaugural, homenagear uma pleiade de qualificados investigadores de Amato Lusitano, incluindo o ilustre

idanhense Firmino Crespo, tradutor do latim para português das “Centúrias de Curas Medicinais”.

Firmino de Deus Crespo, o professor de Liceu e homem de letras, nasceu, na oitocentista Vila de Idanha-a-Nova, no dia 29 de Maio de 1907 e veio a falecer, na sua casa, em Carcavelos, em 22 de Maio de 1995. Era oriundo, conjuntamente com nove irmãos, de uma família humilde, mas que sempre estimou e honrou. Está connosco, em representação da sua família, um dos três irmãos ainda vivos, João dos Santos Couchinho, que vai perfazer, Deus o permita, no próximo mês de Janeiro, 97 anos de idade. (Seguiu-se uma prolongada ovação.)

Firmino Crespo, bem cedo se afirmou como latinista e como estudioso da Literatura Portuguesa. Da sua produção literária, dei conta de quarenta e um temas publicados. Atente-se nos temas versados e constata-se a profundidade, o rigor e a beleza literária com que coteja os nossos clássicos, a alguns dos quais ele deu um contributo assinalável para a sua maior visibilidade, organizando, antologias acessíveis a todos os leitores. Referimo-nos, concretamente, a Sá de Miranda, a Cristóvão Falcão e a André de Resende. As suas introduções a essas antologias constituem notáveis peças



pedagógico-didáticas, pelo elevado espírito crítico que demonstram. Colaborou em inúmeras revistas de índole cultural, como a “Humanitas”, “Euphrosyne”, “Ocidente”, “Estudos de Castelo Branco” e outras mais.

Mas a sua coroa de glória foi inquestionavelmente a tradução do latim para o português das “Sete Centúrias de Curas Medicinais”. Graças à tradução destas, a que, apaixonadamente, dedicara muitos e muitos anos da sua vida, mereceu ser homenageado pela Câmara Municipal de Castelo Branco, concedendo-lhe a Medalha da Cidade, aquando das V Jornadas de Estudo - Medicina da Beira Interior da Pré-História ao Século XX, que tiveram lugar em 1993. Deste modo, fora feita justiça a um dos filhos mais destacados do concelho limítrofe, que à investigação dedicara, amorosamente, longuíssimas horas da sua produtiva vida literária. Nessas citadas Jornadas, Firmino Crespo, apresentara uma comunicação intitulada: ALGUNS ASPECTOS DA VIDA E OBRA DE AMATO LUSITANO. Na breve introdução ao tema proferido, refere a sua árdua e prolongada tarefa de tradutor das Centúrias até à sua publicação pela Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Médicas. E, passo a citá-lo:

«O meu convívio com Amato Lusitano através da sua obra principal - as *Sete Centúrias de Curas Medicinais*- foi uma extraordinária experiência de surpresas e ensinamentos sobre a vida e a cultura humanas. Convém sublinhar que não foi fácil a tarefa de transferir para a língua portuguesa a obra em latim deste albicastrense ilustre que de seu nome português de João Rodrigues de Castelo Branco se mudou para o de

Amatus Lusitanus. A língua latina era o instrumento internacional desse século renascentista em que se expressava a variada divulgação da cultura europeia. Por isso, Amato Lusitano a utilizou com proficiência em todos os seus escritos. Um acaso providencial trouxe-me ao encontro da edição completa das Sete Centúrias (*Curarum Medicinalium Centuriae Septem*), editada em Bordeus, 1620, e dela me servi durante anos (40?), como já disse no prefácio da edição completa portuguesa (1980 - Faculdade de Ciências Médicas - Lisboa), 1º volume. A leitura desse prefácio é imprescindível para quem tiver sério interesse no conhecimento da história da versão portuguesa das Centúrias. Longo foi o percurso, mas a vontade de contribuir para a tradição cultural da minha pátria lusitana deu-me coragem nas horas de desânimo ou cepticismo. Vinham-me à lembrança as palavras sugestivas do nosso grande épico: “É fraqueza desistir da obra começada”. Até que um dia apareceu alguém disposto a concretizar a obra, ele também beirão e médico como Amato Lusitano, interessado na edição integral das Sete Centúrias. No meu prefácio referido exponho como se procedeu.»

Termino, com uma saudação a todos e a todas as congressistas e uma palavra de reconhecimento à Comissão Organizadora deste Congresso, pela inclusão do nome do idanhense Firmino Crespo na plêiade de cultores do passado, consagrados investigadores de Amato Lusitano a homenagear, neste acto inaugural do Congresso, pois a tradução integral das Centúrias permitiu continuar a aprofundar o prestimoso contributo de Amato Lusitano para a história da ciência e da cultura portuguesa.

António Silveira Catana

Estudiosos de Amato Lusitano

v - José Caria Mendes

זיכרונו לברכה

(Zikhrono Livrakha)

Abençoada seja a sua memória



Em Memória do meu pai

Quando, há já alguns anos, participei com o meu pai numas Jornadas de Medicina na Beira Interior, na qual foi homenageado o Doutor José Lopes Dias, estava muito longe de pensar que numas outras Jornadas, sob a égide de Amato Lusitano me coubesse a honra de, como filho primogénito, agradecer em meu nome e em nome da minha família a distinção com que neste Congresso foi distinguido o Professor Doutor José Caria Mendes.

Bem haja.

É certamente de todos conhecido que entre os judeus não existe o culto da morte mas sim, o culto da vida pois ela é uma dádiva Divina. Uma dádiva para a qual somos chamados a ser sócios do próprio D'us como participantes e continuadores da Sua Obra cuja expressão máxima é a Vida. Com base neste conceito, nada morre, a não ser em termos físicos, enquanto a sua memória estiver viva e actuante. Duas velas simbolizam o Shabat, Shamor veZakhor (שומר וזכור – “Guarda e lembra”), que nos induzem não só a guardar e a lembrar o Shabat mas também a sua essência.

Por extensão e analogia, o mesmo conceito aplica-se à Vida. É pois, de acordo com o pensamento judaico, a construção da Vida algo de extremo valor que, partindo do passado, catapulta o presente para o futuro. De igual forma é-o também a lembrança, a memória. Não numa perspectiva passadista, mas algo de extremamente dinâmico cujo limite, no dizer de Maimónides é a “chegada do Rei Perfeito que reinará num Reino Perfeito”. É, assim que eu gostaria que o meu pai fosse lembrado.

Ao prestar-lhe homenagem, este Congresso exalta outras duas grandes figuras albicastrenses por quem meu pai nutria grande admiração e respeito. Ambos médicos e ligados ao ensino.

Refiro-me, naturalmente e em primeiro lugar ao patrono deste Congresso, João Rodrigues de Castelo Branco, Amatus Lusitanus, que, para além de ser seu modelo como humanista, era-o também como médico e cientista.

Em segundo lugar, não por desprestígio, mas porque a algum dos dois caberia esta situação, refiro-me ao Doutor José Lopes Dias, de quem me orgulho de, através do meu pai, ter conhecido, notável médico e investigador, a quem dados os profundos laços de amizade vinha visitar, com alguma frequência quando se deslocava à sua casa de Portalegre. Era, para ele, quase irresistível vir a Castelo Branco conversar com o seu amigo de tantas prosas e seu mestre de tantos saberes.

Nessas ocasiões, de que falavam os dois médicos?

De tudo menos de medicina tomada com acto clínico. Falavam de culturas e história, do Alentejo e da Beira Baixa, de Penamacor, terra natal de José Lopes Dias e à qual o meu pai se encontrava também ligado por ascendência. Falavam de arqueologia e etnologia. Por vezes passeavam a par por Castelo Branco. Iam aos Jardins do Paço, à Catedral e ao Castelo...

De mansinho, quase sem se notar a conversa inflectia, voltava-se para Penamacor e para Ribeiro San-

ches. Então, surgiam as “Cartas sobre a Educação da Mocidade”, o “Método para aprender a estudar Medicina” e as “Dificuldades que tem um Reino velho para emendar-se”.

Depois, era Hipócrates, Avicena, Maimônides, Galeno, Vesálio, Dioscorides e Amato. Sempre Amato e as suas Centúrias...

João Rodrigues Castelo Branco era o tema preferido por ambos.

Aliás, Amato, para o meu pai, apesar da sua estrutura científica cartesiana, era o modelo do médico, do cientista e do humanista cuja plenitude pretendia alcançar. À mínima referência ao seu nome ou à sua obra quase fazia que meu pai o introduzisse na nossa presença num colóquio informal ao qual não faltaria a sua largueza de espírito condizente com a largueza, vastidão e beleza da paisagem albicastrense.

Relembro agora uma das últimas visitas que eu e o meu pai fizemos ao Doutor José Lopes Dias. Terminámos o dia nas muralhas do castelo admirando uma arrebatadora paisagem dourada por um pôr do Sol magnífico. Meu pai e José Lopes Dias envolveram-se num vivo diálogo sobre as lendas da cidade que se estendia aos nossos pés, a Serra de São Mamede, cujos contornos azul violáceos dali avistávamos e, naturalmente Amato Lusitano. Desta vez, a conversa recaiu sobre o seu juramento e a sua modernidade.

Concluindo o meu profundo agradecimento pelo facto de este Congresso homenagear o meu pai sob a égide de uma figura que lhe foi tão querida, não quis deixar de o fazer sem englobar nele a memória do seu amigo Doutor José Lopes Dias. Assim, estendendo a todos os participantes esta minha gratidão pedir-lhes-ia que recriassem, ainda que com um esforço de imaginação, aquela conversa no castelo, lembrando o seu mote composto em Salónica no ano de 5319 (1559):

«Juro perante Deus imortal e pelos seus dez santíssimos sacramentos, dados no Monte Sinai ao Povo Hebreu, por intermédio de Moisés, após o cativeiro no Egipto, que na minha clínica nunca tive mais a peito do que promover que a Fé intacta das coisas chegasse ao conhecimento dos vindouros.

Nada fingi, acrescentei ou alterei em minha honra ou que não fosse em benefício dos mortais.

Nunca lisonjeei, nem censurei ninguém ou fui indulgente com quem quer que fosse por motivo de amizades particulares;

Sempre em tudo exigi a verdade;

Se sou perjuro, caia sobre mim a ira do Senhor e de Rafael seu Ministro e ninguém mais tenha confiança no exercício da minha arte;

Quanto a honorários, que se costuma dar aos médicos, também fui sempre parcimonioso no pedir, tendo tratado muita gente com mediana recompensa e muita outra gratuitamente.

Muitas vezes rejeitei firmemente grandes salários, tendo sempre mais em vista que os doentes por minha intervenção recuperassem a saúde do que tornar-me mais rico pela sua liberalidade ou pelos seus dinheiros; Para tratar os doentes, jamais cuidei de saber se eram hebreus, cristãos, ou sequazes da Lei Maometana;

Nunca provoquei a doença;

Nos prognósticos sempre disse o que sentia;

Não favoreci um farmacêutico mais do que outro, a não ser quando nalgum reconhecia, por ventura, mais perícia na arte e mais bondade no coração, porque então o preferia aos demais;

Ao receitar sempre atendi às possibilidades pecuniárias do doente, usando de relativa ponderação nos medicamentos prescritos;

Nunca divulguei o segredo a mim confiado.

Nunca a ninguém propinei poção venenosa;

Com a minha intervenção nunca foi provocado o aborto;
Nas minhas consultas e visitas médicas femininas nunca pratiquei a menor torpeza;

Em suma, jamais fiz coisa de que se envergonhasse um Médico preclaro e egrégio.

Sempre tive diante dos olhos, para os imitar, os exemplos de Hipócrates e Galeno, os Pais da Medicina, não desprezando as Obras Monumentais de alguns outros excelentes Mestres na Arte Médica;

Fui sempre diligente no estudo e, por tal forma, que nenhuma ocupação ou circunstância, por mais urgente que fosse, me desviou da leitura dos bons autores;

Nem o prejuízo dos interesses particulares, nem as viagens por mar, nem as minhas pequenas deambulações por terra, nem por fim o próprio exílio, me abalaram a alma, como convém ao Homem Sábio:

Os discípulos que até hoje tenho tido, em grande número e em lugar dos filhos, tenho educado, sempre os ensinei muito sinceramente a que se inspirassem no exemplo dos bons;

Os meus livros de Medicina nunca os publiquei com outra ambição que não fosse o contribuir de qualquer modo para a saúde da Humanidade;

Se o consegui, deixo a resposta ao julgamento dos outros, na certeza de que tal foi sempre a minha intenção e o maior dos meus desejos”

António José de Sousa Caria Mendes

Estudiosos de Amato Lusitano

VI - Joaquim Veríssimo Serrão



Com todo o gosto acedi a prestar um depoimento testemunhal para esta sessão inaugural de homenagem aos estudiosos da obra de Amato, respeitante ao Senhor Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão. Efectivamente, este homenageado, para além de ser um dos maiores historiadores portugueses de todos os tempos, porventura o maior de entre os vivos em produção escrita, foi também um estudioso da biografia do grande médico albicastrense cuja memória aqui evocamos anualmente, mas este ano de forma tão especial. E, logo à partida, tenho que dizer que não é fácil numa só página dar um testemunho, por simples que seja, de tamanho vulto da historiografia nacional... Peço desculpa, por isso, se me exceder um pouco, por ter de avocar aspectos do plano pessoal, no sentido de uma maior autenticidade.

Conheci o ilustre historiador como meu professor no longínquo ano lectivo de 1972/73, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: era o seu primeiro ano na cátedra de História e regia a cadeira de História da Expansão Portuguesa, tendo como assistente o Prof. Luís Filipe Thomaz. Apesar de eu frequentar o curso como estudante-trabalhador (em regime voluntário/militar), gostei da leccionação,

de que guardo religiosamente os apontamentos manuscritos. Lembro-me que aparecia frequentemente na Biblioteca da Faculdade, a apoiar os alunos que pretendiam complementar as aulas. Bastantes anos mais tarde, estando eu a leccionar na ESE [do Politécnico] de Santarém (em cujas origens ele também tinha estado por ser natural dessa cidade), voltei a trabalhar sob sua orientação, primeiro para o curso de Mestrado em História Moderna e depois para a tese de Doutoramento.

Começou então o cultivo de uma sólida amizade. Fiel ao princípio de que «o aluno de hoje é o amigo de sempre», por diversas vezes me franqueou as portas da sua mansão do Salmeirim (Santarém), orientando, sugerindo leituras ou emprestando carradas de livros, dos muitos milhares da sua formidável biblioteca. E era um prazer imenso dialogar com ele, pela sua memória de computador, pelo seu saber enciclopédico, pelo entusiasmo contagiante da experiência de vida. Falávamos de quase tudo, ...mas pouco de política, porque eu conhecia e respeitava as ideias dele, como ele conhecia e respeitava as minhas. Prefaciou e/ou apresentou três livros meus. E fez questão de me propor à Academia Portuguesa da História, de que ele era digníssimo Presidente havia quase três décadas. Enfim, retirado da docência universitária e da vida académica activa, por sua exclusiva vontade, recolheu ao torrão natal e ao “Vale dos Reis”, onde continua a trabalhar e onde o tenho visitado.

Joaquim Veríssimo Serrão tem hoje 86 anos (n.1925); é doutorado pelas Universidades de Toulouse (1953) e Coimbra (1956), e ainda Doutor *honoris causa* pela de Montpellier (1974) e pela Complutense de Madrid (1995); foi professor em diversas outras universidades, com relevo para a de Lisboa, de que foi catedrático e reitor. No plano historiográfico, ele estará decerto em linha com os grandes mestres e vultos maiores deste nosso país; e desses, ele será, seguramente, o historiador português com obra mais extensa, quer em número de títulos quer em volume

Mas esse livro teve para nós também uma particularidade fundamental: apesar de algumas limitações, por ele próprio reconhecidas, foi aí que o Professor

E por tudo o que fica dito, ou pelo muito mais que fica por dizer, creio poder terminar bem este testemunho dizendo que o Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão é um caso raro de uma espécie de historiador em extinção: trabalhando sem equipa e sem apoios oficiais, sem computadores e apegado à sua velha máquina de escrever, mas dotado de uma energia, de uma capacidade e de uma memória espantosas, vivendo de e para os livros, ele era (e ainda é) um excelente *clínico geral da História*, dominando quase todas as matérias e biografias... no que incluímos também, obviamente... o nosso AMATO.

140

Estudiosos de Amato Lusitano

VII - Alfredo Jorge Martins Rasteiro de Campos



Alfredo Jorge Martins Rasteiro de Campos, filho do Doutor Alfredo José Rasteiro de Campos e de Branca Eduarda Alves Martins, nasceu em Azinhaga, Golegã, em 17 de abril de 1936. Licenciou-se em medicina na Universidade de Coimbra, em 1960 e doutorou-se em Ciências Médicas (Oftalmologia) também pela Universidade de Coimbra, em 1979, tendo sido professor de Oftalmologia e regente da cadeira de História da Medicina da respetiva Faculdade de Medicina, sendo médico dos Hospitais da mesma Universidade.

Tem uma vasta obra publicada, com vários trabalhos da sua especialidade, mas tem-se dedicado, em particular, à história da Medicina. Destacamos os livros “Ensino Médico em Coimbra”, que veio a público em 1999 e “Medicina Judaica Lusitana Século XVI”, dado à estampa, no ano 2000. Nesta última obra dá-nos uma visão muito refrescante, densa e rigorosa, do médico Amato Lusitano. Já antes, em 1985, havia publicado a “Hístóna da Oftalmologia Portuguesa” e, em 1992, o livro “Medicina e Descobrimentos”.

Foi fundador, em 1988, e dirigiu a revista “Kaliopé, De Medicina”, ligada à disciplina de História da Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Nos Cadernos de Cultura “Medicina na Beira Interior - da pré- história ao século XXI”, tem publicado ininterruptamente trabalhos, a grande maioria dedicados a Amato Lusitano.

Foi fundador do Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica de Coimbra.

O Professor Alfredo Rasteiro tem sido um dos participantes que nunca falhou a sua presença nas Jornadas de Estudo, realizadas em Castelo Branco. Sempre o primeiro a chegar a estas Jornadas, elas devem a sua longevidade, indiscutivelmente, também ao seu estímulo e entusiasmo e à garantia que deixa de ano para ano de que voltará sempre.

Em 1998, quando se realizaram as X Jornadas respetivas, a Câmara Municipal de Castelo Branco, através do seu presidente, Comendador Joaquim Morão, reconheceu o trabalho de estudo da obra de Amato Lusitano, levado a cabo pelo Professor Alfredo Rasteiro, ativo desde 1989, quando se iniciaram as Jornadas de Estudo, atribuindo-lhe a medalha da Cidade.

Termino, lendo uma sua tradução do latim de um poema escrito no “Dioscoridis Anasarbei: de Medica Materia”, de Amato Lusitano. Belíssima tradução tão fiel ao “Preclaro Amado”:

“Ad studiosum et candidum lectorem, Nicolaus Stopiús:

Preclaro Amado deixa que te diga
Amado de nome, sempre foste Amado.
Amado, sem dúvida, amizade evocas.
Amado, amigo dos amigos,
Prestável, apaziguador e oportuno
Tornas elegres quantos amas.
Tantos, tantos
Todos quantos te conhecem.
Felizes aqueles que te procuram
Sem preconceitos, recto entendimento.
Estudas *Dioscoridis*
Com ânimo viril.
Quanto mais procuras, Amado,
Mais te interrogas: Que é o Amor?
A procura da dádiva
Não defrauda o esforço.
Devemos muito à Lusitânia de Amado
E muito devemos ao grego de Anazarbo.
O Lusitano honra a Lusitânia.
De grande coração, tem o maior!”

Amatus Luisitanus. In: Dioscoridis Anazarbei: de Médica Matéria

António Lourenço Marques

O Tempo da Música



Concerto "Oriente Ocidente" dedicado a Amato Lusitano -Igreja de Santa Maria do Castelo

>HESPÈRION XXI

Jordi Savall - Rebab e vielle

Dimitri Psonis - Santur, moresca e percussão

Nos 500 Anos do Nascimento de Amato Lusitano

22 DE ABRIL > 18H00

Igreja de Santa Maria do Castelo



6ª Feira, 21h30
Cine-Teatro Avenida

18..FEVEREIRO

Nos 500 anos do nascimento de Amato Lusitano

ORQUESTRA SINFÔNICA DA ESART

Entrada: Gratuita

O Espaço Vivido de Amato Lusitano nas suas próprias palavras

Antecipando o concerto pela Orquestra Sinfónica da ESART numa recolha feita pelo Dr. Lourenço Marques foram lidos os belos textos que Amato Lusitano escreveu nas Centúrias de Curas Medicinais sobre os lugares que habitou no percurso da sua vida, acompanhados por projeções de imagens desses territórios.

Cura I da 1ª Centúria – Uma rapariga campónia



Castelo Branco

“Uma rapariga campónia, de 13 anos de idade, ia com sua mãe para o campo, descalça, sem tamancos, a levar a comida aos ceifeiros, em pleno verão, desacompanhada, e no meio do caminho foi mordida no pé direito por uma víbora. A mãe, vendo a filha ferida e aflita, apressa-se a voltar à povoação o mais rapidamente possível. Entretanto, durante a caminhada, arranja o processo de salvar a filha. Dá de cara com um arbusto, o trovisco. Aproxima-se dele e faz tiras ou correias com que depois ligou, na parte alta, a perna mordida, perto do joelho, junto à curva, ideia de facto excelente, afim de a violência do veneno não passar até à parte superior do corpo.”

Amato Lusitano, 1ª Centúria de Curas Médicas,

“Sabemos que em todos os climas há lugares temperados e destemperados, pois **Castelo Branco**, minha pátria, a que Ptolomeu fez referência, a igual distância de **Lisboa** e **Salamanca** (a universidade mais célebre de toda a Europa) é de clima temperado. A cidade da **Guarda** porém, perto daquela é tão fria que até as pessoas o sentem no pino do Verão. Isto vem-lhe da alta montanha, chamada Serra da Estrela que directamente a espreita e das neves que sempre a branqueiam e cobrem, sobre ela sopra o seu vento de altitude.”

Amato Lusitano, Cura XIII da 3ª Centúria



Sé da Guarda



Salamanca

“**Lisboa** tem cerca de quarenta graus de elevação polar e Roma quarenta e um. A isto se acrescentará o que um médico deve entender especialmente na pesquisa da temperatura de regiões, cidades e lugares, isto é, que Lisboa é a cidade mais oriental de toda a Hispânia e a mais ilustre de toda essa zona ocidental, na opinião de todos. Fica assente num terreno plano, e as suas praças são banhadas pelo Mar Oceano em que desagua o Tejo aurífero, poucos estádios adiante. Não é dominada por ventos de montes nevados nem corrompida por florestas temerosas ou pântanos infectos, nem por águas estagnadas, lagoas, fossos ou cavernas donde é costume levantarem-se cheiros pestilentos que quase sempre infectam as cidades, como acontece com várias urbes da Itália e da Grécia. Pelo contrário, tem nos arredores campos férteis, jardins agradabilíssimos, fontes de água límpida, ribeiros cristalinos, vinhas aprazíveis, pomares abundantíssimos. De tudo isto resultam ares salubérrimos, mantendo a melhor temperatura nas quatro estações do ano, uma vez que no pino do Verão o calor não é insuportável a ponto de sufocar as pessoas, nem o frio de Inverno é tão rigoroso que as obrigue a refugiarem-se

junto do lume. É raro ver-se em Lisboa a geada ou a neve, sendo por isso que em pleno Inverno até usam vestuários muito simples, sem precisarem de se defender com peles. A cidade é bafejada, em grande parte, por uma brisa muito suave, provinda do oceano, propiciadora de tudo, como querem Hesíodo e Homero.”



Lisboa

“**Roma** também possui tudo o que foi dado a **Lisboa**, mas fica a Oriente e está mais voltada ao Sul do que ao Norte. Por isso, a sua temperatura é superior em calidez e humidade e, portanto, como disse Galeno, sujeita a distilações. É atravessada pelo rio Tibre, chamado outrora Ábbula, que desagua no mar, não muito longe, de modo a partilhar com razão a mesma temperatura que tem **Lisboa**. Daqui que os Romanos são fisionomicamente semelhantes aos Lisboetas e outros Portugueses, aponto de até serem iguais na duração da vida.”

Amato Lusitano, 3ª Centúria de *Curas Médicas*



Roma - Rio Tibre

“A cidade de **Ragusa** é pequena, mas antiga, semelhante a Veneza. Está situada junto ao mar Adriático, entre elevações rochosas, voltadas para o sul. Por isso, ela fica exposta aos ventos austrais, estando as pessoas sujeitas a mais frequentes e graves doenças durante o Inverno. Produz vinhos fortes, mas pouco saudáveis, escassa fruta e nenhum trigo, visto que não tem campos. A forma de governo é a república, mas nele só a classe nobre é admitida, constituída por homens políticos, bastante ricos e sóbrios. Além da aristocracia há uma numerosa

classe popular de que uma parte são mercadores, pessoas bastante civilizadas, comerciando, como os patrícios, por muitas partes do mundo, em grandes e magníficos navios. A restante parte da população é inferior, e dominada pela pobreza.”

Amato Lusitano, *Introdução da 6ª Centúria*.



Ragusa

“Ao chegar a **Salonica**, cidade que é presentemente, como outrora, a capital de toda a Macedónia, fartamente povoada de muitas e variadas gentes, mas atacada por doenças muito graves e de grande severidade, julguei acertado escrever alguns comentários sobre elas e publicar a Sétima Centúria, apresentando-a à consideração visual dos homens, para que por meio deles ao menos os que se dedicam ao exercício da medicina reconheçam que a Grécia, agora como noutros tempos antigos, está atacada e tomada de doenças muito graves, terríveis e complicadas. Motivo este, que não julgo insignificante, em virtude do qual nela floresceram médicos tão notáveis e extraordinários. Com efeito, era abundante a matéria à volta da qual homens eminentes, ansiosos de conhecer a natureza das coisas, podiam estudar e, para ajudar o povo, libertá-lo frequentemente de estados angustiosos, nela conseguiram obter não pequena glória e honras excelentes. De tal maneira se mostraram solícitos e diligentes os que nesta divina arte (médica) se evidenciaram e brilharam, em seu uso assíduo e frequente, sobre as demais nações, que ainda hoje são tidos como mestres aceites e louvados de todos os povos”.

Amato Lusitano, *introdução da 7ª Centúria*



Salonica

Em torno da Exposição

O Corpo do Coração

cer o homem , à escola, à associação...



Carlos Semedo e Pedro Salvado, na Sala da Nora, junto à exposição

Amato, um símbolo europeu

Numa altura "em que se duvida da capacidade de manter a Europa unida", Amato Lusitano pode ser "um símbolo" da identidade europeia, destaca Pedro Salvado, tendo em conta o périplo do médico investiga-

dor por vários países do continente. Por outro lado, demonstra-se como uma pequena cidade, "através de Amato Lusitano, pode ganhar uma dimensão global" ao ser terra natal de uma figura científica tão importante.

Visita guiada à exposição *O Corpo do Coração*

A exposição patente na Sala da Nora foi "a forma da Câmara de Castelo Branco se associar aos 500 anos do nascimento de Amato Lusitano", destaca Carlos Semedo, programador cultural do município.

Não se trata de contar a história da sua vida (uma outra mostra com essa função está prevista para o segundo semestre), mas de apontar os locais onde é referenciado na cidade, mostrar a evolução dos desenhos que retratam a sua fisionomia e tentar mostrar com imagens atuais qual o ambiente que o rodearia hoje.

"Acredito que a mostra pode ter esse pequeno condão de estimular bastante a discussão à

volta de Amato Lusitano e da relação com a cidade", refere Carlos Semedo, para quem "a identidade da cidade associada a Amato Lusitano tem tido forte correspondência com investimentos na Zona Histórica e estudos ao nível da arquitetura e história". Classifica a exposição como "estimulante, sem ser pesada, e com informação quanto baste para que os alunos e todas as outras pessoas interessadas recebam um impulso para conhecer melhor Amato".

A exposição mostra um mapa da cidade com os locais onde há referências ao nome de Amato Lusitano, todos como que em órbita da estátua inaugurada em 1956 no Centro Cívico -

inauguração da qual são exibidas várias fotos e recortes de jornais.

- A única réplica da estátua, com 90 centímetros de altura, está no centro da exposição, cedida pela família do escultor Martins Correia, que a esculpiu depois do original no centro da cidade e apenas com ligeiras diferenças.

- Depois de inaugurada esta estátua, ela tem servido para ilustrar quase tudo o que faz referência a Amato Lusitano, desde postais, a folhetos ou outros documentos públicos expostos. Mas até ver a luz do dia, havia diferentes modelos iconográficos de Amato. Estão igualmente na mostra, não são muitos e ainda

hoje se discute qual seria afinal a fisionomia do médico. "É uma discussão que continua acesa: o nosso papel é estimulá-la", destaca Carlos Semedo.

- A exposição mostra um conjunto de fotos que é o resultado do desafio lançado a seis fotógrafos com diferentes formações, para "fazerem uma leitura contemporânea" de Amato Lusitano. Houve quem fotografasse as referências ao seu nome, outros procuraram imagens relacionadas com as ideias de Europa e passagem do tempo.

- Estão igualmente expostos um conjunto de estudos fotográficos feitos por alunos de escolas da cidade sobre a estátua de Amato no Centro Cívico.

A Propósito da Exposição: “O Corpo no Coração - Horizonte de Amato Lusitano”

Pedro Miguel Salvado

Este projeto expositivo apresenta duas estratigrafias imagéticas, cronologicamente diferenciadas, que se estabelecem a partir da figura de João Rodrigues de Castelo Branco, o albicastrense medico judeu mais conhecido por Amato Lusitano na Europa de quinhentos. Inventariam-se algumas das matérias que conduziram à construção iconográfica da personagem estabilizada, em 1956, na estátua de bronze realizada pelo escultor Martins Correia. O monumento comemorativo situado no centro da cidade de Castelo Branco inverteu, na comunidade, a deslembração do colectivo assumindo-se como foco do regresso, reforçando a presença na paisagem urbana, depois de uma ausência de séculos, desta ímpar sumidade da cultura europeia. O bronze anulou e anulará, em parte, a amnésia identitária que ainda envolve toda a memória amatiana. A estátua possui uma biografia peculiar que é hoje reconstruída e apropriada através de diálogos sustentados em múltiplos suportes e situações gráficas.

A outra estratigrafia exposta resultou de um desafio colocado a um conjunto de fotógrafos para que interpretassem a densidade cultural da personalidade. São criações que remetem para o espaço público contemporâneo, para o modelado histórico primevo, para o jogo dos tempos, revelando uma rede de metáforas e de horizontes complexos mais materiais ou mais etéreos. Os artistas cartografaram outras geografias e escalas reconstituindo epidermes do espaço vivido, do corpo e da alma amatiana. Estamos diante de um inventário de partidas, de ausências, de interrogações, de saudades. Relacionados com Amato, os discursos fotográficos assumem-se como penitências do sentir, como catarses individuais desenhadas com luz que constroem outras memórias que anulam o esquecimento do judeu albicastrense que, errante, retornou através da História das suas imagens.

Este pequeno texto editado na agenda cultural do município, resume as coordenadas basilares da exposição “O corpo do coração. Horizontes de Amato Lusitano”, mostra que esteve patente ao público em Castelo Branco, na Sala da Nora do Cine-Teatro Avenida, entre os dias 7 e 29 de Maio de 2011, organizada pela Câmara Municipal de Castelo Branco e comissariada por mim e por Carlos Semedo.

Nesta revisitação a geografias e a inventários de matérias e de fontes imagéticas amatianas – gostaríamos de salientar a inclusão no discurso expositivo do “modelo” primordial que esteve na raiz do desenvolvimento da volumetria da escultura pública de Amato Lusitano hoje nas mãos de sua filha a quem muito agradecemos a partilha deste comovedor e exaltante fragmento da sua memória familiar. O nosso reconhecimento também é devido à Dr^a Aida Rechená, directora do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior pela cedência de algumas peças. Mas esta exposição não teria sido possível, para além do empenho da equipa do projecto Cultura Vibra e do Cine Teatro Avenida de Castelo Branco, sem a ajuda e apoio de João Barroca, diligente funcionário da Câmara Municipal do Fundão, amigo prestável e insigne colecionador - conservador de importantes fontes, fundamentais para um correto desenvolvimento de certas coordenadas da nossa História Regional. No contexto da obra foi também editado, pela Câmara de Castelo Branco, um catálogo que inclui textos de António Lourenço Marques, Joaquim Morão, Pedro Salvado e de Maria de Lurdes Gouveia Barata, fotografias de Carlos Matos, Diamantino Gonçalves, Eduardo Margareto, José Joaquim Pio, José Tomás, Paulo Vinhas, Pedro Martins e alunos do A. E. Faria de Vasconcelos de Castelo Branco e poemas de Américo Rodrigues, Nicolau Saião, António Salvado, Alfredo Pérez Alencart, Maria Estela Guedes, Maria do Sameiro Barroso, Stefania Di Leo, Hendrick Van Noort e Margalit Matitiah. O design gráfico do catálogo foi de Tiago Navarro Marques e o design expositivo do fotógrafo designer Nelson Canilho.

Notas:

Sobre reprodução desta iniciativa junto dos órgãos de comunicação social regional e nacional, entre outras:

http://www.gazetadointerior.pt/seccoes/includes/prt_noticias_seccao.asp?idn=11681

<http://sicnoticias.sapo.pt/Lusa/2011/05/20/castelo-branco-exposicao-revela-homem-por-detras-do-nome-mais-usado-na-cidade-c-vdeo>

<http://www.cnoticias.net/?p=17118>

<http://www.diariodigitalcastelobranco.pt/detalhe.php?id=2862>

<http://juventude.gov.pt/eventos/educacaoformacao/paginas/exposicaodoculturalcorpodocoracaohorizontesdeamatolusitano.aspx>

* Licenciado em História (U.C.) ; Mestre em Culturas Regionais (U.N.L.); Doutorando em História e Antropologia (U.Sal.); Investigador da Universidade de Salamanca.

Publicações do V Centenário



Prólogo da Antologia “Amado Amato”

Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

A organização desta antologia esteve sob a égide de Amato Lusitano. Neste ano de comemorações dos quinhentos anos do seu nascimento, esta publicação pretende ser um marco para lembrar o insigne médico que se tornou cidadão do mundo e cuja memória não é apenas uma saudade de homem ilustre, mas um manancial de investigação num cotejo de desempenhos e de história da medicina.

As metas que aglutinam a selecção dos textos poéticos apontam para dois pólos temáticos: o próprio Amato Lusitano no seu percurso e os valores defendidos e postos na prática da sua vida de homem-médico, cumprindo-se como tal na fidelidade ao juramento «feito em Salónica, no ano do Mundo 5.319 (1559 da nossa Era)» e que se inicia com uma profissão da Verdade: «Juro perante Deus imortal e pelos seus dez santíssimos sacramentos, dados no Monte Sinai ao Povo Hebreu, por intermédio de Moisés, após o cativeiro no Egipto, que na minha clínica nunca tive mais a peito do que promover que a Fé intacta das coisas chegasse ao conhecimento dos vindouros».

Ao longo do juramento elevam-se os valores presentes na sua prática, valores como altruísmo e solidariedade (Nada fingi, acrescentei ou alterei em minha honra ou que não fosse em benefício dos mortais; e ainda: Quanto a honorários, que se costuma dar aos médicos, também fui sempre parcimonioso no pedir, tendo tratado muita gente com mediana recompensa e muita outra gratuitamente), imparcialidade e anti-racismo (Nunca lisonjeei, nem censurei ninguém ou fui indulgente com quem quer que fosse por motivo de amizades particulares; Para tratar os doentes, jamais cuidei de saber se eram hebreus, cristãos, ou sequezes da Lei Maometana), a lealdade e a confiança (Nunca divulguei o segredo a mim confiado), a coragem e a fortaleza (Nem o prejuízo dos interesses particulares, nem as viagens por mar, nem as minhas pequenas demorações por terra, nem por fim o próprio exílio, me abalaram a alma, como convém ao Homem Sábio), a competência e o amor ao estudo (Fui sempre diligente no estudo e, por tal forma, que nenhuma ocupação ou circunstância, por mais urgente que fosse, me desviou da leitura dos bons autores), o amor do Bem pelo Exemplo que procurou e pelo exemplo da sua própria vida pelo que foi construindo (Os discípulos que até

hoje tenho tido, em grande número e em lugar dos filhos, tenho educado, sempre os ensinei muito sinceramente a que se inspirassem no exemplo dos bons).

Dos princípios e da vivência de João Rodrigues de Castelo Branco (que nos honra por ter levado o nome da sua terra natal muito longe) emerge o homem do amor ao próximo, o homem da liberdade, genuinamente vivida, interiormente e nos seus actos, o homem de carácter que deve servir de exemplo. Assim, é esteio de inspiração na presente antologia, uma antologia poética. A força da palavra poética carrega a denúncia, a resistência, a reflexão, a visão do mundo sob o olhar humanista do amor e da fraternidade. Por isso, a palavra poética é indicada para homenagear um grande homem. Compreende e celebra.

No que podemos considerar como critérios de conteúdo, delinear-se propostas de poemas que são directamente dedicados a Amato Lusitano com referências à sua vida de médico ou à sua peregrinação humana e poemas que, mais indirectamente, falam de valores, do acto de viver sob os signos do Bem, da Liberdade, do Querer e do Crer. Pretendeu-se erguer um canto que se dirigisse a um homem, ao homem e aos valores humanos que dignificam a vida. A dor, o feito, a viagem sem fronteiras, a dimensão do amor e da coragem ocupam o espaço deste respirar poético, para que fique como que mais um talefe nas comemorações dos quinhentos anos do nascimento de João Rodrigues de Castelo Branco, Amato Lusitano. Foi esta bússola orientadora que chamou os mais variados poetas e de vários países, que são instrumento de cultura e de prazer de leitura evocadora de um cidadão do mundo. As vozes dos poetas rodeiam assim esta figura, mesmo que alguns poetas não estivessem a pensar em Amato Lusitano, quando criaram os seus poemas.

Pedro Salvado, investigador inteligente, de fiabilidade e acuidade conhecidas, fez contacto e recolha junto da maioria dos poetas que integram a antologia e cabe uma palavra ao seu mérito. Deseja-se que esta leitura seja a do fascínio pela palavra da arte poética, com a manifestação do brilho de João Rodrigues de Castelo Branco neste ano especial de 2011 a trazer à luz o 1511.º aniversário do nascimento que definiria uma vida humana que dignifica os humanos.

A urgência de Amato Lusitano

Carlos Semedo

“Encetado o trabalho mantivemos a ordem seguinte que não custa trazer a público, para que depois outros tenham um guia ao curarem semelhantes afecções”

Amato Lusitano, *Cura XVI – Centúria II*

A construção de identidade em qualquer território depende muito da forma como os elementos simbólicos são apreendidos e trabalhados pela comunidade e da projecção dos mesmos para o exterior. João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano, pela sua vida e obra, é uma das personalidades mais fascinantes que a cidade de Castelo Branco viu nascer. Como foi possível eu, que vivo em Castelo Branco há 27 anos, apenas recentemente me ter apercebido da dimensão e obra deste vulto da história da medicina?

É certo que a estátua de Martins Correia ocupa um espaço simbólico notável na malha urbana, mas tal não foi suficiente para que sentisse uma necessidade de aprofundar o meu conhecimento sobre este ilustre albicastrense. O que é preocupante nesta constatação é o facto de eu sempre ter procurado conhecer melhor a cidade, as suas personagens e histórias e, de uma forma tão natural, ter falhado o encontro com Amato.

Uma das razões para tal falha será a falta de representatividade simbólica no quotidiano e na vida cultural da cidade. É certo que, por exemplo, os *Cadernos de Medicina da Beira Interior* e os Encontros realizados anualmente são uma fonte importante de informação mas até que ponto o pulsar da cidade se confronta com a importância de João Rodrigues de Castelo Branco, a partir destes acontecimentos esporádicos? Pouco, muito pouco.

Estamos perante a necessidade de os agentes culturais, as Escolas, os artistas, a autarquia, os investigadores e especialistas trazerem para o domínio público, de uma forma permanente, a figura do médico albicastrense. As comemorações dos 500 anos do nascimento de Amato Lusitano e o incremento de actividade em torno dele devem ser apenas uma medida da intensidade que é necessário manter nos próximos anos, com persistência, qualidade e criatividade.

Exposição Fotográfica - “Em busca de uma cartografia fotográfica”



Organizada pela CulturaVibra, teve lugar um concurso de fotografias dedicadas aos espaços de Amato Lusitano da sua cidade natal, Castelo Branco.

Vários participantes colheram imagens, numa aventura fotográfica de um dia, em que o universo do médico albicastrense foi o traço de união.

Para a comemoração de Amato: a medalha

Pedro Miguel Salvado*

À memória do Dr. Carlos Soares de Sousa

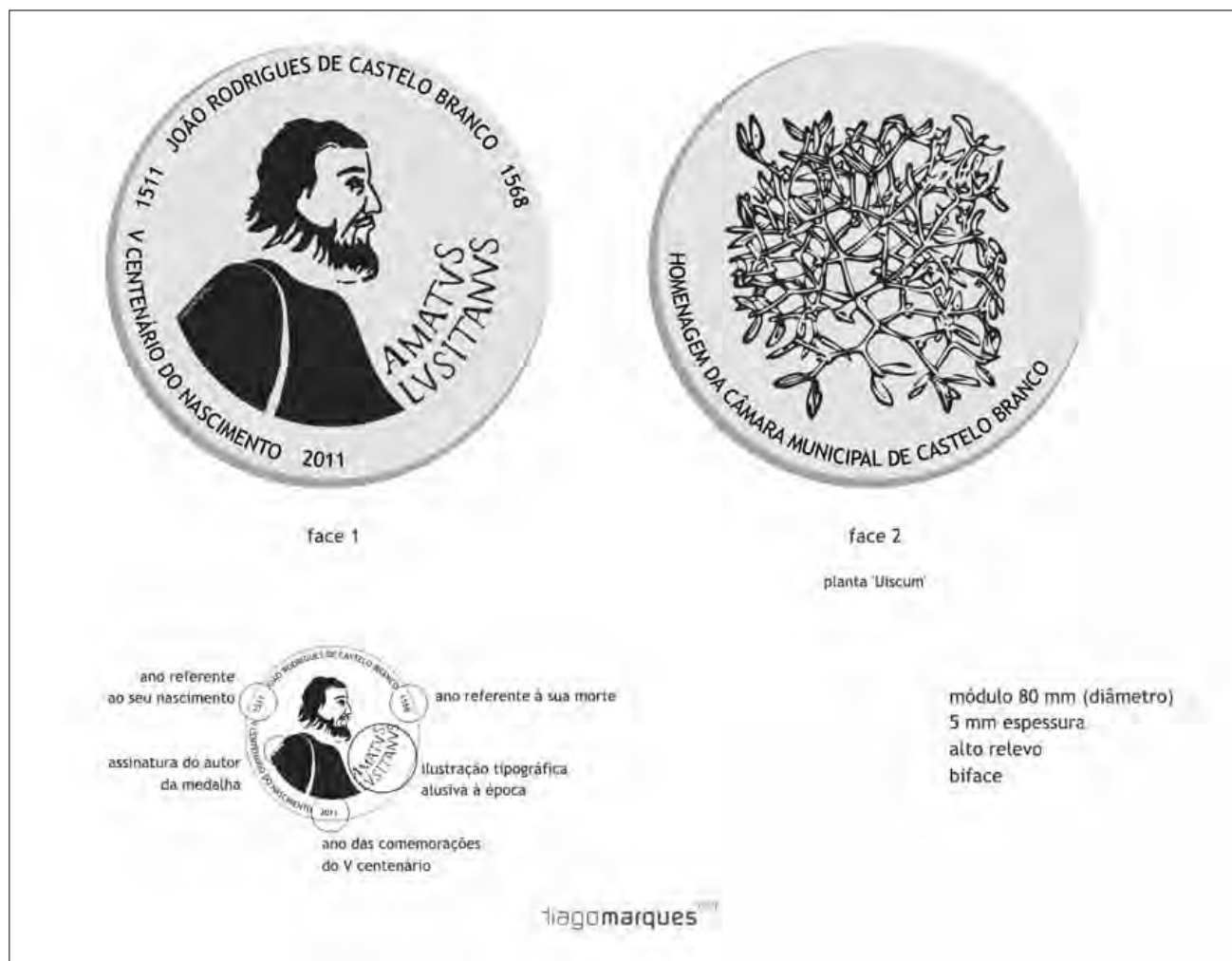
Resolveu a Câmara Municipal de Castelo Branco, na pessoa do seu presidente Joaquim Morão, e enquanto principal coordenador da comissão para as comemorações do V centenário do nascimento de João Rodrigues, Amato Lusitano, mandar cunhar uma medalha da efeméride. A peça foi uma concepção de Tiago Navarro Santos Marques, designer, natural de Castelo Branco, professor na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco, investigador com algumas incursões na arte da medalhística.

Johann Heinrich Cherler *Historia plantarum universalis*, datada de 1650. Amato está acompanhado nesse medalhão por Melchiorre Guilandinno (Guilandinus) e Pietro Andrea Mattioli (Matthiolus), sobre a legenda “Dissentimus”, tendo-se debatido qual entre eles, efetivamente, será o rosto do vulto albicastrense. A segunda representação mais antiga é uma gravura alemã do séc. XVIII, da colecção Friednwald, imagem difundida em Portugal nos inícios do século XX, por Maximiano Lemos. A configuração de perfil elaborada na imagem da gravura da colecção Friednwald tem constituído a base iconográfica a partir da qual se tem



O anverso desta nova peça filia-se numa genealogia de representações amatianas cujas raízes, materialmente diáfanas, remontam ao século XVIII. Contudo, se da ímpar personalidade de Amato Lusitano alguns foram os testemunhos dos seus contemporâneos (realidade que nos permite hoje aproximarmos do seu *rosto interior*), do seu semblante físico não chegou até nós qualquer figuração que, incontestavelmente, se tenha baseado no sábio médico. O rosto de Amato aparece, pela primeira vez, numa fantástica composição da portada da obra de Johann Bauhin &

desenvolvido a maior parte das representações amatianas. A efígie foi recriada, por exemplo, num medalhão do escultor Francisco Franco usado como ícone da revista de medicina *Amatus Lusitanus*, orientação com positiva que continuou a ser utilizada nas peças de medalhística efectuadas por Raul Xavier, em 1955, e pelo artista penamacorense João Fidalgo de Oliveira em 1968, associadas a momentos comemorativos da vida da personalidade. As outras figurações, também datadas do século XX, materializaram-se em formas esculpidas ou pintadas. Referenciemos, entre outras,



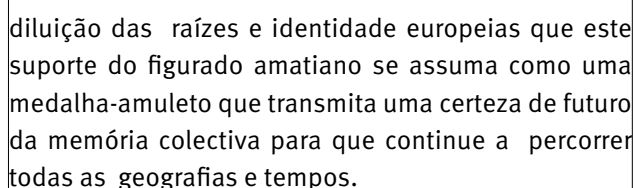
o Amato Lusitano que surge de corpo inteiro no mural concebido, em 1912, por Veloso Salgado (1864-1945) para o hall da Faculdade de Medicina de Lisboa ou a composição escultórica de Euclides Vaz (1916-1964) que se desenvolve na fachada da Faculdade de Medicina de Coimbra, edificada em 1954. Aí idealizou-se um João Rodrigues de meio corpo. Nesta composição, as linhas em que se desenvolve o busto conferem ao rosto de Amato Lusitano um marcado ar de juventude. A escultura salienta-se de uma cartela onde Amato é identificado como naturalista e anatomista. Aludamos, igualmente, ao Amato desenhado por José Espinho, utilizado na capa do ensaio do José Lopes Dias *Amato Lusitano. Doutor João Rodrigues de Castelo Branco*, de 1946. Foi um estudo que selou um original projecto historiográfico, de grande intensidade e alcance e que teve no Dr. Lopes Dias o seu principal intérprete e materializador. Em ano de comemorações, reconhecer, reiluminar Amato é, igualmente, enquanto cidadãos com memória, assumirmos uma grande gratidão para com esse obreiro do conhecimento das raízes da nossa identidade que foi o Dr. José Lopes Dias. A representação de José Espinho, anos mais tarde, foi reprodu-

zido num painel da livraria “Amato Lusitano” de Castelo Branco, fundada pelo saudoso livreiro Narciso de Mello Bráz, (situava-se no mesmo espaço da actual da livraria Europa América) numa interpretação do pintor albicastrense Ambrósio Ferreira.

Também Tiago Marques resolveu manter o posicionamento de busto de perfil, com uma legenda que, aproveitando tipos da imprensa da época, reforçou, parece-nos, a ideia da relevância que a tipografia, como grande e revolucionário suporte comunicacional, teve na gestão e na difusão da obra do sábio. Realce-se o seguinte facto: ficamos a dever a Amato Lusitano a primeira impressão em papel do topónimo da sua pequena pátria de nascimento Castelo Branco em latim, a terra amada que sempre ligou à sua identidade: Ego Amatus Doctor Medicus Castelli albi Lusitanus.

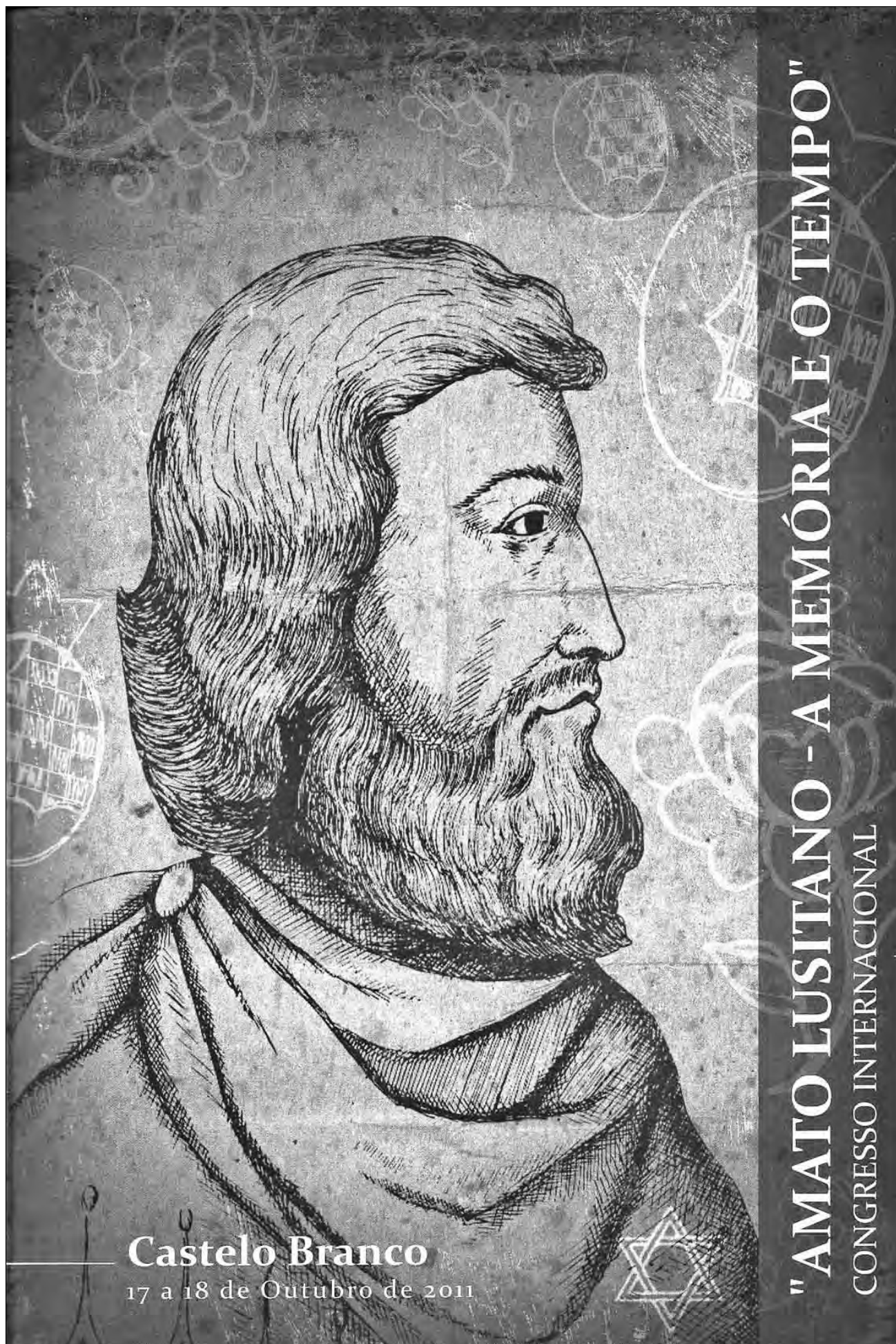
O reverso da medalha é ocupado por uma das muitas plantas estudadas por Amato, registando e reforçando a Botânica como uma das principais ciências da sua vida de cientista. É o assumir do mundo vegetal como uma grande metáfora da vida e das suas circunstâncias e as plantas como elos que conduzem à cura, as plantas que expressam raízes de outras paragens e

Em ano de centenário, a presença de Amato Lusitano no pulsar vital da cidade dimensionou um facto plural que esta medalha ajudou a reforçar. Depois das comemorações dos 500 anos do nascimento de Amato Lusitano, o incremento de atividades em torno da sua vida e obra manter-se-ão nos próximos anos, com persistência, atualidade, qualidade e criatividade, interligando gerações e reafirmando raízes. É desígnio sempre com e para a memória, pois Amato é um dos rostos da nossa identidade que olha, serenamente, a fundura dos séculos, é um corpo e uma mão que regressam e vibram no quotidiano vencendo a morte. É que o tempo também fala. Fala mais claramente do que as palavras. Neste momento de constrição e de



- Sobre as distintas representações da imagem de Amato Lusitano que foram sendo construídas desde o século XVIII até ao presente, consulte-se o ensaio de José Lopes Dias, *Iconographic Memento os Amatus Lusitanus (1511-1568)*, Castelo Branco, 1968.

* Licenciado em História (U.C.) ; Mestre em Culturas Regionais (U.N.L.); Doutorando em História e Antropologia (U.Sal.); Investigador da Universidade de Salamanca.



Castelo Branco
17 a 18 de Outubro de 2011

"AMATO LUSITANO - A MEMÓRIA E O TEMPO"
CONGRESSO INTERNACIONAL

Arq. José da Conceição Afonso

(Arqt. Coordenador do Gabinete da Zona Histórica de Castelo Branco)

"Indícios e Vestígios de Judaísmo, Cripto Judaísmo e Cristãos Novos - a Vila e a Judiaria de Castelo Branco no Contexto da Arquitectura da Beira Interior Quinhentista"

Existem duas grandes linhas de força no urbanismo e arquitectura do ocidente, cujos arquétipos residem precisamente no classicismo grego e helénico e no judaísmo.

O cristianismo, como resultante da dialéctica religiosa e cultural entre aqueles dois arquétipos da cultura ocidental, tem baloiçado entre ambos, apropriando-se contraditoriamente do seu discurso e servindo de veículo, por vezes com enormes tensões, quer ao pensamento arquitectónico do classicismo, quer do judaísmo.

Os princípios caracterizadores desses dois arquétipos opostos (diversidade, relatividade, irregularidade, desalinhamentos e dissonância, face à axialidade e simetria, proporcionalidade e alinhamentos perspécticos) vão reflectir-se no urbanismo e na arquitectura quinhentista da Beira interior de Portugal.

De forma integrada com o contexto geográfico estudado da Beira Interior, situa-se o caso da então Vila de Castelo Branco, onde o conflito da geometria radial urbanística militar dos Templários e os tecidos orgânicos urbanos expressivos do pensamento espacial judaico, criptojudáico e de cristãos novos, vão geraram talvez o caso mais exemplar de marranismo arquitectónico e urbano em Portugal.

Perante a destruição ou mutilação, do discurso da Torah e Talmúdico na arquitectura, levada a cabo pelas forças inquisitoriais, arrasando marcas religiosas sobretudo nas ombreiras das portas (mesushot, menorahs ...), que leituras podemos fazer do discurso arquitectónico em si mesmo, que ainda permanece de forma significativa, e que não deixa de ser, segundo se crê, revelador da forte presença na arquitectura de origem ou influência judaica?

Apoio / Financiamento



Câmara Municipal
de Castelo Branco



União Europeia
FEDER



Instituto de Gestão e Valorização do Património Cultural

www.cm-castelobranco.pt

"AMATO LUSITANO - A MEMÓRIA E O TEMPO"

CONGRESSO INTERNACIONAL

Amato Lusitano e os estudantes de Castelo Branco do Séc. XXI

Divulgar junto dos jovens albicastrenses do século XXI a actualidade da dimensão ética dos valores que pautaram a vida de Amato Lusitano foi preocupação dominante da Comissão das Comemorações do V Centenário.

Das sementes lançadas através de palestras e encontros brotaram alguns preciosos frutos.

Participação das Escolas Profissionais

Activa foi a participação das escolas profissionais: Escola Profissional Agostinho Roseta, Escola Tecnológica e Profissional Albicastrense (ETEPA) e Instituto de Educação Técnica de Seguros (INETESE).



Receitas de Amato Lusitano

Manjar de Fígados – Para Retemperar Forças

Fígados de capão, faisão, perdiz ou galinha gorda-5 onças; amêndoas doces lavadas – 2 onças; pevides de melão, sem casca -1 onça. Depois de tudo muito bem pisado, juntar 10 onças de açúcar, cozer em lume branco, segundo a arte e servir aos bocadinhos.

Arroz feito em Leite – Para atrair o leite para os peitos das recentes mães

Arroz feito com leite e açúcar com mistura de amêndoas, pinhões e pistácios

Sumo e Grainhas de Romã – Para tratar ânsias à volta do coração

Sumo de Romã misturado com as grainhas da mesma

nados pelo professor André Soares, da Escola Agostinho Roseta, coube a confecção de três das dietas indicadas por Amato: *O manjar de fígados* (Cura XII, I Centúria), *Arroz feito em leite* (Cura XCII, IV Centúria), *Sumo e grainhas de romã* (Cura XCV, VII Centúria), que, sob o título «Os sabores intemporais de Amato Lusitano», foram servidos no final da abertura do Congresso, pelos alunos Honorato Amaral, Mónica Amaral, Joana Gonçalves, Verónica Gameiro, Nuno Pereira e João Mateus, do curso Técnico de Restauração - variante Restaurante-Bar, supervisionados pela professora Cláudia Pereira.

O secretariado do Congresso foi da responsabilidade dos alunos do curso de Comunicação Marketing, Relações Públicas e Publicidade da Escola Tecnológica e Profissional Albicastrenses (ETEPA).

Os alunos do 2º ano do curso Técnico de Audiovisuais do Instituto de Educação Técnica de Seguros (INETESE), Tiago Barata, Sylvie Fernandes, Joana Rodrigues e José Cunha, orientados pelo professor Daniel Moreira, e coordenados por Francisco Romão, realizaram um desdobrável com a bio-bibliografia de Amato e as faixas que decoraram a Biblioteca



Aos alunos da turma do 10º D, do curso Técnico de Restauração - variante Cozinha-Pastelaria, superviso-

Cenas de “O Amato da Lusitânia”

Fotos de: Milola



Participação da Escola de Vila Velha de Ródão



Sensibilização nas Escolas



Conferência pelo Dr. Lourenço Marques
"Amato Lusitano - O Homem e a Obra" -
Escola João Roiz de Castelo Branco

Placas Evocativas

A prof.^a Deolinda Bastos concebeu uma singela série de placas evocativas, com a efígie de Amato Lusitano pintada à mão, em várias versões inspiradas na iconografia mais representativa, sem esquecer a original proposta do estudioso incansável do médico de Castelo Branco, sempre presente em todas as Jornadas, o professor da Universidade de Coimbra, Alfredo Rasteiro.





Amato Lusitano e a Poesia

A Professora Maria de Lurdes Costa Barata, carinhosamente conhecida por professora Milola, mostrou, mais uma vez, os seus dotes inconfundíveis de declamadora de excelência de poesia, que ela própria seleciona, dando-lhe um encadeamento primoroso de sentido e beleza sonora. A poesia dos autores presentes também faz parte do seu repositório com que ao longo das inúmeras Jornadas, nos jantares de encerramento, foi brindando os participantes.

Amado Lusitano – Homem sem fronteiras (Nos 500 anos dos seu nascimento)

Nado e criado em Castelo Branco,
a cintura de muralhas era já, então,
demasiado apertada para o tua dimensão.
Por isso zarpaste, até à culta Salamanca,
para saber mais...
E depois foste singrando por outros cais:
Antuérpia, Ferrara, Ancona, Veneza, Ragusa, Salónica.
Um mundo de mundos, de aventuras,
e de Curas, em Centúrias...
Foste cristão e judeu, flamengo, romano e grego,
sem deixar de ser português.

Foste artista e mestre,
foste essência de botica,
foste aroma de jardins proibidos
a perfumar as cidades por onde andaste.
Livre de penas, foste pena e livro
a espalhar, a libertar ciência.
Com ela, defrontaste a doença,
curando, curando, curando sempre,
Até que um dia, sem curar de ti...
da lei da morte te libertaste.

Cinco centúrias volvidas sobre o teu nascimento,
voltaste até nós – Quinhentos anos! ...é muito tempo.
E de certo já te apercebeste: o teu mundo mudou!
Agora, vivemos numa República
e há uma União Europeia (como tu gostarias),
embora ainda não muito unida (...)
e podes respirar de alívio: Inquisição já não há!
...embora tenham ficado por aí uns censores...
(mas não liguês – só os tem quem tem valor,
como tu bem sabes por experiência de vida).

Olha, Amado, agora o país está a precisar de curas:
Não, não é de curas de paróquia,
e também não será bem das tuas...
Vê se escreves ou inventas mais alguma.
Pode ser a oitava, a décima, a ...a centésima.
O nosso governo de Portugal agradece.
Mas olha, não esperes subsídio de férias ou de Natal.
Sabes, Amado, a troika, anda agora a tratar-nos da saúde.
Não deixes. Porque, de saúde, tu é que sabes...

Meu caro Amado:
Estamos em véspera de Sabbath, e depois virá Domingo.
Por enquanto, ainda são dias de descanso. Fica connosco.
Vem beber um copo, ou um café, com os teus amigos.
Tens aqui muitos: os Drs. Lourenço e Salvado,
o Prof. Rasteiro
e tantos, tantos mais,
que todos os anos te rendem homenagens,
desde o de oitenta e nove...

João Rodrigues, de Castelo Branco: Amado Lusitano?
Decerto. Para nós, mais que Amatus / Amato, és... Amado.
Amado – simbiose perfeita de substantivo e adjetivo.
E Lusitano também, por idêntico motivo.
Só que, homem luminoso destas luminosas Beiras,
és mais que isso... acima de tudo és Luz
(e... esqueçamos o tano),
porque o que tu és mesmo, sem engano,
é... um Homem sem fronteiras.

Joaquim Candeias da Silva

A Esperança Tem Sempre Razão

Fernando Paulouro Neves

Num país que na longa duração do seu tempo histórico transformou os dias num livro aberto e persistente do esquecimento, pode avaliar-se a importância de trazer a memória ao espaço público de uma cidade. Retirar do limbo do silêncio, essa espécie de morte que às vezes parece sepultar definitivamente a identificação de uma terra ou de um país, ou pelo menos desfigurá-los nas representações que simbolicamente projectamos sobre o tempo e os tempos, é um combate cívico e cultural da maior importância. George Duby considerava, aliás, essencial à própria sobrevivência da democracia, a tarefa da democratização social da memória, e Tony Judt, na monumental “História da Europa – o Pós Guerra” lembra que a debilidade da construção europeia radica, em larga medida, no problema mal resolvido da memória, com os fantasmas e os traumas de genocídios, valas comuns, perseguições massivas e liquidações sumárias, cumplicidades e silêncios comprometedores à volta de crimes contra a Humanidade.

Castelo Branco olha agora para antigamente e compreende que todo esse tempo passado, como o tempo presente de hoje, aquilo que se vive no instante, está contido no tempo futuro, como ensinaram os belíssimos versos de T.S. Eliot. E a cidade faz, publicamente, um exercício público em louvor da memória colectiva, através da arte do pintor Machaco, ele próprio identificado com a territorialidade transfronteiriça, espaço comum de resistência e de passagem, teatro de sombras e de identidades fugidias, quando a fronteira era um desafio de liberdade e de fuga à opressão e ao medo.

À sombra tutelar de Amato Lusitano, expoente de humanismo e de premonitório espírito europeu, como matriz civilizacional, homem de ciência, militante da tolerância que via em cada outro homem um irmão, e que era isso tudo, ao mesmo tempo, quando as clivagens entre as nações erguiam estandartes de guerra e muros de segregação que pareciam eternos, e a religião e o fanatismo eram lâminas que cortavam o coração do mundo, Castelo Branco lembra, numa representação simbólica, à luz que ilumina a urbe, lugar de confluências, de trocas e de afectos, os que foram perseguidos por uma ideia, às vezes um gesto criador, talvez uma canção ou a toada de uma breve oração, queimados em fogueiras de intolerância à solta, ou fe-

ridos no lume brando (só aparentemente brando) de prisões, desterrros, exílios, discriminações e subalteridades cívicas. Uns, perderam-se, como Amato, nos caminhos da Diáspora, mas nunca esqueceram este nó de terra, a pequena pátria dos instantes primordiais e da casa que um dia foram obrigados a abandonar, deixando sempre uma chave para abrir a porta num regresso mítico, que às vezes demorava gerações a cumprir-se; outros, ficaram, e, ficando, resistiram, ergueram no ar palavras que voaram como bandeiras de libertação, denunciaram, elevaram como valores intocáveis a dignidade do Homem e a Liberdade. Nunca saberemos, exactamente, quantos foram, nem as lágrimas que correram, as angústias e as feridas que sofreram, os anátemas condenatórios, outras mortes de suas vidas. Digamos então Amato, como se quiséssemos nomear todos os albicastrenses que no fio temporal da História foram vítimas dessas inquisições, dessas fábricas de tortura que envenenaram a sociedade portuguesa e produziram ausências da realidade (Eduardo Lourenço) ou até o medo de existir (José Gil).

Um dia, um poeta inquietou-se com um pintor chamado Goya, que pintou todo o drama da condição humana face aos fuzilamentos, e escreveu, sob a forma de uma carta a seus filhos, um daqueles poemas de sentido universal que transformam a poesia numa coisa para todo o sempre. É um longo poema que interroga:

“(…) quem ressuscita esses milhões, quem restitui não só a vida, mas tudo o que lhes foi tirado? Nenhum Juízo Final, meus filhos, pode dar-lhes aquele instante que não viveram, aquele objecto que não fruíram, aquele gesto de amor, que fariam “amanhã”

À sua medida, Castelo Branco, lembrando os seus perseguidos, os seus mortos, rostos e nomes de combatentes da sombra, restitui memória e dignidade à cidade, de certo modo avisando: que a esperança tem sempre razão. E que o combate pela liberdade é aventura tão essencial ao homem como o ar que se respira.

In Catálogo Diáspora



Escultor Machaco e a Estátua da Diáspora

Inauguração da Estátua da Diáspora

20/03/2012



Comendador
Joaquim Morão



Da esquerda para a direita: José Santolaya, Lurdes Cardoso, Adelaide Salvado, M^a José Leal, José Afonso, M^a Lurdes Barata, Joaquim Morão, Alcaide de Cória, Machaco, António Salvado, Lourenço Marque e Valter Lemos



Castelo Branco

| uma cidade para o século XXI |



QUALIDADE DE VIDA

Património, cultura e lazer | Boas acessibilidades | Mercado de emprego dinâmico

| www.cm-castelobranco.pt